HAROLD ROBBINS

79 PARK AVENUE

Tradução de

NELSON RODRIGUES

HAROLD ROBBINS

79 Park Avenue

Tradução
NELSON RODRIGUES

À minha esposa

"E foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até os últimos, ficando só Jesus e a mulher onde estavam. Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-. 'Mulher, onde estão aqueles que te acusavam? Ninguém te condenou?' Respondeu ela: Ninguém, Senhor'. Então lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno'."

Evangelho Segundo São João, capítulo VIII.

ESTE LIVRO É UMA OBRA DE FICÇÃO

Nem as referências à prostituição e ao jogo, nem qualquer dos outros fatos e pessoas descritas neste livro refletem episódios reais ou retratam pessoas verdadeiras. Se porventura se usou o nome de uma pessoa viva, foi sem intenção, desde que todas as personagens são imaginárias. O nome de algumas figuras públicas como Thomas E. Dewey foi mencionado de passagem para fixar o tempo e o lugar do enredo, mas nenhum desses nomes figura no romance como personagem.

A JUSTIÇA PÚBLICA CONTRA MARYANN FLOOD

Parei o carro no local de estacionamento que ficava defronte do Tribunal Criminal, do outro lado da rua. Antes mesmo que eu desligasse o motor, o guardador já estava abrindo a porta para mim. Saí sem muita pressa, apanhando a pasta que estava no banco ao meu lado. Eu nunca havia merecido até então um atendimento tão solícito.

— Belo dia, Sr. Keyes — disse ele, acompanhando-me enquanto eu me dirigia para a saída.

Olhei para o céu. Um belo dia, sem, mas para quem gostava de dias cinzentos de dezembro.

— É verdade, Jerry.

Parei e olhei-o. Havia um sorriso para mim naquele rosto. Não era preciso ele me dizer que já sabia. Era evidente. E era por isso que eu merecia tantas atenções.

— Obrigado — disse eu e atravessei a rua para o tribunal.

Não fazia mais de vinte minutos que eu mesmo soubera. A treze quilômetros e vinte minutos de distância, num quarto de hospital, no Pavilhão Harkness. Entretanto, já sabiam de tudo.

O rosto do Velho estava contorcido de dor e cinzento contra o travesseiro. Eu estava aos pés da cama.

— Você tem de aceitar, Mike — sussurrou ele.

Sacudi a cabeça.

— Não, John. Não posso.

— Por quê? — perguntou numa voz fantasmagórica.

— Sabe por quê — respondi, hesitando um instante antes de acrescentar: — Dê a um dos outros. Há assistentes de sobra. Porque foi escolher logo a mim?

A voz trêmula tornou-se mais incisiva.

— Porque todos eles têm padrinhos políticos, é por isso. Você é o único em quem posso confiar, o único que empreguei por minha conta. Todos os outros me foram empurrados garganta abaixo e você sabe muito bem disso!

Não respondi, embora soubesse que ele não estava dizendo a verdade. Desde o tempo em que Thomas Dewey tinha sido promotor público, o escritório vivera a salvo de ingerências políticas. De política só havia ali as ambições de John DeWitt Jackson.

Os olhos dele estavam fitos em meu rosto, e eu não podia desviar o olhar dele.

— Lembra-se de quando você me apareceu pela primeira vez? Naquele tempo, você era da polícia e usava sapatos de sola muito grossa. Trazia na mão seu diploma de bacharel em direito. Usava até seu nome verdadeiro, que parece inventado, Millard Keyes. Parecia que você tinha a boca cheia de pedras quando me pediu o lugar. Eu lhe perguntei: "Por que meu escritório?" Lembra-se da resposta que me deu?

Claro que me lembrava. Foi a única ocasião em que não usei o nome pelo qual os outros me chamavam, Mike. Mas naquele momento fiquei calado.

— Pois vou dizer o que você disse — exclamou ele, levantando a cabeça do travesseiro. — Você disse: "Sou polícia, Sr. Jackson, e para mim só há um lado da lei". Dei-lhe o lugar porque acreditei no que você me disse. — Pousou de novo cansadamente a cabeça no travesseiro e acrescentou com uma voz que era de novo um murmúrio: — E agora você quer me abandonar.

— Não o estou abandonando, John — disse eu prontamente. — Acontece apenas que não posso aceitar esse caso. Não é justo comigo e tampouco com você, acho. Disse-lhe isso desde o princípio.

— Não estava preocupado quando começou e não estou agora — disse ele veementemente. Virou então a cabeça para o lado durante um instante. — Droga de apêndice! Por que não esperou mais algumas semanas?

Sorri mesmo sem vontade. O Velho não dispensava um só truque. Cortava todas as saídas.

— Bem sabe o que o médico disse. Desta vez, não era mais possível esperar — disse eu, com uma demonstração correta de amizade.

Ele assentiu tristemente com a cabeça.

— Os médicos são assim mesmo. Às vésperas do mais importante julgamento da minha carreira!

Eu sabia o que ele queria dizer. Dali a poucos meses, os políticos se trancariam em salas de todo o Estado. Quando se levantassem para abrir as janelas e arejar o aposento, pesado de fumaça de cigarro e cheiro de uísque, o próximo governador estaria indicado.

O Velho havia escolhido a época com muita habilidade. Nem tão cedo que esquecessem, nem tão tarde que já houvessem chegado a uma decisão. — Mas naquele momento estava assustado. O que servia para ele podia servir para outros, e ele não queria facilitar.

Encarou-me da cama com os olhos cheios de inexprimível tristeza.

— Você nunca foi como os outros, Mike. Você foi... foi quase um filho para mim. Você era a minha única esperança, a única coisa de todo o miserável escritório que me enchia de orgulho. Você era meu. Não sou mais um jovem. Tenho meus planos, mas se não derem certo, tenho de resignar-me. É a vontade de Deus. — Encolheu os ombros quase imperceptivelmente sob a bata de algodão do hospital. Fez uma pausa e voltou a falar com voz mais áspera: — Mas não quero que nenhum patife oportunista suba pela escada que eu preparei!

Olhamo-nos durante alguns momentos em silêncio, e ele continuou:

— Compareça ao tribunal por mim, Mike. Você terá carta branca para fazer o que quiser. Pode até requerer o arquivamento do caso sob alegação de não ter conseguido provas para confirmar a acusação. Pode deixar-me em má situação, não me importa. Mas não deixe nenhum dos outros pisar em meu cadáver.

Respirei fundo. Sabia que estava vencido. Não acreditava na sinceridade de uma só de suas palavras, mas isso não tinha qualquer importância. Era um homem calculista e astuto, mas eu tinha lágrimas nos olhos e estimava-o da cabeça aos pés com todas as suas mentiras.

Ele também sabia disso, porque começou a sorrir.

— Fará isso, não é, Mike?

— Claro, John.

Meteu a mão por baixo do travesseiro e tirou algumas anotações datilografadas.

— Quanto aos jurados, tenha cuidado com o número 3...

— Sei de tudo a respeito dos jurados — disse eu, despedindo-me e encaminhando-me para a porta. — Além disso, você me deu carta branca, não foi?

Os repórteres me alcançaram antes que eu tivesse posto os pés na escadaria do Fórum Criminal. Contrafeito, tentei passar por eles. O Velho devia ter pegado no telefone no momento em que eu saíra do quarto.

— Soubemos que vai funcionar como promotor. É verdade, Sr. Keyes?

Não dei resposta e fui andando. Mas eles me seguiram com uma bateria de perguntas.

Parei no meio das escadas e levantei as mãos.

— Deem-me a oportunidade de respirar, sim? Como sabem, cheguei das minhas férias hoje de manhã.

— É verdade que o promotor lhe passou um telegrama antes de ir para o hospital anteontem? E que o adiamento só foi solicitado para dar-lhe tempo de voltar?

Forcei meu caminho pela porta giratória e, virando para a direita, passei pela sala de imprensa rumo aos elevadores. Alguns *flashes* espocaram, fazendo-me ver pontos roxos diante dos olhos. Chegando à porta do elevador, voltei-me para eles.

— Faremos uma declaração no intervalo do meio-dia. Daí por diante, procurarei responder na medida do possível a todas as perguntas. No momento, quero apenas passar alguns minutos sozinho antes de comparecer ao tribunal.

Entrei e o ascensorista fechou-lhes a porta na cara. Saltei no sétimo andar e fui para meu gabinete no fim do corredor.

Joel Rader estava à minha espera.

— Felicidades, Mike — disse ele, aproximando-se com a mão estendida.

— Obrigado, Joel. Estou precisando mesmo disso.

Joel era um dos homens a que o Velho se referira. Era inteligente, tenaz, ambicioso e apenas alguns anos mais velho do que eu.

— Como está o Velho?

— Você não o conhece? Reclamando de tudo, como sempre.

— Você devia tê-lo visto outro dia quando o médico lhe deu a triste notícia — disse Joel. — Pouco faltou para quebrar a cabeça do médico.

— Imagino — disse eu, colocando o chapéu e o casaco num banco ao lado de minha mesa, depois do que olhei para Joel. — Não tive a menor intenção de invadir suas atribuições.

— Não está invadindo coisa alguma — disse ele, sorrindo insinceramente. — Afinal de contas, você trabalhou ao lado do Velho nas investigações. Compreendo perfeitamente.

Eu compreendia também. Ele estava se eximindo de antemão de qualquer participação, caso as coisas não corressem bem. Isso não significava que não quisesse ganhar algum mérito com o caso. Adorava a publicidade. O que não queria era arriscar-se.

— Alec está por aí?-perguntei-lhe.

Alec Carter era o outro adjunto de promotor que trabalhava com o Velho, ao lado de Joel, no tribunal.

— Você sabe como Alec é — respondeu Joel. — Mas deixou as anotações do Velho em sua mesa.

Eu sabia como Alec era. Extremamente nervoso, passava a maior parte do tempo nos sanitários quando tinha de comparecer ao tribunal. Mas, uma vez lá, tudo corria bem com ele. Olhei para minha mesa e encontrei as anotações.

Virei-me para Joel, mas ele adivinhou meus pensamentos. Tinha cinco anos mais de serviço no escritório do que eu e não ia me dar a oportunidade de mandá-lo embora.

— Se precisar de alguma coisa, estou no meu gabinete, Mike — disse ele.

— Obrigado, Joel — respondi, vendo-o sair.

Tirei um maço de cigarros do bolso, acendi um e comecei a examinar os papéis.

Em cima de tudo estava o libelo. Peguei-o e coloquei minha cadeira de modo que a luz da janela incidisse diretamente no papel. Começava assim:

"A Justiça Pública do Estado de Nova York, AUTORA

Maryann Flood, RÉ".

Senti um aperto no coração. Era exatamente isso. Tudo o que havia acontecido anteriormente era como se não existisse. Eu tinha de aguentar aquilo tudo. Fechei os olhos. Não devia ter deixado o Velho convencer-me. As raízes de tudo eram muito profundas.

Respirei fundo e tentei livrar-me da dor que me oprimia o peito. Talvez nunca pudesse libertar-me dela. Lembrava-me ainda da primeira vez em que a vira. Parecia que já haviam passado mil anos, mas não estava tão longe assim. Fora no verão de 1935.

Era uma época de ansiedade geral. Homens desempregados e o calor abatendo pesadamente os ânimos já sobrecarregados. Meu pai era como os outros. Dois anos como encarregado de um edifício. haviam-no envelhecido prematuramente.

Eu tinha pelo menos uma espécie de emprego. Trabalhava na banca de jornais da esquina da 86ª Street com a Lexington Avenue, nas noites de sábado e nas manhãs de domingo, arrumando os jornais. Começava a trabalhar às nove horas da noite do sábado e ia até as dez e meia da manhã do domingo. Tinha dezesseis anos, e minha mãe estava sempre a recomendar que não deixasse de assistir à missa dos domingos. Por isso, ia à missa das onze na St. Augustine.

Aquele domingo não foi diferente dos outros. Cheguei à igreja no último momento, fui para um banco quase vazio logo na entrada e, no mesmo instante em que me sentei, peguei no sono. Pouco antes de fechar os olhos, senti uma cotovelada no corpo.

Encolhi automaticamente as pernas e o corpo para que quem tivesse chegado pudesse passar. Mas senti de novo a cotovelada. Dessa vez abri os olhos. Levei quase um minuto para apreender o que via. Depois, prendi a respiração e deixei-as passar.

A mulher mais velha não me mereceu mais que um olhar rápido. Seus desbotados cabelos cinzento-louros e suas faces cansadas não me interessavam. Ela passou murmurando alguma coisa indistinta que interpretei como um pedido de desculpas. Foi a moça, filha dela, que me atingiu em cheio no coração.

Os louros cabelos prateados caíam-lhe como ouro líquido em torno do rosto

e a grande boca sensualmente pintada de escarlate se entreabria mostrando os alvos dentes. O nariz pequeno e quase clássico tinha narinas que vibravam de repente abaixo das maçãs do rosto salientes e dos traços finos que lhe delineavam os olhos.

Os olhos eram todo um livro. Grandes e castanhos, matizavam-se de verde em torno da íris. Eram quentes, luminosos, inteligentes e sugeriam uma paixão que eu não compreendia. Feriam e atraíam, mas, de uma maneira sutil, perseguiam também. Procurei ver o que havia neles além da superfície, mas não pude transpor uma invisível proteção. Os olhos castanhos tinham alguma coisa que eu nunca pudera aprofundar. Não se podia ler abertamente neles como nos olhos azuis.

Ela desviou os olhos de mim quando passou pela minha frente e foi como se uma infinidade de pequenos choques elétricos me sacudissem o corpo. A mãe, duas vezes maior do que ela, havia passado sem tocar em mim. Mas ela, não.

— Desculpe — murmurou, com um toque de riso na voz.

Gaguejei uma resposta ininteligível que se perdeu no barulho que fizeram os fiéis ajoelhando-se. Ajoelhei-me também com os olhos fitos nela.

Já estava ajoelhada, com as mãos fervorosamente postas no encosto do banco da frente e com os olhos baixos. Do outro lado dela, a mãe descansava a cabeça pesadamente nas mãos entrelaçadas e murmurava preces em alguma língua estrangeira. Voltei os olhos para a moça.

O corpo arfava sob o vestido leve de algodão. Vinha dela uma quente fragrância e eu via a leve mancha de suor que ia se espalhando no vestido pela altura da axila.

Fechei os olhos e tentei concentrar-me nas orações. Alguns segundos depois, comecei a sentir-me melhor. Não era tão mau quando eu fechava os olhos. Senti a moça aproximar-se de leve de mim. Sua coxa encostou-se na minha.

Abri os olhos e olhei-a. Parecia não ter conhecimento do contato, pois rezava com os olhos fechados. Afastei-me ligeiramente dela e fiquei à espera. Com os olhos ainda fechados, moveu-se para junto de mim. Eu já estava na ponta do banco e não podia afastar-me mais, sob pena de cair no chão.

Conservei-me assim da melhor maneira possível e tentei concentrar-me na palavra de Deus. Mas não adiantava. O Demônio estava ao meu lado.

Afinal, a missa terminou e todos se levantaram. Foi só então que tive coragem de abrir os olhos e olhá-la.

Não olhou para mim. Tinha os olhos atentamente voltados para a frente. Voltou a encostar-se em mim para deixar a mãe passar à sua frente. Fiz menção de sair do banco, mas ela já estava passando por mim. Recuei, e ela parou e recuou comigo. Virou-se então completamente para mim.

Olhei-a bem nos olhos. Havia neles um riso provocante que eu ainda não havia visto em quaisquer outros olhos.

Era uma espécie de fogo violento e perigoso que me foi direto à alma. Os lábios se entreabriram num sorriso, e eu a ouvi murmurar alguma coisa, embora fosse capaz de jurar que não vira seus lábios se moverem.

— Tem se divertido muito, Mike? — perguntou ela, num sussurro.

Foi só um instante depois, quando ela já se perdera no meio da multidão, que percebi que ela sabia meu nome.

Saí lentamente da igreja, pensando em quem poderia ser ela. Talvez minha vida tivesse sido melhor se eu jamais conseguisse saber.

Corri as cortinas da memória. Os papéis ainda estavam em minhas mãos, e eu tinha de lê-los. O julgamento começaria daí a quarenta minutos. A fim de concentrar-me, comecei a ler o libelo lentamente, palavra por palavra.

Entramos no tribunal pela porta do lado. A assistência ficou em silêncio enquanto nos dirigíamos para nossos lugares na mesa à direita do tribunal. Não levantei os olhos para o público. Não queria que vissem a cólera que me provocava a insaciável curiosidade dos presentes.

Sentei-me de costas para o público e tratei de arrumar os papéis à minha frente. Sentia-me dominado por tremenda tensão. Um julgamento era de certo modo como uma luta de boxe. Passei a língua nos lábios e formulei a esperança de que o bolo que sentia na boca do estômago se desmanchasse.

Só para ouvir minha voz, perguntei a Joel:

— Que horas são?

Ele olhou para o grande relógio da parede e respondeu:

— Quase dez.

— Ótimo.

O tribunal não tardaria a reunir-se. Olhei para a mesa dos réus. Ainda estava vazia.

Joel percebeu meu olhar e disse:

— Vito chega sempre no último instante. Assim tem oportunidade de fazer uma entrada teatral.

Vito conhecia seu ofício. Era um dos advogados criminais mais bem-sucedidos de Nova York. Era alto, bem-apessoado e tinha uma basta cabeleira grisalha a emoldurar-lhe os penetrantes olhos azuis. Eram bem poucas as causas que perdia. Trabalhava muito bem e todos no escritório tinham-lhe muito respeito.

De repente, um murmúrio de interesse agitou a sala às nossas costas. Houve vários clarões dos *flashes* que espocavam. Não era preciso virar-me para saber que estavam chegando. Os sussurros indicavam-no melhor do que um radar.

Levantei a cabeça e voltei-me para eles no momento em que iam chegando à grade que separava o recinto do público. Vito já abrira a porta e estava esperando que sua cliente passasse. Ela me viu quando levantou os olhos para agradecer-lhe.

Os olhos dilataram-se um pouco e comecei a ver dentro deles. Fazia tanto tempo, tanto tempo. Nosso olhar durou apenas um instante. Depois ela voltou os olhos e encaminhou-se para a sua cadeira.

Via-a caminhar. Era o mesmo andar majestoso de que eu me lembrava, os mesmos tornozelos finos, as mesmas pernas calçadas de meias de náilon. Usava um costume escuro feito por alfaiate e trazia nos ombros um casaco azul. O cabelo era de um brilhante louro acobreado e estava todo penteado em cachinhos amontoados no alto da cabeça. Sentou-se sem afetação e acomodou a saia sobre os joelhos. Vito sentou-se ao lado dela, e os dois começaram a conversar.

— Que mulher! — sussurrou Joel ao meu ouvido.

Ouvi-lhe o tom de admiração na voz e assenti com a cabeça, sem falar.

— Não há ninguém nessa sala que fosse capaz de recusar uma coisa daquelas — acrescentou ele.

Tive de conter-me para não explodir. Era esse, sempre fora esse o problema. Ela era uma dessas mulheres que carregam o sexo em torno de si

como uma auréola. Nenhum homem podia deixar de senti-lo.

— É quase uma vergonha trazer uma mulher assim à barra do tribunal por ter feito aquilo para que ela nasceu — continuou Joel, com um risinho. — E, pelo que eu soube, não há nada de que ela goste mais.

Dessa vez não aguentei mais.

— Cale-se, Joel — disse eu, friamente. — Isto aqui é um tribunal e não um bar.

Ele quis replicar, mas notou a expressão do meu olhar, as palavras gelaram-lhe nos lábios e ele se entregou à leitura dos papéis que tinha a sua frente. Peguei um lápis e comecei a fazer garatujas num bloco. Alec me deu uma cotovelada e ergui os olhos.

Henry Vito encaminhava-se para a nossa mesa. Pisava confiantemente e, ao chegar perto de mim, sorriu e perguntou:

— Como vai o Velho, Mike?

— Bem melhor, Hank — respondi, sorrindo também.

— Foi muita sorte dele a apendicite ter aparecido agora — disse ele, com voz suficientemente forte para ser ouvida na bancada da imprensa.

Levantei a voz para que minha resposta pudesse ser também ouvida.

— Qualquer sorte que possa resultar dessa apendicite irá cair direitinho do seu lado.

Ele não mudou de expressão.

— Se ele se tornar governador, terá de agradecer-lhe muito, Mike.

Levantei-me sem pressa. Vito era alto, mas eu sou mais. Tenho um metro e oitenta e cinco sem sapatos, ombros bastante largos e um aspecto suficientemente feroz com meu nariz quebrado para fazê-lo parecer frágil. Encarou-me e eu sorri.

— Obrigado pelas gentis palavras, Hank. Sei que depois do julgamento você vai achar que eu as mereci.

Ele ainda sorria, mas nada disse. Eu lhe bloqueava a plateia, de modo que não havia motivo algum para que ele continuasse. Voltou para sua mesa com um gesto cordial de despedida.

Joel disse-me ao ouvido logo que me sentei:

— Não deixe que ele o faça perder a cabeça, Mike.

— Fique descansado — disse eu, sorrindo friamente.

— Pensei que fosse bater nele quando se levantou — murmurou Alec do outro lado.

— A intenção era mesmo essa.

— Sua expressão não me enganou...

Nesse exato momento, o juiz deu entrada no tribunal. Peter Amelie era baixo, robusto e calvo, dando a impressão de que a cabeça de um boneco de louça emergia da sua toga negra.

Ouviu-se então a voz do escrivão:

— Atenção! Está aberta a sessão deste tribunal sob a presidência do Excelentíssimo Juiz Peter Amelie.

Não havia mais escapatória. A luta ia começar e o árbitro já estava no ringue. De repente, livrei-me de toda a tensão. Dali por diante, nada me perturbaria e as recordações não me torturariam. Tinha meu trabalho para executar.

Levantei-me alguns momentos depois a um sinal do juiz. Dirigi-me lentamente através da sala em direção ao recinto dos jurados. Ela não levantou os olhos quando passei pela mesa dos réus, mas eu sabia que estava observando todos os meus movimentos daquele jeito alucinante que tinha de ver tudo pelos cantos dos olhos. Parei diante dos jurados, dando-lhes oportunidade de me verem bem.

Alguns segundos depois, comecei a falar.

— Senhoras e senhores do júri, sinto-me neste momento como um mau ator chamado a substituir um astro. Pode tal substituição ser satisfatória? Claro que não.

Fiz morrer meu leve sorriso cordial e continuei:

— Mas o povo do Estado de Nova York tem direito à representação e proteção das autoridades que elege. E o povo do Estado de Nova York, por intermédio da sua justiça, julga ter motivos para apresentar a este tribunal um libelo contra certa pessoa por haver-lhe violado as leis e a moral. Peço-vos, portanto, humildemente, indulgência para a tarefa que vou empreender, à minha maneira deficiente, de representar o povo do Estado de Nova York contra os

crimes de Maryann Flood.

Vito levantou nesse ponto uma objeção, que foi aceita pelo juiz, como eu esperava. Mas eu já havia dito o que desejava. Continuei:

— Gostaria agora de ler o libelo perante este tribunal. Nele se sustenta que a ré, Maryann Flood, envolveu-se e empenhou-se nas seguintes atividades, o que será provado convincentemente:

" 'Maryann Flood, oculta sob a fachada de uma respeitável casa de modelos, a Park Avenue Models, Inc., aliciou com intuito de lucro moças e mulheres para fins ilícitos e imorais, fazendo-as viver em prostituição.

" 'Maryann Flood em várias ocasiões pagou ou subornou certas autoridades a fim de proteger suas atividades ilícitas.

" 'Maryann Flood, em virtude de contatos feitos no seu infame comércio, conseguiu extorquir quantias variáveis de seus clientes, sob a ameaça de desmascará-los.' "

Deixei de ler o libelo e olhei para o júri. Senti o interesse que havia despeitado.

"Aliciamento para fins de prostituição."

"Suborno de autoridades."

"Extorsão e chantagem."

— Não é um quadro edificante para ser contemplado pelo povo do Estado de Nova York. Todos os anos, milhares de mocinhas chegam a Nova York com os olhos levantados para as estrelas. Broadway, televisão, trabalho como modelos, cada qual com suas esperanças de esplendor e de sucesso.

"À espera dessas inocentes está alguém como Maryann Flood, certa de que o suborno e a extorsão lhe darão proteção contra qualquer ação ou obstáculo que lhe possa surgir de coisas tão prosaicas quanto as leis do Estado de Nova York."

Voltei-me pela primeira vez para a mesa dos réus. Ela estava de cabeça baixa, com um lápis firmemente seguro entre os dedos. Vito tinha um leve sorriso nos lábios.

— Maryann Flood! — disse eu, chamando-a.

Ela levantou automaticamente a cabeça e seus olhos se fixaram nos meus. Havia neles uma mágoa que eu não conhecia. Voltei-me para o júri e continuei como se não a houvesse chamado.

— Maryann Flood comparece a julgamento perante um tribunal de seus pares sob a acusação de haver violado as leis da sociedade em que vive.

"E nós, que representamos o povo do Estado de Nova York, esse povo pelo qual ela tem tanto desprezo, provaremos as acusações que lhe fazemos de modo a não deixar em nenhum espírito qualquer resquício de dúvida sobre sua culpabilidade. Seguiremos passo a passo cada ato de sua carreira ilícita e ilegal. Cada um desses atos será exaustivamente comprovado. E quando tudo vos for revelado, senhores jurados, sereis chamados a proferir um veredicto capaz de desestimular e refrear qualquer pessoa que se sinta no direito de desafiar e esquivar-se às responsabilidades e às leis do povo."

Dei aos jurados tempo de ruminarem o que eu havia dito enquanto voltava a minha mesa e trocava o libelo por outros papéis. Voltei então calmamente para diante dos jurados.

— Senhoras e senhores do júri, gostaria de revelar-lhes a maneira pela qual o Estado tomou conhecimento das atividades de Maryann Flood. — Os jurados se inclinaram para a frente, com inconfundível interesse. — Numa tarde, no mês de maio passado, uma jovem mulher foi internada no Hospital Roosevelt. Sofria de uma hemorragia interna em consequência de uma operação ilegal. Apesar de todos os cuidados que recebeu, seu estado foi se agravando rapidamente.

"Como é de praxe nestes casos, nosso escritório foi cientificado do fato. A pobre estava muito fraca para responder às muitas perguntas, mas alguma coisa conseguimos saber dela. Era modelo e estava registrada na Park Avenue Models, Inc. Pediu ainda que avisassem Maryann Flood. Parecia certa de que ela poderia ajudá-la.

"Um telefonema de rotina à Park Avenue Models obteve a resposta de que lá não conheciam nenhum modelo com esse nome. Cerca de uma hora depois, Maryann Flood telefonou para nosso escritório e disse que tinha havido um engano por parte de uma das suas empregadas. A moça estava realmente registrada na sua agência. Parecia preocupada com o que a moça dissera e ofereceu formalmente sua ajuda.

"Tanto o telefonema quanto o oferecimento de ajuda chegaram tarde demais. A moça morrera pouco antes.

"Uma investigação entre as pessoas que conheciam a moça revelou que ela chegara a Nova York havia aproximadamente um ano. Durante os primeiros seis meses, lutara com grandes dificuldades financeiras. De repente, apareceu com

variado guarda-roupa e peles caras. Explicou às amigas sua repentina prosperidade, dizendo que estava trabalhando para a Park Avenue Models. Começou a sair frequentemente, e as amigas viam-na cada vez menos. Explicava dizendo que era constantemente chamada para trabalhar e que seu trabalho a mantinha ocupada todas as horas do dia e da noite.

"Mas, quando essas afirmações foram confrontadas com o registro de empregos feito pela agência, encontrou-se grande discrepância. A agência só a tinha chamado para dois ou três serviços durante aquele período de seis meses. Ganhara ao todo durante esse tempo apenas cento e vinte e cinco dólares, descontadas as comissões da agência."

Folheei alguns papéis e fingi que os consultava, enquanto tomava fôlego. Ao fim de um instante, olhei para os jurados. Estavam todos à espera de que eu continuasse.

— Enquanto se faziam essas investigações, a Equipe de Repressão ao Vício recebeu uma comunicação de que verdadeiras orgias estavam se realizando no apartamento de um rico fabricante de roupas íntimas para senhoras, no East Side. Revelou-se também à polícia que o mesmo homem havia afirmado em vários círculos que mantinha relações com uma certa agência de modelos, a qual lhe assegurava a possibilidade de obter pequenas a qualquer hora do dia ou da noite, bastando para isso que os amigos lhe telefonassem.

"No último dia de maio, a polícia interrompeu uma festa que se realizava no apartamento desse industrial. Quatro homens e seis mulheres foram encontrados em estados variáveis de nudez e em certas atitudes — digamos por decoro — comprometedoras.

"Todas as mulheres declararam que tinham a profissão de modelo. Uma delas afirmou que estava registrada na Park Avenue Models. Várias outras segredaram-lhe alguma coisa e ela imediatamente voltou atrás na sua declaração. Uma verificação provou que todas as mulheres estavam ali registradas.

"Foi nesse ponto que a polícia e o escritório do promotor público se convenceram de que estavam diante de um exemplo revoltante de vício organizado. Iniciou-se imediatamente uma investigação sobre a agência."

Troquei os papéis e comecei a ler outro:

— "Park Avenue Models, Inc. Fundada em junho de 1948. Autorizada a funcionar como agência de modelos para arte, fotografia, desfiles de modas, etc. Presidente, Maryann Flood".

Virei a página. Vinha depois um relatório da polícia sobre Marja. Passei os olhos rapidamente por ele, enquanto me encaminhava em silêncio para o júri: "Maryann Flood, nascida a 16 de novembro de 1919 em Nova York. Solteira. Primeira entrada na polícia: abril de 1936, por haver agredido o padrasto com uma arma mortífera. Julgada no Tribunal de Menores, sob a presidência do Juiz Ross. Mandada para a Casa de Correção Rose Geyer para Moças Delinquentes, em maio de 1936. Solta em novembro de 1937 por haver atingido a idade de dezoito anos. Presa em fevereiro de 1938, por vagabundagem e prostituição. Condenada a trinta dias de prisão. Presa em abril de 1943, por haver cometido roubo depois de um ato de prostituição. O caso foi arquivado por falta de provas. Não houve novas prisões. Conhecida como ligada a pessoas com antecedentes criminais. Foi arrolada como testemunha no assassinato de Ross Drego, conhecido jogador e gângster, em Los Angeles, Califórnia, em setembro de 1950".

Com os papéis bem seguros na mão, apontei-os para o júri.

— Desse ponto de partida, o Estado começou a recolher uma história de vício e corrupção que causou náuseas até nos funcionários mais calejados e endurecidos. A história de mocinhas inocentes forçadas a levarem uma vida de prostituição e perversão, uma história de extorsão, chantagem e corrupção que se estendiam até as camadas mais altas dos círculos oficiais, sociais e econômicos desta cidade. E no centro de toda essa sórdida teia, as provas apontam as maquinações e as atividades de uma só pessoa.

Virei-me e apontei teatralmente a mão com os papéis para a mesa dos réus.

— Maryann Flood!

Sem olhar de novo para os jurados, atravessei a sala até minha mesa. Sentei-me por entre o murmúrio de vozes às minhas costas. Olhei para a mesa e senti que os olhos me ardiam. Pisquei-os cansadamente.

— Gostei de ver! — ouvi Joel dizer.

— É claro que você a arrasou! — disse Alec do seu lado.

Não levantei os olhos. Não queria vê-la. Tinha a impressão de que mil anos haviam passado desde que eu me levantara para dirigir a palavra ao júri.

Ouvi o juiz bater com o martelo na mesa e dizer com voz pesada:

— O tribunal entrará em recesso até as catorze horas.

Levantei-me automaticamente quando ele saiu do tribunal. Depois, sem falar, dirigi-me para a porta particular do gabinete do promotor público.

Evitamos os repórteres saindo para o almoço pelo porão. Fui para o restaurante Old Mill e sentei-me a uma mesa num canto dos fundos. Sentei-me de costas para a porta, tendo à minha frente Joel e Alec. A garçonete apareceu.

— Quero um drinque — disse eu. — Gim puro com gelo e uma rodela de limão. E vocês?

Eles sacudiram a cabeça e pediram comida. Houve um alarido no restaurante às nossas costas e não precisei olhar para saber quem havia chegado. Olhei curiosamente para Joel.

— Estão aqui.

— Bem, esta é uma terra livre — disse eu, com um sorriso amarelo e, de repente, não pude mais esperar, louco para que a garçonete se apressasse.

— Onde está meu gim?

— A garçonete parou na mesa deles para saber o que queriam — disse prontamente Alec.

Um instante depois, a garçonete colocou o gim na mesa diante de mim. Tinha no rosto uma expressão peculiar que compreendi no momento em que peguei o copo. Havia alguma coisa escrita no guardanapo de papel debaixo do copo. Reconheci imediatamente a caligrafia. Ainda era a mesma letra de criança.

Dizia: "Seja bem-vindo às alturas, advogado. Felicidades!" Estava assinado: "Marja".

Amassei o guardanapo com os dedos para que os outros não vissem que havia alguma coisa escrita e tomei um gole de gim. Era uma coisa que eu sempre havia admirado nela: não tinha medo de nada.

Fazia-me votos de felicidade, sabendo muito bem que, se eu fosse feliz, ela iria passar na cadeia os dez anos seguintes da sua vida. Ela sempre fora assim desde os tempos de garotinha.

Lembrei-me de uma vez quando procurei impedi-la de atravessar a rua num cruzamento em que o sinal estava fechado para nós. Ela me afastou o braço zangadamente.

— O seu mal é esse, Mike! Tem medo de arriscar-se. Até numa coisinha à toa como esta!

— Mas, Marja, você pode se machucar ou até morrer!

— E que é que tem isso, Mike? — perguntou ela, com os olhos fuzilantes,

descendo do passeio. — O corpo é meu, não é?

Era essa no fundo a diferença entre nós. Esse conceito da vida e uma porção de outras coisas, como a maneira pela qual tínhamos sido criados. Ela mostrava uma capacidade espantosamente paradoxal tanto de afeição quanto de crueldade.

Tomei outro gole. O gosto frio e adocicado do gim desceu queimando-me a garganta. Acho que minha mãe havia acertado em cheio numa noite em que voltei para casa desconsolado de tanto haver esperado em vão por Marja.

Já estava grande demais para chorar, mas a verdade é que tinha os olhos molhados. Mamãe compreendeu tudo no momento em que me viu chegar à porta. Foi imediatamente ao meu encontro. Quis ir logo para meu quarto, mas ela me segurou a mão.

— Ela não serve para você, Mike — disse ela, suavemente.

Não respondi, limitando-me a olhar para ela.

— Não lhe posso dizer de quem deve ou não deve gostar, meu filho. Só lhe digo que ela não serve para você. Foi criada sem amor e não tem a menor compreensão do que seja isso.

Puxei a mão e fui para o quarto, mas o que ela me disse ficou gravado em mim. Sem amor.

Naquele momento, compreendia afinal as palavras de minha mãe.

Era essa em toda a sua simplicidade a história da vida de Marja.

Sem amor.

MARJA

Livro um

1

Ela empurrou a porta da loja e esperou um instante enquanto os olhos se acostumavam à luz fraca. O sol brilhante atrás dela emoldurava-lhe o rosto no ouro líquido dos cabelos. O violento escarlate da boca contraiu-se sobre os dentes muito alvos numa tentativa de sorriso. Encaminhou-se para o balcão.

Não havia ninguém na loja. Ela bateu com uma moeda impacientemente no mármore do balcão.

Houve imediatamente uma resposta nos fundos da loja, onde vivia o Sr. Rannis.

— Um minuto, um minuto que eu já vou.

— Está bem, Sr. Rannis. Sou eu e posso esperar.

O velho apareceu na porta dos fundos ainda ajeitando as roupas.

— Marja! — exclamou ele, com uma nota de satisfação na voz. — Que é que você quer?

— Quero cinco Twenty Grands — disse ela, sorrindo.

O velho virou-se automaticamente para a prateleira atrás e, em seguida, hesitou. Virou a cabeça como se quisesse saber de alguma coisa.

— Tudo certo, Sr. Rannis — disse ela prontamente. — Tenho dinheiro.

O homem pegou um maço aberto, tirou cinco cigarros e colocou-os no balcão diante dela, mas sem tirar a mão de cima.

Ela empurrou um níquel para ele, que transferiu a mão dos cigarros para a moeda e fê-la cair na gaveta do dinheiro embaixo do balcão.

O papel branco dos cigarros se destacava sobre o mármore encardido. Marja pegou um cigarro e levou-o à boca. Estendeu depois a mão para a caixa aberta de fósforos que estava em cima do balcão.

No mesmo instante, ele estava com um fósforo aceso diante dela. Ela acendeu o cigarro e aspirou a fumaça, sentindo-a chegar até os pulmões.

— Que bom! — exclamou, olhando para o velho. — Pensei que nunca mais ia sair da escola. Passei o dia todo querendo fumar, sem ninguém para me dar uma tragada.

O velho olhou-a, franzindo num sorriso os lábios sobre as gengivas sem dentes.

— Por onde tem andado, Marja? Passou toda esta semana sem aparecer.

— Tenho andado sem dinheiro. E já estou lhe devendo muito.

— Por que fez isso, Marja? Já lhe reclamei dinheiro alguma vez?

Deu mais uma tragada sem responder.

O velho estendeu a mão sobre o balcão e tocou-lhe a mão.

— Você bem sabe que tenho sempre prazer em vê-la, Marja.

Ela não fez o menor esforço para tirar a mão e olhou-o com os olhos cintilantes.

— Você tem prazer em ver qualquer das meninas. Gosta delas todas.

— Nenhuma delas é como você — disse ele, calorosamente. — Prefiro você a qualquer outra. Você sempre foi minha favorita, desde quando era garotinha.

— Vá esperando que acredite nisso...

— É verdade, sim! Você é a única a quem dou crédito. Ninguém mais pode ficar me devendo três dólares e vinte e cinco *cents* sem eu dizer nada.

Ela puxou a mão lentamente, sem tirar os olhos dele. Sorriu levemente quando viu uma espécie de névoa cobrir os olhos do velho.

— E Francis Keegan? Ela me disse que você vendeu fiado a ela.

— Foi, mas depois cobrei, não cobrei? — disse ele, passando a língua sobre os lábios secos. — E nunca lhe cobrei nada.

Ela se afastou um pouco do balcão e correu os olhos pela loja.

— Parece que há alguma coisa diferente aqui.

O velho sorriu, satisfeito.

— Mandei pintar o quarto dos fundos.

Ela arregalou os olhos numa surpresa estudada.

— Foi?

— Mandei pintar o quarto e a sala de verde-claro. Estou pensando em mandar pintar também a loja, mas isso fica para quando eu tiver dinheiro.

— Não me venha com essa, Sr. Rannis! — disse ela, rindo. — Você tem mais dinheiro do que Deus!

Uma expressão de tristeza mostrou-se no rosto dele.

— Todos vocês dizem isso, mas não sei por quê. Bem veem o negócio que eu faço aqui.

— É justamente por isso — disse ela. — Eu vejo.

Virou-se de repente e curvou-se sobre o balcão dos bombons contra o vidro.

O velho prendeu a respiração. Todos os contornos do corpo de Marja se revelavam de encontro ao vidro. Os seios fortes e jovens comprimiam-se contra a leve blusa branca.

— Quer bombons? — perguntou ele.

Ela olhou para ele por cima do balcão e disse cautelosamente:

— Não tenho mais dinheiro.

— Quem foi que lhe pediu dinheiro? — perguntou ele, abaixando-se atrás do balcão e abrindo a porta. Olhou-a através do vidro e perguntou: — Que é que você quer?

— Qualquer um serve — respondeu ela, com os olhos sorridentes.

Sem tirar os olhos dela, ele pegou alguns bombons, com as mãos trêmulas. A luz forte que vinha da rua desenhava-lhe o corpo por baixo da saia fina. Ele descobrira havia muito aquele magnífico ponto de observação. Era essa uma das razões pelas quais conservava bem fracas as luzes da loja. A outra era o alto preço da eletricidade.

Ela olhou para ele, pensando em quanto tempo ele iria ficar ali. Era uma coisa muito comentada entre risinhos pelas meninas do bairro. Bem sabia o que ele estava olhando. A vitrina de Rannis dava visão nos dois sentidos, mas isso não lhe interessava. Era um velho devasso, e era muito bem feito que se pudesse tirar alguma coisa dele, principalmente de graça.

Daí a alguns segundos, porém, ela se cansou daquilo e foi para o outro balcão. Ele se levantou quase imediatamente com os bombons na mão.

O rosto estava vermelho do esforço que fizera para abaixar-se. Colocou os bombons em cima do balcão e agarrou-lhe a mão quando ela tratou de apanhá-los. Ela não puxou a mão.

— Você é a garota mais bonita do bairro, Marja — disse ele.

Ela deu um risinho de escárnio.

— É verdade, Marja — disse ele, apertando-lhe a mão. Em seguida, abriu-a e examinou-a. — E tem mãos lindas também para uma menina.

— Não sou mais menina — protestou ela. — Vou fazer dezesseis anos.

— Vai mesmo? — perguntou ele, com voz de surpresa. Como o tempo corria ali no bairro! Com que rapidez as meninas cresciam! Quando menos se esperava, casavam-se e desapareciam.

— Vou, sim. Em novembro.

— Aposto que os rapazes da escola são todos loucos por você.

Ela encolheu os ombros, sem responder.

— Com certeza, estão procurando sempre levar você para os cantos — continuou ele.

— Que é que quer dizer com isso, Sr. Rannis? — perguntou ela com uma fingida expressão de inocência.

— Você bem sabe o que eu quero dizer, Marja.

— Não, não sei — disse ela, com uma vontade louca de rir. — Quer me explicar?

Ele soltou-lhe a mão e, voltando-se para os fundos da loja, disse:

— Entre aqui comigo que eu lhe explico.

Ela dirigiu-se lentamente para os fundos da loja, com um sorriso esboçado nos lábios. Colocou-se parcialmente atrás de uma vitrina e olhou para ele.

O velho estava com o rosto muito vermelho e o lábio superior cheio de gotas de suor. A boca movia-se febrilmente, mas não havia qualquer som.

— Que é, Sr. Rannis? — perguntou ela, com um sorriso mais amplo.

A mão do velho estendeu-se para Marja, que não se moveu.

— Não querem nunca pegar em você? — perguntou ele com voz rouca.

Ela olhou-lhe as mãos pertinho dela e depois o rosto, perguntando então:

— Onde?

Ele roçou de leve os dedos pela frente da blusa dela. A carne firme quase lhe queimou os dedos.

— Aqui — disse ele nervosamente, olhando-lhe o rosto para ver se havia

algum sinal de medo.

Não havia. Ela nem chegou a fazer qualquer movimento para afastar-se. Sorriu apenas.

— Claro que sim, Sr. Rannis — respondeu ela. — A todo instante.

A resposta tomou-o de surpresa e ele quase esqueceu que a estava segurando.

— E você deixa?

— Às vezes deixo, às vezes não. Depende da minha disposição, de eu gostar ou não. — Virou levemente o corpo, afastando-se dele, e estendeu a mão dizendo: — Meus bombons, Sr. Rannis.

Ele entregou-lhe os bombons e ficou a olhá-la, com a lembrança daqueles seios firmes nos seus dedos ainda a dominá-lo.

— Quer ir ver a pintura lá nos fundos? — perguntou ele.

Ela não respondeu. Ficou olhando para ele, enquanto desembrulhava um bombom e mordia-o.

— Se você vier para os fundos e for mesmo boazinha, eu lhe perdoarei todo o dinheiro que me deve — disse ele, ansiosamente.

Ela botou o resto do bombom na boca e olhou-o, pensativamente. Depois, sem responder, deu-lhe as costas e encaminhou-se para a porta.

— Marja! — exclamou ele, com voz suplicante. — Posso até lhe dar dinheiro!

Ela parou diante do balcão de mármore para apanhar os cigarros e alguns fósforos. Depois, continuou na direção da porta. Começou a abri-la.

— Marja! — exclamou o velho. — Darei tudo o que você quiser!

Ela parou um instante com a mão na porta, antes de responder. Quando falou, ele percebeu que ela havia pensado na resposta que ia dar.

— Não, Sr. Rannis — disse ela polidamente com sua voz rouca. — Não estou preparada para o senhor. Ainda não.

Saiu fechando a porta, e a loja pareceu de repente fria e vazia sem o cintilante ouro de seus cabelos. Cansadamente, como se saísse de uma batalha, o velho encaminhou-se para os fundos da loja.

2

O sol de junho havia derretido um pouco o asfalto das ruas da cidade, e ele se colava as solas dos sapatos, tornando cada passo um penoso esforço. O sol batia nas paredes de concreto das casas de cômodos como a chama estendida de uma fornalha aberta.

Ela hesitou um pouco à porta da loja antes de mergulhar na fogueira da rua. Comeu mais um bombom enquanto corria os olhos pela rua para ver se havia algum sinal de vida.

Estava tudo deserto, salvo na esquina da Second Avenue, onde algumas crianças brincavam. Uma mulher saiu do armazém de Hochmeyer, carregando uma sacola de compras. Um táxi passou velozmente pela rua, deixando no asfalto a marca dos pneus.

Quando acabou de comer os bombons, limpou os dedos no papel, que jogou na rua. Guardou os cigarros dentro de uma bolsinha e saiu pela rua. O calor e o sol bateram-lhe no rosto e ela piscou rapidamente. Sentia o suor escorrer-lhe pelo corpo. Por um instante, lamentou não ter ficado na loja de bombons, divertindo-se mais algum tempo com o velho. Ao menos, lá dentro era mais fresco.

Foi pela rua rumo a casa sem muita vontade. Viu no relógio de uma vitrina que já eram quase três horas da tarde. Hesitou. Se não estivesse fazendo tanto calor, não iria para casa. Mas só um louco ficaria na rua num dia como aquele. Gostaria de ter dinheiro para ir ao cinema. O cinema da RKO, na 86th Street, tinha um sistema de refrigeração. Os ventiladores sopravam sobre grandes blocos de gelo. Por dez *cents,* podia-se passar o dia inteiro lá e fugir ao calor.

— Marja! — gritou atrás dela uma voz de moça.

Voltou-se e viu sua amiga Francis Keegan. Ficou esperando por ela.

— Alô, Francie!

A outra estava ofegante da caminhada. Era uma moça robusta, com seios e quadris bem grandes. Tinha um ano mais do que Marja, com cabelos pretos e olhos azul-escuros.

— Aonde é que vai, Marja? — perguntou ela, ainda ofegante.

— Para casa. Está fazendo muito calor para ficar na rua. A decepção

estampou-se no rosto de Francie.

— Podíamos ir ao cinema.

— Você tem dinheiro?

— Não.

— Nem eu! — disse Marja, continuando a andar.

— Epa! — exclamou Francie, acompanhando-a. — Parece que ninguém mais neste mundo tem dinheiro!

Marja sorriu, olhou a amiga pelo canto dos olhos e disse:

— Quem sabe disso melhor do que eu?

Andaram algum tempo em silêncio até que Francie pegou o braço de Marja e disse:

— Tenho uma ideia.

— Qualé?

— O velho Rannis. Talvez se possa arrancar alguma coisa dele.

— Nada feito — disse Marja. — Saí de lá agora mesmo.

— E então? — perguntou Francie, com curiosidade.

— Nada. Arranjei apenas uns bombons depois de deixar o homem usar os seus raios X em mim.

— E depois?

— Foi só. Ele quis me levar para os fundos da loja para ver a nova pintura, mas dinheiro nada. Já devo a ele mais de três dólares. Ainda o deixei me pegar, mas ele só queria mesmo era levar-me para os fundos.

Francie pensou no que a amiga tinha dito e falou:

— Ao menos, dê-me um bombom.

— Tarde demais — disse Marja, sorrindo. — Já comi tudo.

— Ih! Estou sem um pingo de sorte hoje — murmurou Francie. — Acho que o melhor mesmo é irmos para casa. — Enxugou o rosto na manga do vestido e exclamou: — Que calor!

Caminharam em silêncio durante algum tempo. Já estavam quase no meio do quarteirão quando Francie perguntou:

— Quem é que está em sua casa?

— Todo mundo, imagino. Minha mãe só sai para o trabalho às cinco horas.

A mãe de Marja. limpava à noite alguns escritórios no centro e trabalhava até as duas horas da madrugada.

— Seu padrasto também?

Uma expressão de frieza apareceu nos olhos de Marja.

— Especialmente ele. Não deixaria de ficar em casa bebendo sua cerveja por todo o dinheiro deste mundo.

— Ele não trabalha?

Marja riu.

— Para quê? Que é que ele quer mais? Três refeições por dia e toda a cerveja que puder beber. Não é trouxa. Passa o dia todo sentado, gozando a vida.

— Ele outro dia me encontrou no corredor e me fez parar — disse Francie.

— O que ele queria?

— Fez-me algumas perguntas a seu respeito.

— Sobre o quê?

— Queria saber o que você fazia na rua com os rapazes. Coisas assim.

— A mim ele também vive perguntando isso. Que foi que você disse?

— Nada, que eu não sou trouxa — respondeu Francie.

Marja deu um suspiro.

— O que ele quer é um motivo para ir contra mim. Ele me odeia.

— Sei disso. De vez em quando, ouço os gritos dele.

Francie morava no apartamento acima do de Marja.

— Está sempre gritando — disse Marja.

Estavam quase chegando. As casas eram todas iguais naquele quarteirão. A mesma fachada pardacenta que havia visto dias melhores e as janelas escuras e sujas abertas para a rua.

Pararam na escada. Havia uma lata de lixo descoberta perto da entrada. Enquanto ali estavam, um gato de rua, cinzento, pulou dentro da lata, espantando um enxame de moscas, e começou a ver o que podia encontrar lá dentro. As duas

olharam-no em silêncio.

Marja franziu o nariz.

— O encarregado devia pelo menos ter cabeça para cobrir essa lata num tempo como este. Que mau cheiro!

Francie não disse nada. Começaram a subir a escada. Nisso, ouviram um assobio na rua e voltaram-se ao mesmo tempo.

Três rapazes iam saindo do bilhar defronte da casa e estavam olhando para elas. Um deles gritou:

— Olá, Francie! Quem é essa sua amiga loura?

As moças se entreolharam rapidamente e sorriram.

— Por que não vem até aqui para saber? — disse Francie em resposta.

Os três rapazes conversaram alguma coisa entre si na porta do bilhar, enquanto Marja tentava ver se os reconhecia. O que falava com Francie ela já tinha visto várias vezes. Vivia mais abaixo no mesmo quarteirão, mas ela não se lembrava do nome dele. Os outros dois nunca tinha visto.

Os dois desconhecidos eram altos. Um tinha cabelos claros — castanhos, quase louros —, um rosto largo e delicados olhos azuis. O outro era quase o oposto. Moreno, simpático, com belas feições gregas e uma boca cheia e sensual. Um instante depois, o louro despediu-se dos outros enquanto os dois atravessavam a rua.

— Alô, Jimmy — disse Francie, quando eles chegaram perto.

Jimmy sorriu e perguntou:

— Por onde tem andado, Francie?

— Por aí mesmo. E você?

— Também por aí. Que é que estão fazendo?

— Nada — respondeu Francie. — íamos agora mesmo subir para fugir deste calor.

— Ross e eu íamos nadar um pouco. Querem vir?

Francie olhou para Marja, que tinha ficado em silêncio até então. Havia nos seus olhos um brilho de interesse.

— Se fôssemos buscar os maiôs lá em cima — explicou ela —, não poderíamos mais descer.

O outro rapaz riu.

— Podemos arranjar maiôs no lugar para onde vamos. — Ross tem um carro — disse Jimmy. — Vamos até Coney Island.

Marja falou pela primeira vez, dizendo:

— Que é que estamos esperando?

O outro rapaz segurou o braço de Marja com firmeza, e ela desceu os degraus até onde ele estava.

— Ótimo, menina! — disse ele, olhando-a bem nos olhos. — Gosto de garotas decididas.

— Quem decidiu não fui eu. Foi meu corpo, com o calor que está fazendo.

— Quente assim é que eu gosto...

Os outros vinham logo atrás dela. Marja olhou para Francie. Jimmy dizia-lhe alguma coisa ao ouvido e ela sorria, meneando a cabeça afirmativamente. Marja olhou para o rapaz que ia com ela e perguntou:

— Onde é que está o seu carro?

— Ali na esquina. Meu nome é Ross Drego. E o seu?

— Marja.

— Estou perguntando o nome todo.

— Marja Anna Flood.

— Flood é um nome inglês.

— E eu sou polonesa. O nome mesmo é Fluudjincki.

— Compreendo por que trocaram de nome — disse ele com um sorriso que atenuou a grosseria da frase.

Já haviam dobrado a esquina e ele a conduziu até um Buick conversível com a capota arriada. Abriu a porta e disse com um gesto teatral:

— O carro é de vocês, meninas.

Marja olhou para o carro e depois para ele.

— Que é que está esperando? — perguntou Ross. — Entre.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Não é atrás disso que eu ando.

— Como assim? — perguntou Ross, com uma expressão de surpresa.

— Não vou passear com ninguém num carro roubado — disse Marja. — Já chegam os problemas que eu tenho.

Ross começou a rir.

— Este carro não é roubado. É meu mesmo.

— Sério? E como conseguiu comprá-lo? Deve ser por isso que o outro não quis ficar com vocês.

— Quem, Mike Keyes? — perguntou Ross, sorrindo. — Ele se despediu porque tinha de ir trabalhar. Ajuda o pai, que é encarregado de um edifício.

— Ainda não estou convencida — disse Marja.

Nesse momento, Jimmy interveio na conversa.

— Entre logo. O carro é dele. Foi o pai quem lhe deu.

— Prove primeiro — disse ela, afastando-se do carro.

Ross não estava mais rindo.

— Não acredita em mim?

— Acredito, sim. Não quero é facilitar. Conheço uma garota que morava aqui na rua. Acreditou num rapaz e agora está no reformatório.

O rosto moreno do rapaz contraiu-se de cólera.

— Dê o fora então. Posso arranjar às pencas garotas como você para saírem comigo.

Ela deu-lhe as costas e começou a voltar pela rua. Já estava quase na esquina quando a voz dele a fez parar e esperar por ele.

— Espere um pouco, Marja — disse ele, metendo a mão no bolso. — O carro é meu. Vou lhe mostrar.

Tirou uma carteira e abriu-a para ela ver. Nunca vira tanto dinheiro em toda a sua vida.

— Tire um cartão que está dentro deste compartimento aqui.

Ela tirou o cartão. De um lado, havia uma carteira de motorista; do outro, um certificado de propriedade do carro. Ambos traziam o nome de Ross Drego, Park Avenue, 987, Nova York. Marja olhou de relance para a idade. Dezoito anos. Devolveu-lhe o cartão.

— E agora? Quer vir?

— Por que não fez isso logo?

— Não gostei da sua dúvida. Desculpe — disse ele com um sorriso.

Ela o olhou por um momento. Ali estava um rapaz estranho. Nunca conhecera ninguém como ele. Falava bem, mas havia nele um traço de brutalidade que ela sentia perfeitamente, mas que desaparecia quando ele sorria.

Ela tomou-lhe o braço.

— Vamos! E está tão quente, que estou ansiosa para cair dentro da água.

3

— Que parte de Coney Island é esta? — perguntou Marja, quando Ross parava o carro diante de um portão e tocava a buzina.

Ele a olhou com um sorriso.

— Chama-se Porta do Mar. Temos uma casa aqui.

— Casa? Uma barraca para trocar de roupa, não é?

— Não, uma casa mesmo. Este trecho aqui é particular.

Um porteiro espiou de trás da grade.

— Abra, Joe — disse Ross.

— Oh, é o Sr. Drego — disse o porteiro, abrindo o pesado portão de ferro.

— É uma casa de verão — explicou Ross, entrando com o carro. — Passamos o verão aqui quando papai está tão cheio de trabalho que não pode abandonar o escritório.

Marja olhou em torno. Dos dois lados da estrada, havia belas casas por entre gramados e árvores.

— Que beleza! — exclamou ela. — Isso é o mesmo que viver dentro de um parque.

Ross não disse nada. Ela se virou para Francie, que ia no banco de trás.

— Não acha, Francie?

Francie e Jimmy estavam também impressionados e olhavam as casas, boquiabertos.

— Acho que aqui só moram milionários — disse Francie.

— Ouviu isso? — perguntou Marja a Ross.

— Ouvi, sim.

— É verdade?

— Não.

— Seu pai deve ser rico.

Ele entrou com o carro por uma alameda e parou. Desligou o motor e voltou-se para ela, com os olhos frios.

— Que é que lhe interessa o que meu pai é? Quem trouxe você para cá fui eu.

Marja ficou a olhá-lo, sem saber ao certo o que dissera para enfurecê-lo tanto. Um instante depois, disse:

— De fato, não me interessa.

Tão depressa quanto aparecera, a frieza saiu dos olhos de Ross, e ele sorriu.

— Então ande e venha vestir um maiô. A água parece ótima hoje.

Ele saltou do carro e abriu a porta para ela. Marja desceu e olhou para a casa, cujos fundos davam diretamente para a praia e o mar.

Era uma casa bem grande. Dois andares. De madeira, pintada de verde-escuro. Ross podia dizer o que quisesse, mas o pai dele devia ter muito dinheiro para possuir uma casa como aquela.

Ele os fez entrar pela varanda da frente e, tirando uma chave do bolso, abriu a porta.

— Venha comigo — disse ele, começando a subir pela escada.

Marja viu de relance uma sala de estar e uma sala de jantar, ambas muito bem mobiliadas. Um espesso tapete cobria os degraus da escada. Jamais conhecera gente que morasse assim, a não ser no cinema.

Ross parou diante de uma porta e abriu-a.

— Este aqui é o quarto de minha irmã. Entre e você encontrará algum maiô que lhe sirva.

Marja entrou no quarto. Ouviu às suas costas a exclamação de espanto de Francie. Compreendia-a perfeitamente. Nunca em sua vida vira um quarto igual àquele.

Era todo decorado de cetim rosa e azul. As cortinas, a colcha da cama e até a cadeira comprida e esquisita ao lado da cama. O tapete era de um rosa bem vivo e a mobília, toda em cerejeira.

Ross abriu um armário.

— Os maiôs estão aqui dentro. O banheiro é ali. Vocês duas têm dez minutos para se aprontarem.

— Quem sabe se elas não vão precisar de alguma ajuda? — disse Jimmy, rindo.

Francie riu também, mas Ross disse com impaciência:

— Vamos,Jimmy. Temos também de aprontar-nos.

Jimmy seguiu-o e fechou, antes de sair, a porta do quarto. As duas moças se olharam.

— Ross pode dizer o que quiser — murmurou Francie —, mas o pai dele é na certa milionário!

— Ou milionário ou gângster — disse Marja, num sussurro.

Francie arregalou os olhos.

— Você acha isso possível?

— Acho bom nós nos vestirmos logo, antes que eles voltem — disse Marja, sorrindo e abrindo a porta do armário. — Francie! Venha ver!

Francie olhou para o armário e soltou uma exclamação de assombro.

Havia ali cerca de vinte maiôs dependurados. Francie tocou num deles e exclamou, voltando-se para a amiga:

— Veja, Marja! Lã de verdade!

Mas Marja já havia tirado a blusa e a saia e estava tratando de desabotoar o sutiã.

Saiu da água correndo, toda ofegante, com Ross atrás dela.

— Não! Não faça isso, Ross! Vou ficar com a cabeça toda cheia de areia!

— Depois você lava — disse ele, tentando agarrá-la pelo pé. Ela se esquivou e ele caiu de joelhos.

Ela olhou para trás e viu que Ross se levantara e continuava a correr atrás dela. Afinal, agarrou-a por um tornozelo e ela caiu na areia. Ele se jogou no chão, ao lado dela.

Ficaram ali parados, procurando recuperar o fôlego.

Marja podia ouvir o ritmo sibilante da respiração dele. Afinal, sua respiração se normalizou e ela virou o corpo, deitando-se de costas. O calor do sol lhe inundava o rosto. Fechou os olhos. Aquilo era um paraíso.

A respiração de Ross já estava normal, mas ele continuava imóvel. Marja abriu os olhos.

Ele estava meio sentado, com o corpo apoiado num cotovelo, olhando-a.

— Como é? Está gostando? — perguntou ele, sorrindo.

— É como se eu estivesse num baile — disse ela, sorrindo também.

— Fico muito satisfeito com isso. Francie e Jimmy não querem sair da água.

— Não é de admirar. A água está magnífica.

— Por que foi então que você saiu?

— Para mim, bastou. Não sou muito sôfrega pelas coisas. Além disso, posso ficar mal acostumada com tantas coisas boas e não quero sofrer depois.

— Gostaria tanto de acostumá-la mal — disse ele, com o rosto bem perto dela. — E garanto que não vai sofrer.

Os olhos dele estavam diretamente fixos nos dela. Ninguém jamais a olhara dessa maneira, com um olhar tão firme e penetrante que parecia pôr a nu as profundezas da alma.

— Como é que sabe? — perguntou ela com voz rouca. — Talvez nossos sangues não combinem.

— Eu sei — disse ele, pondo a mão no ombro dela. Os lábios de Marja estavam já à espera dele. Ela passou a língua pelos cantos da boca do rapaz, acendendo pequenas fogueiras por onde passava. O sangue começou a latejar nas têmporas de Ross.

Ele empurrou-lhe a cabeça para a areia, com o braço passado pelo pescoço dela. As mãos dela fizeram-lhe pressão sobre a nuca. Ninguém jamais o havia beijado assim.

Ela ainda tinha os olhos abertos e olhava-o. Um calor agradável lhe enchia o corpo. Era engraçado como todos os homens eram iguais quando beijavam, quando os rostos estavam tão próximos que as visões se confundiam quase numa só antes que os olhos se fechassem. Nisso ao menos ele não era diferente dos outros.

Sentiu-lhe a mão pelo corpo e não foi desagradável. A mão dele era quente e um pouco delicada. Não era como os outros, que a machucavam. Deixou cair a alça do maiô para poder sentir-lhe a mão na pele nua. Percebeu que a respiração dele estava ficando entrecortada.

Ela correu os dedos de leve pelo maiô molhado dele, do estômago até a

coxa. Ele era forte também. Sentiu por toda a parte uma musculatura firme. Fechou a mão delicadamente no centro do corpo dele. Depois, afastou o rosto e apertou a cabeça dele de encontro ao peito.

Sentiu-lhe os dentes por baixo dos lábios. Ele tentou virar a cabeça, mas ela segurou-a com firmeza. Olhou-o, sorrindo para si mesma. Era aquilo que tornava tudo tão maravilhoso. O que eles faziam por ela, o que ela podia levá-los a fazer. Era por isso que ela gostava de ser mulher. No fim, ela era sempre a mais forte.

— Ross — murmurou ela, sentindo a ardente agonia dos olhos dele.

Ele estava quase chorando. Marja sentiu-o estremecer e o calor do corpo dele atingiu-a através do maiô molhado. Um calor se irradiou do corpo dela em resposta, e Marja prendeu a respiração. Por um momento, ela o segurou com toda a força. Depois, o calor desapareceu, e eles ficaram imóveis.

Ele afastou-se e deitou-se de bruços na areia, respirando forte.

Ela virou-se para ele e afagou-lhe delicadamente os cabelos.

— Ross, querido. Você é tão bom.

— Por que foi que fez isso, Marja? — perguntou ele asperamente e com uma curiosa nota de vergonha no olhar.

Os olhos escancarados e os lábios sorridentes encerravam o segredo de todas as mulheres.

— Porque gosto de você, querido, e queria dar-lhe prazer.

Ross tentou fazer os lábios pararem de tremer. Sentiu-se por um momento à beira das lágrimas. Sabia que era mais velho do que ela, mas naquele instante sentia-se como uma criança ao lado dela. Virou a cabeça para o lado e disse com voz entrecortada e rude:

— Nunca mais faça isso. Nunca mais.

— Não gosta, querido? — perguntou ela suavemente.

— Não.

— Então não farei mais.

Ele sentiu-a mover-se na areia ao lado dele e virou-se para olhá-la. Ela estava sentada, passando a mão pelos cabelos dourados. Uma intensa vitalidade animal parecia emanar dela.

Ela olhou-o e disse sorrindo:

— Bem que eu disse que meus cabelos iam ficar cheios de areia. Tenho de ir lavá-los. Venha comigo.

Levantou-se e estendeu as mãos para ele. Mas ele não se levantou:

— Vá indo, que eu irei daqui a pouco.

Viu-a correr para o mar e quase perder o equilíbrio ao embate da primeira onda. Só então levantou-se e saiu correndo atrás dela.

4

As primeiras vermelhidões do crepúsculo espalhavam-se pelo céu. Para os lados do poente, o sol ainda lutava contra a noite, grande bola vermelha que voltava desesperadamente para a companhia de todos os ontens. O calor começou a atenuar-se.

Marja sentou-se na manta que Ross havia estendido para eles.

— Que horas serão? — perguntou ela.

Ele abriu os olhos, examinou o céu e respondeu:

— Seis e quinze mais ou menos.

— Como é que sabe?

— Já fui escoteiro — disse ele, rindo.

— Você é o primeiro escoteiro que eu conheço — disse ela, rindo também e pousando a mão no joelho dele.

O corpo de Ross reagiu instintivamente. Ela percebeu e tirou prontamente a mão.

— Desculpe, tinha me esquecido.

— Não é preciso pedir desculpas.

— Mas você não gosta de que eu toque em você.

— Não é que não goste. Acho que o que acontece é que não estou habituado.

— Gosta então de mim?

— Comecei a gostar desde o momento em que a vi da porta suja do bilhar.

— Palavra?

— Palavra. Vi você na calçada com Francie e não consegui mais tirar os olhos de você. Nem pude mais jogar. Mike ganhou a partida.

— Mike? É aquele rapaz louro que não quis vir conosco?

— Isso mesmo. Ele nem levantou os olhos da mesa de bilhar quando eu disse que havia na rua uma garota linda.

— Foi isso mesmo que você disse?

— Não. Disse: "Onde é que vendem aquilo, que eu quero comprar todo o estoque?"

— Atrevido — disse ela, rindo.

— Foi muito bom Jimmy estar no bilhar, senão eu talvez nunca a tivesse conhecido.

— É verdade. O seu outro amigo não iria ajudá-lo em nada.

— Mike é um ótimo rapaz. Só que é sério demais. Não pensa em garotas. Estuda o tempo todo. Diz que vai ser advogado.

— Ele é da sua idade?

— Um ano mais moço. Mas estivemos na mesma turma na escola.

Marja estava com a vaidade ferida. Era para ela uma questão de honra que todos os rapazes gostassem dela.

— Aposto que ele não é tão simpático quanto você.

— Obrigado, Marja. Você é a primeira garota que conheço que pensa assim. Em geral, quando elas o veem, eu passo para o segundo lugar.

— Ele deve ser tremendamente presunçoso — disse ela com desdém. — Não tolero gente presunçosa.

— Não. Ele é uma ótima pessoa. Acho que ele nem toma conhecimento do sucesso que faz.

Ela tremeu ligeiramente, sentindo o frio da tarde.

— Aliás, ele pouco me interessa. Mas onde está Francie?

— Foram para a casa há coisa de uma hora, quando você estava cochilando. Francie se queixou de que estava sentindo frio.

Ela se levantou e espreguiçou-se.

— Acho que é melhor entrarmos também. Estou começando a sentir frio.

Ele a olhou, tentando calcular qual seria a idade dela. Mais ou menos dezessete. Não podia ter mais. Nunca vira uma garota que fosse tão mulher na idade dela. A pele clara, as maçãs do rosto salientes, a boca rasgada e sensual, a linha firme do queixo. Ela se espreguiçou de novo, levantando bem os braços acima da cabeça. Ross viu os tufos louros das axilas, seguiu com o olhar a curva dos seios cheios e jovens, a cintura fina e sólida, os quadris generosos e redondos, as coxas fortes e as pernas longas e benfeitas.

Ela percebeu o olhar e o exame. Sorriu para ele. Gostava que ele a olhasse.

A pergunta veio-lhe involuntariamente aos lábios.

— Quantos anos você tem, Marja?

— Adivinhe — respondeu ela, ainda sorrindo.

— Dezessete.

Ela ficou satisfeita de que ele a achasse mais velha.

— Quase isso — disse ela, com o justo grau de hesitação.

Ele abraçou-lhe as pernas e fê-la cair para junto dele. Ela deixou-se cair rindo, com o rosto bem próximo ao dele.

— Está disposta a beijar-me, beleza?

— Agora e sempre — disse ela com sua voz rouca, sem que os olhos mudassem de expressão.

As bocas se uniram e ele ficou vagamente surpreso de que ela realmente quisesse beijá-lo. Os lábios dela se moveram sobre os seus, abrindo caminho para a língua. Mas dessa vez, ele já sabia e não a deixaria tomá-lo de surpresa. Reagiu contra o ímpeto apaixonado que o invadia. Sentiu os dedos dela afagarem-lhe o rosto, um calor se alastrou por dentro dele e ele compreendeu que havia perdido.

Desesperado, quase com raiva, afastou a boca.

— Acho que é melhor irmos.

— Está bem — disse ela, calmamente, levantando-se e esperando por ele.

Evitando-lhe o olhar, ele apanhou a manta, dobrou-a, colocou-a no braço e levantou-se. Dirigiu-se para a casa, carregando a manta, sem olhar para ela.

Ela caminhava ao lado dele. Em dado momento, estendeu a mão para a manta. Ele a olhou. Ela estava sorrindo e perguntou:

— Está escondendo alguma coisa, querido?

Ele ficou vermelho. Quis dar-lhe uma resposta malcriada, mas já estavam chegando à casa. Em vez de falar, ele abriu a porta para que ela passasse.

Entraram pela porta que dava para a praia. Abriu-se num porão nos fundos, arrumado para quem vinha do mar preparar-se. Marja parou logo que entrou. Voltou-se com o dedo nos lábios para recomendar silêncio a Ross.

— Veja — disse ela. — Os namorados.

Francie e Jimmy estavam deitados num divã nos braços um do outro, completamente nus. O primeiro impulso de Ross foi de choque, mas logo começou a rir. Era engraçado. Jimmy era muito magro e Francie era bem cheia de corpo.

— Vamos acordá-los? — perguntou em voz baixa.

— Não — disse Marja. — Parecem tão cansados, coitadinhos.

Passaram por eles na ponta dos pés e chegaram ao corredor. Marja perguntou então:

— Como é que se vai para o quarto? Quero vestir a roupa.

Subiram, e ele abriu a porta do quarto.

— Posso tomar um banho? — perguntou ela.

— Só se for de água fria. O aquecedor não está ligado.

— Não faz mal.

Apanhou as roupas em cima da cadeira e entrou no banheiro. Fechou a porta, passou o ferrolho e ficou esperando. Ouviu a porta do quarto bater quando ele saiu. Em seguida, sorrindo, entrou na banheira, puxou a cortina e abriu a torneira do chuveiro.

Mesmo com água fria era maravilhoso. Ela adorava um banho de chuveiro. Em casa, havia apenas a tina na cozinha para tomar banho. O aparelho sanitário era no corredor. Mas assim, numa casa daquelas, é que se devia viver. Começou a cantar numa voz clara, mas meio desentoada. Já estava debaixo da água havia dez minutos quando relutantemente fechou o chuveiro.

Correu a cortina do banheiro e já estava com um pé fora da banheira quando levantou os olhos. Levou a mão à boca para conter um grito de surpresa.

Ross estava diante dela, sorrindo, com uma grande toalha nas mãos estendidas.

— Achei que ia precisar disto — disse ele.

Ela não se moveu.

— Como foi que entrou aqui? — perguntou.

— Pelo meu quarto. O banheiro é comum aos dois quartos. É melhor pegar logo a toalha. Ouvi dizer que as louras verdadeiras são muito suscetíveis a

resfriados.

Ela pegou a toalha e enrolou-se nela.

— Muito obrigada — disse secamente.

— Espere aí, Marja. Não está zangada comigo, está?

— Não, mas não gosto de gente que faz o que você fez. É só.

— Ora, foi uma simples brincadeira, Marja — disse ele, tentando beijá-la.

Ela afastou o rosto.

— Pois não achei graça nenhuma. E tenha a bondade de sair, que eu quero me vestir.

Ross podia sentir-lhe o calor através da toalha felpuda. Passou-lhe pela cabeça a imagem dos dois que tinham visto lá embaixo, nus, nos braços um do outro, e cingiu-a com os braços.

— Você não me vai deixar assim — disse ele com uma voz cheia de tensão e o coração a bater-lhe violentamente.

Ela o olhou com os olhos mais gelados que ele já havia visto e nem respondeu.

Ele se sentiu dominado por violenta cólera. Tentou beijá-la à força, mas ela se desvencilhou dele em silêncio. Ele não podia segurá-la. Afinal, empregando todo o seu peso, empurrou-a contra a parede. Agora, ela não podia fugir. Olhou-a firmemente, arfante de esforço. Ela lhe sustentava o olhar sem sombra de medo.

— Vamos deixar dessa tolice, Marja — disse ele, rudemente. — Para que acha que a trouxe para cá?

Ela não respondeu. Continuou a olhá-lo.

Ele tentou arrancar a toalha, mas ela segurou-a com firmeza. Ross se descontrolou. Havia um prazer intenso na violência. Deu-lhe uma bofetada com as costas da mão.

— Vamos, cachorra! Pare com isso! Francie disse que você fazia tudo!

Viu que ela se abrandava e relaxava o corpo de encontro à parede. A marca de seus dedos ainda era visível na pele queimada pelo sol. Um sorriso se esboçou nos lábios dela, e as pálpebras baixaram.

— Ross, querido — murmurou ela, suavemente.

Ross sorriu confiantemente. Aquelas vagabundas eram todas iguais. Às

vezes, precisavam ser um pouco sacudidas para saber quem mandava. Aproximou-se dela cheio de segurança.

Não viu o joelho dela levantar-se impetuosamente até sentir a explosão de dor nas virilhas. Ficou um momento diante dela, vacilante, sem poder acreditar.

— Marja! — exclamou com voz trêmula e lábios brancos. — Marja...

Sentiu então novo acesso de dor e caiu no chão diante dela. Podia vê-la olhando-o friamente, enquanto se torcia todo com as violentas dores que sentia.

Viu-a passar por cima dele e apanhar as roupas em cima da cadeira. Sentiu o vento encanado no rosto quando ela abriu a porta e procurou levantar a cabeça para olhá-la.

Ela estava na porta, olhando para ele, e disse com voz fria:

— Se era isso que você queria, por que não escolheu Francie?

A dor já estava passando. Já podia respirar, mas ainda não tinha coragem de mover-se com medo de que ela voltasse.

— Porque era você que eu queria, Marja — conseguiu dizer.

— Bem, há algumas coisas que eu faço e outras que não faço — disse ela, como se estivesse explicando alguma coisa a uma criança. — Que espécie de garota você acha que eu sou, Ross?

A porta se fechou, e ele ficou sozinho, estendido ali no chão. Encostou o rosto que queimava no ladrilho frio do banheiro e fechou os olhos. Viu-a no momento em que saía do quarto, e a dor voltou.

— Marja, Marja — murmurou ele, sozinho —, que espécie de garota é você?

5

Abriu cansadamente os olhos. Estava tudo escuro e a noite era silenciosa do lado de fora das janelas. Virou o corpo sobre o colchão macio e sentiu os braços sob o cobertor. Como teria ido parar ali? Sentiu uma pontada de dor e começou a lembrar. Viera cambaleante do banheiro e se jogara na cama. Lembrava-se de haver caído na sua agradável maciez, mas era só. Não podia lembrar-se de haver se coberto.

— Está se sentindo melhor, Ross?

Virou a cabeça para o ponto de onde partira a voz de Marja. Uma brasa de cigarro brilhava perto de uma cadeira num canto do quarto. Sentou-se na cama e se lembrou de tudo. Ela entrara no quarto e o cobrira quando ele estava começando a fechar os olhos. Antes disso, tremia de frio.

— Estou, sim — respondeu ele.

A brasa do cigarro descreveu um arco para cima, avivou-se e tornou a esmaecer.

— Quer uma tragada?

— Quero, sim, obrigado.

Ouviu-a mover-se na escuridão, e sua silhueta passou pela janela. A cama baixou com o peso dela. O cigarro estava diante dele. Pegou-o, satisfeito, e levou-o à boca. A fumaça chegou-lhe ao fundo dos pulmões. Começou a sentir-se melhor.

— Que horas são?

— Quase nove — respondeu ela.

Levou de novo o cigarro à boca e deixou a fumaça sair pelo nariz.

— Onde estão os outros? — perguntou ele, procurando sem resultado vê-la à luz do cigarro. — Ainda estão lá embaixo?

— Não. Francie ficou assustada quando subiu e viu você na cama. Quis ir para casa e Jimmy foi com ela.

Belos amigos, pensou ele amargamente. Abandonavam-no quando ele precisava de ajuda. Mas não se podia esperar outra coisa de Jimmy. Mike nunca faria uma coisa assim. Nesse momento, ocorreu-lhe uma ideia.

— Contou-lhes o que aconteceu?

— Não. Contar para quê? Foi uma coisa que aconteceu entre nós.

— Que foi então que eles pensaram?

— Disse que você de repente se sentira mal. E parecia mesmo, porque seu corpo estava tremendo todo.

Isso o aborreceu ainda mais. Se pensassem que ele estava realmente doente, o ato deles tinha sido ainda mais covarde, pois ele podia precisar deles. Tentou vê-la, mas estava escuro. Estendeu a mão e acendeu o abajur da mesinha de cabeceira. Por um momento, a luz feriu-lhe os olhos, fazendo-o piscá-los. Depois, voltou-se para ela e perguntou:

— Por que não foi com eles?

Ela não respondeu.

— Você sabia o que havia acontecido e não precisava ter ficado. Eu me arrumaria de qualquer maneira.

Os olhos dela brilhavam à luz da lâmpada. Os cabelos muito claros estavam puxados para a nuca e amarrados com uma fita. A boca estava muito pintada. Ela continuava diante dele imóvel e calada.

— Que foi que houve? Perdeu a língua?

— Vim com você e vou voltar com você — disse ela calmamente.

Ele então disse impulsivamente:

— Pensou que eu ia levá-la depois do que aconteceu? Achou que eu ia fazer isso?

Ela o olhou em silêncio com as pupilas dilatando-se tanto que as íris pareciam quase desaparecer. Era o que havia de mais estranho nela. Os olhos pareciam sempre estar falando, mas não era possível entender o que diziam.

— Pensou isso? — tornou ele a perguntar.

Ela deu um suspiro e levantou-se. Foi até a cadeira no canto, apanhou a bolsinha e dirigiu-se para a porta sem olhar para ele.

Ele esperou para falar até que ela pusesse a mão na porta.

— Marja!

Ela parou e olhou-o em silêncio.

— Aonde é que vai?

— Para casa — respondeu ela numa voz sem qualquer emoção. — Você agora já está bem.

— Tem dinheiro para a condução?

— Eu me arrumo.

Ele se moveu rapidamente e arrancou-lhe a bolsinha da mão.

— Onde conseguiu dinheiro? Francie me disse que vocês duas não tinham um centavo.

— Não lhe disse que me arrumo? — murmurou ela na mesma voz sem expressão.

Ross abriu a bolsa. Havia dentro apenas um batom, dois cigarros um pouco amassados, alguns fósforos e um pente.

— A sua carteira está embaixo do seu travesseiro, onde a coloquei — disse ela calmamente.

Ele pegou imediatamente a carteira e abriu-a. As notas estavam todas lá. Sentiu uma imensa vergonha de sua desconfiança.

— Pode devolver-me agora minha bolsa? — perguntou ela. — Vou-me embora que já é tarde.

Ross tirou uma nota de dez dólares da carteira e meteu-a na bolsinha.

— Tome um táxi — disse ele, devolvendo a bolsa.

A nota de dez dólares foi jogada em cima da cama.

— Não, muito obrigada — disse ela secamente. — Não quero nada de você.

E saiu, fechando a porta.

Ross ficou um momento parado, tomado de surpresa, e então deu um pulo. Nesse momento, percebeu que lhe haviam tirado o maiô molhado. Puxando o cobertor para cobrir sua nudez, saiu correndo atrás dela.

— Marja! Espere, Marja!

Tropeçou no cobertor que se arrastava pelo chão e teve de agarrar-se no corrimão para não rolar pela escada.

Ela já estava lá embaixo quando se voltou para olhar para ele. Um sorriso

apareceu em seu rosto e, logo em seguida, ela começou a dar gargalhadas. Ross pensou que fosse zombaria e se irritou.

— De que é que está rindo?

— É que você não pode ver-se, Ross — disse ela com a voz entrecortada pelo riso. — Parece um fantasma!

Ele se voltou para um espelho que havia na parede perto dele. Pálido, desgrenhado, envolto no cobertor branco, parecia de fato um fantasma. Sorriu então e voltou-se para ela, dizendo:

— Espere um pouco até eu me vestir, Marja. Vou levá-la para casa.

— É melhor parar o carro e me deixar saltar aqui — disse ela, quando chegaram à esquina da rua onde morava. — Meu padrasto pode estar na janela.

Ross encostou o carro junto ao meio-fio. Saltou e deu a volta para abrir a porta do lado dela, dando-lhe a mão para ajudá-la a saltar.

Ficaram um momento meio sem jeito, parados no passeio, mas ela afinal estendeu a mão.

— Obrigada pela tarde agradável, Ross.

Procurou ver se havia nos olhos dela algum traço de sarcasmo, mas nada viu. Ele apertou-lhe a mão e perguntou:

— Ainda nos veremos, Marja?

— Se quiser.

Colocou o pé no estribo do carro e teve uma contração de dor. Ela notou e disse:

— Não tinha a intenção de machucá-lo tanto, Ross.

— Foi bem feito para mim. Eu devia ter sabido.

— Bem, já vou, senão o velho ficará ainda mais zangado.

— Qual é o número do seu telefone, para quando eu quiser falar com você?

— Não temos telefone em casa.

— Como é então que eu faço quando quiser falar com você?

— Quase sempre passo às três horas pela loja de bombons do velho Rannis. É aqui nesta rua mesmo, um pouco mais abaixo.

— Irei vê-la amanhã lá, às três horas.

— Está bem. Boa noite, Ross.

— Boa noite, Marja.

Ele ficou a olhá-la enquanto ela subia a rua, com os saltos batendo no passeio. Gostava do andar dela, com a cabeça erguida, o passo firme, o corpo a balançar-se levemente como se fosse a dona da Terra.

Esperou que subisse a escada e entrasse no prédio para então voltar para o carro. Entrou com o carro na rua dela. As luzes do bilhar ainda estavam acesas. Num impulso, parou o carro e saltou. Como esperava, Jimmy estava lá, de taco na mão, no meio de um grupo de rapazes.

Ouviu a voz de Jimmy ao aproximar-se. Era baixa, no tom confidencial com que se contam coisas imorais.

— ... parecia uma pele de marta — dizia ele. — Quando subimos, Ross estava estendido na cama como se tivesse levado uma surra. Minha garota achou que era melhor darmos o fora antes que a polícia chegasse. A loura disse que alguém tinha de ficar com ele. Nós então saímos e o deixamos lá com a loura...

Algum sexto sentido o fez levantar a vista. Deu um sorriso amarelo e mudou o tom de voz.

— Ross! Como está passando, amigo velho? Puxa! Que tarde notável a nossa!

— Covarde miserável! — exclamou Ross. — Por que fugiu?

— Francie ficou muito assustada, Ross. Alguém tinha de levá-la para casa. Além disso, Marja ia ficar com você. Ela disse que ficaria.

Ross deu a volta pela mesa de bilhar deliberadamente na direção dele. Os outros afastaram-se.

— E se eu estivesse mesmo doente, Jimmy? — perguntou ele com voz enganosamente macia. — Se eu precisasse realmente de ajuda e só tivesse uma garota para socorrer-me?

Jimmy ainda sorria, mas havia pavor em seus olhos.

— Ora, Ross! É claro que ela podia tomar as providências que fossem necessárias.

O soco de Ross atingiu-o na boca e ele caiu para trás em cima de uma mesa. Firmou-se ali por um momento e então, virando o taco, investiu com ele contra o

rosto de Ross.

Ross afastou o taco com o braço e avançou de novo para Jimmy, desfechando-lhe uma saraivada de socos. Jimmy deixou cair o taco. Um momento depois, Ross largou-o.

Sentiu as têmporas latejarem enquanto via Jimmy escorregar lentamente para o chão, sangrando pela boca e pelo nariz. A dor era a única maneira de ajustar contas.

Jimmy estava estendido no chão, com os olhos quase vidrados. Moveu os lábios, mas não conseguiu articular uma palavra.

Ross apanhou o taco do chão e avançou para o homem prostrado. Empurrou o taco nas calças de Jimmy e fez pressão, torcendo-o, com toda a força que tinha.

— Cachorro, covarde!

Jimmy deu um grito de dor antes que os outros afastassem Ross, em cujas mãos o taco se quebrou.

— Pare com isso, Ross! — gritou um deles. — Quer matá-lo?

Ross olhou para a ponta fina do taco quebrado em sua mão. A raiva ainda o dominava.

— É uma boa ideia! — exclamou ele.

Desvencilhou-se dos que o agarravam e avançou sobre Jimmy com o taco quebrado na mão.

Mas, antes que pudesse chegar ao inimigo caído, sentiu-se agarrado por alguém que lhe prendia fortemente os braços. Debateu-se desesperadamente para livrar-se.

— Solte-me! Solte-me! — gritava ele. — Vou matá-lo!

Mas os dois braços prenderam-no com mais força.

— Calma, Ross — disse-lhe ao ouvido uma voz conhecida. — Chega de confusão.

A voz profunda e calma foi como uma ducha de água fria. Ross sentiu dissipar-se a agitação que o dominava e a sensatez voltar. Ficou imóvel, mas ainda com a respiração arfante. Por fim, recuperou-se por completo e conseguiu falar.

— Está bem, Mike — disse ele, sem se voltar. — Pode soltar-me que já estou calmo.

Os fortes braços o largaram. Ross, no mesmo momento, dirigiu-se para a porta. Ao passar pela caixa, tirou uma nota da carteira e deixou-a em cima do balcão.

— Para pagar a confusão que eu armei — disse ele.

O velho da caixa, muito pálido, nada disse. Ross foi até o carro, sentou-se e ficou esperando. Alguns segundos depois, ouviu passos que se aproximavam.

— Quer fazer o favor de pegar o volante e me levar para casa, Mike? — perguntou ele, sem levantar a vista. — Estou cansadíssimo.

O amigo abriu a porta e entrou no carro. Logo depois, acendeu um cigarro e entregou-o a Ross. Este deu uma tragada forte e encostou a cabeça nas almofadas, fechando os olhos.

— Foi muito bom eu ter chegado naquele momento — disse Mike. — Alguma coisa me dizia que você estava precisando de mim.

— Ainda fazendo o bloqueio para mim, hem, Mike? — disse Ross, com um leve sorriso. Quando jogavam futebol americano na mesma equipe, Mike fazia o bloqueio dos adversários enquanto ele carregava a bola.

— Por que não? Somos amigos, não somos? Mas que foi que houve afinal? Você poderia tê-lo matado se eu não o agarrasse.

— Foi por causa da garota... — disse Ross, começando a explicar.

— A loura que você viu hoje à tarde?

— Isso mesmo. Ela...

Mike interrompeu-o de novo, com um tom de zombaria na voz.

— Pensei que você tivesse mais juízo, Ross.

— Juízo, como?

— Não posso compreender você, Ross. Não há mulher nenhuma que mereça um aborrecimento desses.

Ross pensou que o amigo só tinha razão numa coisa: não compreendia. Fechou os olhos e tornou a recostar-se no banco, enquanto Mike dava partida no carro.

Mike não compreendia. Naquele momento mesmo, estava dirigindo

cuidadosamente, inteiramente concentrado no que estava fazendo. Fazia tudo assim, com o maior cuidado. Não permitia a menor margem de erro. Era o que havia de errado com Mike. Era por isso que ele fazia bloqueio em vez de carregar a bola. Não gostava de arriscar-se. Não porque tivesse medo. Ele era assim mesmo.

Mike não compreendia. E não podia mesmo compreender. Afinal de contas, ele não conhecia Marja.

6

Ela ouviu o choro fraco da criança no momento em que chegou ao *bali* de entrada e começou a subir as escadas. O choro se tornava mais forte à medida que ela se aproximava da porta. A luz lá dentro estava acesa Hesitou um pouco antes de abrir.

Piscou ao sentir o impacto da luz. O choro da criança lhe dilacerava os ouvidos. Entrou na sala e fechou a porta. Ouviu passos no corredor à esquerda e seu padrasto apareceu com as calças quase caindo. Do alto da camisa de meia escapava a farta e áspera cabelama do peito. Não falou, limitando-se a olhá-la com ar furioso.

— Por que é que ele está chorando? — perguntou ela, apontando para o quarto.

— Onde é que você estava? — perguntou ele rudemente, sem responder-lhe à pergunta.

— Estava tomando banho de mar — disse ela, encaminhando-se para o quarto.

— Até as dez e meia da noite? — perguntou ele, olhando para o relógio da cozinha.

— Coney Island fica muito longe — respondeu ela, abrindo a porta do quarto.

O padrasto agarrou-a pelo braço e fê-la rodar.

— Por que antes de ir não veio falar com sua mãe? — perguntou furioso. — Ela ficou muito preocupada com sua demora e você bem sabe que ela não tem passado bem.

— Ela passaria muito melhor se você arranjasse um emprego e ela não tivesse de trabalhar à noite.

Ele levantou a mão como se fosse bater nela.

— Bata, vamos. Quero ver se tem coragem! — disse ela, rilhando os dentes.

Ele a insultou em polonês.

— *Coorva!* Prostituta!

— Vagabundo! — disse ela com desprezo. — Só sabe é beber cerveja. E nem tem coragem de me bater, pois sabe que no dia em que fizer isso minha mãe bota você pela porta afora!

O homem deixou cair a mão ao longo do corpo e murmurou noutro tom:

— Se eu não tivesse sido tão amigo de seu pai quando ele era vivo, pouco me incomodaria com o que você fizesse.

— Não meta meu pai nisso! Ele ao menos era um homem. Não ficava o dia inteiro em casa sem fazer nada, tomando cerveja!

O padrasto havia passado para a defensiva. Marja sentiu isso e ficou exultante.

— Sua mãe não quer que eu trabalhe mais na construção de edifícios — disse ele com voz incerta. — Fez-me prometer isso quando nos casamos. Disse que perder um marido naquele serviço perigoso bastava.

— Você viu meu pai cair — disse ela friamente. — Foi a promessa ou foi o medo que o fez ficar em casa?

O choro do bebê era mais forte e mais nervoso. O padrasto disse então, afastando-se:

— Vá ver o que Peter quer.

Marja entrou no quarto e fechou a porta. Ele foi pesadamente até a geladeira e tirou uma lata de cerveja. Abriu-a rapidamente com a habilidade de uma longa prática e virou a lata na boca. Um pouco de cerveja escorreu-lhe pelo rosto, descendo até a camisa de meia. Bebeu tudo avidamente e jogou a lata vazia num saco de papel junto da pia.

Olhou, para a porta fechada do quarto. O choro da criança havia parado. Ela era uma cadela, não havia a menor dúvida. Não era possível fazer nada com ela. Tinha sido assim desde o dia em que a mãe havia dito a ela que iam casar-se.

Fechou os olhos para lembrar melhor. Acontecera três anos antes. Um mês depois que o pai dela havia caído de uma longarina de aço num vigésimo terceiro andar.

Ainda podia ver o olhar de surpresa de Henry quando percebeu que o andaime que devia estar ali não estava. Foi um momento dramático em que tudo ficou paralisado. Ele começou a dizer "Peter!" e estendeu a mão para o amigo.

Mas nesse mesmo instante mergulhou no espaço e foi caindo em direção ao

chão. Olhando para baixo, Peter viu que o boné de Henry lhe caía da cabeça e que os cabelos louros se espalhavam ao vento tocados pelo sol, enquanto ele despencava no vácuo.

A cerveja subiu-lhe à garganta só de lembrar-se. Prendeu a respiração um momento e arrotou. Melhorou da náusea. Lembrava-se do amigo sempre que olhava para Marja. Era o mesmo cabelo louro-claro, os salientes zigomas poloneses e a mesma boca rasgada. E o andar dela lembrava também o do pai, firme e seguro.

Havia notado isso na noite em que fora propor casamento a Katti, um mês depois da morte do pai de Marja. Vestira seu melhor terno, com o qual ia à igreja aos domingos, e comprara uma caixa de bombons de dois dólares. O homem da loja lhe havia assegurado que eram os melhores e mais novos que ele tinha. Subira as escadas até o apartamento e ficara parado, suando do esforço e do nervosismo. Afinal, criou coragem e bateu na porta.

Ouviu então a voz da mãe dela.

— Quem é? — perguntou Katti.

— Sou eu, Peter.

Houve um rumor de correria atrás da porta fechada, a qual pouco depois foi aberta por Marja, que o cumprimentou com os olhos arregalados:

— Alô, tio Peter!

Ele sorriu para ela e correu os olhos pela sala, à procura da mãe. Mas não a viu. A mesa da cozinha estava coberta de alfinetes e retalhos de fazenda branca.

— Alô, Marja. Sua mãe está?

— Foi pôr um vestido. Entre, tio Peter.

Ele entrou na casa meio sem jeito e entregou-lhe a caixa, dizendo:

— Trouxe uns bombons.

— Muito obrigada — disse ela, recebendo muito séria a caixa, que colocou em cima da mesa da cozinha. — Mamãe mandou levá-lo para a sala.

— Não, não precisa se incomodar. Posso ficar na cozinha.

Ela sacudiu a cabeça.

— Mamãe disse que o levasse para a sala.

E conduziu-o pelo longo e estreito corredor que levava para a sala da

frente. Parecia uma sombra clara a dançar à frente dele. Peter tropeçou em dado instante no corredor às escuras e sentiu a mão dela tocá-lo.

— Segure minha mão, tio Peter. Eu conheço o corredor, e o senhor pode cair no escuro.

A mão estava quente na dele. Ela parou de repente e ele esbarrou nela.

— Desculpe — disse ele.

— Não tem importância — disse ela, tirando a mão. — Vou acender a luz.

A luz se acendeu e incidiu em cheio sobre o vestido branco da moça. Ele a olhou, admirado. Parecia que o vestido estava em cima da pele.

Ela notou o olhar e sorriu levemente.

— Está gostando de meu vestido de formatura, tio Peter? Mamãe acabou de fazê-lo agora mesmo.

— Muito bonito — disse ele, sem poder desviar os olhos.

— Sabe que vou acabar o curso agora?

— Sei, sim. Seu pai me disse. Estava muito orgulhoso de você.

Uma sombra passou pelos olhos dela. Peter pensou que ela fosse chorar, mas a sombra logo se dissipou.

— No ano que vem, vou fazer o pré-universitário.

— Já? — perguntou ele com fingida surpresa. — Ainda penso em você como uma criança.

— Vou fazer treze. Não sou mais criança.

— Não — replicou. Já tinha visto que não devia discutir com ela.

— Mas não sou tão velha que não possa beijá-lo para agradecer os bombons que nos trouxe, tio Peter.

Ele sentiu de repente o rosto afogueado de acanhamento. Não disse uma palavra.

— Abaixe-se um pouco, tio Peter, senão eu não o alcanço.

Ele se curvou para a frente e estendeu-lhe o rosto. Foi colhido de surpresa pelo que ela fez. Passou-lhe os braços pelo pescoço e beijou-o na boca. Não era um beijo de menina, mas o beijo de uma mulher que nascera para beijar. Ele sentiu contra o paletó a pressão de seu corpo jovem.

Estendeu as mãos desajeitadamente para afastá-la, mas acidentalmente tocou-lhe nos seios. Deixou caírem as mãos para os lados como se tivesse tocado numa fornalha quente.

Ela recuou um pouco e olhou-o com um sorriso nos lábios.

— Obrigada pelos bombons, tio Peter.

— Não há de quê — respondeu ele.

— Venha sentar-se — disse ela, levando-o para a sala.

Ao chegar à porta, parou e perguntou-lhe:

— Não sou mais criança, não é, tio Peter?

— Não, não é — murmurou ele.

Ela sorriu, cheia de satisfação, e saiu depressa pelo corredor.

— Mamãe! — gritou ela. — Tio Peter nos trouxe uma caixa de bombons!

Ele se deixou cair numa cadeira, lembrando-se do que o pai dela lhe havia dito pouco antes do acidente: "Mais um ano, Peter, e os rapazes estarão andando atrás dela como cachorros atrás de uma cadela no cio".

Sacudiu a cabeça, com os dedos que haviam tocado nela ainda vibrantes, e cheio de estranha agitação. Henry devia ser cego. Os rapazes com certeza já andavam atrás dela.

Ouviu os passos de Katti no corredor e levantou-se. Estava ali de pé, com o rosto muito vermelho, quando ela chegou à sala.

Apertaram-se as mãos, como se fossem homens.

— Peter, você é bom demais para nós. Não devia ter trazido os bombons. São tão caros!

— Quero ser bom para você, Katti — disse ele com voz rouca, ainda segurando-lhe a mão.

Ela retirou a mão e disse, apontando uma cadeira:

— Sente-se, Peter.

Ele a olhou. Era uma mulher bem simpática. Alta e de proporções generosas. Uma mulher da velha terra, muito diferente das americanas que de tanto fazerem dieta acabavam magras como palitos. E como cozinhava bem! Ainda se lembrava da inveja que sentia sempre que Henry abria a geladeira. Que sanduíches deliciosos ela fazia para o marido!

Sempre dissera a Henry que nunca se casara porque não havia muitas mulheres parecidas com Katti. Henry tinha rido, dizendo que ele já estava tão enraizado nos seus hábitos que não sabia o que fazer para agradar à mulher.

Mas não era bem esse o caso. O que acontecia era que nem toda mulher lhe agradava. Katti era o tipo de mulher que o faria feliz.

— Estou fazendo café fresco para você — disse ela.

— Ora, para que foi incomodar-se? Não devia ter esse trabalho comigo.

— Não é trabalho...

Ficaram calados durante alguns minutos e, afinal, ela começou a falar em polonês.

— Gosta do vestido novo de Marja?

Ele meneou a cabeça e continuou a conversa inconscientemente na mesma língua.

— Já está bem crescida.

— É verdade. Forma-se em setembro.

— Já sei. Henry me havia dito.

As lágrimas chegaram no mesmo instante aos olhos de Katti, que virou o rosto.

— Desculpe. Não tive intenção...

— Eu sei — disse ela, com as lágrimas a rolarem-lhe pelo rosto. — As coisas às vezes ficam pesadas demais para mim. Não estou habituada a isso. Nunca sei o que devo fazer, mas Henry sabia.

Eram assim as mulheres da velha terra, pensou Peter. Sabiam o seu lugar e deixavam que os homens tomassem as decisões. Ocorreu-lhe um pensamento.

— Na verdade — disse ele solenemente —, Henry costumava dizer-me: "Peter, se me acontecer alguma coisa, tome conta de Katti e da menina por mim".

As lágrimas de Katti cessaram imediatamente, e ela o olhou muito surpresa.

— Ele disse isso?

— Disse, sim.

— É por isso que vem nos ver duas vezes por semana?

— A princípio, foi, Katti. Mas agora não é mais por isso.

— Por que vem então? — perguntou ela, baixando os olhos e em voz quase sumida.

— Para ver você, Katti — disse ele, sentindo mais coragem do que jamais sentira em sua vida. — Quero dar um lar a você e a Marja.

Um longo momento se passou sem ela falar. Afinal, estendeu a mão e disse:

— Você é tão bom para nós, Peter!

Depois, quando o café ficou pronto, foram para a cozinha. Os alfinetes e os retalhos de fazenda não estavam mais em cima da mesa, e Marja, que havia tirado o vestido, estava sentada, fazendo as lições de casa. A caixa de bombons estava aberta ao lado dela e sua boca estava lambuzada de chocolate.

Ela sorriu para ele.

— Os bombons são uma delícia, tio Peter.

— Fico satisfeito de que tenha gostado, Marja.

Katti foi até o fogão.

— Marja — disse ela, enquanto servia o café —, gostaria de ter o tio Peter como pai?

Peter viu os olhos da menina arregalarem-se, com uma expressão que ele não conseguiu penetrar.

— Que quer dizer com isso, mamãe? — perguntou ela, com voz subitamente magoada.

Katti estava sorrindo quando levou o café para a mesa.

— Quero dizer apenas que tio Peter e eu vamos nos casar.

— Não! — foi a exclamação angustiada de Marja.

Ambos olharam-na com surpresa. Ela se levantara bruscamente e nesse movimento derrubara no chão a caixa de bombons.

Katti disse então com voz grave:

— Você não compreende agora, Marja, mas mais tarde compreenderá, quando crescer. Uma mulher não pode viver sozinha sem um homem para tomar conta dela e da família.

— Mas, mamãe — exclamou Marja, chorando. — Nós duas estamos nos

arrumando sozinhas. Não precisamos de ninguém. Não há quem possa tomar o lugar de papai.

A voz de Katti ainda era gentil.

— E ninguém tomará, minha filha. Apenas tio Peter quer ser bom para nós. Ele nos quer bem e quer tomar conta de nós.

— Não acredito! Ele é um homem falso, baixo, sujo, muito diferente de papai!

— Marja! — exclamou Katti, rispidamente. — Você não pode falar assim de seu novo pai!

— Ele não é meu pai e nunca será! — gritou Marja.

Correu para seu quarto, que ficava ao lado da cozinha, e bateu a porta.

Os dois ficaram a olhar-se desconsoladamente depois que ela saiu. Peter sentou-se em silêncio à mesa. É muito impulsiva a menina, pensou ele. Henry bem que lhe dissera que a garota tinha um temperamento um tanto violento. Precisava ser domada e ele se encarregaria disso depois do casamento. Algumas boas palmadas naquele lindo traseiro e ela ficaria mansa, mansa.

Katti deu a volta à mesa e colocou a mão no ombro dele.

— Não leve a mal, Peter. Ela está nervosa e tem razão. Ficou moça ontem. Você sabe como é que as meninas ficam nessa ocasião.

7

A luz cinzenta da manhã, que se coava através do pequeno pátio, insinuou-se pela janela quando Katti abriu a porta. Ficou ali um momento olhando a filha.

Era de surpreender o aspecto de Marja quando dormia. Acordada, era quase uma mulher; dormindo, como naquele momento, era uma criança. As feições estavam repousadas e suaves e a respiração era tão delicada que mal agitava o lençol que lhe cobria o peito. Era essa a Marja que ela conhecia, a sua filhinha calma e querida.

Entrou no quarto e aproximou-se do berço. Tocou no bebê. Que milagre! Ainda estava seco. Emitiu um pequeno som quando ela o tocou. Katti voltou-se rapidamente para olhar a filha.

Os olhos de Marja estavam abertos.

— Bom dia, mãe.

Katti não respondeu. Lembrava-se de como ficara preocupada na véspera ao ver que Marja estava demorando em voltar da escola. Peter lhe dissera que ela havia ido tomar banho de mar e só voltara para casa às onze horas da noite.

Marja sentou-se na cama, e a coberta desceu até a cintura, mostrando o corpo nu. Bocejou e espreguiçou-se, a pele dos seios muito branca em contraste com a parte vermelha queimada pelo sol.

— Cubra-se, Marja! — exclamou Katti, com voz escandalizada. — Quantas vezes já lhe disse para não se deitar sem vestir o pijama? É feio dormir assim.

— Mas estava tão quente, mamãe — disse Marja, começando a vestir o pijama. — Depois, ninguém ia me ver!

— Não quero saber! Não é decente dormir assim! Só os animais é que dormem nus.

Marja empurrou as cobertas e levantou-se da cama, com o paletó do pijama caindo-lhe até o meio das coxas. Abraçou a mãe e beijou-lhe o rosto.

— Não se zangue, mãezinha.

Katti sorriu a contragosto e empurrou docemente a filha.

— Não me venha com agrados. Conheço todos os seus truques!

Marja sorriu para ela e antecipou-se à sua pergunta.

— Fui nadar no mar ontem. Está vendo como fiquei queimada?

— Claro! — disse Katti, secamente. — E podia deixar de ver?

— Uma amiga de Francie tem uma casa em Coney Island, num lugar chamado Porta do Mar.

— Porta do Mar? Então a família dela deve ser muito rica.

— E é mesmo. Eles moram na Park Avenue.

O bebê começou a chorar de repente. Katti inclinou-se sobre o berço e pegou-o. A criança parou de chorar.

— Apesar disso, você devia ter dado um pulo aqui em casa para avisar-me. Fiquei muito preocupada por sua causa.

— Não houve tempo, mamãe. Fomos assim que saímos da escola.

— Mas você só voltou para casa depois das dez e meia. Por quê? — perguntou Katty, deitando o bebê na cama de Marja e tirando-lhe a fralda molhada.

— Ela quis que eu jantasse com ela e eu jantei — disse Marja, tirando uma fralda limpa da cômoda e passando-a à mãe.

— Nunca mais faça isso, Marja. Seu pai também ficou muito preocupado.

— Por quê? — perguntou Marja, cheia de sarcasmo. — A cerveja acabou?

— Marja! Isso não é coisa para dizer de seu pai!

Marja foi até o armário e tirou um velho roupão de banho no qual se enrolou.

— Ele não é meu pai — disse ela, teimosamente.

— Por que continua a dizer isso? — perguntou Katti, com voz magoada. — Ele gosta de você e quer que você goste dele. Não é culpa dele se você não faz o menor esforço para isso.

Marja não respondeu. Apanhou a escova dentro de um copo na cômoda e encaminhou-se para a porta. Ao chegar à porta, disse à mãe:

— Vou fazer a mamadeira de Peter.

Chegando à cozinha, colocou a mamadeira dentro de uma panela no fogão. Acendeu o fogo e foi até a pia. Lavou-se rápida e cuidadosamente, enxugou-se,

pegou a mamadeira e voltou para o quarto.

— Dê você a mamadeira a Peter — disse Katti, levantando-se da cama. — Vou fazer o café. Não quero que chegue atrasada à escola.

Marja debruçou-se sobre o menino, com a mamadeira na mão.

— Quer seu café, Peter? — perguntou, rindo.

Os olhinhos escuros de Peter sorriam para ela. As mãozinhas se estenderam para a mamadeira, ao mesmo tempo que um sorriso distendia a boca sem dentes.

— Você é tão lindo — murmurou ela, colocando a mamadeira na boca do menino.

Ele deu um gemido feliz, pegando o longo bico de borracha. Um pouco de leite escorreu-lhe do canto da boquinha.

— Lambão — disse Marja, rindo e limpando-o com a toalha que ainda tinha na mão. — Será que consegue ficar na cama sem cair enquanto Marja se veste?

Peter continuava a mamar, satisfeito.

Ela se levantou, enquanto os olhos escuros do bebê a acompanhavam.

— Acho que pode dar um jeito — disse ela, sorrindo.

Foi até a cômoda e tirou a roupa.

Deixou cair o roupão e tirou a parte de cima do pijama.

Rapidamente, quase no mesmo movimento, vestiu as calças e estendeu a mão para pegar o sutiã. Um clarão de luz passou-lhe pelos olhos e ela olhou para o espelho em cima da cômoda.

A porta estava aberta atrás dela e ela podia ver a cozinha através do espelho. Ali, sentado à mesa, o padrasto a observava. O olhar de desprezo que ela lhe lançou foi tão forte que ele baixou os olhos.

Ainda olhando-o, passou as alças do sutiã pelos ombros e abotoou-o. Depois, virou-se e foi até a porta. Ele ainda estava olhando. Ela ficou um momento a encará-lo em silêncio e, depois, fechou a porta e acabou de vestir-se.

Peter havia terminado a mamadeira. Ela o pegou alegremente nos braços e levou-o para a cozinha. O Padrasto não estava mais lá.

Katti colocou um prato de mingau em cima da mesa e estendeu os braços para pegar a criança.

— Tomou toda a mamadeira?

— Tomou, sim — disse Marja, entregando o menino à mãe. Sentou-se à mesa e olhou para o prato com ar aborrecido: — Aveia de novo?

— Aveia faz bem, Marja. Coma.

Marja nem fez menção de provar. Queria era um cigarro, mas olhou para a mãe sem saber se teria coragem de acender um cigarro antes de comer qualquer coisa. Desistiu da ideia e murmurou:

— Não estou com fome.

O padrasto entrou nesse momento na cozinha e perguntou grosseiramente:

— Mingau de aveia é humilde demais para seu paladar apurado? Quem sabe se não prefere presunto com ovos?

— Para dizer a verdade, prefiro — disse Marja, friamente.

— Que pena não haver! — exclamou ele sarcasticamente. — Ela se envergonha de nós por sermos pobres e não podermos dar-lhe as coisas finas que deseja, Katti.

— Não seríamos tão pobres assim se você se esquecesse de vez em quando da cerveja e fosse trabalhar.

— Respeito pelos pais ela não tem — disse Peter, voltando-se para Katti. — Só insultos. Deve ser isso o que ela aprende vagabundeando pela rua até altas horas da noite!

— Respeito por meus pais sempre tive — replicou Marja. — Por você, não.

— Pare com isso, Marja! — exclamou Katti, zangada.

— Ele é que deve parar de provocar-me.

Pegou a colher e provou o mingau de aveia. Estava massudo e sem gosto.

— Seu pai tem razão — disse Katti. — Você deve ser mais delicada com ele. Ele só pensa no seu bem...

— Mentira! — exclamou Marja, jogando com raiva a colher dentro do prato. — Ele só pensa é nele mesmo! Se fosse um homem de verdade, não deixaria você trabalhar a noite inteira, enquanto ele fica o dia todo em casa de camisa de meia. Não passa de um explorador!

Katti avançou rapidamente e a bofetada ecoou na cozinha.

Marja levou a mão ao rosto, onde se avermelhavam, rapidamente, as

marcas dos dedos. Havia no seu olhar uma estranha expressão de espanto.

— Você me bateu! — disse ela à mãe, com a voz cheia de horror.

Katti olhou para ela e sentiu um aperto na garganta, compreendendo que era a primeira vez que batia na filha.

— Foi para você aprender a respeitar seus pais — disse ela, com voz trêmula.

Por um momento, os olhos de Marja se apertaram e Katti pensou que a filha ia chorar. Mas as lágrimas não saíram. Em vez disso, os olhos de Marja mostraram uma fria calma que fez Katti compreender que a filha já era uma mulher e se afastava dela.

— Marja! — exclamou em voz suplicante e deu um passo em direção à filha.

Mas Marja recuou e disse brandamente, quase como se estivesse pedindo desculpas por ter apanhado.

— Desculpe, mamãe! Desculpe!

Em seguida, deu as costas e saiu pela porta da cozinha.

Katti voltou-se para Peter, ouvindo os passos de Marja que descia a escada. Começou a chorar.

— Que foi que eu fiz, Peter? Que foi que eu fiz a minha filhinha?

Ele não se aproximou dela. Havia um distante eco de triunfo em sua voz.

— Fez apenas o que já devia ter feito há muito tempo, Katti. Agiu muito certo!

— Acha mesmo, Peter? — perguntou em polonês.

— Sem dúvida — disse ele, com os olhos cheios de satisfação.

Ela o olhou. O menino nos seus braços começou a chorar. Ela o acalentou automaticamente. Gostaria de acreditar no marido. Gostaria de sentir que estava certa. Mas, por mais que quisesse acreditar, uma dúvida lancinante a torturava no fundo do coração.

8

O telefone começou a tocar no momento em que Marja chegou aporta.

— Deixe, que eu atendo, Sr. Rannis — disse ela — É Para mim.

Ela fechou a porta da cabina e atendeu.

— Alô.

— Marja? — perguntou a voz de Ross.

— É, sim.

— Quem fala é Ross.

— Eu sei.

— Que é que está fazendo, Marja?

— Nada. O calor está demais.

— Quer dar um passeio? Desceremos a Riverside Drive. Lá é fresco.

— Está bem.

— Vou pegá-la aí. Espere por mim.

— Não — disse ela, hesitando. — Tenho de ir para casa antes trocar de roupa. Meu vestido está encharcado. Vamos marcar noutro lugar.

— Na garagem, então. Eighty-Third Street, entre a Park e a Lexington. Vai demorar?

— Meia hora. Até já.

— Até já.

Ouviu o ruído do receptor desligando. Saiu da cabina e encontrou o velho Rannis, que a esperava, olhando-a desconfiado.

— Quem era?

— Uma amiga — disse ela vagamente, encaminhando-se para a porta.

— Quer chocolate? — perguntou ele, estendendo a mão para fazê-la parar.

— Não, muito obrigada.

Continuou a andar, mas a mão dele fechou-se sobre seu braço.

— Estou lhe oferecendo de graça — disse ele.

— E só podia ser de graça mesmo, porque estou lisa — disse ela, puxando o braço. — Mas não posso mesmo demorar; minha mãe está me esperando.

— Está bem. Mas não se esqueça, Marja. Se quiser alguma coisa, é só pedir.

— Obrigada, Sr. Rannis — disse ela, abrindo a porta. — Não me esquecerei.

Katti estava chegando à porta do prédio no momento em que Marja começou a subir a escada da frente. Ela ficou olhando os reflexos do sol nos cabelos da filha e, quando Marja chegou mais perto, disse:

— Alô, Marja.

— Alô, mamãe.

— Tudo bem na escola hoje?

— Claro — disse ela, olhando rapidamente para a mãe. — Que é que poderia ter acontecido?

Katti viu-se forçada à defensiva.

— Estou apenas perguntando.

Queria também pedir desculpas pelo que acontecera de manhã, mas as palavras não lhe saíram dos lábios.

— Aonde é que você vai? — perguntou Marja.

— Vou fazer compras — disse Katti. Era mentira, mas ela não queria que a filha soubesse que ia submeter-se a um exame na clínica. — E você? Que é que vai fazer hoje à tarde?

— Vou estudar em casa de uma amiga — respondeu Marja. — Só vim aqui para trocar de vestido. Este está todo encharcado.

— Não faça barulho, Marja. O menino está dormindo e não quero que você o acorde.

— Fique descansada, mamãe.

Subiu para o apartamento e abriu devagar a porta. Tudo estava em silêncio. Entrou e ficou no meio da cozinha, escutando. Nenhum som. Foi pelo corredor até o quarto da frente e olhou.

O padrasto estava dormindo numa cadeira diante da janela aberta, com a cabeça caída para o lado e o jornal nos joelhos. Voltou na ponta dos pés pelo

corredor, pela cozinha, e chegou ao quarto.

O bebê estava dormindo no berço. Ela abriu com todo o cuidado a porta do armário e tirou uma blusa e uma saia limpas. Colocou-as em cima da cama e, ao lado delas, roupa de baixo limpa. Tirou prontamente a blusa e a saia suadas e voltou à cozinha.

Abriu a torneira de leve para que caísse apenas um fio de água. Não queria fazer qualquer barulho que acordasse o padrasto. Tirou o sutiã e pendurou-o no espaldar de uma cadeira da cozinha. Num instante, ensaboou a parte superior do corpo. Em seguida, tirou o sabonete com um esfregão. Depois, lavou o rosto. Com os olhos fechados, para que o sabonete não lhe caísse nos olhos, estendeu a mão para pegar a toalha. O cabide mais peno dela estava vazio. Estendeu a mão tateante para o outro cabide.

Pegou a toalha e esfregou vigorosamente o rosto, enxugando depois debaixo dos braços e o resto do corpo. Tornou a botar a toalha no lugar e voltou-se para pegar o sutiã em cima da cadeira. Mas não o viu.

— Caiu, Marja — disse seu padrasto, entregando-lhe o sutiã. — Mas eu o apanhei para você.

Ela olhou por um momento, cheia de surpresa. Depois, pegou o sutiã, colocou-o em frente dela e disse sarcasticamente:

— Obrigada. Deve ter feito tanto barulho quando caiu, que o acordou.

Ele sorriu, sem dar atenção ao tom de voz dela.

— Sua mãe era assim como você, quando era moça, lá em nossa terra.

— Como é que sabe disso? — perguntou ela. — Quando ela vivia lá, nem sabia da sua existência.

Quis passar, mas ele lhe barrou a frente, agarrando-a pelo braço.

— Por que você é tão má comigo, Marja?

Ela o encarou, com os olhos indiferentes.

— Não é por minha vontade, tio Peter. O que acontece é que está acima das minhas forças vê-lo andar o dia todo dentro de casa.

— E se eu arranjar um emprego — disse ele ansiosamente —, você passará a ser boazinha para mim?

— Talvez — murmurou ela com um olhar calculista.

— Poderemos então ser amigos de novo? — disse ele, puxando-a e tentando desajeitadamente beijá-la.

Ela virou o rosto, de modo que os lábios apenas lhe roçaram a face. Em seguida, desvencilhou-se dele, foi até a porta, voltou-se e disse de novo:

— Talvez.

A porta se fechou. Peter sentia as têmporas latejarem. Que cadelinha! Algum dia ele havia de mostrar-lhe o que acontece a quem provoca um homem. Foi então até a geladeira para pegar outra cerveja.

Katti estava sentada num banco entre duas mulheres e esperava sua vez de ser chamada para o exame. Já não demoraria muito. Só havia uma mulher à sua frente.

Num canto da sala, a jovem enfermeira sentada à sua mesa olhava as fichas à sua frente. Ao fim de algum tempo, todos aqueles nomes esquisitos lhe saíam tão facilmente da língua como se se tratasse de Smith ou de Jones. Quando isso acontecia, a pessoa sabia que era uma veterana.

Um interno parou junto à mesa e disse-lhe alguma coisa em voz baixa. Ela pegou as duas fichas que estavam em cima e disse:

— Sra. Martino, sala 4. Sra. Ritchik, sala 5.

Katti e a mulher sentada ao seu lado levantaram-se ao mesmo tempo e sorriram numa súbita simpatia mútua. Katti seguiu-a até a mesa da enfermeira.

A mulher recebeu a ficha que a enfermeira lhe entregou, encaminhou-se para uma das salas de consulta e puxou a cortina.

Katti deu o seu nome à enfermeira.

— Sra. Ritchik.

A enfermeira olhou-a sem curiosidade e entregou-lhe uma ficha.

— Primeira visita?

— Não. Já estive aqui. Quando meu filho Peter nasceu.

A enfermeira sacudiu a cabeça com impaciência. Como aquela gente era difícil!

— Quero dizer desta vez.

— Sim, é a primeira visita.

A enfermeira pegou um vidro de boca larga que estava sob a mesa e entregou-lhe.

— Ponha a urina para exame aqui e entregue ao médico quando ele chegar.

Katti pegou o vidro e se encaminhou por entre os bancos repletos de gente para a sala marcada com o número 5. Fechou a cortina.

Tirou a roupa metodicamente e preparou-se para a chegada do médico. Quando terminou, tirou o roupão de algodão do cabide e vestiu-o. Sentou-se então num banquinho ao canto e ficou esperando.

Alguns minutos depois, bateram do lado de fora e uma enfermeira estudante apareceu, com um bloco de papel na mão.

— Sra. Peter Ritchik?

Seguiu-se então a lista de perguntas sem as quais a clínica não podia funcionar. A enfermeira só gastou com isso cinco minutos porque Katti tinha todas as respostas prontas, pois ainda se lembrava de tudo desde a última vez em que ali estivera.

A enfermeira tirou do bloco a folha em que escrevera e prendeu-a num gancho logo ao lado da porta. Saiu, mas voltou com outra folha de papel que colocou no gancho junto da primeira. Depois, sorriu para Katti e disse:

— O médico já vem.

— Obrigada — disse Katti e ficou de novo sentada à espera. Em geral, o médico levava mais de quinze minutos para aparecer.

Dessa vez, quase meia hora se passou até que a cortina fosse aberta e um médico aparecesse seguido de dois internos. Tirou os papéis do gancho, examinou-os rapidamente e perguntou:

— Sra. Ritchik?

— Sim, doutor.

— Sou o Dr. Block. Há quanto tempo está grávida?

— Um mês, talvez dois.

Ele não pôde conter uma expressão de aborrecimento. Aquela gente era tão negligente.

— Deite-se aí na mesa e vamos ver.

Ela subiu obedientemente na pequena mesa e colocou as pernas nos dois

suportes próprios. A luz da lâmpada amarela do teto lhe incidia nos olhos, e ela piscou.

A voz do médico parecia flutuar acima dela.

— Aspire o ar com força.

Ela encheu os pulmões de ar e manteve-se perfeitamente imóvel diante da intrusão dos dedos pesquisadores do médico. O toque foi leve, eficiente e não demorou muito. Ela quis levantar-se, mas a pressão da mão do médico no seu ombro fê-la permanecer deitada. Ficou tranquilamente à espera.

O médico levantou o lençol até que os olhos dela ficaram protegidos da luz. Falou calmamente com um dos internos.

— Cesariana no último parto. Trompas de Falópio obstruídas. Será necessário de novo.

O lençol desceu e ela se sentou, olhando para o médico cheia de curiosidade.

— Por que ficou grávida, Sra. Ritchik? — perguntou ele. — De acordo com a ficha, foi-lhe recomendado que tivesse cuidado, pois outro filho poderia pôr em perigo a sua vida.

Ela encolheu os ombros. Aqueles homens nunca compreendiam essas coisas. Para eles, tudo era muito simples.

O médico saiu de junto dela e começou a lavar as mãos, ao mesmo tempo que falava, dizendo coisas que para ele eram de simples rotina e que sabia perfeitamente que não seriam observadas.

— Procure ter o máximo de sol, de ar puro e de descanso. Abstenha-se de qualquer relação durante dois meses pelo menos. Faça uma alimentação substancial com leite e suco de laranja. Vou lhe passar uma receita. Tome o remédio e venha de novo aqui no mês que vem.

— E quando é que a criança vai nascer, doutor?

— A criança não vai nascer de parto natural. Teremos de tirá-la.

O rosto dela continuou impassível. Sabia disso antes dele.

— Quando, doutor?

— Em novembro ou dezembro. Não poderemos deixá-la assim durante os nove meses.

— Obrigada, doutor — disse ela, calmamente.

O médico saiu então, seguido pelos dois internos em silêncio.

Katti levantou-se lentamente e pegou as roupas. Não era tão ruim assim. Poderia trabalhar até outubro. Abriram de repente a cortina e ela se cobriu com o vestido.

Era um dos internos. Sorriu, pedindo desculpas, e disse:

— Desculpe, Sra. Ritchik. Esqueci-me disto — disse ele, sorrindo e pegando o vidro com urina.

Depois, olhou-a e tornou a sorrir timidamente.

— Não se preocupe, Sra. Ritchik. Tudo vai correr bem.

— Obrigada, doutor — disse ela, sorrindo também.

O interno saiu e ela acabou de vestir-se. Depois, saiu e pagou à enfermeira os cinquenta *cents* da consulta cobrados pela clínica. Desceu o corredor até o dispensário e entregou a receita que o médico lhe dera.

Enquanto esperava que aviassem a receita, ficou pensando no que iria dizer a Marja. Ela certamente não compreenderia. Tomaria isso como outra afronta e ficaria magoada.

Chamaram-lhe então o nome e ela recebeu o remédio. Comprimidos. Teria de tomar três por dia. Guardou-os na bolsa e saiu. Na rua avistou as torres da St. Augustine.

Resolveu ir falar com o Padre Janowicz. Era um homem muito perspicaz e lhe diria o que devia fazer.

9

Marja sentou-se na grama e levantou as pernas, passando os braços em torno dos joelhos. Ficou olhando para o rio Hudson. Já estava escurecendo e as luzes se acendiam como vaga-lumes na margem de Nova Jersey. Um doce vento tépido lhe agitava os cabelos.

— Tenho de conseguir um emprego no verão — disse ela de repente.

— Por quê? — perguntou Ross, olhando para ela.

— Porque estamos precisando muito de dinheiro. O velho lá de casa gosta tanto de cerveja que nem pensa em trabalhar. Minha mãe trabalha à noite. O que temos não dá para viver.

— Que é que sabe fazer? — perguntou Ross, com curiosidade. — Que espécie de emprego você quer?

— Não sei — respondeu ela com franqueza. — Nunca pensei nisso. Talvez me empregue como balconista em alguma loja.

Ele riu.

— Qual foi a graça?

— Pagam muito pouco. No máximo, oito dólares por semana.

— Oito dólares são oito dólares. Muito melhor do que nada.

Ross olhou-a. A irmã dele vivia falando em trabalhar, mas nunca se decidia.

— Está falando sério?

— Claro que estou.

Ross tirou do chão um talo de grama e começou a mordê-lo, pensativamente. Ela às vezes lhe lembrava Mike. Eram ambos tão sérios a respeito de dinheiro. Teve uma ideia.

— Você sabe dançar?

— Sei, sim.

— Mas sabe dançar bem?

— Muito bem.

Ele se levantou e limpou as calças. Estendeu as mãos para ela e ajudou-a a

levantar-se.

— Venha comigo e vamos ver. — disse ele, dirigindo-se para o carro.

O som levemente desafinado de uma orquestra enchia a estreita entrada. As paredes estavam cobertas de fotografias de mulheres, todas elas com o mesmo sorriso sedutor nos lábios. Debaixo das fotografias havia uma legenda:

"VENHA DANÇAR COMIGO. DEZ CENTS APENAS".

O som da música aumentou quando Marja seguiu Ross pela escada acima. No alto da escada, havia uma pequena bilheteria, em frente à qual Ross parou.

— Duas — disse ele, colocando uma nota de um dólar em cima da pequena prancha do guichê.

Ross pegou as duas entradas e levou Marja para o salão de danças. Era comprido e estreito, com as paredes pintadas de um azul encardido. A iluminação era fraca. A orquestra que ficava nos fundos havia terminado um número. Alguns pares, que tinham ficado no meio do salão, retiravam-se para junto das paredes. Algumas mulheres estavam sentadas às mesas perto da porta. Tinham olhado prontamente quando Ross entrara, mostrando automaticamente no rosto sorrisos que logo se apagaram quando viram que ele não estava sozinho.

À direita, havia um balcão comprido e estreito e várias filas de mesas. Ross levou-a para uma delas e os dois se sentaram. Um garçom apareceu imediatamente.

— Cerveja — disse Ross sem levantar a vista. — E você?

— Coca.

O garçom saiu e nesse momento a orquestra recomeçou a tocar. Era um foxtrote lento.

— Está disposta? — perguntou Ross.

— Estou sempre disposta — respondeu ela, com seu estranho sorriso.

— Vamos dançar então.

Ross tinha o rosto quente e vermelho quando a levou de volta à mesa. Não tinha mais dúvida alguma de que ela soubesse dançar e muito bem. Seguia-o

como se fosse parte dele. Seu ritmo era bom e, embora outras garotas dançassem mais coladas e o apertassem mais, nenhuma ainda lhe dera aquela impressão de estarem flutuando dentro da música que os unia.

— Então? — perguntou ela quando ele pegou o copo de cerveja e tomou um bom gole.

— Sabe dançar de fato. Onde foi que aprendeu?

— Ninguém nunca me ensinou — disse ela, sorrindo.

Houve silêncio durante algum tempo. Ela estava esperando que ele falasse.

— As garotas aqui fazem entre vinte e cinquenta dólares por semana.

— Só para dançar? — perguntou ela, com um tom de ceticismo na voz.

Ele hesitou e murmurou:

— A maior parte.

— Devem fazer com dança uma média de vinte dólares — calculou ela.

Ele assentiu com a cabeça, observando-a atentamente.

Ela tomou um gole do refrigerante e disse:

— Não é preciso ir a outro lugar? Só para dançar?

Ele meneou a cabeça afirmativamente.

— É muito dinheiro — murmurou ela.

De repente, ficou revoltado consigo mesmo. Jogou uma nota em cima da mesa e levantou-se, dizendo:

— Vamo-nos embora.

Marja levantou-se em silêncio. Nisso, uma voz de homem ressoou às suas costas.

— Há tempo não o vejo, Ross! Por onde tem andado?

Ela se voltou, assustada. Atrás dela, estava um homem alto, grisalho, de olhos escuros, que sorria.

O homem olhou para ela e tornou a falar antes que Ross tivesse tempo de responder-lhe.

— Não é preciso explicar nada. Sei agora por que é que você não liga mais para as minhas garotas.

Marja sorriu e olhou para Ross, cujos olhos estavam frios.

— Alô, Joker — disse ele. Hesitou um instante e então fez as apresentações. — Joker Martin. Marja Flood.

— Venha até o bar, Ross. Quero oferecer-lhe um drinque.

— Não, Joker, muito obrigado. Temos de ir saindo.

— Há quatro meses que não vejo este camarada — disse Martin, pegando no braço de Ross e olhando para Marja —, e quando aparece é com essa pressa toda. Diga-lhe que não faz mal tomar um gole rápido comigo.

Marja sorriu. Era lisonjeiro aquele homem pensar que ela podia mandar em Ross. Era quase como se pensasse que ela era a garota dele.

— Está bem, Joker — disse Ross. — Um só e rápido.

Os homens quiseram cerveja e Marja pediu outro refrigerante. Martin voltou-se para ela e disse:

— Devia zangar-me com você, moça, Ross sempre foi um dos meus melhores fregueses e não me conformo com o desaparecimento dele. Mas, depois de vê-la, não posso censurá-lo.

— Joker é o dono disto aqui, Marja — explicou Ross. — Vive pensando em dinheiro.

— E quem não é assim? — perguntou Marja, levantando os olhos para o homem grisalho.

Joker riu e disse, batendo-lhe no ombro:

— Menina inteligente. Nem todo mundo pode ser rico como o nosso amigo aqui. — Pela primeira vez, Marja notou-lhe os olhos vivos e observadores. — Está procurando emprego, menina?

Antes que ela dissesse alguma coisa, Ross atalhou a conversa.

— Não, Joker. Ela ainda está na escola.

Marja ficou ajuizadamente em silêncio, bebendo o seu refrigerante.

— Foi bom você ter aparecido — disse Martin. — Temos algumas novidades agora.

— Por exemplo?

— Dados e roleta na sala atrás do meu escritório. Fiz alguns contatos e isso agora é permanente. Tudo muito bom e correto.

A voz de Ross era calma, mas havia nos seus olhos um brilho diferente.

— Talvez eu apareça por aqui alguma noite para dar uma espiada.

— Venha. E traga a moça para dar-lhe sorte. Será sempre bem recebida aqui.

— Muito obrigada, Sr. Martin — disse ela, sorrindo para ele.

Acabaram os drinques, e Joker levou-os até a porta. Sua voz forte ressoou na estreita entrada.

— Tive muito prazer em vê-lo, Ross. Veja se não some de novo.

A música da orquestra ainda os seguia pela rua até perder-se no rumor do tráfego.

— Para onde vamos agora? — perguntou Ross, saindo com o carro.

— Não sei, Ross. Quem está dirigindo é você.

Ele a olhou rapidamente pelo canto dos olhos. Gostaria de saber em que ela estava pensando.

— Quer ir até minha casa para comermos alguma coisa? — perguntou ele.

— E sua família? Não vai ficar aborrecida?

— Foram todos passar o fim de semana fora.

— OK — disse ela.

— Boa noite, Sr. Drego — disse o porteiro.

— Boa noite, Sr. Drego — disse o ascensorista que os levou para cima.

Pouco se disseram até saírem do elevador. A porta do apartamento ficava bem em frente, e Ross tirou a chave do bolso.

Abriu a porta e segurou-a para Marja passar. Em seguida, fechou a porta e estendeu a mão para acender a luz.

Ela segurou-lhe a mão e disse:

— Passamos a tarde toda juntos; você ainda não me beijou uma só vez.

Ele a olhou na penumbra, tentando ver-lhe a expressão do rosto. Mas nada disse.

— Está zangado comigo, Ross? Por quê? Fiz alguma coisa errada? Disse

alguma coisa?

Ele abanou a cabeça em silêncio. Não podia dizer-lhe que estava zangado consigo mesmo por tê-la levado àquele *dancing.* Com aquela turma ela não teria a menor oportunidade. Fariam dela uma prostituta em menos de uma semana. E isso ele não queria, por mais que ela precisasse de dinheiro.

Ela estava muito junto dele e beijou-o de leve no rosto.

— Não fique zangado comigo, querido — sussurrou ela.

Ross encostou-se na porta, segurou-a pelos ombros e puxou-a. Ela veio sem resistência e ele a beijou.

Ela fez sanduíches e café. Levou tudo para a sala de estar e ali comeram sentados no sofá com o rádio ligado e a sala iluminada apenas por um pequeno abajur num canto.

Quando acabaram, ela se recostou nas almofadas e deu um suspiro de contentamento.

— Estava com fome — murmurou.

Ele sorriu e acendeu um cigarro.

— Dê esse para mim, sim? — disse ela, estendendo a mão.

Ele passou-lhe o cigarro e ela começou a fumar, com os olhos fechados e deixando a fumaça sair-lhe lentamente pelos lábios.

— Você nem sabe a sorte que tem — murmurou ela.

— Por quê?

— Você devia ver onde é que eu moro. Compreenderia então o que quero dizer. Tudo aqui é muito tranquilo. Não se ouve o barulho da rua. Não há mau cheiro do pátio. Não há a algazarra dos vizinhos.

Ross não respondeu. Não sabia o que responder. Pegou a bandeja dos sanduíches e levou-a para a cozinha. Quando voltou, Marja estava estendida no sofá, com os olhos de novo fechados.

— Marja — murmurou ele.

Ela não respondeu. Seu peito subia e descia com sua respiração calma. Ross sentou-se no sofá e então ela abriu os olhos.

— Estava dormindo — disse ela.

— Eu sei.

— Que horas são?

— Quase dez horas.

Ela se levantou de súbito e disse:

— Acho que é melhor eu ir andando.

Ross pegou-a pelos ombros e disse:

— Sabe que estou louco por você, Marja?

Ela moveu a cabeça, fitando-o bem nos olhos.

— Gosta de mim, Marja?

Ela lhe viu o rosto pálido e suplicante e disse:

— Você é a pessoa mais simpática que eu conheço. Claro que gosto de você!

— Não é isso que eu quero dizer! — exclamou ele, agarrando-a e beijando-a violentamente. — Quero você, entende? Você sabe disso, você sente isso. Quero saber é se você me deseja também do mesmo jeito.

Ela o olhou durante algum tempo e afinal disse com voz bem calma:

— Ainda que o queira, Ross, nada posso fazer. Sou virgem e, se eu ceder, ficarei em dificuldades e isso não quero.

— Mas há meios...

— Nem sempre dão resultado. Farei tudo o que você quiser para que fique feliz, Ross, mas isso não posso fazer.

— Tudo? — perguntou ele, arregalando os olhos.

— Tudo.

Ele tomou-a nos braços e os dois caíram juntos no sofá. Ross fechou os olhos. Ouviu o farfalhar das roupas de Marja e, depois, um seio quente e firme em sua mão. O desejo dentro dele era intenso e cruciante. Encostou a cabeça no peito dela e murmurou, quase chorando:

— Ajude-me, Marja! Por favor, me ajude!

— Vou ajudá-lo, sim, Ross querido. Fique quieto.

10

— Ande depressa, Mike. O *Times* está chegando!

Era a voz de Riordan, o homem da banca de jornais. Mike saltou do banquinho e correu para o passeio. O caminhão do *Times* estava dobrando a esquina. Mike olhou automaticamente para o relógio na vitrina da loja em frente. Dez e meia. Havia apenas o tempo suficiente para arrumar os jornais para os fregueses que sairiam do teatro da 86th Street pouco depois das onze.

O homem do caminhão pegou um maço de jornais.

— Está bem grande hoje. Doze seções.

Mike não respondeu. Não tinha importância. De semana para semana, os jornais ficavam maiores. Levantou uma pilha até os ombros e carregou-a para a banca, deixando-a cair com um baque surdo no passeio. Voltou então para pegar o resto do caminhão.

Quando chegou com a segunda pilha, a mulher de Riordan, magra e nervosa, já estava cortando com um alicate os arames da primeira pilha.

— Ande depressa, Mike, que temos muito pouco tempo — disse ela.

O suor estava começando a empapar-lhe a camisa e ele a tirou, pendurando-a num prego. Os músculos brilhavam suados à luz amarelada. As seções estavam todas separadas. Começou então a casá-las rapidamente, amontoando os jornais prontos numa pilha bem arrumada.

Outros jornais começaram a chegar e o ritmo de trabalho da noite foi se acentuando. Só depois de uma hora da madrugada conseguiu alguns minutos de descanso.

Sentou-se numa pilha de jornais, acendeu um cigarro e fechou os olhos, contente. Estava cansado.

Havia trabalhado no elevador do edifício durante toda a tarde. O ascensorista estava doente e ele provavelmente teria de fazer a mesma coisa no dia seguinte. Esperou que a noite passasse depressa.

— Olá, Mike!

Abriu os olhos e viu Ross diante dele, sorrindo. Sorriu também e disse:

— Pensei que estivesse fora com sua família.

— Não fui com eles, não. Tinha o que fazer.

— O quê, por exemplo? — disse Mike.

— Aquela lourinha ali, por exemplo — respondeu Ross, apontando para o carro, encostado ao passeio.

Mike olhou para o carro, mas o rosto da garota estava na sombra e ele não pôde vê-la.

— Eu bem que desconfiava de que havia alguma malandragem, Ross.

O rosto de Ross ficou vermelho.

— Malandragem, não, Mike. Você nem conhece a garota e não deve falar assim.

Mike olhou-o, surpreso. Ross devia estar mesmo apaixonado, pois nunca o vira agir assim. Procurou ver de novo a garota, mas a luz não era suficiente.

— Vamos até o carro que eu quero apresentá-lo, Mike.

— Para quê? — disse Mike, sacudindo a cabeça. — Todas as mulheres são iguais. Quem vê uma, vê todas. — Jogou fora o cigarro, que foi cair espalhando fagulhas à frente do carro. Em seguida, levantou-se e perguntou: — Quer os seus jornais?

Ross meneou a cabeça, sem falar.

Mike foi buscar alguns jornais. Ross recebeu-os e pagou com algumas moedas.

Nisso, ouviu-se na banca a voz de Riordan.

— Traga alguns *Americans*, que estão acabando, Mike.

Mike apanhou automaticamente uma pilha de jornais. Quando se levantou, viu Ross voltando para o carro. Olhou-o um instante e pensou que alguns, como seu amigo, levavam uma vida fácil demais, não tendo com que se preocupar. Levou no ombro a pilha de jornais para a banca.

Ross entrou no carro e estendeu a mão para o botão de partida. O motor pegou logo e ele saiu com o carro pela rua.

— Seu amigo não gosta de mim — murmurou Marja.

— Isso é impossível, Marja. Ele nem a conhece.

— Ouvi bem o que ele disse.

— É que ele deve estar cansado. Não costuma ser assim.

— É esse que é Mike? — perguntou Marja, depois de haverem rodado durante algum tempo em silêncio. — O que não quis ir conosco naquela tarde?

— Ele mesmo.

Marja pensou no aspecto de Mike ao aparecer ali na banca. O suor lhe dava aos braços um brilho oleoso e os músculos das costas e dos braços se mostravam salientes e rígidos.

— Ele se julga muito importante, não é? Melhor do que nós, com certeza... — murmurou ela, sarcasticamente.

Ross prudentemente não respondeu. Não queria envolver-se em discussões inúteis. Além disso, pouco lhe importava o que Marja e Mike pensassem um do outro.

— Talvez algum dia eu lhe mostre uma coisa — murmurou Marja.

Ross olhou-a surpreso, mas logo compreendeu. Ainda estava pensando no que Mike dissera.

Katti havia se dirigido para os bancos da frente da igreja como de costume, mas Marja agarrou-lhe o braço.

— Não há lugar lá na frente, mamãe. Vamos ficar aqui.

Katti entrou no banco para onde Marja a havia encaminhado. Só estava pensando no que lhe dissera ainda outro dia o Padre Janowicz. Ela devia contar tudo a Marja o mais depressa possível. Era a única maneira de deixar de preocupar-se com isso.

Havia um rapaz sentado no banco. Katti murmurou desculpas ao passar por ele. Sentou-se pesadamente no banco e inclinou a cabeça para a frente, pois a missa estava começando.

Fechou os olhos e pediu fervorosamente a Deus que fizesse tudo correr bem, fazendo Marja compreender e Peter conseguir um emprego. Rezou por todos, menos por ela. Quando a missa terminou, olhou para Marja.

Havia um leve rubor no rosto da moça e um toque de contentamento no eco de sorriso que lhe franzia os cantos da boca. Fora bom ter conseguido levar Marja à missa com ela.

Os fiéis estavam saindo, e Katti empurrou Marja para saírem. Olhou para o

rapaz ao passar por ele. Havia gotas de suor na sua testa. Fazia muito calor naquele dia na igreja.

Marja ficou um pouco para trás e ela se voltou, ficando à espera de que a filha a alcançasse. Marja estava com os olhos cintilantes quando tomou o braço da mãe.

Katti olhou demoradamente para a filha. Havia muito não via Marja tão feliz. Ficava verdadeiramente linda quando sorria, e Katti resolveu falar-lhe da gravidez só no dia seguinte.

Não queria por nada apagar do rosto de Marja aquele sorriso de felicidade.

11

Saiu do elevador e sentou-se no banco do *hall*. Apanhou o livro de matemática e abriu-o. Não estava tão cansado naquela tarde como havia esperado. Dormira desde as dez horas, quando chegara da igreja, até quase as quatro horas, quando a mãe o chamara.

Virou a página lentamente. Não se incomodava de trabalhar no elevador nos domingos à tarde, pois quase não havia movimento e ele podia tratar dos seus estudos.

Ouviu passos que atravessavam o *hall* e entraram no elevador. Não levantou os olhos. Queria acabar de ler o enunciado daquele problema.

Ouviu uma voz suave no elevador, a qual lhe era vagamente conhecida.

— Até hoje, Mike?

Ele largou o livro, assustado.

Ela estava no elevador, sorrindo para ele. Os cabelos muito claros brilhavam como ouro à luz das lâmpadas.

— Quer me levar? — perguntou ela.

Ele se levantou prontamente, consciente de um estranho tremor íntimo. Entrou no elevador, fechou a porta e perguntou:

— Como é que sabe meu nome?

Ela não respondeu. Limitou-se a olhar firmemente para ele com os lábios entreabertos numa espécie de sorriso, que lhe mostrava os dentes muito brancos

Sem poder sustentar-lhe o olhar, ele virou o rosto, sentindo que estava ficando vermelho.

— Qual é o andar? — perguntou ele, acionando a alavanca.

— Décimo segundo.

Compreendeu então e voltou-se para ela, dizendo:

— Você é a garota de Ross.

Ela não respondeu, olhando-o impassivelmente.

Mike parou o elevador entre dois andares e voltou-se para ela.

— Você é a garota de Ross, não é?

— Sou mesmo? Você devia saber. Você é técnico em garotas. Sabe que quem vê uma, vê todas.

Ele ficou muito vermelho. Ela o ouvira naquela noite. Não era de espantar que estivesse agindo assim. Era a única maneira que tinha de vingar-se. Baixou os olhos para o chão e murmurou:

— Desculpe.

Ela não disse nada, e ele insistiu:

— Estou pedindo desculpas.

— Ouvi muito bem.

— Podia ao menos dizer alguma coisa — exclamou ele, com alguma hesitação.

— Bravos! — exclamou ela, sorrindo. — Que é que está esperando ainda? Que eu bata palmas?

Encostou-se à parede do elevador. Sabia como se devia tratar gente assim. Olhou-a cuidadosamente da cabeça aos pés. Isso sempre as desconcertava. Não havia mulher alguma que gostasse de ser olhada assim.

Ela não falou e quando os olhos de Mike voltaram ao seu rosto ele não viu nela o menor traço de confusão.

— Ross tinha razão — disse ele rudemente. — Você nasceu para isso.

— Obrigada — disse ela secamente. — Precisava mesmo que me dissesse. Estava começando a ficar preocupada.

Mike sorriu. Readquirira a confiança em si mesmo. Ela não passava de uma garota vulgar como tantas outras. Avançou e tomou-a nos braços.

Ela sorriu e não fez a menor menção de resistir. Olhou para o rosto dela e viu que os olhos estavam cintilantes. Curvou-se para beijá-la.

Sentiu a mão dela mover-se atrás das suas costas e de repente sentiu o chão do elevador fugir-lhe dos pés. Ficou um instante atônito e paralisado. Em seguida, teve uma exclamação de raiva e segurou a alavanca do elevador.

Aplicou o freio, esperando que funcionasse. Ela havia levado a alavanca à velocidade máxima. Ouviu o ranger das engrenagens, e o carro parou.

— Para que fez uma coisa dessas? — disse-lhe, furioso. — poderíamos

morrer, sabe disso?

Havia no rosto dela uma exaltação que ele nunca vira em ninguém e nenhuma sombra de medo.

— Sério? — perguntou sarcasticamente. — Teria sido uma pena.

Mike acionou a alavanca e o elevador voltou a subir. Afinal, parou no andar de Ross e ele abriu a porta.

— Obrigada, Mike — disse ela, sorrindo polidamente.

— De nada — respondeu ele, com polidez.

Conservou a porta aberta enquanto ela se afastava pelo corredor. Ficou a olhá-la pelo espelhinho da porta do elevador. A garota tinha um andar de rainha e sabia disso.

Viu-a parar diante da porta de Ross e tocar a campainha. A porta se abriu quase imediatamente, e Mike viu o sorriso de Ross e ouviu a sua voz:

— Entre, Marja. Estava à sua espera.

A porta do apartamento se fechou. Mike ainda ficou ali um instante. Por fim, fechou a porta do elevador e desceu. Sentou-se de novo no banco e pegou o livro de matemática.

Mas não conseguiu concentrar-se. Ela continuava à sua frente. Fechou zangadamente o livro. Não adiantava. Não podia deixar de pensar nela.

Ainda a via caminhar pelo corredor. Via o sorriso de Ross e ouvia as palavras com que a recebera. Levantou-se e voltou ao elevador.

Foi só quando parou no andar de Ross que compreendeu. Pela primeira vez na vida, tinha ciúmes de uma mulher.

A campainha do elevador tocou. Mike levantou-se e olhou para o quadro. Era do décimo segundo que estavam chamando. Subiu.

Esperou que ela embarcasse para falar.

— Desculpe, Marja. Eu a havia julgado mal.

Ela o olhou ceticamente.

— Estou falando sério, Marja. Não devia tê-la tratado tão grosseiramente.

A dúvida começou a desaparecer dos olhos dela, e Mike notou então como

eram profundos e sombrios aqueles olhos.

— As coisas não são fáceis para mim como são para Ross — continuou ele. — Ross é brilhante e direto. Tudo o que eu consigo é à custa de muito esforço.

Ela teve um sorriso cordial e sincero.

— Também não fui muito delicada. Estamos quites.

Ele estendeu a mão.

— Amigos então?

Ela apertou a mão, sorrindo.

— Amigos.

Ele olhou a mão dela, que desaparecia dentro da sua, e perguntou:

— Você é mesmo a garota de Ross?

— Ross é bom para mim. Muito bom mesmo. É bem diferente dos outros rapazes, não sei se me compreende.

— Ross é um ótimo rapaz — murmurou Mike, que acrescentou, ainda segurando a mão dela: — Quer ir um dia a um cinema comigo?

Ela moveu a cabeça em silêncio, com os olhos nos olhos dele. Marja sentia que alguma coisa estava acontecendo. O contato da mão dele era uma sensação que até aquele momento ela não havia experimentado. Conhecia muitos rapazes, mas nenhum ainda a perturbara como ele. Tinha sempre certeza dos seus sentimentos a respeito deles. Mas aquilo era diferente. Era outra espécie de sentimento, como se fosse uma fraqueza que a dominava toda.

Ele se aproximou dela e ela estendeu a boca. Até o beijo era diferente. Era quente e suave, delicado e ávido e tremendamente dominante. Ela fechou os olhos. Era como se estivesse flutuando dentro da água quente e preguiçosa. Podia sentir o calor que lhe subia pelo corpo. Compreendeu instintivamente o que era. Aquilo não era um jogo como com os outros. Dessa vez, fora colhida. O que sentia era o começo do desejo.

Afastou-se dele com o rosto afogueado.

— Leve-me para baixo — disse ela em voz baixa e embaraçada.

— Marja — murmurou Mike roucamente.

Ela não olhou para ele.

— Faça o favor de descer — disse ela, sem saber direito o que havia com

ela. Estava contente, mas, apesar disso, tinha vontade de chorar.

Mike virou-se e acionou o elevador. Nada disseram até chegarem ao *hall*. Mike abriu a porta e perguntou:

— Posso vê-la de novo?

— Se quiser — disse ela.

Em seguida, saiu apressadamente do elevador e do edifício, como se estivesse fugindo.

Subiu lentamente as escadas para o apartamento. Não estava se entendendo. Os rapazes eram todos iguais. Eram apenas um jogo com que ela se divertia. Eram instrumentos impessoais, como a bola com que se jogava vôlei. Divertiam-na e davam-lhe uma impressão de energia, de força, de superioridade. Com Mike, era diferente. E ela não sabia por quê.

Ouviu o barulho de alguém que vomitava no quartinho do corredor. Olhou para a porta fechada, imaginando quem estaria se sentindo mal. Era uma das coisas que mais a revoltavam naquela casa. Não se podia nem passar mal particularmente, pois o banheiro ficava no corredor.

Nisso, a porta do banheiro se abriu e o padrasto apareceu. Viu-a na porta da cozinha e disse-lhe:

— Apanhe depressa um copo de água para sua mãe; ela não está passando bem!

Ela encheu rapidamente um copo de água na pia e voltou para o corredor. A porta do banheiro estava aberta e ela viu a mãe, encostando-se muito agoniada à parede, enquanto o padrasto a sustentava.

Peter tomou o copo e levou-o à boca de Katti. Esta lavou a boca, cuspindo a água no vaso e, depois, bebeu devagar o resto da água.

— Que é que há, mamãe? — perguntou então Marja.

— Nada... Senti-me enjoada.

— Mas... — murmurou Marja, admirada.

A mãe tinha um estômago de ferro. Nunca enjoara, a não ser quando estivera esperando Peter. Não podia ser de novo isso. O médico havia dito que ela não podia.

— Está bem, mamãe?

Katti assentiu com a cabeça. Ia dizer alguma coisa, mas o marido falou por ela.

— É claro que está bem — disse ele, rudemente. — Não há nada demais em uma mulher grávida vomitar.

— Não, mamãe! — exclamou Marja, sem acreditar. — O médico disse que era muito perigoso.

— Nem sempre a gente deve acreditar nos médicos — disse Katti, tentando sorrir. — A profissão deles é assustar os outros.

— Vai ser outro menino— disse Peter, orgulhosamente. — Já calculei tudo.

— Calculou tudo, não foi? — disse Marja, friamente.

— Claro! — disse ele, sorrindo.

— Veja então se calcula também como é que vamos comer quando mamãe parar de trabalhar. E calcule também como é que vai conseguir a sua cerveja, porque não sou eu quem lhe vai dar.

— Marja! — gritou Katti. Mas era muito tarde. Ela já havia desaparecido e estava descendo rapidamente as escadas.

Katti voltou para o apartamento, sentindo-se muito fraca. Queria deitar-se um pouco. Talvez depois se sentisse melhor e aquela depressão desaparecesse. O Padre Janowicz tinha razão.

Devia ter tido a coragem de contar tudo a Marja. Talvez assim a filha tivesse compreendido.

12

—Joker está com uma casa de jogo no salão dos fundos — disse Ross.

Mike levantou os olhos e viu no rosto do amigo o brilho de exaltação que já conhecia.

— E daí? — perguntou Mike.

— Acho que vou até lá, Mike.

— Já se esqueceu do que seu pai disse? Se se meter ainda em alguma encrenca, ele o mandará para o interior pelo resto do verão.

— Não vou me meter em encrenca nenhuma. Estou apenas com vontade de jogar um pouquinho.

— Foi o que você disse da outra vez, e seu pai ficou furioso quando teve de ir tirá-lo da cadeia.

— Ele não vai saber — disse Ross, lembrando-se da vez em que tinha sido preso com uma turma que estava jogando dados nos fundos de uma garagem. — Joker diz que está bem protegido.

— Então vá— disse Mike. — O que acontecer será por sua conta e risco.

— Queria que você fosse comigo, Mike.

— Para quê? Não tenho dinheiro.

— Vou levar Marja e não quero que aquela gente comece a assediá-la assim que virar as costas.

— Por que não a deixa em casa então? — perguntou Mike com novo interesse.

— Não. Acho que ela vai me dar sorte — disse Ross, com o fingido desdém do jogador pelas suas superstições. — Acho que vou ganhar muito com ela ao meu lado.

— Você está é louco — murmurou Mike. ;

— Tem coisa melhor para fazer?

Mike abanou a cabeça. Estava pensando em Marja. Fazia mais de uma semana desde que a vira no elevador. Ainda não tivera coragem para procurá-la de novo.

— Vamos, então. Você precisa viver um pouco, Mike. Quer passar o resto da vida com o nariz metido dentro dos livros?

— Está bem, Ross.

Marja estava esperando no carro. Arregalou os olhos de surpresa quando viu Mike aproximar-se. Ross abriu a porta do carro.

— Há muito que espero reunir os dois — disse ele. — Marja, meu amigo Mike. Mike, esta é minha garota.

O rosto de Marja ficou vermelho, mas ela sorriu e estendeu a mão.

— Tenho ouvido falar muito em seu nome — disse ela, quase cerimoniosamente.

Mike ficou um pouco embaraçado, mas seguiu a sugestão dela.

— Também eu tenho ouvido falar no seu — disse ele, apertando-lhe a mão, que vibrou visivelmente ao seu contato. Retirou prontamente a mão.

— Chegue mais para cá — disse Ross, entrando no carro. — Mike vai conosco.

Nem Marja, nem Mike falaram até chegarem à porta do *dancing*. Conseguiram uma mesa peno da pista de danças. Eram quase nove horas e o salão estava bem cheio.

Ross pediu cerveja para si e Mike e um refrigerante para Marja. Correu a vista em torno, com os olhos cintilando.

— Vou cumprimentar Joker e saber a que horas o jogo começa.

— Com certeza, vai começar mais cedo do que devia — resmungou Mike. — Por que não dança antes com sua garota?

— Não. Dancem vocês dois. Vou ver primeiro como estão as coisas.

Marja levantou-se e Mike olhou-a, surpreso.

— Então? — disse ela, sorrindo.

Mike levantou-se e levou-a para a pista. A orquestra estava tocando um fox ligeiro. Sentiu-se estreitado, quando ela entrou no círculo dos seus braços. Tropeçou quase imediatamente, pisando-lhe o pé.

— Desculpe — murmurou ele com o rosto vermelho.

— Calma — disse ela, sorrindo. — Não vou comê-lo.

Dançaram durante algum tempo em silêncio e ela tornou a falar.

— Pensei que fosse procurar-me.

— Tenho andado muito ocupado. Além disso, você é a garota de Ross.

— Nunca lhe disse isso.

— Mas ele disse e você não contestou.

— Não posso impedi-lo de dizer o que quiser. E você não disse que me conhecia.

— De qualquer maneira, você não disse nada. E tenho a impressão de que não quis dizer.

A música parou, e ela se afastou dele. Mike seguiu-a até a mesa. Ela parou diante de Ross e disse:

— Quero cerveja.

— Está bem, menina, está bem — disse Ross, sem olhar para ela, voltando-se para uma porta nos fundos do salão.

Mike puxou a cadeira para ela, e ela se sentou. Depois, empurrou o seu copo para ela.

— Beba este. Vou pedir outro copo para mim.

Ela pegou o copo e tomou um bom gole. Mike ficou pensando no que teria dito que a fizera zangar-se.

— Então? — perguntou ele a Ross.

— Estou esperando. O garçom ficou de vir avisar-me.

— Avisá-lo de quê? — perguntou Marja, admirada. — Pensei que tínhamos vindo dançar.

Ross olhou para ela quase como se fosse uma estranha.

— Explique-lhe, Mike — disse ele, com um gesto displicente.

Mike sentiu a raiva crescer-lhe dentro do peito. Ross não mudava. Sempre deixava o desagradável para os outros fazerem.

— Explique você — disse ele.

Ross olhou para ele, com os olhos subitamente brilhantes.

— Que é que há com vocês dois? — perguntou ela.

Não responderam e ele disse a Marja:

— Vim para o jogo de que Joker me falou. É só isso.

Marja levantou-se num repelão.

— Para que me convidou então? Por que não disse logo?

Ross agarrou-a pelo braço e disse com um sorriso:

— Quis que você viesse para dar-me sorte. Tenho a impressão de que você vai dar certo comigo.

— E Mike? Você só o trouxe para tomar conta de mim?

— Foi, sim, Marja. Acha que eu iria facilitar com esse pessoal daqui? Mike, ao menos, é meu amigo e sei que posso confiar nele.

Mike olhou para ele e disse com um leve sorriso.

— Não tenha muita certeza disso, Ross.

— Que quer dizer com isso? — perguntou Ross, fechando a cara.

— Você disse a verdade. Ela é mesmo formidável.

— Está bem, rapazes — disse Marja, sentando-se. — Podem começar a lutar por minha causa.

Os três começaram a rir, muito satisfeitos.

A testa de Ross estava visivelmente perlada de suor quando ele pegou os dados. Estendeu os dados para Marja na palma da mão e disse:

— Sopre para dar sorte, menina.

Marja soprou.

— Veja se ganha — disse ela, olhando para a pilha de dinheiro que diminuía diante de Ross. Ele não ia bem no jogo e ela calculou que já estivesse perdendo uns quarenta dólares.

— Sopre com mais força disse ele numa voz carregada de tensão, aproximando mais os dados dos lábios dela.

Marja tomou fôlego profundamente e soprou na mão dele. Notou como ele alisava os dados com os dedos. Abriu os dedos por um segundo e ela parou de soprar, olhando para ele, com os olhos arregalados.

Por uma fração de segundo, os olhos dele ficaram frios e, em seguida, ele sorriu. Mas sabia o que ela havia visto.

— Obrigado, menina — disse ele, virando-se para a mesa.

Ela ficou imóvel, observando a mesa. Parecia impossível que ninguém tivesse visto. Compreendeu então. Ross tinha sido esperto. Os outros jogadores estavam com os olhos fitos nela.

— Vamos, dadinhos — exclamou Ross, com voz áspera. Os cubos saíram rolando pelo pano verde, bateram na borda e voltaram. Rolaram, rolaram e afinal pararam. Era o maior ponto possível no jogo. Ross puxou o dinheiro com uma das mãos e com a outra pegou os dados. Começou a sacudir os dados na mão.

— Casem logo o dinheiro! — gritou ele. — Casem logo antes que minha sorte acabe!

Começou a fazer as apostas, e Marja se afastou da mesa, indo para onde estava Mike, que, encostado à parede, os observava. Sorriu quando ela chegou.

— Você dessa vez deu sorte.

Ela não teve qualquer expressão no rosto. Mike tampouco vira Ross trocar os dados.

— Para mim, chega. Quero ir embora — disse ela.

— Mas Ross ainda não acabou.

— Não faz mal. Quero ir.

— Vou dizer a Ross.

— Não. Deixe-o — disse ela, segurando-lhe o braço. Olhou para a mesa. Ross ganhara de novo e havia no seu rosto um ar de ardente exultação. — Ele já conseguiu o que veio procurar.

— Houve alguma coisa, Marja?

— Não. Apenas quero sair daqui.

— Está bem — disse ele, tomando-lhe o braço. Gritou então: — Já vamos, Ross.

O outro deu adeus displicentemente. Talvez nem tivesse compreendido o que Mike dissera. Estava sacudindo de novo os dados.

A orquestra estava tocando quando chegaram ao salão de danças.

— Quer dançar? — perguntou Mike.

Ela sacudiu a cabeça e continuou a andar. Um homem bloqueou-lhe a passagem e disse:

— Alô, beleza.

Ela não o olhou. Virou-se para o lado para passar, mas o homem tornou a fechar-lhe o caminho.

— Está fugindo dos amigos? — perguntou ele.

Ela levantou os olhos e viu Joker Martin.

— Estou cansada e vou embora — disse ela secamente.

O sorriso desapareceu dos lábios de Martin. Ele olhou para Mike, e este encolheu os ombros. Martin deixou-a passar, mas estendeu a mão em frente dela.

Marja parou.

— Não sei o que é que há com você — disse Joker. — Mas quando isso passar, tenho um lugar à sua espera aqui.

Pela primeira vez, ela mudou de expressão e disse:

— Obrigada, Sr. Martin. Olhe que posso aparecer e cobrar-lhe a promessa.

Em seguida, virou-se e começou a descer a escada.

13

— Obrigada por ter me trazido — disse a Mike, parando à porta de sua casa.

— Foi um prazer — disse Mike, sorrindo.

— Não tive a intenção de estragar sua noite.

Quando ela já ia entrando, Mike perguntou:

— Quando é que vou vê-la de novo?

— Não sei.

— Por quê? — perguntou ele, aproximando-se dela. — Porque é a garota de Ross?

— Não sou a garota de Ross, já lhe disse.

— Quando posso ver você?

— É difícil dizer. Termino o curso na semana que vem e tenho de procurar emprego.

Mike sentiu uma pontada de ciúme e disse sarcasticamente:

— Enquanto isso, irá procurar Ross. Ele tem dinheiro para gastar.

— E não vou procurar Ross. Ele pode pegar o dinheiro dele e fazer o que bem quiser. Pode dizer a ele que eu disse isso.

— Por que eu? Diga você mesma.

— Sabe muito bem por quê — disse ela friamente. — Vocês dois me levaram para lá, e você certamente sabia o que Ross ia fazer.

— Você também sabia que ele ia jogar dados. Por que vem com isso agora?

— Eu sabia que ele ia jogar, mas não que ia ser um jogo roubado. Não sabia que ele ia trocar os dados.

— Trocar os dados?

— Sim, quando ele me pediu que soprasse, sabia que todos estavam olhando para mim e que não prestariam atenção. Não me agrada ser cúmplice dessas coisas.

Mike deu um suspiro, compreendendo afinal por que ela saíra de repente.

— Você pode não acreditar, mas eu também não sabia.

Ela o olhou cheia de dúvidas.

— Não gosto disso também, Marja.

— Não sei. Eu poderia compreender se você jogasse assim porque precisa de dinheiro, mas Ross não precisa de nada.

— Não sabia disso, Marja, acredite — disse ele.

— Está bem — disse ela. — Acredito. Boa noite.

— Boa noite.

Viu-a entrar, e então tomou o caminho de casa.

Entrou na travessa que levava ao apartamento de sua família, no porão do grande edifício.

Ross surgiu de repente da escuridão.

— Mike!

— Que é, Ross? — perguntou Mike, parando.

— Onde vocês se meteram? Ganhei mais de cento e vinte dólares!

— Marja quis ir para casa.

Ross não deu muita atenção ao que ele disse. Tirou uma maço de dinheiro do bolso.

— Quero dar a sua parte. Vinte dólares são seus.

Mike olhou para a mão estendida de Ross, mas não fez qualquer menção de pegar o dinheiro.

— Que é que há com você? Pegue.

— Não, muito obrigado. Não quero esse dinheiro. É todo seu.

— Não seja bobo. Pegue o dinheiro. Acha que tem veneno?

— Fique com ele, Ross. É todo seu. Foi você que o ganhou.

— Ah! Já sei! — exclamou Ross. — Marja deu com a língua nos dentes.

Mike nada disse, e Ross continuou, rindo:

— Foi muito fácil. Foi quase como tirar um bombom das mãos de uma criança, enquanto eles estavam olhando para Marja debruçando-se sobre a mesa;

foi genial!

Mike continuou calado, e Ross bateu-lhe no ombro.

— Ora, rapaz, tome o dinheiro. Amanhã de manhã, você já estará vendo as coisas de maneira diferente.

— Não quero esse dinheiro! — exclamou Mike, fazendo um gesto brusco. Bateu na mão de Ross e o dinheiro caiu no chão.

— Que é que há com você?

— Nada. Apenas não gostei do que você fez. Enganou a pobre moça. Se você fosse surpreendido, todos nós teríamos de pagar, inclusive ela. Não seria tão agradável assim, não acha?

— Mas ninguém me pegou. Por que toda essa zanga?

Mike não respondeu. Ross se abaixou para pegar o dinheiro.

— Não compreendo por que você ficou assim. Espere aí — disse ele, levantando-se de repente. — Para onde foi que você a levou?

— Para a casa dela, já lhe disse.

— Demorou muito. Estou esperando você aqui há mais de uma hora.

— Fomos a pé. Meu pai nunca me deu um Buick.

— Não passou um instante pelo parque e não a levou para um canto escuro, para fazer uma porção de coisas com ela? A taradinha gosta disso, sabe?

Mike sentiu a cabeça estalar. Agarrou Ross e apertou-o de encontro à parede.

— Não fale dela assim!

— Então eu tinha razão! — exclamou Ross, triunfantemente. — Você ficou caído por ela! A garota é formidável, rapaz! Mas não se deixe enganar por ela. Aquela lá é de todo mundo.

Mike bateu com toda a força da sua raiva. A cabeça de Ross virou para trás e ele começou a cambalear, a boca sangrando. Mike recuou um pouco e disse-lhe:

— Da outra vez, aprenda a calar a boca.

Ross levantou-se e sentou-se no chão. Depois, levou a mão lentamente até a boca. Olhou para Mike, com os olhos fuzilando de raiva, apesar da dor que sentia.

— Você me paga, Mike — disse ele. — E vai me pagar dobrado.

— Quando você quiser!

— Sua hora chegará. Não se preocupe.

— Não estou preocupado — disse Mike, dando-lhe as costas e seguindo para casa.

14

Ross comprou uma porção de tíquetes na porta. Parou um instante à porta do salão de danças para deixar os olhos acostumarem-se à luz. Correu a vista em torno.

Lá estava ela. Mesmo com um daqueles vestidos baratos que Martin fornecia às dançarinas, destacava-se das outras.

Atravessou o salão e parou diante dela.

— Alô, Marja.

— Alô, Ross — disse ela com um olhar no qual não se podia distinguir qualquer expressão.

— Quer dançar? — perguntou ele.

— Tem tíquetes?

Ele abriu a mão e mostrou.

— Então podemos dançar — disse ela, levantando-se e encaminhando-se para a pista.

Colocou-se entre os braços dele como se ele lhe fosse completamente estranho. Pegaram automaticamente o ritmo da orquestra.

— Faz duas semanas que você concluiu o curso, Marja. E faz três semanas que não a vejo.

— O tempo voa, não é? — disse ela sem sorrir.

— Por que fugiu de mim?

— Tenho andado muito ocupada. Preciso trabalhar para viver.

— Você não me deu oportunidade de explicar.

— Você não me deve explicação nenhuma. Você já é um adulto e vive a sua vida como bem quiser.

— Por que então não quer me ver?

Ela o olhou bem nos olhos. Havia nele alguma coisa que lhe lembrava um animal selvagem, indomável e inteiramente egoísta.

— Não gosto de servir de instrumento para os outros — disse ela.

A música parou, e ela tomou a direção das mesas. Ross bloqueou-lhe a passagem com a mão, mostrando-lhe outro tíquete. Ela pegou o tíquete e ficou esperando que a orquestra recomeçasse a tocar para ir então para os braços dele.

— Pensei que gostasse de mim, Marja.

— E gostava. Mas você não foi correto comigo.

— Desculpe. Mas o que fiz deu bom resultado. Ninguém foi prejudicado.

— Eu fui. Fiquei profundamente magoada. Pensei que você fosse diferente.

— Mas aquilo foi quase brincadeira, Marja — disse ele, sentindo-lhe o calor e revivendo todo o seu velho interesse por ela. — Não foi pelo dinheiro. Foi pela emoção.

— Não! Se você ainda precisasse de dinheiro, eu poderia compreender.

— Marja, querida — murmurou ele. Haviam chegado a um canto mais escuro, e ele tentou beijá-la.

— Pare com isso, Ross — disse ela energicamente. — Preciso do dinheiro que ganho aqui.

— Mas, Marja, vou-me embora depois de amanhã e só voltarei daqui a cinco meses. Tenho de ver você antes de viajar.

— Não!

— Por quê?

A música parou de novo, e ela se desvencilhou dos braços dele encaminhando-se para as mesas. Ele pegou-a pelo braço e fê-la rodar violentamente.

— Tome! Tome esses malditos tíquetes. Não fuja de mim toda vez que a orquestra para de tocar.

Ela tomou em silêncio o maço de tíquetes e guardou-os numa bolsinha. A música recomeçou e ela voltou para junto dele.

— Por que é que você não quer me ver?

— Quer mesmo saber? — perguntou ela, encarando-o.

— Quero.

— Pois então ouça: em primeiro lugar, porque não quero; em segundo lugar, porque não tenho tempo. Minha mãe está doente numa cama. Perdeu o emprego, e tenho de tomar conta dela e de meu irmãozinho pequeno durante o

dia. Chega?

— Não — disse ele, rudemente. Ele a levou de novo para o canto escuro e tentou beijá-la. Ela virou o rosto. Ross não a viu fazer sinal com a bolsa. Um momento depois, uma mão forte caiu-lhe sobre o ombro.

Virou-se e viu um dos gorilas que mantinham a ordem no *dandng.* Ao lado dele, estava Joker Martin, sorrindo.

— Proceda direito, mocinho — disse o gorila —, se não quiser ser forçado a sair daqui.

Ross sentiu-se empalidecer. Olhou para Marja e viu que ela estava impassível.

— Se é assim que você quer, está bem, Marja — disse ele e saiu em direção à porta.

— Seu amigo ficou muito zangado — disse Joker Martin, quando ela se dispunha a voltar para as mesas.

— Não é meu amigo!

— Mas vocês estavam tão juntinhos na última vez em que estiveram aqui — disse ele, surpreso.

— Naquele tempo, era diferente. Mas não gostei de uma coisa que ele fez.

— Seria, por acaso, uma troca de dados? — perguntou Martin displicentemente.

A surpresa estampou-se no rosto dela, e ele sorriu.

— Pensa que somos tolos, menina? Somos profissionais. Percebemos imediatamente o que ele havia feito. Calculei que foi por isso que você soprou os dados tão depressa. Você sabia o que ele ia fazer?

— Não.

— Calculei isso também.

— Se sabia de tudo, por que não tomou alguma providência?

— O pai daquele rapaz tem muita influência. Um dia, ele voltará e nós lhe tomaremos o dinheiro com juros. Até lá, podemos esperar. Temos paciência. Eles sempre voltam.

Marja pendurou cuidadosamente o vestido de baile no armário. Depois de

verificar rapidamente o rosto no espelho, saiu apressada pela porta. Era pouco mais de meia-noite. O trabalho não era tão ruim assim durante a semana, pois só ficava de pé umas seis horas. Às sextas e aos sábados era pior, pois nesses dias trabalhava das cinco da tarde até as duas da madrugada.

Saiu para a rua barulhenta e o viu parado e encostado a um carro, à espera dela. Encontrava-o ali todas as noites, desde que começara a trabalhar.

Um sorriso chegou-lhe aos lábios.

— Alô, Mike.

— Alô, menina.

Saíram caminhando juntos.

— Você não precisa me esperar todas as noites, Mike. Posso ir para casa sozinha.

— Mas eu quero.

— Assim você não aguenta. Trabalha naquela banca de jornais doze horas por dia.

— Não me tire a alegria da vida, Marja — disse ele delicadamente. — Quer um café?

— Está bem, mas não se esqueça de que é a minha vez de pagar.

— E você acha que foi por outro motivo que a convidei? — perguntou ele, rindo.

Entraram numa *drugstore,* sentaram-se nos tamboretes altos do balcão, e Mike pediu dois cafés.

— Marja, quer dividir uma rosca comigo?

Ela aceitou e ele fez o pedido ao garçom. Depois perguntou:

— Como vai sua mãe?

— Hoje está melhor, obrigada. A hemorragia já parou, e o médico disse que, se ela continuar como está, poderá levantar-se amanhã.

— Ótimo — disse ele.

Ela ficou em silêncio por um momento, pensando na mãe. Katti estava de cama havia quase uma semana. Um dia, chegara mais cedo do trabalho e começara a perder sangue. A princípio, o médico pensara que se tratasse de um aborto, mas depois tudo se normalizou. O trabalho pesado da limpeza noturna

estava matando-a.

Marja lembrava-se de como a mãe ficara preocupada ao saber do emprego no *dancing.* Mas os vinte dólares que ela ganhava por semana tinham sido uma salvação. Sem isso, teriam todos morrido de fome. Peter não valia coisa alguma dentro de casa.

O garçom colocou o café e a rosca diante dela. Ela dividiu-a prontamente, dando a Mike o pedaço maior.

— Como se saiu hoje? — perguntou Mike.

— Muito bem. Trabalhei muito.

— Quem é boa dançarina é assim mesmo — disse Mike, rindo.

— A melhor que há — disse ela com um sorriso que logo se desvaneceu quando acrescentou: — Ross apareceu hoje por lá para me ver.

— O que ele queria?

— Disse que ia ausentar-se da cidade e queria que eu saísse com ele.

— Que foi que você disse? — perguntou Mike sem olhar para ela.

— Disse que não era possível. Ele se excedeu e o Sr. Martin apareceu, depois do quê, ele foi embora.

— O pai vai mandá-lo à Europa.

— Puxa! — exclamou ela. — É preciso ter muito dinheiro para fazer isso.

— Você ainda gosta dele, não gosta, Marja?

— Para dizer a verdade, não sei. Ele é diferente de todos os outros rapazes que conheço. Fala diferente. Age diferente.

— Tem dinheiro.

— Não é isso, Mike.

— Que é então?

— É o jeito dele. Age sempre como eu gostaria de agir de vez em quando. É como se ele estivesse no alto do mundo e todo mundo tivesse de se esforçar para chegar lá. Deve ser bom estar no alto de tudo. E quer saber de uma coisa? O Sr. Martin sabia que ele trocou os dados naquela noite.

— Por que não o desmascarou então?

— Por causa do pai de Ross. O Sr. Martin disse que o velho é um homem

de muito prestígio.

A voz dela demonstrava admiração, e Mike perguntou:

— É disso que você gosta?

Ela acendeu um cigarro e murmurou:

— Talvez. Eu gostaria de ter um pouco de luxo. Quem não gosta disso? De qualquer maneira, é melhor do que viver como eu vivo.

15

Katti largou a costura e olhou para o relógio. Quase onze horas. Levantou-se da cadeira e foi até a janela. A noite de agosto estava pesada e úmida. Ela enxugou o suor do rosto com uma toalha que trazia ao pescoço.

Sentiu uma forte pontada de dor nas costas e começou a cambalear. Apoiou-se prontamente numa mesa e ficou esperando até que a tontura passasse. O médico tinha avisado que ela iria sofrer aqueles acessos. Recomendara-lhe passar a maior parte do tempo na cama, sem trabalhar. Havia na sua gravidez alguma coisa que sujeitava o coração a grande tensão.

A tontura passou, e ela voltou para a cozinha, guardando a costura. Ia deitar-se durante algum tempo e procurar descansar.

A casa estava em absoluto silêncio. Na escuridão de seu quarto, ela ficou, porém, de ouvidos atentos aos menores ruídos. Quase nunca podia dormir antes de Marja chegar, mas naquela noite a sua inquietação era maior do que de costume. Peter havia saído depois do jantar e ainda não voltara. Ela sabia o que isso prenunciava.

Ele ia voltar para casa irritado e bêbado de cerveja, e ela teria de conservá-lo longe de Marja para não haver discussão.

Alguns minutos depois, começou a sentir-se melhor, mas ainda assim não conseguia conciliar o sono. O quarto estava muito quente, e ela sentia o calor de seu corpo pesar sobre ela na cama. Levantou-se e foi até o quarto de Marja. A criança estava dormindo agitada no berço, com o corpinho rosado cheio de brotoejas. Enquanto ela o olhava, o pequeno Peter acordou de repente e começou a chorar. Levou-o para a cozinha e deu-lhe um pouco de água fria. Ele se acalmou, adormeceu de novo, e ela o levou para o berço.

Ouviu um barulho na porta da cozinha e voltou-se para olhar. Devia ser Peter. Era muito cedo ainda para Marja. Bastou ver-lhe o rosto vermelho para saber onde ele estivera.

— Ainda acordada? — perguntou ele, com os olhos injetados.

— Ainda — disse ela, encaminhando-se para o quarto. — Venha deitar-se.

— Está quente demais — disse ele, dirigindo-se para a geladeira. — Vou tomar uma cerveja.

— Não chega o que já tomou? — perguntou ela.

Sem responder, ele abriu uma lata e levou-a à boca. Quando acabou, voltou-se para ela e disse asperamente:

— Meta-se com a sua vida.

Ela o olhou por um momento. Depois, virou-se e foi para a sala da frente. Debruçou-se na janela e olhou ansiosamente a rua. Estava quase na hora de Marja chegar.

— Que é que está fazendo? — perguntou ele, agressivamente.

Ela não respondeu. Ele sabia perfeitamente o que ela estava fazendo.

— Esperando sua filha, não é?

— É isso mesmo — disse ela em polonês. — Há algum mal nisso?

Ele respondeu na mesma língua.

— Não se preocupe com ela. Deve estar fazendo mais alguns dólares em algum canto escuro com aquele camarada que vem com ela para casa todas as noites.

— Vá dormir, — você está bêbado — disse ela, friamente.

— Você pensa que não sei o que estou dizendo? — perguntou ele, agarrando-lhe grosseiramente o braço.

— Sei muito bem que não sabe — disse ela, puxando o braço e voltando para a janela. Viu então Marja e Mike, que vinham descendo a rua em direção a casa.

Sentiu-se por um momento satisfeita. Aquele Mike era um excelente rapaz. E eles faziam um par tão bonito andando assim juntos. Talvez um dia... mas isso ainda estava bem longe. Às vezes, tinha de se esforçar para compreender que Marja ainda era uma criança. Ali não era como na sua terra, onde as mulheres se casavam cedo. Afastou-se da janela, ainda com um sorriso de satisfação a franzir-lhe os cantos da boca.

— Vou para a cama — disse ela ao marido. — É melhor você vir também.

— Não vou, não. Está fazendo muito calor, e eu vou tomar outra cerveja.

Katti entrou no quarto e começou a despir-se. Ouviu o marido andar pela cozinha, o ruído da porta da geladeira, da lata de cerveja sendo aberta. Vestiu um quimono leve sobre a camisola e foi até a cozinha lavar-se.

Ele estava sentado à mesa, com a lata meio vazia na mão e os olhos voltados para a porta.

— Que é que está esperando? — perguntou ela. — Vá para a cama.

— Não. Vou lhe mostrar quem é que sabe o que está dizendo. Espere até ela chegar.

Ela tentou sorrir.

— Não seja bobo, Peter. Deixe a menina em paz e venha dormir.

— Uma puta é o que ela é.

A bofetada impulsiva de Katti marcou-lhe o rosto, e ele ficou a olhá-la, muito espantado.

Katti estava pálida de raiva. Ele nunca a tinha visto assim.

— Cale-se! A menina tem mais cabeça e coragem do que você! Se não fosse ela, já teríamos morrido de fome. Não se esqueça de que foi Marja que conseguiu um emprego quando precisávamos de dinheiro, e não você. Ela saiu ao pai. Você não é nem a metade do homem que ele era. Só espero é que seus filhos sejam como ele, não como você. Do contrário, Deus os proteja!

Ele se levantou bruscamente e foi para a porta da cozinha.

— Você vai ver se eu sou ou não sou homem! — gritou ele, abrindo a porta que dava para o corredor. — Pelo menos, não quero putas dentro de minha casa!

Ela agarrou-lhe o braço e procurou fazê-lo entrar.

— Deixe-a em paz, bêbado! Ela é minha filha e não sua!

Ele a empurrou violentamente, e ela foi tropeçando até bater com o corpo na mesa da cozinha. Uma onda de dor percorreu-a toda. E ela sentiu tudo turvo diante dos olhos.

Ele estava tirando o cinto das calças. Depois, sacudiu-o na mão, olhando para ela.

— Engula essa língua! Senão, vai apanhar com isto mais do que ela! Quando eu acabar com ela, você verá o que ela é!

Dizendo isso, saiu para o corredor. Katti deu um suspiro e saiu atrás dele. O homem era mesmo doido! Marja é que tinha razão. Se ela a tivesse escutado... Sentiu um começo de vertigem, mas procurou reagir. Ele já ia descendo as escadas, mas ela segurou-o pelos braços.

— Deixe-a! — gritou desesperadamente e conseguiu, com uma força quase sobre-humana, contê-lo. — Se tocar nela, nunca mais porá os pés dentro de minha casa!

As palavras caíram-lhe no cérebro como uma ducha de água fria. Seus olhos voltaram de súbito a ter aspecto normal. Ela se apoiou ao corrimão para não cair.

Ele passou por ela em direção à porta da cozinha, de onde se voltou e exclamou:

— Ela é sua filha! Que os pecados dela caiam sobre a sua cabeça!

A vertigem tornou a acometê-la, e o rosto dele ficou turvo diante de seus olhos. Tentou dar um passo vacilante para o apartamento, mas a dor que sentia nas têmporas estendeu sobre ela um manto de escuridão.

— Marja! — gritou ela da beira do doloroso vácuo em que caía. E a hora final foi ao encontro dela sob a forma de um lance de escadas.

Ouviram o barulho e, antes que Mike pudesse mover-se, Marja já havia galgado metade do primeiro lance de escadas. Mike correu atrás dela, com o coração a pulsar de temor ante aquele grito lancinante. Chegou ao terceiro patamar um passo atrás dela.

— Mamãe!

A voz de Marja era como a de uma criança amedrontada. Mike viu-a cair de joelhos ao lado do corpo estendido da mãe. Ficou ali parado e em silêncio, sabendo que nada mais podia fazer.

— Mamãe!

A voz de Marja era um som que se ligava aos choros do berço. Seus cabelos brilharam quando ela beijou o rosto imóvel.

— Katti!

Mike ergueu os olhos. O homem estava no alto da escada, muito pálido, e os olhava.

— Que foi que houve, Marja?

Marja sacudiu a cabeça apaticamente. Voltou-se para Mike, e ele viu que os olhos dela estavam magoados e sem brilho.

Tocou-lhe o ombro e sentiu o tremor que sacudia o corpo.

— Há algum telefone aqui no prédio? — perguntou ele.

Marja não respondeu, e Mike compreendeu que ela nem o tinha ouvido. O homem vinha descendo a escada bem devagar, agarrado ao corrimão como se tivesse medo de cair.

Uma porta ao lado se abriu, e um homem apareceu

— Houve um acidente — disse prontamente Mike — Tem um telefone de onde eu possa falar?

O homem fez um sinal afirmativo e saiu para o corredor a fim de que Mike pudesse passar.

Dentro do apartamento, uma mulher que colocava um agasalho sobre os ombros lhe mostrou em silêncio o telefone. Quando Mike tirou o receptor do gancho ouviu no patamar um leve rumor de soluços.

Foi essa a única vez em sua vida em que ouviu Marja chorar.

16

Marja só voltou ao trabalho no *dancing* uma semana depois. Seu rosto emagrecera e havia fundas olheiras que a desfiguravam levemente. Antes, tinha havido o funeral de Katti.

A missa na St. Augustine tinha sido simples. O Padre Janowicz se mostrara bondoso e compreensivo. Falou gentilmente da grande coragem de Katti e de sua devoção aos princípios católicos e rogou a Deus que seus filhos pudessem seguir seu exemplo.

Marja sentou-se ao lado de Peter em silêncio, no carro que acompanhou o féretro até o cemitério. O sepultamento foi rápido e, dentro em pouco, voltaram para casa.

Duas assistentes sociais estavam à espera deles. A mãe de Francie, que tinha tomado conta do pequeno Peter enquanto eles haviam estado fora, deixou-os e subiu. As assistentes estavam preocupadas com a capacidade de eles cuidarem devidamente da criança.

Marja convenceu-as de que tudo correria bem. Ela estaria em casa durante o dia e Peter se encarregaria do garoto à noite, quando ela fosse trabalhar. As assistentes concordaram em deixar as coisas nesse pé até o outono, quando Marja teria de continuar os estudos.

Parou um instante na entrada do *dancing*. Parecia-lhe estranho que tanta coisa houvesse mudado em sua vida e o *dancing* continuasse o mesmo. A decoração barata, as mortiças lâmpadas azuis, a orquestra cansada com seus falsos ritmos — tudo era o mesmo.

O leão de chácara aproximou-se.

— O Sr. Martin está chamando no escritório.

Marja atravessou a pista e bateu na porta do escritório.

— Entre — disse Martin.

Estava sentado à mesa com alguns papéis abertos à sua frente. Ela fechou a porta e postou-se diante da mesa.

— Mandou me chamar?

— Mandei, sim. Sente-se que falarei com você logo que acabar isto aqui.

Marja sentou-se numa cadeira ao lado da mesa e ficou a observá-lo. O rosto era duro e cheio de rugas, e os cabelos grisalhos davam aos olhos azuis um tom ainda mais frio. O queixo era firme e quadrado, mas os lábios finos mostravam uma distinção quase estranha.

Por fim, ele levantou os olhos e disse delicadamente:

— Meus pêsames pela morte de sua mãe, Marja.

— Obrigada — disse ela, sentindo um aperto na garganta. Ainda lhe era difícil falar sobre o triste fato.

— Esteve aqui um investigador da Assistência Social. Querem informações a respeito de seu emprego.

Um medo súbito se estampou no rosto dela. Martin sorriu, tranquilizando-a.

— Fique descansada. Eu disse que você trabalha na caixa.

— Não sei como posso agradecer-lhe, Sr. Martin — murmurou, com a voz alterada pela emoção.

Martin olhou para os papéis que tinha em cima da mesa e perguntou de repente:

— Por que não me disse qual era sua idade, Marja?

— Se eu dissesse, o senhor me empregaria?

— Acho que não.

— Foi por isso que eu não disse. Por outro lado, o senhor nunca me perguntou.

— Isso nunca me passou pela cabeça. Você parece ter idade suficiente.

— E tenho mesmo — disse ela, com um leve sorriso.

Martin levantou-se e aproximou-se dela. Pôs-lhe a mão no ombro e meneou a cabeça, lembrando-se de sua mocidade. Criara-se num bairro muito parecido com o de Marja.

— Acho que tem — disse ele.

— Posso voltar então a trabalhar, Sr. Martin?

— Pode. Mas fique de olhos abertos. Se houver alguma desordem ou qualquer coisa assim, saia o mais depressa possível. Se a polícia a prender e apurar que você é menor, a casa será fechada.

— Terei cuidado, Sr. Martin — disse ela, levantando-se. — Prometo-lhe.

Ele lhe abriu a porta, e ela ficou ali um momento com um sorriso de gratidão nos lábios.

— Muito obrigada, Sr. Martin. Nunca esquecerei como o senhor foi bom para mim nesta ocasião.

Ele ficou na porta, vendo-a dirigir-se para o vestiário. Balançou a cabeça. Mesmo sabendo, não acreditava. Não tinha nem dezesseis anos completos. As polonesas eram assim mesmo, muito precoces. Riu sozinho, enquanto fechava a porta e voltava à sua mesa.

O calendário nunca significaria grande coisa para ela. Tinha já todo o juízo de que precisaria na vida. Tinha faro para homens. Era o sexto sentido que muitas mulheres passam a vida toda sem adquirir.

Ela abriu a porta e entrou na cozinha. O padrasto estava lendo um jornal aberto em cima da mesa.

— Como está o garoto? — perguntou ela.

— Bem. Dormiu calmamente a noite toda.

Ela entrou no quarto e olhou para o berço. Peter estava dormindo com o dedo na boca. Tirou-o com cuidado. De repente, sentiu o olhar do padrasto e virou-se prontamente.

Ele estava na porta do quarto, olhando-a. Ficou de repente vermelha.

— Que deseja? — perguntou ela.

— Nada — respondeu ele e voltou para a cozinha.

Marja tirou o vestido e a combinação, vestiu um robe e foi para a cozinha, onde abriu a torneira da pia.

Peter olhou-a de sua cadeira e perguntou cautelosamente:

— Esse tal Mike veio para casa com você?

— Veio — disse ela, lavando o rosto vigorosamente.

— Gosta de você, não gosta?

— Acho que sim.

— Você passa um bocado de tempo com ele lá embaixo antes de subir.

Ela se voltou para ele e perguntou friamente:

— Que é que está querendo saber?

— Nada — respondeu ele, sem poder sustentar-lhe o olhar.

— Trate então de sua vida e deixe a minha em paz — disse ela, saindo para o quarto.

Quando voltou à cozinha, ele a esperava na porta. Agarrou-lhe o braço. Ela o encarou, apertando os olhos, sem falar.

— Você é muito bonita, Marja — disse ele, num tom suplicante.

Ela nada disse.

— Talvez algum dia você resolva ser boazinha para mim, e todo mundo será então feliz, hem?

Ela puxou o braço, cansada demais para zangar-se.

— Peter — disse ela com a voz neutra, notando que era a primeira vez que se dirigia a ele pelo nome, sem chamá-lo de tio —, não seja desagradável. Só estou aqui porque era assim que mamãe queria. Só por isso. Nada mais.

Ele a seguiu até a porta do quarto e fez outra pergunta:

— Mas, Marja, você sabe o que sinto a seu respeito?

— Sei, mas não me interessa. Se precisa tanto de mulher, saia e vá procurar uma na rua.

Bateu-lhe a porta na cara e passou a chave. Esperou um instante até ouvir seus passos se afastarem. Depois, acabou de despir-se e meteu-se na cama.

Estendeu os braços para trás da cabeça e deixou a leve brisa que entrava pela janela beijar-lhe o corpo. Sentia uma surda angústia. Fechou os olhos, e o rosto de sua mãe surgiu-lhe na escuridão.

"Seja boa, Marja", parecia que Katti lhe estava dizendo.

— Fique descansada, mamãe — murmurou baixinho Marja, virando-se para o lado. Ouviu o estalo da porta da geladeira, quando já estava pegando no sono.

17

Joker Martin olhou para Marja, que estava em pé diante de sua mesa.

— Já resolvi tudo — disse ele. — A Assistência Social concordou em que você curse a escola à tarde e continue a trabalhar aqui.

— Muito obrigada. O senhor é sempre tão gentil comigo.

— Talvez porque goste de você — disse ele, sorrindo.

Ela não falou.

— Você é assídua e estável, Marja. Nunca falta e nunca me cria problemas como as outras. Talvez seja por isso.

— Ainda não sei como possa retribuir-lhe.

Ele ia dizer alguma coisa, mas nesse momento o telefone tocou e ele atendeu. Ouviu durante alguns instantes, olhando para ela. Ela já ia sair, mas ele com um gesto a fez parar e disse ao telefone: — Espere um instante.

Cobriu o fone com a mão e disse:

— Aqui está uma oportunidade para você me retribuir. Estou falando com um camarada muito importante. Vai dar uma festa esta noite, mas falta-lhe uma dama. Você ganhará cinco dólares se quiser ir.

— Não sei, Sr. Martin. Acho que ficarei deslocada lá...

— Deixe disso. O homem é legal. Não tomará liberdades com você. Basta você dançar um pouco com ele e mostrar cara alegre. Tudo estará terminado às três e meia.

— Tem certeza?

— Claro que tenho.

— Mas eu não tenho roupa. É melhor não ir.

— Pode levar o seu vestido. Amanhã, você o trará. Com isso, você estará me fazendo um favor, um grande favor.

Marja não via como poderia recusar isso a quem tinha sido tão bom com ela.

— Está bem, Sr. Martin.

— Ótimo! Vá buscar sua bolsa e volte aqui que vou dar-lhe o endereço.

Esperou que ela saísse e fechasse a porta para falar de novo ao telefone.

— Vou lhe mandar uma novata, Jack. Vá com jeito, portanto; não quero que ela se assuste, está ouvindo?

Ficou em silêncio, ouvindo a pessoa que estava do outro lado do fio. Depois, disse:

— Pois olhe, é a coisa mais linda que você já viu. Mas não se engane. Ela é menor e haverá encrencas se houver alguma coisa errada. Seja correto e tenha um pouco de paciência. No fim, vai dar certo.

Desligou no momento em que Marja voltava.

Saltou do táxi à porta do grande edifício de apartamentos. O porteiro abriu a porta do carro enquanto ela pagava ao motorista.

— Onde é o apartamento do Sr. Ostere?

— Décimo sétimo andar. Apartamento D.

O ascensorista envolveu-a no mesmo olhar que já lhe dirigira o porteiro.

— À esquerda — disse ele, quando o elevador parou no décimo sétimo.

Tocou a campainha do apartamento e a porta se abriu. Um homem de casaca olhou-a.

— Sr. Ostere. Sou Marja Flood.

O rosto do homem estava muito sério.

— Entre — disse cerimoniosamente. — Vou dizer ao Sr. Ostere que está aqui.

Esperou no vestíbulo. O homem saiu e voltou daí a um momento em companhia de outro. Este era mais baixo e vestia um terno escuro.

Foi ao encontro dela de mão estendida.

— Sou Jack Ostere — disse ele, sorrindo.

— Marja Flood — disse ela, apertando-lhe a mão.

Ele recuou um pouco para olhá-la e disse teatralmente:

— Meu Deus! Joker teve razão uma vez na vida! Você é mesmo linda!

— Obrigada, Sr. Ostere — disse ela com um sorriso satisfeito.

— Chame-me de Jack. Entre que vou preparar-lhe um drinque antes que os outros cheguem.

Tomou-lhe o braço e levou-a para a maior sala de estar que ela jamais vira.

— Que prefere? — perguntou ele, parando diante de um pequeno bar portátil sobre rodas. — *Manhattan?* Martíni?

— Coca? — perguntou ela, hesitante.

O homem franziu as sobrancelhas, mas logo depois sorriu.

— Muito bem — disse ele, puxando uma corda perto da parede.

O mordomo apareceu quase imediatamente.

— Jordan, uma Coca para a Srta. Flood.

— Está bem, senhor — disse o mordomo impassivelmente, afastando-se.

— Bem gelada — disse Marja.

— Bem gelada, senhora — disse o mordomo, olhando-a. Em seguida, saiu da sala.

Marja voltou-se para o dono da casa:

— Espero não ter chegado cedo demais. O Sr. Martin me disse que viesse imediatamente.

Ostere serviu-se de um copo de uísque com gelo e disse:

— Quem é tão bonita como você nunca chega cedo demais, Marja.

A campainha tocou,

— Com licença — disse Ostere —, alguns dos meus convidados estão chegando e tenho de recebê-los.

O mordomo trouxe o refrigerante de Marja, e ela olhou para a sala. Devia ter uns doze metros de comprimento, e numa das extremidades havia portas que davam para um terraço.

O dono da casa voltou com os recém-chegados, e Marja arregalou os olhos.

Uma das mulheres era uma estrela de cinema cujos filmes ela tinha visto muitas vezes no cine RKO, da 86th Street. E um dos homens era um jornalista famoso cuja coluna ela lia quase sempre no jornal da manhã.

Antes de Ostere terminar as apresentações, a campainha tocou de novo, e

ele foi receber outros convidados. Marja estava cada vez mais deslumbrada. Embora não conhecesse todos os nomes, podia ver que era gente importante.

Ficou calada e intimidada a maior parte do tempo, porque não sabia o que ia dizer a gente como aquela. Pelas conversas que ouvia, chegou à conclusão de que Ostere era um homem muito rico que de vez em quando financiava peças de teatro.

Era, porém, um homem muito gentil porque, embora andasse sem parar pela sala para dar atenção a todos os convidados, aproximava-se dela a todo instante para saber se tudo ia bem e se queria alguma coisa. Simpatizou com ele. Era tão atencioso, tão delicado.

Em dado momento, o jornalista aproximou-se dela e perguntou-lhe o que ela fazia. A princípio, não soube o que dizer, mas resolveu chegar o mais perto possível da verdade.

— Sou dançarina.

Ostere apareceu nesse momento e aprovou a resposta com um sorriso.

— Onde trabalha? — insistiu o jornalista. — Posso dar-lhe uma promoçãozinha na minha coluna.

— Não estou ainda nessa fase — disse ela sorrindo. — Mas espero que se lembre de mim quando eu estiver.

O colunista já havia bebido além da conta. Sabia que espécie de garotas Ostere convidava para ocasiões como aquela. Resolveu então ser desagradável.

— Pois se você é dançarina, vamos vê-la dançar. Não acredito no que está dizendo.

Fez-se um silêncio pesado quando o jornalista disse isso. Todos ficaram olhando com curiosidade para Marja, a fim de ver qual seria sua reação. As garotas de Ostere não eram segredo para ninguém.

Marja abriu bem os olhos para vencer a timidez e disse:

— Eu bem que gostaria de fazer-lhe a vontade, mas infelizmente não é possível. Nesse momento, estou atacada da doença profissional das dançarinas.

— Doença profissional? — exclamou o colunista, com uma nota de triunfo na voz. — Nunca ouvi falar disso.

— Pois olhe que pensei que conhecesse tudo — disse Marja suavemente. — Nunca ouviu falar em pés doloridos?

As gargalhadas que ressoaram na sala atenuaram a tensão, e Ostere bateu-lhe no ombro, murmurando:

— Muito bem!

Os convidados começaram a sair por volta das duas e meia da manhã, e às três horas Marja e Ostere estavam sozinhos de novo. Ele deixou-se cair numa cadeira, olhou para ela e exclamou:

— Graças a Deus, agora estou livre disso por uma semana!

— Se não gosta disso, por que o faz? — perguntou Marja, admirada.

— Sou forçado. É importante para meus negócios. Além disso, todos ficariam decepcionados se eu não os convidasse. Isso já se tornou um hábito semanal.

— Quer dizer que isso acontece todas as semanas?

— Claro. Nova York não seria a mesma sem a recepção da meia-noite em casa de Jack Ostere — disse ele, com certa satisfação.

Marja sacudiu a cabeça. Estava além de sua compreensão. Não sabia que diferença fazia haver essa festa ou não.

— Bem, está na hora de eu ir, Sr. Ostere — disse ela, afinal.

Ele a olhou com o que julgava uma expressão suplicante.

— Tem de ir mesmo? Tenho lugar de sobra aqui.

— Tenho de ir, Sr. Ostere. Meu pai está acordado à minha espera.

Ele se levantou, murmurando:

— É verdade. Eu devia ter compreendido isso. Tirou uma nota do bolso e fechou-a na mão dela. Ela não olhou para a nota e disse, estendendo a mão:

— Muito obrigada, Sr. Ostere. Gostei muito.

Ele apertou-lhe a mão e disse:

— Eu é que gostei de tê-la aqui, minha cara. Espero que venha de novo. Talvez na semana que vem.

— Não sei. Terei que falar com o Sr. Martin.

— Quanto a isso não se incomode. Eu falarei com Joker — disse ele, levando-a até a porta.

— Boa noite, Sr. Ostere.

— Boa noite, Marja.

A porta do elevador se abriu e ela entrou, dando adeus a Ostere, que ainda estava à porta do apartamento. Foi só quando o elevador já ia descendo que ela olhou para a nota que ainda apertava na mão esquerda.

Não pôde conter uma exclamação de surpresa. Eram vinte dólares, tanto quanto ela fazia em toda uma semana de trabalho. Guardou o dinheiro na bolsa, com a vaga ideia de que havia cometido um erro.

O porteiro mostrou surpresa quando a viu.

— Táxi, senhora?

Ela olhou um instante e encolheu os ombros. Por que não? Naquela noite ela podia.

18

Eram três e meia quando o táxi parou à porta de sua casa. Ela saltou e começou a subir a escada.

— Marja!

Um vulto surgiu da escuridão ao lado da porta.

— Mike! Que está fazendo aqui?

— Estava esperando por você, muito preocupado. Tudo bem?

Ela acendeu um cigarro e respondeu:

— Tudo bem.

— Esperei perto do *dancing* até meia-noite e meia. Perguntei então e soube que você havia saído mais cedo. Vim para cá pensando que você não estivesse passando bem, mas seu pai me disse que você ainda não tinha chegado.

— Não precisava ter esperado. Fui a uma festa.

— Onde?

— Na casa de Jack Ostere — disse ela, sem pensar. — Você não o conhece.

— Como é que foi parar lá?

— Joker me pediu que fosse.

— Não gosto disso — murmurou ele.

— Por quê? — perguntou ela sem disfarçar sua irritação.

— Não é justo ele mandar você a lugares assim.

— Ninguém pediu a sua opinião — disse ela, furiosa.

— Você não devia ter ido.

— Se você não me andasse espionando, nunca teria sabido.

— Não a ando espionando, Marja — disse ele com voz magoada. — É que tive receio que houvesse acontecido alguma coisa!

— Mas já viu que não aconteceu e agora pode voltar para sua casa. Você está começando a me irritar!

Depois de dizer isso, subiu precipitadamente a escada e entrou no prédio,

deixando-o sozinho na rua.

Mike ficou ali parado durante algum tempo. Depois, uma estranha tristeza caiu sobre ele, e começou a voltar para casa. Havia ocasiões em que ele achava que não a conhecia de modo algum.

Peter estava sentado à mesa, com a inevitável lata de cerveja à sua frente. Voltou para ela os olhos injetados e perguntou:

— Por onde andava?

— Trabalhando — respondeu ela laconicamente.

— Seu namorado diz que você saiu cedo. Mas não veio para casa.

Ela não respondeu e saiu da cozinha para ir para seu quarto. Ele deu um pulo da cadeira e lhe tomou a frente.

— Onde foi que esteve com esse vestido?

— Já lhe disse que estava trabalhando.

— Vestida assim? Com os peitos todos de fora?

— Estas são as minhas roupas de trabalho. Estava tão cansada que não quis trocar de roupa e vim para casa assim mesmo. E tenho de devolver o vestido amanhã, pois não é meu.

Antes que ela pudesse impedi-lo, ele lhe arrebatou a bolsa da mão e abriu-a, espalhando o seu conteúdo em cima da mesa. Viu logo a nota de vinte dólares e pegou-a.

— Onde conseguiu isso?

— Foi uma gorjeta.

— Não se ganha gorjeta assim só dançando.

Ela não respondeu. Ele estendeu a mão e deu-lhe uma bofetada que a atirou de encontro à parede. A alça do vestido desceu e o vestido começou a cair. Ela o apertou contra o peito.

— Eu bem disse a sua mãe quem você era, mas ela não acreditou em mim. É bom que ela não esteja mais aqui para ver isso.

— Bom para você, não é?

Ele começou a tirar o cinto das calças e a avançar ameaçadoramente para

ela.

Ela se esquivou dele com o corpo e, abrindo a gaveta da mesa, tirou uma faca de cozinha muito afiada, que segurou com firmeza, ao mesmo tempo que dizia:

— Venha! Experimente!

Ele olhou para a faca com os olhos chamejantes de ódio e recuou.

— Marja! Você não sabe o que está fazendo!

— Não? — exclamou ela, rindo.

Ele respirou fundo. A moça estava alucinada. Afastou-se dela cautelosamente.

— Está bem, está bem — disse ele, ansiosamente.

— O dinheiro! — disse ela.

Ele jogou a nota de vinte dólares em cima da mesa, e ela a guardou prontamente na bolsa com o resto do que era seu.

— Se você voltar a se aproximar de mim — disse ela com voz grave e pausada —, ou se tentar tocar em mim, juro que o matarei!

Ele nada disse. Não duvidava de que ela estivesse falando a sério. Ela entrou para o quarto e fechou a porta, enquanto ele se dirigia para a geladeira com a mão subitamente trêmula.

Marja encostou-se à porta fechada e cerrou os olhos. Era como se mil anos houvessem passado desde que sua mãe morrera e, entretanto, havia pouco mais de um mês. Abriu os olhos e viu a faca que tinha na mão.

Sentiu um arrepio no corpo e tremeu convulsivamente. Jogou a faca em cima da cama e começou a despir-se. Só viu a faca de novo quando foi se deitar. Escondeu-a debaixo do colchão. Desse dia em diante, nunca se deitava sem antes verificar se a faca estava no lugar.

19

Daí em diante, ia para onde Joker a mandava. Passara pouco a pouco a confiar nele. Nunca tivera a menor dificuldade com qualquer dos homens com quem se encontrava. Tratavam-na com mais respeito do que os colegas de escola.

Os colegas viviam a cercá-la tentando agarrá-la. Ela não se incomodava muito. Sentia-se de muitos modos superior a eles. Afinal, o que sabiam do que acontecia no mundo?

Durante o inverno, viu cada vez menos Mike. Várias vezes tinha marcado encontro com ele e se vira forçada a faltar porque Joker aparecera com algum serviço para ela. Desde a noite em que ele a esperara diante da porta da casa dela, deixara de ir esperá-la no *dancing*. Uma noite, ela foi chamada ao telefone.

— Alô — disse ela, atendendo.

— Marja? É Mike quem fala.

Sentiu de repente o corpo todo fraco. Compreendeu de súbito quanto sentia a falta dele.

— Olá, Mike. Como vai você?

— Muito bem. E você?

— OK.

— Venho querendo muito falar com você, mas tenho andado ocupado na escola.

— Fiquei muito contente de você ter telefonado, Mike — disse ela com voz meiga. — Estava com saudades.

— Sério? — perguntou ele numa voz cheia de felicidade.

— Sério, Mike.

— Quer me ver hoje depois do trabalho?

— Claro.

— Lá embaixo. No mesmo lugar. O primeiro carro depois da esquina.

— Feito.

— Marja?

— Que é, Mike?

— Não vai faltar desta vez?

— Não. Fique descansado, Mike — disse ela, desligando.

Mike estava encostado ao carro quando ela saiu. Aprumou o corpo ao vê-la. Parecia cansado e magro.

— Alô — disse ela.

— Alô — respondeu ele, com um sorriso tímido.

Ficaram durante algum tempo a olhar-se em silêncio e afinal Marja disse:

— Não vai me convidar para tomar café?

— Claro. Era nisso mesmo que eu estava pensando.

Ela se encaminhou para a *drugstore* a que costumavam ir, mas ele lhe tomou o braço e levou-a para um restaurante da vizinhança. Entraram e sentaram-se a uma mesa.

Ela olhou para a toalha branca da mesa e disse:

— Estamos melhorando muito!

— Tudo do bom e do melhor! — disse ele rindo.

Mas ela notou que ele estava dando muita atenção ao que pedia.

— Que é que tem feito, Mike?

— Nada de mais. Escola. Estudo. Trabalho.

— Você emagreceu.

— Isso é bom — disse ele, encolhendo os ombros. — Andava muito gordo ultimamente.

O garçom trouxe o café e bolos. Marja tomou um gole de café e esperou que ele falasse.

— Como vai o garotinho? — perguntou ele.

— Muito bem — disse ela sorrindo. — Já está andando e querendo falar. Está me chamando de Ja-ja.

Notou que ele não tinha perguntado pelo padrasto.

— E o seu trabalho, Marja?

— Tudo bem.

Ele ficou em silêncio, vendo-a tomar café, e afinal ela lhe chamou a atenção.

— Não vai tomar o seu café?

— Não estou com vontade — disse ele. Levantou-se abruptamente e jogou uma nota em cima da mesa. — Vamos?

Ela o acompanhou e perguntou quando chegaram à rua:

— Que foi que houve, Mike?

— Tenho um recado para você.

— Para mim?

— Sim, de Ross. Pediu que lhe dissesse que voltará no mês que vem.

— Foi para isso que me telefonou? — perguntou ela, tirando a mão do braço dele. — Para me dar esse recado?

Ele não respondeu. Estava muito carrancudo.

— O que acha que devo fazer? Dar cambalhotas de alegria?

Ela parou. Mike ainda deu dois ou três passos até perceber que Marja não estava mais ao seu lado.

— Que foi? — perguntou ele, admirado.

— Está bem, recebi o recado. Muito obrigada.

— Ele ainda pensa que você é a garota dele.

— E você, que é que pensa?

— Não sei o que devo pensar — disse ele, com voz triste. — Ele parece ter muita certeza!

Ela recuou para um portal escuro.

— Mike!

— Que é?

— Venha cá, Mike!

Ela o puxou para o portal. Colocou as mãos nos ombros dele e beijou-o. A princípio, ele ficou imóvel, mas depois estendeu os braços e abraçou-a com força. Ficaram assim durante vários minutos enquanto explodiam foguetes na cabeça de Mike.

Por fim, ela se afastou com todo o corpo vibrando.

— E agora, que é que você pensa, Mike?

— Mas você nunca me disse nada — murmurou ele confusamente. — Não parecia que gostasse de me ver. Como da última vez em que você faltou ao nosso encontro. Esperei mais de uma hora e você não apareceu.

Os olhos dela brilhavam no escuro como os de um gato.

— Tenho de trabalhar, Mike. Preciso de dinheiro. Você sabe muito bem disso.

— Nem tudo se pode fazer por dinheiro — murmurou ele.

— Está enganado, Mike. Nada faço de errado. Quero apenas ter o bastante para não viver como minha mãe vivia. Você viu o que aconteceu a ela...

— Mas você nunca...

— Cale essa boca — disse ela meigamente, tocando-lhe os lábios com a ponta dos dedos. — Você nunca tentou beijar-me. Já estava até pensando que havia alguma coisa de errado com você.

Ele sorriu como se seu rosto todo se iluminasse. Aproximou o rosto do dela, dizendo:

— *Talvez* assim seja melhor. Tenho de recuperar o tempo perdido.

A rua estava em silêncio quando chegaram à casa dela. Os últimos ventos de março os atingiam de leve quando entraram para o vestíbulo. Ela fechou a porta e olhou para ele.

— Amo você, Marja — disse ele num sussurro. — Sabe disso, não sabe?

— Sei.

— Amo você desde aquele dia no elevador, mas nunca imaginei que você me quisesse. Ross tem tanto e eu não tenho nada.

— Nunca pedi nada.

— Eu sei. Mas você pode conseguir o que quiser. Todo homem que você conhece fica louco por você.

— Sei disso. Mas não ligo para eles. São todos uns idiotas. Pensam que podem conseguir alguma coisa de mim, mas não podem.

— E eu também sou idiota? — perguntou ele, rindo.

— É o maior de todos. Mas ainda há quem seja mais idiota do que você. Sou eu, que o quero.

Abraçaram-se e beijaram-se. Os lábios e a língua de Marja lhe acendiam fogueiras na boca, e Mike se sentiu tomado de verdadeira vertigem.

Ela se afastou de repente com um brilho diferente no olhar.

— Mike, você está me fazendo ficar maluca.

— Ótimo — murmurou ele.

— Não compreendo. Ninguém ainda me fez sentir essas coisas.

Ele tornou a abraçá-la.

— Foi bom para você aprender a não fazer pouco de mim, menina! Agora, sim. Você realmente tem quem lhe queira bem.

20

Peter estava sentado à janela no escuro. Olhou para a rua. Marja já devia ter voltado para casa havia mais de uma hora. Sabia que naquela noite ela não iria trabalhar até tarde.

Esticou o pescoço para fora da janela. Duas pessoas vinham bem devagar pela rua. Uma era Marja.

E o homem que estava com ela era o tal Mike. Vinham enlaçados, um com o braço na cintura do outro. Sentiu um violento acesso de ciúme. Marja já era uma mulher. Naqueles últimos meses, ela havia mudado muito. Estava tão segura de si. Devia ser aquele emprego.

Tinha ouvido contar muitas histórias a respeito das garotas que trabalhavam em *dancings.* Era uma turma terrível. Lembrava-se de algumas que havia conhecido muito antes de casar-se. Na maioria, não passavam de prostitutas.

Teve vários pensamentos eróticos. Aquilo não era direito. Ele tinha visto Marja antes de todos eles. Ela não tinha o direito de tratá-lo como tratava. Andava pela casa quase nua, sabendo perfeitamente o que ele sentia.

O suor lhe inundava a testa. Foi até a cozinha escura e abriu a geladeira. Não havia mais cerveja, e ele ficou furioso. Lembrou-se então da garrafa de *slivovitz* no armário.

Pegou a garrafa, desarrolhou-a e levou-a à boca, sentindo a bebida descer-lhe queimando pela garganta e pelo estômago. O calor irradiou-se por todo o seu corpo e ele se sentiu forte e disposto a tudo.

Segurando a garrafa com todo o cuidado, foi até a sala e olhou pela janela. Não os via mais. Procurou ver se ouvia os passos de Marja na escada e nada.

Esperou quase dez minutos. Bebeu outro gole da garrafa. Ela não o enganava. Sabia o que estava fazendo lá embaixo. Esse pensamento o enfureceu. Que cadela! Todo mundo se servia dela menos ele. Ela zombava dele.

Teve uma ideia. Atravessou o apartamento e saiu pela porta da cozinha. Desceu as escadas em silêncio até o primeiro patamar e espiou pela balaustrada do corrimão para o térreo.

Viu-os num canto do vestíbulo. Marja estava com os braços passados pelo pescoço do rapaz e os dois estavam se beijando. As costas do rapaz escondiam

Marja, mas ele sabia o que estavam fazendo. Era claro até pela maneira como estavam de pé.

Ouviu um riso abafado, e Marja se afastou do rapaz. Viu então o rosto dela. Os lábios pareciam intumescidos à luz amarelada do vestíbulo, e ela estava sorrindo.

— Amanhã? — ouviu Mike dizer.

— Amanhã, sim — disse Marja, rindo, feliz. — Começou a subir a escada, e Peter voltou mais que depressa para o apartamento. Esperou na porta da cozinha até ouvir-lhe os passos. Depois, atravessou o apartamento às escuras e foi até a sala da frente.

Sentou-se na cadeira do canto de onde podia observar a cozinha pelo espelho da parede. Sentia uma cólera violenta. Os músculos da barriga se contraíam convulsivamente. Tomou outro gole, e o líquido lhe escorreu até o queixo.

A porta da cozinha se abriu e a luz do corredor mostrou Marja, que entrava. Ouviu-lhe a voz.

— Peter?

Não respondeu.

— Está dormindo, Peter?

Prendeu cuidadosamente a respiração. A cadela podia pensar que ele estava dormindo. Não tinha que lhe dar satisfação do que estava fazendo.

Marja entrou na cozinha e foi no escuro até a porta do quarto dela. Um instante depois, a luz do abajur em cima da cômoda foi acesa no quarto.

Observou tudo atentamente. Ela pensava que ele estava dormindo porque não fechara a porta do quarto. Viu-a atravessar o quarto e começar a tirar o vestido. Ouviu-a cantarolar de longe. Sem dúvida alguma, a putinha estava muito feliz.

Estava agora só com a roupa de baixo. Levantou a cabeça. Ele prendeu a respiração, pensando que ela talvez tivesse desconfiado de que ele a espiava. Mas aparentemente não era nisso que ela estava pensando. Saiu do quarto para a cozinha e foi até a pia, desaparecendo da sua vista. Ouviu o barulho da água e continuou a esperar.

Ela tornou a aparecer, ainda cantarolando baixinho. Desabotoou o sutiã

quando entrava no quarto. Viu-a coçar as costas, onde as alças apertadas haviam feito marcas. Foi depois para um canto do quarto peno do armário, e ele deixou de vê-la.

Levou a garrafa à boca e tomou outro gole. Depois, limpou a boca com as costas da mão. Sentia o coração bater descompassadamente. Ouviu passos e tornou a olhar.

Ela passou pela porta do quarto, com um quimono em cima do corpo. Não tinha mais nada em cima da pele. Saiu para o *hall* e ele a ouviu mexer na torneira. Compreendeu então que ela ia tomar banho.

Em geral, ela esperava que ele tivesse saído, mas devia pensar que estava dormindo. Sorriu satisfeito. Ela não era tão esperta assim. Ele era mais esperto do que ela.

Ela saíra para o corredor, deixando a porta entreaberta. Levantou-se prontamente da cadeira e foi até a cozinha na ponta dos pés. Escutou atentamente à porta por um momento. Ouviu o barulho da descarga no banheiro do corredor e olhou rapidamente em torno. Não tinha mais tempo de voltar para a sala da frente. Correu para o quarto dela e escondeu-se atrás da porta aberta.

Marja sentou-se na tina de lavar roupa que servia de banheira e deixou a água quente penetrar-lhe a pele. Algum dia, ela teria uma banheira de verdade, num banheiro de verdade. Estava cansada de tomar banho na cozinha e de ir à privada no corredor. Mas naquele momento o banho era agradável. Ensaboou-se com verdadeiro prazer.

Fechou os olhos e pensou em Mike. Ele era maravilhoso! Era estranho o que havia acontecido. O que ele a fizera sentir quando a beijara era exatamente como se dizia nos livros. O novo desejo que ela sentia era tão intenso que tinha havido um momento em que ela mal pudera sustentar-se em pé, tão fracas estavam suas pernas.

A água começou a esfriar e ela abriu os olhos. Era tarde e mais do que hora de estar na cama. Tirou a espuma do corpo e saiu da tina. Pegou a toalha no espaldar da cadeira e se enxugou vigorosamente. Podia sentir a pele rebrilhante e quente. Embrulhou-se na toalha e foi para o quarto.

Foi diretamente ao armário e pendurou o quimono. Tirou então a camisola do cabide e voltou-se para a cama, jogando a toalha no espaldar de uma cadeira. Tinha começado a passar a camisola pela cabeça a fim de vesti-la quando o instinto a fez olhar.

O coração ficou pequeno dentro do peito, e a dor súbita do medo lhe abalou o corpo. Peter estava de pé num canto do quarto. Ela abaixou os braços e colocou a camisola diante do corpo.

Ele deu um passo na direção dela, rindo idiotamente e estendendo a mão para ela, ao mesmo tempo que murmurava:

— Marja!

Ela fugiu dele para trás do berço. O medo se congelou numa fria cólera.

— Saia daqui! — disse ela, ferozmente.

Ele ficou parado, com o corpo a oscilar levemente. O suor, lhe escorria da testa e os olhos estavam vidrados. Passava constantemente a língua pelos lábios.

— Saia daqui! — gritou. — Saia, bêbado vagabundo!

— Por que é que tem essa raiva toda de mim, Marja? Eu gosto de você.

Deu um passo em direção a ela pela frente do berço, e Marja se afastou cautelosamente.

— Você me dá nojo! — exclamou ela. — Saia daqui!

O garoto acordou de repente e começou a chorar. Marja olhou instintivamente para o berço. Peter avançou rapidamente e segurou-a pelo braço antes que ela tivesse consciência disso. Puxou-a com força e tentou beijá-la.

Ela se debateu, procurando desvencilhar-se e afastando o rosto. Em dado momento, passou as unhas com toda a força pelo rosto dele.

— Largue-me! Canalha, imundo!

Peter agarrou a camisola que ela mantinha diante do corpo, enquanto as mãos dela lhe arranhavam a cara. Com um grito de dor, ele recuou, ouvindo a camisola rasgar-se. Ainda conseguiu agarrá-la com uma das mãos. Levou a outra ao rosto e tirou-a manchada de sangue. Ficou olhando apaticamente o sangue.

— E agora? Vai sair ou não vai? — perguntou ela, com o peito arfante.

Ele sacudiu a cabeça para livrar-se do torpor que o invadia e gritou:

— Cadela descarada! Você agora não vai mais me provocar! Vou lhe mostrar o que é um homem!

Ergueu a mão e deu-lhe uma bofetada em cheio no rosto. Ela saiu cambaleando e quase caiu no chão. Ele a acompanhou lentamente, com os olhos fitos no rosto da moça.

Nos olhos dela não havia medo, mas um ódio selvagem. Ela encolheu as pernas por baixo do corpo. De repente, pulou em direção à cama, passando por ele estendendo a mão para pegar a faca embaixo do colchão.

Ele a pegou pelos cabelos, puxando-lhe a cabeça para trás, de modo que ela ficasse com o corpo meio arqueado na borda da cama. Ela viu a mão dele descer para seu rosto. Procurou torcer o corpo para evitar o golpe. Mas um clarão forte lhe explodiu no cérebro e ela caiu para a frente, procurando conter as lágrimas de dor que lhe vinham aos olhos.

Sentiu que as mãos dele lhe viravam o corpo. Dores fulgurantes percorriam-na toda. Sentiu o corpo oprimido como se um grande peso a esmagasse. Por fim, a última e mais aguda das dores lhe explodiu nas virilhas, e ela começou a deslizar quase contente para a escuridão que se fechava em torno dela. A última coisa de que teve consciência foi o choro da criança no berço ao lado.

Voltou a si lentamente. As sensações lhe voltaram ao corpo e com elas a dor. Tinha a impressão de que milhares de pequenas agulhas estavam enterradas em sua carne. Virou a cabeça cautelosamente.

A luz ainda estava acesa no quarto, e ela estava sozinha. Pouco a pouco, a memória foi voltando. Sentou-se na cama e um grito de dor lhe saiu dos lábios.

Viu as roupas de Peter no chão perto da cama. Foi dominada pela náusea e saiu correndo para a cozinha. A dor lhe atingia o estômago em ondas sucessivas, enquanto ela vomitava na pia. Afinal a náusea passou e ela se sentiu tomada de arrepios de frio.

Abriu a torneira da água quente e entrou na tina. Procurou desesperadamente limpar a pele com o sabonete, mas a sujeira que a cobria não estava na superfície. Estava bem dentro dela e de lá nunca mais iria sair.

Mas a água quente lhe atenuou um pouco a dor e ela afinal saiu da tina. Foi pingando água até o seu quarto e tirou uma toalha do armário. Enxugou-se e, depois, começou cuidadosamente a vestir-se.

Ficou em frente ao espelho e passou batom, penteando depois os cabelos para trás. Via no espelho o rosto imóvel e impassível. Só os olhos ainda tinham vida. Estavam cheios de ódio.

Foi até a cama e arrumou-a. A fronha estava ensanguentada. Trocou-a por

uma limpa. Puxou bem o lençol e prendeu-o embaixo do colchão.

Ouviu um leve ruído no berço. O bebê estava molhado. Trocou a fralda. Enchendo uma mamadeira de água, colocou-a perto dos seus lábios. Em seguida, levantou o colchão e apanhou a faca.

Atravessou o apartamento em direção do quarto de Peter. Abriu a porta sem fazer barulho e olhou. Ele estava na cama todo encolhido. Ligou o interruptor, e o quarto ficou inundado de luz. Peter nem se moveu. Continuou a dormir, com a respiração pesada e a colcha puxada até o pescoço.

Ela colou a faca perto do rosto dele e disse:

— Acorde, Peter!

Ele continuou dormindo. Deu apenas um ronco forte.

Marja bateu-lhe violentamente no rosto.

— Acorde!

Ele abriu os olhos quase imediatamente. Ficou por um momento absolutamente imóvel. Depois, viu a faca e seus olhos se encheram de terror.

— Que é que está fazendo, Marja? — perguntou com voz vacilante.

— Vim cumprir minha promessa, Peter. Lembra-se do que eu disse?

Ele a olhou, com medo de fazer o menor movimento.

— Você está louca?

— Estou tão louca quanto você — disse ela, sorrindo e passando violentamente a faca pelo rosto dele.

A carne se abriu como um melão maduro que estala ao sol. O sangue começou a correr abundantemente, enchendo o ferimento que se estendia das proximidades da orelha até o queixo. Ele deu um grito de agonia e pulou da cama, correndo para a porta, arrastando a colcha pelo chão.

Atravessou o apartamento e chegou ao corredor sem parar de gritar. Viu pela porta aberta que ela estava no seu encalço. Começou a correr pelas escadas abaixo. Tropeçou na colcha e rolou alguns degraus até o patamar seguinte.

Ela chegou ao alto da escada e olhou para ele. Ainda estava gritando. Fechou os olhos. Pouco tempo antes, vira a mãe estendida ali mesmo. Deu as costas e voltou para o apartamento.

Fechou a porta e foi até a pia. Abriu a torneira e lavou cuidadosamente a

faca. Colocou-a em cima da mesa e sentou-se numa cadeira de frente para a porta. Era a mesma cadeira em que a mãe sempre se sentava quando ficava esperando que ela voltasse para casa.

Os olhos ardiam. Sentia-se cansada, muito cansada. As pálpebras se fecharam.

Bateram fortemente na porta. Ela abriu os olhos, nos quais havia vestígios de lágrimas.

— Entre — disse ela calmamente.

Foi assim que a polícia a encontrou quando entrou na casa.

21

— Mas deve ter havido uma razão para você fazer uma coisa dessas, Marja — insistiu a assistente social.

Marja sacudiu a cabeça obstinadamente e nada disse.

— Quer então ser mandada para um reformatório?

Marja encolheu os ombros.

— Diga eu o que disser, não vão me deixar em liberdade. Vou ser presa de qualquer maneira.

— Mas há uma grande diferença entre uma instituição correcional e um abrigo do Estado — explicou a mulher.

— Para mim, não. As duas coisas são péssimas.

A mulher deu um suspiro.

— Não quer mais ficar ao lado de seu irmãozinho?

— Se eu falasse, poderia ficar com ele? Posso trabalhar para sustentá-lo.

— Não, infelizmente não poderia permitir isso. Você é ainda muito jovem, mas...

— Quer dizer que não faz qualquer diferença?

A mulher não respondeu.

— Está bem — disse Marja, levantando-se. — Vamos acabar logo com isso.

A sala do tribunal estava quase vazia. Só alguns curiosos ou desocupados estavam sentados na parte reservada ao público. Quando ela passou, olharam-na com curiosidade, mas sem qualquer interesse pessoal. Ela nada significava para eles.

De repente, à sua passagem, alguém tocou-lhe no braço.

— Alô, Marja.

Ela se voltou, espantada, e viu Mike com um sorriso amistoso e tranquilizador nos lábios.

— Tentei vê-la, mas não me deixaram — murmurou ele rapidamente.

O rosto dela voltou a ser uma máscara impassível. Não adiantava dizer-lhe que ela havia dito terminantemente que não queria ver pessoa alguma. Continuou a andar.

A mulher da Assistência Social que vinha atrás dela disse com um sorriso amistoso:

— Rapaz simpático, esse. É seu namorado?

— Não sei quem é — disse Marja, com os olhos imóveis. — É a primeira vez que o vejo.

O juiz era um velho de aspecto cansado e enfadado. Olhou para Marja e disse:

— E acusada de haver agredido seu padrasto com uma faca.

Marja nada disse.

— O Sr. Ritchik está presente? — perguntou o juiz ao escrivão.

O escrivão chamou:

— Sr. Ritchik!

Peter apareceu, vindo dos fundos da sala. Trazia ainda o rosto coberto por um grande curativo branco. Marja olhou para ele como se fosse um estranho. Já fazia cinco semanas que não o via e isso parecia uma vida inteira.

— Quer contar-nos o que aconteceu, Sr. Ritchik? — perguntou o juiz.

— Ela não presta, Excelência — começou Peter. — É uma vagabunda. Nunca quis ouvir ninguém. Trabalhava no *dancing* e nunca voltava à noite para casa. Quando acontecia voltar, era de madrugada. Naquela noite, eu disse que ela precisava voltar para casa mais cedo como toda moça decente. Quando fui dormir, ela entrou no meu quarto furtivamente e me cortou com a faca.

Marja não pôde deixar de sorrir. Se não fosse o respeito que devia à memória de sua mãe, contaria o que realmente havia acontecido. Mas Katti tinha direito a essa paz pelo menos.

Tudo correu rapidamente. Ela ficou de pé diante do juiz enquanto ele olhava para ela por cima dos óculos.

— Marja, vai ser mandada para a Casa Correcional Rose Geyer para moças, onde ficará até completar dezoito anos. Tenho a esperança de que aproveite o tempo

que ali passar aprendendo uma profissão e uma maneira cristã de viver.

Ela o olhou com absoluta indiferença.

— Alguma pergunta?

Ela sacudiu a cabeça.

O juiz bateu com o martelo na mesa e levantou-se. Todo mundo no tribunal ficou de pé enquanto ele se retirava pomposamente. Quando a porta se fechou à sua passagem, a mulher da Assistência Social disse:

— Venha comigo, Marja.

Marja seguiu-a maquinalmente. Mike estava de pé e tentou dizer alguma coisa, mas ela fingiu que não o vira. Uma expressão de infinita mágoa se estampou no rosto dele, e só quando chegou à porta foi que ela compreendeu que ele estava chorando.

A Casa Rose Geyer ficava no fim do Bronx. Marja olhou para tudo com curiosidade quando saltou do carro com o guarda e outra funcionária da Assistência Social. Quase não era mais cidade ali. A casa estava rodeada de campos abertos.

Uma hora depois, foi levada ao gabinete médico por outra moça, que a olhou cheia de curiosidade, mas não disse uma só palavra enquanto caminhava pelo grande corredor cinzento.

Ela abriu a porta para Marja.

— Entre, meu bem — disse ela, numa voz que não era desagradável. Um homem magro e grisalho levantou a cabeça. — Trago-lhe mais uma ovelha, doutor — disse a moça.

O médico olhou-a com indiferença, apontou para uma saleta ao lado e disse:

— Entre ali e tire a roupa toda.

O exame foi breve e eficiente. Vinte minutos depois, ela estava vestida e de volta ao gabinete.

O médico entregou-lhe uma receita.

— Entregue no dispensário. É para tomar durante todo o seu tempo de gravidez.

Marja levou um susto. Olhou em torno. A moça que a tinha levado estava

sentada no outro extremo da sala.

— Quem, eu? — perguntou, sem acreditar.

A moça então falou:

— Claro que não pode ser comigo, meu bem. Estou aqui há dois anos sem um homem, e como é duro!

Marja olhou para o médico e para a receita e começou a rir, compreendendo afinal.

O médico perguntou-lhe, admirado:

— Em que é que está achando tanta graça?

Ela olhou para ele, com as lágrimas a rolarem-lhe pelo rosto. Era o pior de tudo. Ele não saberia. Ninguém saberia.

A JUSTIÇA PÚBLICA CONTRA MARYANN FLOOD

Esperei enquanto o escrivão procedia ao juramento da primeira testemunha de acusação. Era uma mulher alta e morena, com os longos cabelos pretos teatralmente partidos ao meio. Parecia inteiramente desinteressada de todos os que enchiam a sala. Os olhos eram negros e insondáveis.

— Como se chama? — perguntou o escrivão.

— Raye Marnay — respondeu com voz surpreendentemente leve e fina em mulher tão alta.

O escrivão me fez um sinal e me aproximei lentamente. Parei diante dela e levantei os olhos.

— Que idade tem, Srta. Marnay?

— Vinte e três anos.

— Onde nasceu?

— Chillicothe, Ohio.

— Quando veio para Nova York?

— Há dois anos, mais ou menos.

Eu estava começando a ficar habituado àquele seu tom de voz estranho e fino.

— Que fazia em Chillicothe?

— Morava lá.

Ouvi um leve rumor de risos na sala. Esperei que terminasse e disse:

— O que desejo saber era em que trabalhava para ganhar a vida em

Chillicothe, Srta. Marnay.

— Ah! Não sabia que era isso que estava perguntando. Eu era professora.

Olhei para ela, sabendo que o mais estranho de tudo é que ela tinha sido de fato professora.

— Para que grau ensinava?

— Jardim de infância. Adoro crianças.

Não pude deixar de sorrir ante a maneira pela qual ela disse isso.

— Não tenho a menor dúvida disso, Srta. Marnay. Mas por que resolveu vir para Nova York?

— Queria ser atriz — disse ela. — O Professor Berg, que ensinava arte dramática na escola secundária, escreveu uma peça que encenamos num teatrinho. Intitulava-se *A cotovia do vale*, e eu tive o papel principal. Ele disse que tinha tanto talento que era um pena que eu o perdesse numa cidadezinha como Chillicothe. Disse que eu poderia ser outra Mary Astor, e resolvi vir para Nova York.

— E que foi que aconteceu depois de sua chegada a Nova York?

— Nada. Andei por aqui e por ali durante várias semanas, e ninguém quis sequer falar comigo, apesar das cartas de apresentação que o Professor Berg me dera.

— Por que não voltou para Chillicothe?

— Não podia. Assim todo mundo saberia que eu havia fracassado.

— Compreendo. Que fez então para viver?

— Arranjei um lugar de garçonete num restaurante da Broadway. Era um lugar muito frequentado por gente do teatro. Disseram-me que muitas moças que trabalharam lá acabaram no palco.

— Quanto tempo trabalhou lá?

— Umas três semanas.

— Que aconteceu então?

— Fui despedida — disse ela então em voz ainda mais fina, se era possível. — O gerente disse que aquilo era um restaurante e não uma escola dramática.

Houve de novo risos na sala, e esperei que acabassem.

— Que foi que fez então?

— Procurei outro emprego, mas não consegui nada. Um dia, conversei com outra moça na pensão onde morava e ela disse que com o rosto e o corpo que eu tinha devia ser modelo. Achei que era uma boa ideia. Muitos modelos acabam artistas, como sabe. Perguntei a ela como poderia ser modelo, e ela me encaminhou para a Park Avenue Models.

— Foi essa a primeira vez em que pensou em trabalhar como modelo?

— Foi.

— Que fez então?

— Fui à Park Avenue Models e ofereci-me para trabalhar.

— Com quem falou quando esteve lá?

— Com a Sra. Morris.

— Que foi que ela lhe disse?

— Disse-me que eu teria de mandar tirar algumas fotografias que depois seriam guardadas nos seus arquivos. Entregou-me um cartão com o nome de quatro fotógrafos. Enquanto eu não tomasse essa providência, ela nada poderia fazer por mim. Expliquei-lhe que não dispunha do dinheiro para as fotografias. Ela disse que sentia muito, mas que só poderia fazer alguma coisa depois disso. Eu já ia saindo quando a Srta. Flood saiu do seu escritório e me viu.

— Essa Srta. Flood a que se refere é a mesma que está aqui neste tribunal?

— É, sim.

— Que foi que aconteceu então?

— Quando a Srta. Flood me viu, estalou os dedos e disse que eu era a pessoa de quem ela estava mesmo precisando. Mandou-me para uma loja de peles da 14th Street. Foi essa a primeira vez que trabalhei como modelo. Vesti um casaco de peles e comecei a andar de um lado para outro por dentro das vitrinas para que todos os que passavam me vissem. — E acrescentou com uma nota de orgulho na voz: — Eu era o modelo favorito da loja porque sou alta, e as pessoas podiam ver-me de longe. Daí por diante, trabalhei no mínimo três dias por semana.

— Fez outros trabalhos como modelo?

— Não. Foi esse o único lugar onde trabalhei.

— Quanto lhe pagavam?

— Dez dólares por dia.

— Isso somava cerca de trinta dólares por semana — disse eu. — Dava para a senhora viver?

— Não! Só as minhas aulas de arte dramática custavam mais do que isso.

— Como ganhava o resto do dinheiro de que precisava?

— Eu tinha muitos encontros.

— Encontros?

— Sim. Era assim que nós os chamávamos.

— Nós, quem?

— As moças que eu conhecia.

— Como foi que começaram esses... encontros?

— Eu já estava trabalhando há algumas semanas como modelo, quando pedi à Srta. Flood mais um pouco de trabalho. Ela me chamou a seu escritório e me disse que a vida de modelo era às vezes muito difícil e que em muitos casos era preciso esperar muito para obter bons resultados. Disse-me que às vezes alguns clientes lhe telefonavam pedindo que recomendassem algumas pequenas para saírem com eles. Disse que se tratava de homens muito generosos e que gratificavam bem as garotas pelo tempo que passavam com eles. Perguntou-me se eu estava interessada.

— Que foi que respondeu?

— Que estava interessada.

Houve de novo risos na sala. Não podia censurá-los.

— Que foi que fez então?

— A Srta. Flood me arranjou um encontro para aquela noite. Era um cavalheiro muito distinto. Levou-me para jantar e, depois, subimos ao apartamento dele para tomar uns drinques. Era um homem muito divertido. Quando eu saí, ele me deu dez dólares, dizendo que era por eu ter sido boa companhia e pediu-me que dissesse à Srta. Flood que ficara muito satisfeito.

— Foi só o que fizeram? Tomar alguns drinques?

O rosto dela mudou levemente de cor. Parecia estar corando.

— Tivemos duas visitas — disse ela, quase num sussurro.

— Visitas? — exclamei, olhando para os jurados. — Que quer dizer com isso?

— Relações — murmurou ela, com voz ainda mais sumida.

— Quer dizer que teve relações duas vezes com esse homem?

— Sim, é o que estou querendo dizer.

— Não ficou espantada de que o homem levasse a coisa para esse caminho, como se fosse muito natural?

— Não. Eu já estava habituada a isso em Chillicothe. Os homens são iguais em qualquer lugar.

O riso encheu as paredes da sala. O juiz bateu com o martelo, e a algazarra se atenuou.

— Que foi que fez depois? — perguntei.

— Fui para casa dormir, pois estava muito cansada.

Houve novo recorde de gargalhadas e até eu tive dificuldade em ficar sério. Quando consegui falar outra vez, perguntei:

— Estou perguntando o que fez quando voltou à Park Avenue Models depois disso.

— Foi logo no dia seguinte. Fui agradecer à Srta. Flood ter sido tão boa para mim. Ela me perguntou se eu me havia divertido e se estava disposta a ir a outros encontros. Disse-lhe que sim, desde que os outros homens fossem tão distintos quanto aquele. Ela me assegurou que só conhecia perfeitos cavalheiros e, depois, me perguntou quantas tinham sido as visitas. Eu disse, e ela tirou algum dinheiro da gaveta e me deu. Não quis receber. Disse-lhe que o cavalheiro já me dera dez dólares. Ela riu e explicou que isso fora a minha gorjeta e me fez aceitar o dinheiro.

— Quanto foi?

— Cinquenta dólares.

— Compreendeu o que significava isso? — perguntei. — Sabia que estava cometendo um ato de prostituição?

— Não via as coisas por esse lado. Se o homem não me agradasse, eu não era obrigada a ficar com ele.

— E chegou a encontrar algum homem que não lhe agradasse?

— Não. A Srta. Flood tinha razão. Só conhecia cavalheiros muito distintos.

As risadas ressoaram novamente pela sala. Esperei que diminuíssem.

— Antes de conhecer a Srta. Flood, teve relações com alguém por dinheiro?

— Não.

— Teve relações por dinheiro, depois de ter conhecido a Srta. Flood, que não fossem arranjadas por ela?

— Não, senhor. Não sou uma prostituta.

— Estou satisfeito. Muito obrigado — disse eu, afastando-me dela. Parei em frente à mesa de Vito, e Marja olhou para mim. Aqueles olhos grandes, sombrios e altivos me encararam de frente. Tive a estranha impressão de que havia em seu olhar orgulho de mim. Procurei não transmitir coisa alguma com meu olhar e disse a Vito: — A testemunha está à sua disposição.

Voltei para minha mesa, e vi Vito levantar-se sem pressa. Era sem dúvida alguma um grande advogado. Até o andar, quando se dirigia para a testemunha, indicava segurança e competência.

— Srta. Marnay? — disse ele, com sua voz quente e cheia.

— Sim, senhor — disse ela, levantando os olhos.

Apesar de tudo, eu tinha de admirá-lo. A simples maneira pela qual ele pronunciava o nome da testemunha afirmava seu domínio sobre ela.

— Disse que apareceu em Chillicothe numa peça intitulada, se não me engano, *A cotovia do vale.* Foi isso mesmo?

— Foi, sim.

— Essa peça, conforme disse, foi escrita por um tal Professor Berg, que ensina arte dramática na escola secundária?

— Sim, senhor.

— Disse também que veio para Nova York depois disso por sugestão desse professor, que disse que a senhora tinha talento demais para estragar-se numa cidadezinha como Chillicothe, não foi?

— Foi, sim, senhor.

— Quero crer que ele tenha se referido a talento dramático. Foi o que ele

quis dizer, não foi?

A testemunha hesitou.

A voz de Vito tornou-se impaciente.

— Vamos, Srta. Marnay. Foi isso o que ele quis dizer, não foi?

— Acho que sim — respondeu ela, com voz de novo sumida.

— Seja mais positiva, Srta. Marnay.

— Foi isso o que ele quis dizer, senhor.

— Isso o quê?

— Talento dramático.

— Disse que a peça foi levada num teatrinho em Chillicothe. Que teatro era esse?

Ela franziu a testa e me dirigiu um olhar preocupado. Tentei parecer confiante, mas não sabia aonde ele queria chegar.

— Bem, não era exatamente um teatro.

— Se não era um teatro, o que era então? — perguntou Vito.

— Foi no Clube Antílope — disse ela. — E a peça foi um *show* que o professor escreveu para a reunião anual.

— O Clube Antílope, estou compreendendo — disse ele, voltando-se para o júri. Olhou depois para ela e perguntou: — Seria por acaso um espetáculo só para homens?

— Creio que foi — disse ela, baixando os olhos.

— Foi o único elemento feminino do elenco?

— Fui.

— Qual foi seu papel?

Da minha mesa quase não ouvi a voz dela.

— Eu era a moça da fazenda.

— Qual era o enredo da peça? Sua fala era muito extensa? — perguntou ele com voz ríspida.

— Era sobre a moça e os três homens que trabalhavam na fazenda, o fazendeiro, o filho dele e o empregado, e o que fizeram em determinada noite.

Não tive de falar coisa alguma. Tudo foi feito por mímica. O professor era fervoroso adapto da escola dramática de Stanislávski.

— Ah, Stanislávski... — murmurou Vito, coçando a cabeça. — Não era o russo que achava que o teatro devia consistir apenas em ação, sem nenhuma fala?

— Isso mesmo.

— E a peça do professor era só ação?

— Era.

A voz do advogado tornou-se muito sarcástica.

— Tanto assim que a polícia invadiu o clube e todos foram acusados de organizarem e efetuarem uma representação imoral. Em consequência disso, a senhora e o professor foram demitidos da escola. É verdade?

Ela não respondeu. Mordeu o lábio inferior para impedi-lo de tremer.

— Vamos, Srta. Marnay! — disse Vito quase aos gritos. — Responda à minha pergunta!

O rosto dela tinha perdido toda a cor, e o ruge se destacava em manchas nas faces. Baixou os olhos para o chão e disse num sussurro quase inaudível:

— É, sim.

— Estou satisfeito, Srta. Marnay — disse Vito, e olhou para os jurados como se dissesse: *Como podem acreditar em alguma coisa que uma mulher assim diga?*

Em seguida, encolheu os ombros e voltou para sua mesa.

Joel e Alec voltaram-se para mim enquanto eu chamava a testemunha seguinte, e me falaram ao ouvido:

— Ele fez sem dúvida um bom trabalho — disse Joel.

— É verdade — murmurou Alec. — Pulverizou a testemunha.

— Vocês esquecem uma coisa. Ele pulverizou de fato a testemunha, mas não o que ela contou a respeito de Maryann Flood. Notaram que ele se absteve de tocar nisso?

— Ele é esperto — disse Joel. — Procurou desacreditar a testemunha.

— Isso não vai adiantar nada — disse eu. — Esse caso vai ser decidido em função de fatos incontestáveis. Ele sabe perfeitamente disso.

— Apesar de tudo, tome cuidado, Mike — murmurou Alec. — Este homem é cheio de truques.

O escrivão estava fazendo outra moça, a segunda testemunha de acusação, prestar juramento.

— Ele terá de encontrar coisa melhor do que a verdade, se quiser vencer este caso — disse eu, levantando-me, depois que o escrivão me fez sinal.

Dirigi-me para a cadeira das testemunhas.

O quarto do hospital estava escuro e em silêncio quando entrei. Ouvi a respiração pausada e fácil do Velho. Uma enfermeira levou o dedo aos lábios.

— Está dormindo.

Assenti com a cabeça e virei-me para sair do quarto.

— Quem é que está dormindo? — perguntou o Velho na sua voz forte, que ressoou no silêncio. — É você, Mike?

— Sim, Chefe.

— Chegue mais perto e fale — disse ele. — Não estou ouvindo.

Cheguei junto da cama, e ele me olhou com um sorriso nos lábios.

— Então? Como correram as coisas hoje, promotor?

— Muito bem. Interrogamos as quatro primeiras testemunhas, Vito não pôde atacar muito o que disseram. Limitou-se a destruir o conceito das testemunhas. Creio que de uma maneira geral fomos muito bem.

— Soube de tudo — disse o Velho.

Olhei para o telefone ao lado da cama e compreendi que ele devia ter passado o dia com o fone ao ouvido.

— Só uma coisa me preocupa — disse ele. — Não pude ainda compreender a estratégia de Vito. Até agora, parece que está querendo abandonar a cliente aos lobos.

Eu também tinha uma impressão semelhante. Eu mesmo poderia proceder muito melhor como advogado da defesa do que Vito procedera naquele dia.

— É quase como se ele não se incomodasse com a acusação — disse eu. — Está nos deixando fazer o que queremos.

— Viu Maryann Flood? Como está ela? — perguntou o Velho, olhando-me atentamente.

— Vi, sim. Pareceu-me bem.

— Quem está falando com você sou eu, Mike!

— Já disse que está bem, bem mesmo.

— Sente o mesmo por ela? Ainda agora?

— Não... não sei, John. Só sei é que, quando olho para ela, sinto um baque no coração.

— Compreendo o que você quer dizer, Mike. Falei duas ou três vezes com ela. Tem grande energia e coragem. Poderia ter sido uma grande dama se tivesse tomado outro rumo na vida.

— Talvez nunca tenha tido a oportunidade.

— Ela teve a oportunidade, Mike. Não importa o que você ou outra pessoa diga, a decisão foi dela e foi ela mesma que escolheu.

Não respondi. Estava me lembrando de um fato ocorrido havia muito tempo. Dessa vez, ela me deixara sozinho no meio da rua quando fui apanhá-la no dia em que ela saiu da Casa Correcional.

A permanência ali tinha tido influência sobre ela. Soube-o logo que a vi. Estava diferente. Só depois que lhe vi os olhos foi que compreendi. Estava mais velha. Muito mais adulta do que eu jamais seria. Entrou num táxi, e me deixou ali parado no passeio.

Voltei para o carro que tomara emprestado para ir buscá-la e guiei em marcha lenta para a cidade. Entrei no apartamento.

Mamãe e papai estavam sentados à mesa da cozinha. Papai estava com o terno dos domingos e de gravata. O pés me pesavam como chumbo quando entrei na cozinha. Os dois olharam para a porta atrás de mim.

— Ela não veio, mamãe.

Minha mãe se levantou, com os suaves olhos calmos.

— Talvez seja melhor assim, meu filho — disse ela, delicadamente.

Sacudi a cabeça tão violentamente que senti as lágrimas espirrarem no rosto.

— Não, mamãe! Não é melhor! Ela precisa de mim. Sei que ela precisa de

mim. Mas há alguma coisa que a está retendo e eu não sei o que é.

— Vou botar o que é seu de novo no seu quarto — disse meu pai, levantando-se e saindo da cozinha.

Pobre papai! Não compreendia nada de tudo aquilo. Voltei-me para minha mãe.

— Que é que eu faço agora, mamãe?

Ela me olhou um instante e disse gentilmente:

— O melhor é esquecê-la, meu filho. Ela não serve para você.

— Isso é muito fácil de dizer, mamãe. Mas não sou mais uma criança. Tenho quase vinte e um anos. E ainda a amo.

— Diz que a ama? — exclamou minha mãe. — Você sabe lá o que é amor? É ainda muito criança. Só sabe ficar magoado e chorar.

De repente, a voz dela foi tomada pelo pranto e ela se levantou, afastando-se de mim.

Corri prontamente para ela e tomei-a nos braços, vendo-lhe os olhos cheios de lágrimas.

— Não chore, mamãe. Não chore. Já basta o que estou sofrendo.

— Como é que vou deixar de chorar? — exclamou minha mãe com um brilho nos olhos que eu nunca havia visto. — Choro de ódio. Odeio-a até o fundo da alma pelo que fez com meu filho.

— Talvez ela não tivesse culpa, mamãe.

— Teve, sim, meu filho. Nunca se esqueça disso. A pessoa pode sempre decidir o que quer fazer.

Muitos anos já haviam passado, e era estranho ouvir o Velho dizer quase a mesma coisa. Não sei se poderia compreender algum dia o ponto de vista deles. Havia muito perdera a esperança de que compreendessem o meu.

— Quais as testemunhas que vai chamar amanhã? — perguntou-me o Chefe.

Disse-lhe.

— Nesse ritmo você deverá estar pronto para apresentar as suas razões finais em menos de duas semanas.

— É verdade.

— Nessa época, eu já terei saído daqui e poderei dar-lhe uma mão.

— Fizemos um trato, John. A responsabilidade é toda minha. Você prometeu...

— Ora — disse ele, inocentemente —, eu não iria entrar no mérito. Poderia apenas dar uma sugestão sobre um ponto ou outro, para ajudar.

Eu sabia que ajudar para ele era sinônimo de encarregar-se de tudo, e sorri.

— Obrigado, mas nada feito.

— Está bem, está bem!

Fui diretamente para a cama quando cheguei a casa. Estava satisfeito de estar sozinho no apartamento. Conseguira convencer mamãe a continuar no interior. Ela concordara, decerto porque sabia que eu não a queria presente por ocasião do julgamento.

Estendi-me na cama e fechei os olhos. O rosto de Marja logo me apareceu com a expressão que eu havia visto no tribunal naquele dia. Ainda não a compreendia.

Por que motivo iria ela ter orgulho de mim? Eu estava procurando mandá-la para a cadeia. Um sentimento de culpa surgiu dentro de mim. Estaria ela esperando que eu fosse protegê-la? Contaria para isso com meus sentimentos por ela? Mas ela não sabia de meus sentimentos naquela ocasião. Eu podia ter mudado. Podia ser outra pessoa.

Logo que pensei isso, compreendi que ela sabia. Havia entre nós um sentimento de identificação que ninguém mais compartilhava.

Rolei na cama, tentando deixar de pensar nela. Mas não deu resultado. Fizesse o que fizesse, ela não me saía da cabeça. E ela, como estaria? Havia muitas coisas que eu desconhecia, muitas coisas que lhe haviam acontecido sem qualquer participação minha.

Havia um período na vida dela de que eu nada sabia: os quatro meses decorridos desde que ela saíra do reformatório até o dia em que seu nome começara a aparecer nas ocorrências policiais. Devia ter passado momentos bem difíceis. Procurei lembrar-me do que eu estava fazendo nessa ocasião. As recordações eram muito vagas, e os pensamentos continuavam a convergir para ela. Que fizera? Para onde fora? Eu de nada sabia.

Sentia, porém, que precisara mais de mim nessa época do que em qualquer outra de sua vida.

E a minha conclusão única era de que eu lhe havia falhado.

MARY

Livro dois

1

Estava de pé à porta aberta, com os cabelos dourados cintilando irisadamente à luz do sol. Hesitou um momento, passou a maleta da mão direita para a esquerda a fim de cumprimentar a mulher que estava um pouco atrás dela.

— Adeus, Sra. Foster — disse ela com voz rouca.

A mulher apertou-lhe a mão com força quase masculina.

— Adeus, Mary. Cuide-se bem.

— Fique descansada, Sra. Foster — disse Mary com um sorriso. — Aprendi muito no ano e meio que passei aqui.

— É o que espero, Mary. Não gostaria de vê-la de novo em dificuldades.

O leve sorriso desapareceu dos lábios de Mary.

— Não verá — disse ela tranquilamente e encaminhou-se para a porta. A luz brilhante do sol a ofuscou um pouco, e ela parou no alto da escada para habituar os olhos.

Ouviu a porta fechar-se às suas costas com um pesado barulho metálico. Sentiu um assomo de liberdade, tão embriagador quanto um bom vinho. Virou-se e murmurou para a porta fechada:

— Nunca mais passarei por aqui. Aprendi muito.

Em seguida, dirigiu-se para a rua.

Estava alta e delgada no casaco ralo que as autoridades lhe haviam dado. O vento do fim de novembro comprimia-lhe o casaco de encontro ao corpo, delineando-lhe os seios firmes, a cintura fina e os quadris suavemente arredondados. Andava com facilidade sobre as pernas ágeis e firmes.

O velho sentado na casinha ab lado do portão levantou-se quando a viu aproximar-se. Sorriu para ela.

— Vai voltar para casa, Marja?

— Não tenho mais casa, Vovô. Mudei tudo. Até o nome. Sou Mary agora, lembra-se?

— Lembro-me, sim. Mas não adianta. Para mim você ainda é Marja. O velho sangue polonês lhe corre nas veias, e isso você não pode mudar.

— Mudarei muitas coisas até ficar satisfeita.

— Mas não mudará a si mesma — disse ele, abrindo o portão. — Para onde é que vai?

— Não sei. Mas a primeira coisa que vou fazer é ir para um hotel e ficar duas horas dentro de uma banheira sem ninguém para me tirar de lá. Depois, vou comprar algumas roupas em que me sinta bem e jogar fora esses trapos. Em seguida, vou comer um grande jantar e ir a um cinema, talvez o Radio City. Depois, tomarei dois sorvetes bem grandes e voltarei para o hotel e dormirei até as duas horas da tarde.

— E depois disso, que é que vai fazer?

— Procurar emprego e começar a trabalhar.

— Faça isso em primeiro lugar, que pode precisar do dinheiro. — Acabou de abrir o portão e disse: — O mundo a espera, Marja. Desejo que ele seja bom para você.

Ela beijou o rosto do velho e disse:

— Adeus, Vovô.

— Adeus, Marja — disse ele, com a voz cheia de tristeza.

— Sabe que você é a única coisa aqui de que levo saudades, Vovô?

— É mesmo? — murmurou ele, rindo. — Aposto que diz isso a todos os rapazes.

— Não, Vovô. Só a você. E vou lhe dar uma coisa que me deram para que se lembre de mim.

— Não, Marja — disse o velho.

— Não? Por quê?

— Tudo o que faço é pelas minhas meninas. Para mim, não preciso de nada. Mas sei que elas gostam que alguém se preocupe com elas, ainda que seja apenas um velho como eu. É muito ruim estar aqui dentro, vendo apenas outras mulheres e com a impressão de que ninguém as quer, nem a família, nem ninguém. Assim, preocupo-me com elas, repreendo-as e elas acham graça e sentem-se bem.

Ela tornou a beijar-lhe o rosto.

— Obrigada, Vovô.

— Seja boa, Marja.

— Vou fazer o possível.

O portão se fechou depois da sua passagem, e ela chegou à rua. Saiu do passeio e, no meio da rua, bateu com os calcanhares no chão. Não houve barulho algum. Era asfalto e não cimento. Passara um ano e meio pisando no cimento e ouvindo a todos os instantes o rumor dos próprios passos. Mas isso tinha acabado, e ela continuou pelo meio da rua. Estava livre, livre de verdade.

Uma mão forte segurou-a e outra tomou-lhe a maleta. Uma voz conhecida disse então:

— Vai ser atropelada andando assim pelo meio da rua. Já se esqueceu de que existem automóveis?

Ela não teve de levantar os olhos para saber quem era. Esperava-o desde o momento em que saíra do portão. Não largou a maleta e disse com voz pausada, levantando lentamente os olhos:

— Há muitas coisas que se esquecem em um ano e meio, Mike.

— Vim buscá-la para levá-la para minha casa, Marja — disse ele, com um sorriso nervoso.

Ela não respondeu.

— Estou esperando aqui desde que amanheceu o dia.

Ela respirou fundo, sacudiu a cabeça e disse:

— Não! Não!

— Mas, Marja, eu...

Ela podia ver a tristeza que lhe enchia os olhos, mas arrancou a maleta das mãos dele e disse:

— Houve um engano de pessoa, Mike. Tudo está mudado, até o nome.

— Não quero saber o que foi que mudou, Marja. Não quero saber o que aconteceu. Você nunca respondeu às minhas cartas, mas vim para levá-la para minha casa.

Ela subiu para o passeio e olhou para ele.

— Quem foi que lhe pediu?

— Amo-a, Marja. E você disse que me amava.

— Éramos muito crianças naquele tempo e não sabíamos o que estávamos dizendo.

— Crianças! Você é muito mais velha do que era? Dois anos fazem tanta diferença assim?

— Fazem, Mike. Podem equivaler a mil. Cresci muito depressa.

— Eu cresci também, mas ainda tenho o mesmo amor por você. E sempre terei.

— Mas eu não.

— Que foi que fizeram com você, Marja?

Havia um profunda angústia na voz dele,

— Nada — disse ela, sacudindo tristemente a cabeça. Tudo veio de mim mesma. Está tudo acabado. Não podemos voltar ao que já passou. Nunca mais seremos crianças.

Começou a afastar-se dele, mas Mike a segurou pelos ombros.

— Por quê, Marja? Que foi que aconteceu?

Ela não respondeu.

— Ao menos em atenção ao que já representamos um para o outro, diga-me o que foi que houve!

Ele nunca mais poderia esquecer a máscara que caiu sobre os olhos dela naquele momento. Era como se de repente ficassem tão profundos que nada se refletia neles, nem mesmo o sol da manhã.

— Diga-me, Marja!

— Tive um filho, Mike. Enquanto estava aí, tive um filho e nem sei se é menino ou menina. Desisti dele, antes que nascesse. Quer ainda saber o que aconteceu, Mike?

Havia no rosto dele uma expressão de incredulidade.

— Quem foi o pai? — perguntou com voz entrecortada. — Ross?

— Não podia ser. Ele estava ausente, lembra-se?

O rosto dele era uma máscara de dor.

— Quer dizer que havia outros?

Ela não respondeu.

— Como pôde fazer isso, Marja? — perguntou ele com lágrimas nos olhos. — Você me amava.

— Houve outras coisas também, Mike — disse ela com voz fria e calma. — Havia lá dentro uma moça que gostava de mim. Ensinou-me a fazer coisas para ajudar o tempo a passar. Quer saber que coisas foram essas, Mike? Era divertido.

— Não quero saber — disse ele, com a voz trêmula. — O que está me dizendo é que Ross tinha razão e você era apenas...

Não conseguia dizer a palavra e ela disse por ele:

— Uma puta.

— E era, Marja? Você era o que ele dizia?

Ela não respondeu.

— Por que mentiu para mim, Marja? Eu teria feito tudo por você! Por que fez isso comigo?

— Nada disso tem mais importância, Mike. A verdade é aquilo em que se acredita e não o que nos dizem.

Um táxi apareceu na rua, e ela fez sinal ao motorista. O táxi parou, e ela disse:

— Deixe-me ir, Mike. O táxi está esperando.

Ele tirou as mãos dos ombros dela. Ela entrou rapidamente no táxi e fechou a porta. Quando o carro se afastou, ela olhou pelo vidro de trás para Mike. Ele continuava de pé, com os olhos fitos no táxi em que ela saía da sua vida. Sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos. Lutou contra elas até sentir os olhos arderem. A liberdade era tantas coisas que ela já havia até esquecido. Era também gente que se amava e gente que se magoava. "Amo-o, Mike", murmurou consigo mesma.

— Para onde, moça?

A voz do motorista fê-la tirar os olhos do vidro.

— Hotel Astor, na Broadway — disse com voz trêmula.

Quando tornou a olhar pelo vidro, não o viu mais. De repente, não conseguiu conter as lágrimas. Ela não servia mais para ele. Muitas coisas haviam acontecido. Trazia aquela feia mancha e nunca mais se livraria dela.

Ele merecia alguém melhor. Uma mulher limpa, nova e resplandecente, que brilhasse como ele. Não alguém como ela, que só poderia privá-lo do que ele merecia.

2

Olhou para a ficha de registro que o empregado da portaria colocou à frente dela. Hesitou um instante. Três dólares e meio por dia era muito dinheiro, mesmo por um quarto de luxo com banheiro. Seu dinheiro naquele ritmo não iria muito longe. Tinha apenas pouco mais de cem dólares.

Mas havia esperado tanto, que aquilo não poderia detê-la. Sonhara com tudo isso desde que entrara para a prisão. Escreveu então.

"Mary Flood... Yorkville, Nova York... 20 de novembro de 1937".

Entregou a ficha ao empregado, que a olhou e, em seguida, tocou uma campainha.

— Está voltando da escola, Srta. Flood? — perguntou ele, sorrindo.

Ela acenou com a cabeça. Ele nunca saberia como estava certo.

Um *boy* pegou a maleta e o empregado entregou-lhe uma chapa, dizendo:

— Leve a Srta. Flood para o quarto 1204.

Esperou que o *boy* saísse e jogou-se na cama. Afundou-se, deliciada, nos colchões macios. Era como se estivesse repousando numa nuvem. Aquilo, sim, era uma cama, uma cama de verdade. Não aquelas imitações que havia lá. Depois de rolar muito tempo na cama, abriu a porta do banheiro.

Tudo cintilava, e ela olhou admirada para a banheira, um modelo novo embutido no chão. Passou a mão por dentro e sentiu que era lisa, muito diferente das velhas banheiras de ferro. Correu então os olhos pelo banheiro.

Havia toalhas felpudas no cabide. Pegou uma delas. Era leve, macia e cheirosa. Muito diferente das toalhas de algodão. Aquilo é que era vida.

Olhou para o relógio. Quase meio-dia. Tinha de fazer ainda algumas compras antes do banho demorado e preguiçoso com que tanto havia sonhado. Quase com relutância, colocou a toalha no lugar e saiu do banheiro.

Abriu a bolsa e tornou a contar o dinheiro. Cento e dezoito dólares. Era o

que restara do dinheiro que lhe haviam pago pelo seu trabalho na lavanderia da prisão. Sacudiu a cabeça um instante como se quisesse livrar-se do cheiro horrível de sabão grosso e água sanitária que havia pairado tanto tempo sobre ela. Com decisão, fechou a bolsa e saiu do quarto.

Olhou para a Broadway da entrada do hotel. Era hora do almoço e as ruas estavam ainda mais cheias do que de costume. Todo mundo estava indo para algum lugar. As pessoas tinham rostos preocupados e sérios e em momento algum olhavam à volta. Coitadas! Acreditavam em tantas coisas em que ela nunca acreditaria!

O Paramount estava levando um filme de Bing Crosby no qual ele trabalhava com Kitty Carlisle. O Rialto exibia dois filmes de terror e o New Yorker, dois *westerns*. O Nedick's, na esquina, do outro lado da rua, estava cheio de gente que formava fila tríplice em torno do balcão. O restaurante chinês entre a 42nu Street e a 43ru Street ainda anunciava um almoço de trinta e cinco *cents*. A Cafeteria Hectors, defronte do hotel, ainda proclamava possuir a melhor confeitaria da cidade e o remoto rumor da música no *dancing* da 45th Street misturava-se com o barulho dissonante do tráfego.

Com um sentimento de satisfação, saiu pela rua para fazer compras. Havia algumas casas onde ela sabia que podia comprar roupas por preço muito em conta. Atravessou a rua cantarolando. Não dissera a verdade a Vovô naquela manhã.

Sentia-se em casa.

Estirou-se preguiçosamente na banheira, e um langor delicioso a invadiu. A água estava coberta de bolhas que cintilavam e estouravam, e o perfume se espalhava pelo ar. Correu as mãos pelo corpo. Podia sentir ainda o ardor do sabão barato que usavam na prisão e que nunca lhe tinha dado qualquer sensação de limpeza. Parecia-lhe sentir a carne amaciar dentro da água.

Pegou uma toalha no cabide ao lado da banheira e enrolou-a para formar um pequeno travesseiro. Colocou-a na borda da banheira e pousou a cabeça. Isso impediria que os cabelos se molhassem e lhe permitiria um descanso mais completo. Fechou os olhos. Era tão bom. Tão bom. Sentia-se aquecida, confortável, segura. Ninguém a incomodaria. Ninguém a chamaria. Ninguém lhe daria ordens. Começou a dar uns leves cochilos. O tempo ali não era como o

tempo na prisão.

Lembrou-se de repente do nascimento da criança.

As dores tinham sido intensas durante quase toda a manhã. Afinal, a enfermeira a tinha levado para a enfermaria. O médico a examinara rapidamente e dissera à enfermeira: "Prepare-a que não vai demorar".

Ela se esticara arfante numa cama branca e dura. A enfermeira começou a prepará-la para o parto. Entre as ondas de dor, teve a consciência de um choque quando viu a enfermeira raspar-lhe o púbis. Por fim, a enfermeira cobriu-a com um lençol branco e saiu do quarto.

Ela fechara os olhos, respirando pesadamente. Estava contente de que aquilo já estivesse para acabar. Era muito penoso carregar tanto tempo dentro de si uma marca de vergonha e violação. Ouviu um rumor ao lado da cama e voltou-se.

A diretora estava ali de pé, os cabelos grisalhos acima dos óculos. Tinha uma folha de papel na mão.

— Como está se sentindo, Mary?

— Mais ou menos, Sra. Foster.

— Ainda não me disse nada sobre a criança, Mary.

Ela conseguiu sorrir fracamente. Nada havia para dizer. Dentro em pouco estaria no mundo. Ficou calada.

— Quero saber quem é o pai, Mary. Ele terá de pagar a manutenção da criança.

Sentiu nesse momento uma dor fortíssima e teve de fechar os olhos. Um momento depois, disse com voz trêmula:

— Isso não tem importância. Nunca teve.

A Sra. Foster encolheu os ombros e disse:

— Está bem, Mary. De acordo com este papel que vai assinar, você desistirá de todos os direitos sobre a criança para que ela possa ser adotada.

Mary fez um sinal de assentimento.

— Sabe o que significa isso? Você talvez nunca mais veja a criança nem saiba com quem ela está. Será como se nunca tivesse nascido, pelo menos em relação a você.

Ela ficou em silêncio.

— Está ouvindo, Mary?

— Estou....

— Você nunca saberá nada sobre seu filho! — disse a mulher implacavelmente.

A dor e a raiva se misturaram na voz de Mary.

— Ouvi sim! Ouvi desde a primeira vez! E que é que acha que eu posso fazer? Posso tomar conta de meu filho aqui? A senhora deixaria?

— Se soubéssemos o nome do pai, ele poderia contribuir para criá-lo. Ele ficaria então numa creche, até que você pudesse ir buscá-lo.

— E quando poderá ser isso? — perguntou Mary com voz trêmula.

— Quando provar que pode mantê-lo moral e financeiramente.

— Quem é que decide isso?

— O juiz.

— Nesse caso, só poderei ter meu filho quando ele concordar. Se não concordar, ele ficará na creche. Certo?

— Certo.

— Mas, do contrário, ele será adotado e terá imediatamente um lar, não é?

— E, sim.

— Pois é assim que eu quero.

— Mas...

A dor voltou, dominando-a lancinantemente. Quando passou, ela estava quase sentada na cama.

— Não entende que é assim que eu quero? — exclamou. — Não compreende que é a única oportunidade que posso dar ao inocente?

A mulher deu-lhe as costas e saiu do quarto. Mary só voltou a vê-la três horas depois. Estava tudo terminado. A Sra. Foster aproximou-se da cama e olhou-a.

Mary estava muito pálida e seu lábio superior estava coberto de gotículas de suor. Os olhos estavam cerrados.

— Mary! — sussurrou a Sra. Foster.

Ela não se moveu.

— Mary! — repetiu a mulher. — Marja!

Mary abriu devagar os olhos, e a mulher percebeu que ela não estivera dormindo.

— Você está bem, Marja — disse a Sra. Foster. — E a criança é...

— Não me diga! — exclamou ela ferozmente. — Não diga porque eu não quero saber!

— Mas... — murmurou a mulher, hesitando.

Mary virou a cabeça para o travesseiro.

— Não diga mais nada. Como é, já é duro demais.

A Sra. Foster calou-se. Sentia-se unida a ela pela servidão comum do sexo. Apertou a mão da moça por baixo da colcha fina.

Mary virou o rosto para a mulher e esta, olhando-lhe para as pupilas profundas e negras, teve um choque como se estivesse contemplando os abismos insondáveis do tempo. Sentiu a leve pressão dos dedos da moça, que começou a falar.

— Doeu... — murmurou Mary, com um eco de dor na voz. — Doeu muito para chegar.

— Eu sei, minha filha — disse a mulher, delicadamente. — Sempre dói.

— Sabe mesmo, Sra. Foster? Não doeu da mesma forma que doeu quando o pai a deixou lá dentro quase me despedaçando, mas como dói ganhar uma coisa com que se sabe que não se pode ficar.

A mulher de repente compreendeu. Lembrou-se do que Mary tinha feito para ir para ali. Os olhos se encheram de compaixão por trás dos óculos. Podia perceber toda a dor que geravam as sombras nos olhos da pobrezinha.

Olharam-se por um momento, e Mary disse suavemente:

— Deixe as coisas como estão.

— Está bem, Mary.

As lágrimas encheram em silêncio os olhos da moça e começaram a rolar pelas faces. Não havia o menor rumor de pranto, apenas as lágrimas que caíam inexoravelmente.

3

O detetive era um homem magro e cerimonioso. Segurou a cadeira para ela se sentar diante de sua mesa. Estudou-a por um momento em silêncio antes de dar a volta à mesa e sentar-se de novo em sua cadeira. Chegara à conclusão de que ela nascera para viver em dificuldades. Era a impressão que dava.

Não era pelo seu aspecto, pois não havia a menor rudeza nela. Até os cabelos muito louros, que desvalorizavam tantas mulheres em virtude da sua gritante artificialidade, assentavam perfeitamente nela e deviam ser naturais. Mas o rosto, o corpo, o andar — tudo mostrava que ali estava uma mulher feita para os homens e, portanto, para os problemas.

Olhou o cartão e leu o nome: Mary Flood. Arregalou os olhos. Já estava compreendendo. Perguntou:

— Onde está hospedada, Srta. Flood?

— No Hotel Astor — disse ela, tirando um cigarro.

Ele mais que depressa riscou um fósforo para acendê-lo. Julgou ter visto nesse momento a sombra de um sorriso. Mas devia estar enganado. Nenhuma mulher podia ser tão segura de si na sua primeira visita à polícia. Devia ter sido um reflexo de luz.

— É um hotel muito caro.

— Prometi a mim mesma tudo do bom e do melhor — disse ela, como se isso explicasse tudo.

— Já tem emprego?

— Ainda não. Saí há dois dias apenas. Não procurei ainda.

— Não acha que já devia ter começado? Os empregos não estão tão fáceis assim.

— Vou procurar.

— Não lhe deve restar muito dinheiro — continuou ele. — Pelo que vejo, comprou roupas novas.

Um tom de desafio apareceu-lhe na voz.

— O dinheiro não é meu? Há alguma coisa que me proíba de gastar o dinheiro como eu bem entender?

— Claro que não, Srta. Flood. Queremos apenas ter certeza de que não se verá em dificuldades. E há sempre dificuldades para quem está sem dinheiro.

— Ainda não estou sem dinheiro — disse ela prontamente.

Ele não disse nada. Ficou a observá-la calmamente enquanto acendia um cigarro. Ela não deveria ter dificuldade em conseguir dinheiro. O problema consistiria talvez no excesso de homens dispostos a dar-lhe dinheiro. Esperou que ela falasse. A única coisa que elas não podiam suportar era o tratamento do silêncio.

Mas aquela era diferente. Deixou-se ficar tranquilamente calada, com os olhos fitos nele. Ao fim de algum tempo, foi ele quem começou a sentir-se constrangido. Era como se os papéis se invertessem.

— Conhece os regulamentos, Srta. Flood — disse ele, afinal. — Foram-lhe explicados antes de sua saída.

Ela assentiu com a cabeça, mas ele repetiu tudo assim mesmo.

— Deve apresentar-se aqui todos os meses. Não pode ter ligação nem convívio com qualquer pessoa que tenha antecedentes criminais. Deverá informar-me de qualquer mudança de endereço. Deverá comunicar-me onde está trabalhando logo que conseguir emprego. Não poderá sair do Estado sem nossa autorização. Não poderá possuir armas de fogo nem quaisquer outras armas perigosas... — Parou surpreso, ao ver que ela estava sorrindo. — Qual é a graça, Srta. Flood?

Ela se levantou, ainda com o sorriso nos lábios, e deixou o casaco cair-lhe dos ombros em cima da cadeira. Parecia que se havia despido.

— Acha que eu preciso de armas?

Ele sentiu o rosto vermelho. As leis pareciam as vezes tremendamente insensatas. Nada havia que se pudesse fazer em relação às armas naturais.

— Estou apenas lembrando-lhe as determinações que deve cumprir em seu benefício, Srta. Flood.

— Obrigada, tenente — disse ela, sentando-se de novo.

— Que espécie de emprego está procurando, Srta. Flood? Talvez possamos ajudá-la.

— Sabe de algum que preste?

— Garçonete ou vendedora de uma grande loja.

— Quanto é que pagam?

— Doze a quinze dólares por semana.

— Muito obrigada — disse ela, secamente.

— Por quê?

— Isso não pagaria nem o hotel. Preciso de um emprego que me dê muito dinheiro.

— Nem todo mundo é obrigado a viver no Hotel Astor — disse ele ironicamente.

— Mas gosto de morar lá — disse ela, ainda sorrindo. — Já vivi demais em pardieiros. Isso acabou.

— Onde vai conseguir o dinheiro que deseja?

Ela não respondeu.

— Prostituição? — perguntou com voz fria e impessoal.

— Isso dá bom dinheiro, tenente?

— Pode dar, mas também pode trazer complicações sérias de que não faz nem ideia. A prisão de mulheres é uma coisa muito diferente da Casa Correcional. Verá por si mesma.

— Não tenha tanta certeza assim, tenente. Não fiz nada... ainda.

— A senhorita é que deve ter certeza de não fazer coisa alguma de que se arrependa. — Empurrou a ficha dela por cima da mesa e ofereceu-lhe a caneta: — Assine.

Ela assinou; ele olhou a assinatura e disse:

— OK. Pode ir. E não se esqueça do que eu lhe disse.

Ela levantou-se, vestiu o casaco e encaminhou-se para a porta. Depois que a abriu, voltou-se para ele, com um sorriso zombeteiro nos lábios, e disse:

— Obrigada pelo estímulo que me deu, tenente.

— Para seu governo, não sou tenente. E basta manter-se em contato conosco.

— Está bem, tenente. Mas alguma tarde, quando as coisas estiverem muito aborrecidas aqui e quiser matar o tempo, apareça. Poderemos continuar a nossa conversa.

Ele quis falar, mas não soube o que dizer. O rosto começou a ficar vermelho.

— Sabe onde é que eu moro, tenente. Quarto 1204. Peça na portaria que o façam subir.

Ela saiu antes que ele pudesse dar-lhe uma resposta. O detetive ficou durante alguns momentos pensativo. Depois, tomou algumas notas a lápis na ficha dela e pegou o telefone.

— Quero falar com Joker Martin — disse ele à pessoa que atendeu.

Pouco depois, tornou a falar:

— Joker? É Egan, da delegacia da 54th Street. A garota por quem você perguntou acaba de apresentar-se... Sim... Só que agora se chama Mary e não Marja... Que mulher! E como é venenosa! Parece não ter medo de coisa alguma peste mundo de Deus... Obrigado, Joker... Foi um prazer ajudá-lo.

4

Joker Martin recostou-se na cadeira e acendeu o charuto. Sentia uma tranquila satisfação. As oportunidades tinham sido ótimas e ele fora esperto. Compreendera havia um ano e meio que a sindicalização era inevitável. Muita gente já fora assassinada.

Lembrava-se do dia em que Mike Rafferty chegara furioso ao seu clube, resmungando:

— Quem aquele idiota pensa que é?

— Quem é o idiota? — perguntara Joker.

— Kane. Frank Kane. Convocou uma reunião no hotel. Estávamos todos presentes. Ele começou então a dizer que de agora em diante todos nós íamos ter territórios e ninguém poderia invadir o campo dos outros.

Martin pensou um pouco no nome e perguntou a Mike:

— Está falando do homem de Fenelli?

— Não é mais. Kane tomou conta de tudo. Mas foi aí que eu saí. Não vou receber ordens de nenhum idiota!

— E os outros? — perguntou Joker. — Concordaram?

— São todos uns patifes covardes! — exclamou Mike. — Concordaram.

— Talvez fosse melhor você ter concordado também, Mike.

— Prefiro estourar no inferno. Quem dirige os meus negócios sou eu! Ninguém vai se meter em minha vida!

— Está certo, Mike.

— Vou jantar em casa — disse Mike. — Mais tarde, apareço para combinarmos o que é que vamos fazer.

Joker esperou um pouco, depois que ele saiu, e pegou o telefone. No momento em que a telefonista atendeu, ouviu um barulho, como o do cano de escapamento de um carro. Largou o telefone e correu para a janela.

Havia um ajuntamento na rua, em frente ao clube. Os curiosos não lhe permitiam ver quem estava estendido no passeio, mas ele podia ver o rastro de sangue.

Mike tivera o que preferira. Fora estourar no inferno. Pegou o telefone e pediu um número em voz baixa à telefonista. Atenderam e ele disse com voz calma e baixa:

— Sr. Kane, quem fala é Joker Martin. Não, Mike Rafferty não mudou de opinião. Mas agora é muito tarde. Quero que saiba, porém, que estou mil por cento ao seu lado...

Agira bem e havia prosperado. Tinha ido muito além do *dancing* e do salão de jogos nos fundos, que era só o que Mike lhe havia permitido. Kane tinha-lhe dado aquele território e ninguém podia deslocá-lo dali. Vivia tranquilo porque Kane mantinha a paz.

Mas as atividades estavam crescendo e ele precisava de uma ajuda. Não uma ajuda muscular, mas uma ajuda cerebral, uma ajuda de classe. Com a nova divisão de territórios, ficara com a Park Avenue em toda a sua extensão até a 81st Street. Foi então que pensou em Ross Drego.

O rapaz era jovem e impetuoso, mas tinha cabeça. Tinha principalmente o instinto do jogo. Fora ótimo o pai haver brigado com ele depois da última encrenca em que se metera. Seis meses antes, Ross fora procurar Joker, mas sem dúvida alguma ele merecia todo o dinheiro que recebia. Tratava toda a Park Avenue e os grandes homens do mundo dos negócios pelo primeiro nome. Criara-se ao lado deles.

A única coisa com que Joker precisava ter cuidado era com a ambição do rapaz. Havia ocasiões em que isso o fazia perder a cabeça. Era muito sôfrego, queria partilhar de tudo. Joker sorriu pensativamente, tirando uma baforada do charuto. Podia controlar Ross, especialmente depois da nova transação em que Kane envolvera o sindicato. Isso daria a Ross um novo campo de ação e o manteria satisfeito.

Pegou o telefone.

— Ross já chegou? — perguntou à secretária.

— Já foi para aí, Sr. Martin.

Mal desligou, a porta se abriu e Ross apareceu. Joker examinou um momento um papel que estava em cima da mesa e olhou para Ross.

— Trouxe o dinheiro?

Ross jogou um pacote em cima da mesa.

— Pronto, Joker. Dez mil dólares. É tudo o que tenho.

Joker abriu uma gaveta, guardou o pacote e tirou um certificado de ações, que entregou a Ross. Este examinou-o e jogou-o com raiva em cima da mesa.

— Está brincando comigo, Joker? Isto é apenas uma ação. Você me disse que era um grande negócio.

— E é — disse Joker sorrindo.

— Conversa! Que é essa Empresa de Desenvolvimento Blue Sky? Nunca ouvi falar nisso!

— Isso é Las Vegas.

— Las Vegas? Onde é que fica isso?

— Em Nevada. Vai ser a maior fonte de dinheiro do país. Hotéis, cassinos, boates, clubes. E tudo legal.

— Devolva o meu dinheiro. Se quer que eu compre alguma coisa, arranje-me um interesse em Miami, em Reno, em...

— Não seja bobo, Ross. Miami está nas mãos do pessoal de Chicago, e a verdade é que aquilo não dá mais nada. Quanto tempo ainda pode durar? Ninguém sabe, mas não pode ser muito. Reno é uma cidade de gente desiludida. Não é para se divertir que o povo vai lá. Dandy Phil e Big Frank controlam Nova Orleans e não deixam ninguém entrar lá. Sun Valley e Palm Springs não servem para jogo.

— E daí? Ao menos, nesses lugares sei o que estou recebendo pelo meu dinheiro.

— Vai receber muito mais com isso. Estamos partindo da base, construindo a cidade e fazendo as leis. Não haverá contratempos. Tudo será legal.

— E quando é que tudo isso vai acontecer? — perguntou Ross, um pouco mais calmo.

— Um negócio assim leva algum tempo. Kane diz que será entre cinco e dez anos. Depende da sorte que tivermos.

— Nessa altura, eu já serei um velho.

— Claro — disse Joker, rindo. — Será o velho de trinta anos mais rico do país.

— Não sei — murmurou Ross. — Acho que preferia gastar esse dinheiro

agora.

— Quem não prefere? Eu tenho dez ações como a sua. Acha que não seria melhor ter esses cem mil dólares no bolso à minha disposição? Mas me contenho porque sei que esse dinheiro vai me render um milhão, e de uma maneira tão legal que ninguém poderá fazer coisa alguma.

— Você tem mesmo cem mil dólares metidos nisso, Joker?

— Já não lhe disse?

— Quantas ações ao todo?

— Mil ações.

— Dez milhões de dólares! — exclamou Ross, cheio de admiração.

— E só estou deixando você entrar nisso porque tenho grandes planos a seu respeito.

— Que planos? — perguntou Ross apertando os olhos.

Joker recostou-se na cadeira e acendeu outro charuto.

— Como lhe disse, vai ser uma coisa inteiramente legítima e não consentiremos que ninguém com más intenções se meta no negócio. Por isso, estou trabalhando junto a Kane para que você seja a pessoa que vai controlar toda a operação para nós.

— Acha que vai dar resultado, Joker?

— Sem a menor dúvida.

Ross pegou o certificado e olhou-o.

— Sabe que isso aqui já está começando a ter melhor aspecto para mim?

— Cheira a dinheiro, não é? — disse Joker, rindo.

Ross guardou o certificado no bolso e sorriu.

— São três cheiros a que eu não posso resistir: dinheiro novo, carros novos e mulheres novas.

— Isso me faz lembrar de algo. Tive notícias hoje de uma velha garota sua, se estiver interessado.

— Não, as velhas garotas não me interessam. Já lhe disse que gosto de mulheres novas.

— Talvez essa seja diferente. Aquela polonesa loura...

— Marja? — exclamou Ross com um tom estranho, quase como se lhe fosse doloroso pronunciar o nome.

— Ela mesma. Estava pensando em ir procurá-la, mas queria saber se você ainda tem alguma intenção a respeito dela.

Ross percebeu que havia caído direitinho na armadilha de Joker. Não havia mais nada que ele pudesse dizer ou fazer. Joker olhava-o como um pai indulgente olha um filho.

— Não tenho nenhuma intenção de qualquer espécie. Ela é toda sua, Joker.

5

Mary estava sentada no quarto esperando que o telefone tocasse. O cinzeiro estava cheio de pontas de cigarros. Era a manhã de sexta-feira. Estava ali havia quatro dias e tinha apenas o dinheiro suficiente para pagar o quarto. Mas Evelyn lhe havia dito que telefonaria na manhã de sexta-feira. Tinha combinado tudo.

Fora na lavanderia, seis meses antes da sua saída. A morena esbelta, que trabalhava como passadeira, levantara o olhar de repente.

— Que vai fazer quando sair daqui, Mary?

— Não sei. Procurar um emprego, talvez. Ainda não pensei no assunto.

— Que espécie de emprego?

— Qualquer um. O que for possível.

Evelyn riu.

— Vai é morrer de fome. Quando menos esperar, já lhe arrancaram o couro.

Mary olhou-a com curiosidade e perguntou:

— E você? Que é que vai fazer?

— Tenho planos — disse Evelyn, misteriosamente. — Grandes planos.

— Quais são?

Evelyn já ia responder quando viu uma das guardas que se aproximava. Falou rapidamente pelo canto da boca.

— Procure-me hoje depois que apagarem a luz e eu lhe contarei. Acho que nós duas juntas poderemos conseguir alguma coisa.

Eram quase dez horas quando Mary chegou perto da cama de Evelyn e perguntou:

— Ainda está acordada?

— Estou.

Mary sentou-se na cama e perguntou:

— Que é que você pretende fazer?

— Vou ganhar bom dinheiro em negócios de espetáculos. Meu amigo está me arrumando um lugar para quando eu sair.

— Quando vai ser?

— Três dias depois de você — disse Evelyn. — Ele me recomendou que conseguisse uma companheira e começasse a ensaiar um número. Foi por isso que lhe falei. Acho que faremos uma boa dupla. Você é loura e eu morena. É disso que o povo gosta. O contraste.

Mary hesitou, meio desconfiada.

— Qual poderia ser o número? Eu não entendo nada de teatro.

— Numa só noite, você poderá aprender tudo o que é necessário e até gostar...

— Ah! — disse Mary, compreendendo de súbito. — É isso?

— Ora, é muito melhor do que ser esfolada para ganhar dez dólares por semana.

— Não sei — murmurou Mary. — Foi uma coisa em que nunca pensei.

— Silêncio que nós queremos dormir! — disse alguém de uma das camas.

Evelyn levantou a coberta.

— Deite-se aqui comigo para podermos falar sem essas dorminhocas ouvirem.

— Não. Acho que vou voltar para minha cama — disse Mary.

— Está com medo?

Mary não respondeu. Deitou-se na cama, e Evelyn cobriu-a com a coberta. Ficaram imóveis por um momento. Mary sentia o calor do corpo da outra.

— Quanto é que se pode ganhar? — perguntou ela.

— De vinte a trinta dólares por dia, cada uma. E é muito fácil.

Mary estava pensando. O dinheiro é que era importante. Sem dinheiro, nada era possível. Além disso, tudo estava acabado para ela. Nenhum homem decente iria querê-la quando soubesse o que havia acontecido.

— Que é que se tem de fazer?

No mesmo instante, a outra moveu as mãos e Mary perdeu o fôlego.

— Pare com isso! — disse ela.

— Você não me perguntou o que se tinha de fazer?

— Foi — replicou Mary ferozmente —, mas eu não sabia que você gostava

de mulher.

— E não gosto. Estava apenas dando-lhe uma lição.

Mary ficou calada. As mãos da outra voltaram a tocá-la, e ela encolheu nervosamente o corpo.

— Tenha calma — disse-lhe a amiga ao ouvido. — Uma brincadeira assim não lhe fará mal algum. De mais a mais, ajuda o tempo a passar mais depressa.

Na véspera da partida de Mary, Evelyn ajudou-a a arrumar a maleta.

— Lembre-se do que eu lhe disse, Mary. Fique esperando em seu quarto o meu telefonema na sexta-feira de manhã.

— Está bem — disse Mary.

Olhou mais uma vez para o relógio. Era quase meio-dia. Apagou o cigarro e colocou a maleta em cima da cama. Começou a arrumá-la. Evelyn não ia telefonar, e ela precisava sair do hotel enquanto ainda tinha dinheiro para pagar a conta.

O telefone tocou e ela correu para atendê-lo.

— Evelyn?

Foi uma voz de homem que respondeu.

— Quem fala é Joe, amigo de Evelyn. Ela está aí fora num carro. Está pronta?

— Quase pronta.

— Ótimo. Vou subir para apanhá-la.

Já tinha acabado de arrumar a mala quando bateram à porta.

Abriu e viu um homem grande e vistoso. Sorriu para ele.

— Joe?

Ele assentiu com a cabeça e entrou estendendo-lhe a mão, que ela apertou.

— Você é tão bonita quanto Evelyn disse — murmurou ele em voz falsamente cordial.

— Obrigada — disse ela. Encaminhou-se para o telefone. — Já estou pronta e vou chamar um *boy.*

— Não faça isso. Vou sair com a sua mala pelos fundos. Você sai calmamente pela porta da frente como se fosse dar um passeio. Assim, não terá

de pagar a conta.

— Sempre pago as minhas contas — disse ela, olhando-o muito séria.

Ele encolheu os ombros.

— O dinheiro é seu.

Mary pegou o telefone e ligou para a portaria. Evelyn estava esperando no carro e sorriu quando ela se aproximou.

— Nem sabia mais se você ainda estava aí, meu bem.

— E eu já estava pensando que você não viria mais — disse ela, entrando no carro.

— Demoramos um pouco, porque Joe teve de ir pegar as malas dele.

— Pegar as malas?

— Claro — disse Joe, dando partida no carro. — Não se pode viajar sem roupas.

— Viajar? Para onde é que vamos?

— Para a Flórida — respondeu Joe. — Tenho um ótimo apartamento na North Beach, em Miami. Vamos fazer muito dinheiro nesta temporada.

Um homem alto e de cabelos grisalhos chegou à portaria do hotel.

— Tenha a bondade, quero falar com Mary Flood. Quarto 1204.

— Deixou de vê-la por pouco — disse o empregado da portaria. — Acaba de pagar a conta e sair do hotel.

— Saiu do hotel? — exclamou Joker Martin, em cujo espírito logo nasceu uma suspeita. — Havia alguém em companhia dela?

— Sim, havia um cavalheiro.

— Como era ele?

— Um homem grande, mais ou menos da sua altura e com o rosto muito vermelho.

— Ah! — murmurou Joker, afastando-se da portaria.

— Por quê? Alguma coisa errada?

— Não, nada de errado — respondeu Joker, agradecendo e tomando o

caminho da rua. Ao menos, não tinha sido Ross. Pensara a princípio que fosse, mas Ross era mais baixo do que ele e moreno. Passou pela porta giratória e chegou à rua. Era bem feito por haver esperado. Deveria ter ido procurá-la logo que soubera da sua chegada. Uma pequena como ela não demoraria muito a estabelecer contato com alguém. Meteu um charuto na boca e começou a mascá-lo sem acendê-lo. Talvez até fosse melhor. Tinha muitas coisas naquele momento e podia esperar.

Ela tornaria a aparecer. Mais cedo ou mais tarde, todos tornavam a aparecer.

6

Pela terceira manhã consecutiva, ele a viu no momento em que saía do mar, como se fosse uma deusa. Usava um maiô branco que lhe aderia ao corpo como se fosse a própria pele. Os seios altos e firmes, a cintura fina, os quadris benfeitos mas generosos — tudo parecia feito de mármore branco. Tirou lentamente a touca branca. Uma massa cintilante de cabelos dourados caiu-lhe sobre o rosto queimado de sol.

Caminhou pela praia até o lugar onde estava estendida a esteira. Pegou uma toalha e enxugou-se vigorosamente. O homem podia quase sentir a vibração animal da sua pele sob a toalha. Nunca vira ninguém mostrar tal prazer de existir como aquela mulher que saíra da água.

Sabia perfeitamente o que ela iria fazer em seguida. Estender-se-ia na esteira, afrouxaria as alças do maiô e ficaria tomando um banho de sol. Não olharia uma só vez para o alto da pequena colina onde a casa dele se erguia sobre o oceano. Depois de ficar ao sol mais ou menos uma hora, levantar-se-ia e guardaria tudo o que era dela numa pequena bolsa de praia. Depois, passaria um roupão pelos ombros, sairia da praia, entraria num pequeno conversível e iria embora.

Era isso o que ela fazia todas as manhãs. Seria quase possível aceitar o relógio por ela. Todos os dias, da janela do seu quarto, ele a via chegar à praia às onze horas. Isso havia acontecido regularmente desde que ele chegara à Flórida, em fins de janeiro, quase três semanas antes. Vira-a pela primeira vez na manhã seguinte à festa do senador.

Acordara com uma terrível ressaca e gritara pelo empregado, pedindo suco de tomate. Mas Tom era meio surdo e não o ouvira ou não quisera ouvir. Levantara-se muito zangado e fora até a campainha perto da janela. Debruçara-se pesadamente no peitoril, olhando para a praia.

Ela estava saindo da água. A princípio, sacudira a cabeça, pensando que estava tendo visões. À luz enevoada da manhã, pensara que estivesse nua. Olhara melhor e percebera o maiô branco. Saíra da janela, julgando-se um idiota. Mas, na manhã seguinte, fora de novo para a janela, na esperança de que ela aparecesse.

"Puxa!", disse consigo mesmo. "Sou Gordon Paynter. Sou considerado o

melhor partido da temporada. Todas as mães da Flórida me marcaram como noivo para suas filhas e aqui estou eu suspirando por uma mulher desconhecida que aparece na praia. Não sei nem quem ela é. Com toda a certeza, é uma bobinha sem uma ideia na cabeça, salvo o prazer que lhe dão o sol e a areia."

Teve de repente a impressão de que havia alguém ao seu lado. Voltou-se prontamente. Tom estava olhando para a praia.

— Muito bonita aquela moça, Sr. Gordon — murmurou ele.

Gordon sorriu.

— Acho que é por isso que você não faz coisa alguma para mim de manhã, não é? Fica também, a olhá-la, hem?

Tom falou com uma intimidade que vinha de longas relações.

— Posso ser velho, Sr. Gordon, mas tenho olhos que gostam de ver o que é bonito.

— Sabe quem é?

— Não. Só a tenho visto aqui na praia.

— Acha que poderia aceitar um convite para vir almoçar aqui?

— Isso só se pode saber depois de fazer o convite — murmurou o velho, abrindo bem os olhos.

Gordon olhou para a praia. Ela estava estendida na esteira, quase confundida com a areia.

— Pois faça isso, Tom — disse ele, rindo. — Vá convidá-la para almoçar comigo.

Ela estava deitada imóvel na areia, com a cabeça pousada nos braços. O sol quente queimava-lhe as costas. Era um calor bom e limpo. Não era um calor sujo como o dos refletores que haviam brilhado sobre ela no *show* da noite anterior. Pensou nos homens cujos olhares cobiçosos grudavam-lhe ao corpo como coisas sensíveis. Que homens eram esses que se emocionavam com aquelas exibições de segunda classe?

O mais difícil de tudo era fazê-los compreender, depois do *show,* que tudo ficaria naquilo. Não tinha nada mais para dar-lhes. Ela e Evelyn esperavam no carro enquanto Joe recebia a outra metade do dinheiro delas. Em seguida, iam-se embora.

Em geral, Evelyn e Joe iam a algum lugar, mas ela ia diretamente para casa e se metia na banheira. Um banho quente purificava-a de uma porção de venenos. Ia depois para a cama, lia um pouco e adormecia. Às vezes, acordava na hora em que Evelyn e Joe voltavam. Havia muitos ruídos e ela esperava tranquilamente que o silêncio se restabelecesse.

De manhã, acordava antes deles, vestia o maiô, pegava o carro e ia para a praia. Acordavam quando ela voltava da praia e, quase sempre, era ela quem fazia o café da manhã. Depois, Evelyn e Joe se vestiam e iam para o prado de corridas. Só voltavam à tardinha. Em geral, perdiam e pediam-lhe algum dinheiro emprestado até o dia seguinte. Nunca lhe pagavam, mas ela achava mais sensato não cobrar o dinheiro.

Não era de todo má aquela vida. Já conseguira economizar cerca de quinhentos dólares, que estavam depositados num banco em Miami. Uma vez por semana, ia à cidade, entrava num cinema, lanchava e passava pelo banco. O trabalho havia deixado de preocupá-la. Sua reação diante do que tinha de fazer era rigorosamente impessoal. Afinal de contas, aquilo era uma espécie de representação e não era preciso sentir nada de pessoal para representar.

Já estava na hora de virar-se. Sentia as costas bem quentes e queimadas. Quando virou o corpo, percebeu que havia alguém de pé perto dela. Sentou-se prontamente, segurando com as mãos as alças do maiô.

Era um homem preto e grisalho.

— Senhora — disse ele, sorrindo e numa voz delicada e hesitante.

— Que deseja? — perguntou ela friamente.

— Vim trazer-lhe os cumprimentos do Sr. Gordon Paynter — disse ele, solenemente. — Vim saber também se aceitaria o convite para ir almoçar em casa dele.

Ela olhou para a mão que apontava a casa da colina. Já havia notado aquela casa. Pertencia sem dúvida a um homem rico, cercada como era de um gradil de ferro e no centro de um terreno que vinha até a praia. Virou-se para o preto e disse:

— Faça o favor de dizer ao Sr. Paynter que aprecio muito a gentileza, mas se ele quer convidar-me para almoçar, por que não vem até aqui e me convida pessoalmente?

O homem não pôde conter um sorriso, mas disse gravemente:

— Muito bem, senhora. Vou dizer a ele.

Fez uma reverência e voltou para a casa.

Mary viu-o começar a subir a colina. Estendeu-se então na areia e fechou os olhos. Uma maneira estranha aquela de travar conhecimento com uma mulher: mandar um empregado chamá-la. Como seria aquele tal Paynter? Provavelmente um velhote, já com o pé na sepultura. Teria decerto de fazê-lo conhecer o seu lugar. Cochilou alguns minutos e preparou-se então para ir embora.

Já havia arrumado a bolsa e se encaminhava para o carro quando ouviu passos na areia e virou-se.

Um homem moço corria para onde ela estava. Usava calças de brim branco e uma camisa branca de malha. Seus cabelos eram castanho-claros e se agitavam à brisa da praia.

— Senhorita, espere! — gritava ele.

Ela esperou. Era alto e tinha olhos azuis. O rosto estava um pouco fatigado e havia pequenas rugas de exaustão em torno da boca e dos olhos.

— Pensei que iria embora antes de eu chegar aqui — disse ele, ofegante com o exercício, a que não estava habituado. — Mas não podia deixar de vestir alguma coisa.

Ela não respondeu e ele sorriu subitamente.

— Ih! Não estou em bom estado físico. Quase não tenho fôlego. Meu nome é Gordon Paynter.

Observou-a atentamente, mas ela não mostrou qualquer sinal de haver reconhecido o nome e, ainda por cima, continuou calada.

— Tenho-a visto várias vezes aqui na praia. Em geral, ninguém vem até aqui. É um trecho muito isolado.

Já estava respirando melhor e ouviu-a por fim falar.

— É por isso mesmo que venho para cá. Não gosto de ser importunada pelos outros.

— Então, desculpe. Mas não quis importuná-la. Queria apenas saber se gostaria de...

— Obrigada, Sr. Paynter — disse ela prontamente. — Foi muita gentileza da sua parte... Talvez em outra ocasião...

— Posso levá-la até o carro? Tenho certeza de que já a conheço de algum lugar. Seria da festa em casa do senador?

Ela o olhou atentamente, mas viu que o rosto era sincero e livre de qualquer malícia. Não parecia do tipo que frequentava aqueles espetáculos só para homens. Estava apenas jogando verde. Sorriu e disse:

— Não creio que já nos tenhamos visto, Sr. Paynter.

— Tem certeza, Srta.... Srta.?

Ela não respondeu. Quando chegaram ao carro, ela jogou a bolsa no banco de trás e entrou.

— É de Nova York — disse ele, olhando para a placa do carro. — Eu também sou. Quem sabe se já não nos vimos lá?

— Não, Sr. Paynter — disse ela, girando a chave. — Nunca nos vimos.

— Bem, Srta... — disse ele, esperando em vão que ela lhe dissesse o nome —, espero que não deixe de vir a esta praia por minha causa.

— Fique descansado. Gosto disto aqui.

— Irá então almoçar comigo amanhã?

— Talvez — disse ela, rindo. — Por que não me convida amanhã, Sr. Paynter?

Ele ficou olhando o carro alguns momentos depois que ela partiu, e coçou a cabeça. Muito estranha aquela moça. Não parecia absolutamente que já tivesse ouvido falar nele. Ou estaria apenas fingindo? Voltou para casa pensando. Talvez pudesse apurar tudo no dia seguinte.

7

Quando ela chegou à praia na manhã seguinte, piscou, espantada. Havia uma mesa na areia, coberta por um guarda-sol. Estava cheia de comida, e Gordon Paynter se encontrava de pé ao lado dela.

— Está com dez minutos de atraso — disse ele, rindo.

Ela não respondeu.

— Não quis arriscar-me. Mandei Tom instalar tudo aqui.

— Parece que o senhor está tendo tanto trabalho por nada, Sr. Paynter.

— Não penso assim, Srta. Desconhecida.

— Por que me chama assim?

— Srta. Desconhecida... Gosto do nome. Dá-lhe um toque de mistério.

— Mas nada tenho de misteriosa.

— Uma moça sem nome em Miami é sempre misteriosa — disse ele e voltou-se para a mesa. — Espero que goste de camarões. Tom faz uma salada de camarões razoável.

— Adoro camarões.

— Então, vamos comer — disse ele, sentando-se.

Ela deixou cair o roupão na praia e disse:

— Gostaria de entrar na água antes.

— OK — disse ele.

Levantou-se e tirou a camisa. Deixou cair as calças na areia ao lado do roupão dela. Estava de calções de banho.

— Vamos!

Ele a seguiu até o mar. Ela mergulhou numa onda e veio à tona, espadanando água.

— A água está fria — disse ela, batendo os dentes.

— Vou falar com Tom — disse ele, rindo. — Talvez se possa trazer água quente encanada até aqui para você.

— Deixe de ser bobo — disse ela, rindo e voltando às ondas. Em dado

momento, uma onda mais forte arrebentou em cima dela e a fez perder o equilíbrio. Já ia rolando quando sentiu a mão dele agarrá-la pelos ombros e levantá-la.

— Agora que lhe salvei a vida, quer dizer-me seu nome?

Ela sentiu uma ponta de emoção. Havia nos olhos dele alguma coisa que lembrava Mike. Era a mesma decência, a mesma delicadeza com que a olhavam.

— Acho que pelo menos seria de boa educação — disse ela.

— Pelo menos — murmurou ele, ainda segurando-a.

— Meu nome é Mary Flood.

— Prazer em conhecê-la, Srta. Flood — disse ele, beijando-lhe o rosto e soltando-a. — Muito prazer mesmo.

— Nunca comi tanto em minha vida, Gordon — disse ela ao fim do almoço.

Ele sorriu.

— Tom vai gostar de saber disso. Ele fica radiante quando alguém aprecia a comida dele.

— Pode dizer a Tom que ele é o maior.

— Mais café?

— Não, muito obrigada. Ih! já passa de uma hora da tarde. Tenho de correr!

— E hoje à noite, Mary? Quer marcar um encontro comigo?

— Gostaria muito, mas não posso.

— Por quê, Mary?

— Tenho de trabalhar.

— Amanhã à noite, então?

— Não é possível. É à noite que eu trabalho.

— Que é que faz?

— Faço um número com outra moça. Trabalhamos cada noite num clube diferente.

— Aonde vai trabalhar hoje à noite? Diga, que eu irei vê-la.

— Não sei. O nosso número é uma espécie de tapa-buraco. Ficamos à espera de um telefonema do agente. Quando alguém não aparece em algum lugar para fazer o seu número, vamos correndo para lá.

— Está bem. Quando souber com antecedência, dê-me um aviso.

— Está combinado, Gordon — disse ela, apanhando a bolsa na areia, ao lado. — Muito obrigada pelo almoço.

— Deixe-me levá-la até o carro para você — disse ele, tomando-lhe a bolsa.

— OK.

Foram em passos lentos até o carro.

— Espero-a amanhã — disse ele.

Ela olhou para os pés na areia. Já havia tomado uma decisão. Não voltaria àquela praia. Nunca mais. Teria de procurar outro lugar.

— Está bem — disse ela.

Já haviam chegado ao carro. Gordon abriu a porta para ela. Colocou a bolsa no banco ao seu lado.

— Obrigada por tudo, Gordon.

— Eu é que lhe agradeço, Mary.

Ela estendeu-lhe a mão e ele tomou-a de surpresa. Em lugar de apertá-la, levou-a carinhosamente aos lábios e disse:

— Até amanhã.

— Adeus, Gordon — disse ela, ligando o motor. — Você foi muito gentil comigo. Mais uma vez, muito obrigada.

Chegou ao apartamento, cantarolando. Joe e Evelyn estavam sentados à mesa, tomando café. Joe olhou-a e perguntou:

— Por que está tão feliz?

— Por nada. Um camarada me pagou o almoço.

— Devia conseguir dele mais do que o almoço. O meu contato acaba de me dizer que não trabalharemos durante duas ou três semanas.

— Que quer dizer com isso?

— A lei está contra nós. A polícia está sendo alertada.

— E que é que vamos fazer agora, Joe?

Em vez de responder, Joe olhou para Evelyn. Depois, ainda calado, levantou-se e foi para o quarto.

— Que é que há com ele? — perguntou Mary.

— Joe é assim mesmo — disse Evelyn, encolhendo os ombros. — Você não o conhece bem, mas ele é muito sensível a respeito de certas coisas.

Mary riu. Achava mais engraçadas ainda as palavras de Evelyn em vista da seriedade com que tinham sido proferidas.

— A única coisa a que ele é sensível é o dinheiro — disse ela.

— Exatamente. Está com vergonha de pedir-lhe dinheiro para podermos sair daqui e ir para Nova Orleans.

Mary arregalou os olhos.

— E que foi que houve com o dinheiro de Joe? Ele recebeu a metade de tudo o que nós fizemos.

— Gastamos tudo nas corridas e por outros motivos — murmurou Evelyn, que então sorriu para Mary. — Mas eu disse a ele que não se preocupasse, pois você não teria dúvidas em emprestar-nos todo o dinheiro que tivesse.

Mary falou muito séria:

— Tenho cerca de vinte e dois dólares aqui na bolsa. Isso está à disposição dele, para ajudar no que é possível.

A decepção se estampou no rosto de Evelyn.

— Só isso? E o resto do seu dinheiro? Você deve ter pelo menos uns duzentos dólares guardados. Você nunca foi muito de gastar o seu dinheiro.

— Gastei tudo em roupas — disse Mary, sorrindo. — Você bem sabe como é quando se começa a fazer compras.

Nesse momento, a voz zangada de Joe fez-se ouvir do quarto.

— Eu bem lhe disse, Evelyn, que ela não ia nos dar nada. A verdade é que a temos tratado bem demais. Só há um meio de fazer uma vagabunda dessas saber quem é que manda.

Dizendo isso, saiu do quarto e avançou ameaçadoramente para ela.

Mary abriu calmamente a bolsa e tirou o canivete que havia adquirido na primeira vez em que saíra para fazer compras. Olhou firmemente para ele enquanto apertava o botão, projetando a lâmina.

— Evelyn lhe disse por que é que me mandaram para o reformatório? — perguntou ela numa voz que não se alterou.

— Porque ela retalhou o rosto do padrasto com uma faca — disse Evelyn, muito pálida.

Joe parou no meio da sala e olhou para Mary. Esta começou displicentemente a limpar as unhas com o canivete. Joe voltou-se para Evelyn e disse, com uma voz de desprezo:

— Que belas amigas você arranja! Não disse que se tratava de uma pessoa de muita classe?

8

Mary foi cedo para seu quarto e leu um pouco antes de dormir. Ouvia do outro lado da porta fechada um murmúrio abafado de conversa. Sorriu. Joe aceitara os vinte e dois dólares sem reclamar. Que iriam os dois fazer em seguida? Afinal, apagou a luz e tratou de dormir. No dia seguinte, teria tempo de sobra para preocupar-se.

Quando acordou no dia seguinte, o sol entrava radiosamente pela janela aberta. Rolou o corpo pela cama e espreguiçou-se. Era magnífico ir dormir cedo. Quase já se havia esquecido disso. Levantou-se e pegou o robe em cima da cadeira. Não havia armário no quarto dela. O armário ficava no quarto maior, onde estavam Evelyn e Joe.

Vestindo o robe, Mary passou para o outro quarto. Arregalou os olhos, surpresa. A cama estava vazia e sem o menor sinal de que alguém houvesse dormido nela. Foi até a janela e olhou. O carro também não estava mais lá.

Foi até a pia e encheu a chaleira para fazer café, ainda pensando na ausência dos dois. Deviam ter saído na noite passada e ainda não haviam voltado. Acendeu o gás e foi até o armário.

Vazio. Não havia mais roupas. Abriu as gavetas da cômoda. Tinham levado tudo. Praguejou baixinho. Tudo o que restava de roupas no apartamento era o que ela trazia em cima do corpo: uma camisola, um robe barato e as sandálias. Tinham levado todas as roupas dela, até o maiô.

O café estava fervendo. Serviu-se de uma xícara e sentou-se para pensar no que ia fazer. Estendeu a mão para o maço de cigarros que ficava sempre em cima da mesa. Até isso tinham levado. Foi até o quarto e apanhou o maço que estava dentro da bolsa.

Nesse momento, bateram à porta e ela abriu. Era o zelador do edifício.

— Que é? — perguntou ela.

Era um homem baixo e atarracado, que a olhou por entre as cerradas sobrancelhas, dizendo:

— Seus amigos foram-se embora.

— Sei disso — disse ela, sem sair da porta.

Ele fez um movimento para entrar no apartamento, mas ela lhe bloqueou a passagem.

— Disseram-me que pagaria o aluguel — disse ele, tentando olhar por cima do ombro dela, para ver o que ainda restava do apartamento.

— Quanto lhe devem?

— Três semanas. São noventa dólares.

Não dava para saber se ele estava mentindo ou não. Se estava dizendo a verdade, Joe havia embolsado a parte do aluguel que ela pagara.

— Ele me disse que lhe havia pago até a semana passada.

— Tem os recibos?

— Devem estar por aí.

Ele bem sabia que ela não tinha os recibos. Quando ouvira o barulho do motor do carro no meio da noite, saíra do quarto às pressas. Sempre dormia com um ouvido voltado para os inquilinos. Num edifício de apartamentos mobiliados era preciso agir assim; do contrário se perderia até a camisa do corpo. Havia sempre quem tentasse sair sem pagar o aluguel.

O homem e a mulher estavam arrumando as malas no carro.

— Olá! — dissera ele, amarrando o roupão. — Aonde é que vão?

— Vamos embora.

— E meu aluguel?

— Que é que há com seu aluguel? A loura vai ficar. Não irá conosco.

— Como é que eu vou saber se ela tem dinheiro?

O homem olhara para a companheira e depois levara o gerente para trás do carro, onde ela não poderia ouvi-lo.

— Ela tem dinheiro, sim, e você pode até cobrar-lhe mais duas semanas e não apenas esta.

O gerente baixara inconscientemente a voz.

— Mas os recibos estão na sua mão.

O homem tirou alguns papéis do bolso e disse:

— Posso devolvê-los.

O gerente viu em suas mãos os recibos das duas últimas semanas.

Ouviu então o homem dizer-lhe:

— Tenho de sair. Minha garota é muito ciumenta e a loura não me deixa em paz. Quer saber de uma coisa? Você pode até...

— Acha mesmo? — perguntou o zelador, sentindo a boca seca ao lembrar-se de como a vira ir para o carro de maiô.

— Fácil, fácil.

O zelador ficou indeciso. Na realidade, o aluguel só estava com dois dias de atraso.

— Como é que eu vou fazer?

— Ora, ela é uma ninfomaníaca, sabe? Não pode passar sem fazer isso. Basta você mostrar a ela que está querendo.

— Está bem — disse o zelador, dando um suspiro. — Vou tentar.

O carro desapareceu então dentro da noite, e ele voltou para seu quarto. Ainda que o homem não estivesse dizendo a verdade, o pior que podia acontecer era ele conseguir apenas alguns dólares a mais...

Meteu o pé no batente da porta e disse categoricamente:

— Escute aqui, o aluguel não foi pago e eu quero o meu dinheiro.

— Não poderá receber nada agora — disse Mary. — Só depois que eu for ao banco e tirar o dinheiro.

— Nada disso. Acha então que vou cair nessa? Se você sair daqui, não me aparecerá mais e eu ficarei sem o meu dinheiro. Quero tudo agora.

— Não tenho dinheiro aqui — disse ela.

— Tem, sim — disse o homem, correndo os olhos cobiçosamente pelo corpo mal coberto pelo robe. — Tem todo o dinheiro de que precisa.

Um sorriso apareceu nos lábios de Mary. Compreendera tudo sem demora.

— Está bem — disse ela. — Mas preciso de algum tempo para me aprontar. Preciso tomar um banho e...

O homem estendeu a mão na direção dela. Sentiu-lhe a rigidez do seio sob o robe, mas ela esquivou agilmente o corpo e disse, sorrindo:

— Agora, não.

O gerente olhou para ela. O sujeito havia dito a verdade.

— Está certo — disse ele magnanimamente. — Dou-lhe uma hora e então voltarei.

— Obrigada — disse ela secamente.

— Mas não tente enganar-me. A polícia daqui não gosta de caloteiros, especialmente quando se trata de turistas.

Ela fechou a porta e escutou-lhe os passos que se afastavam pelo corredor. Ficou um momento ali e depois foi até a mesa. Pegou a xícara de café e tomou um gole. Estava gelado.

Acendendo outro cigarro, foi até o fogão e ficou ali pensativamente enquanto esquentava a cafeteira. No fundo do seu ser, sempre soubera o que ia acontecer. Mais cedo ou mais tarde, teria de tomar uma decisão.

Quando o café estava quente, levou uma xícara de novo para a mesa e sentou-se. Se ao menos tivesse algumas roupas, poderia ir embora. Mas, nesse caso, o gerente chamaria a polícia. Joe tinha dito que a polícia já estava alerta. Talvez fosse reconhecida como uma das figurantes do ato. Tudo então seria pior para ela.

Tomou o café e acendeu um cigarro na ponta do outro. Sorriu tristemente. Não que tivesse alguma coisa a perder. Já não era uma virgem que tivesse de proteger a invisível barreira. O padrasto tratara disso. Também sabia cuidar-se em relação a outras coisas que nunca mais deveriam acontecer. Isso ela havia aprendido no reformatório. Não havia motivo algum para preocupação. Entretanto, alguma coisa sempre a retivera.

Fechou os olhos, quase fatigada. Era o que todos sempre queriam. Os homens eram todos iguais. Ela sabia disso e costumava divertir-se. Gostava de ver até onde podia ir com eles com possibilidade de escapar. Se ao menos houvesse dentro dela alguma coisa que pudesse corresponder aos desejos deles, talvez ela pudesse pensar de maneira diferente a esse respeito. Só ao lado de Mike é que havia sentido alguma coisa surgir dentro dela.

Era estranho que ela pensasse nele naquele momento. Parecia que ele pertencia a um mundo completamente diverso. Talvez fosse o amor que sentia por ele que o tornava diferente. Devia ser. Nunca sentira o mesmo com qualquer outra pessoa.

Tomou outra xícara de café e olhou para o relógio. Quinze minutos ainda. Levantou-se e lavou a xícara. Depois de enxugá-la e guardá-la no armário,

tornou a olhar o relógio. Dez minutos.

Acendeu outro cigarro e esperou, com os olhos no relógio. Gostaria de sentir alguma coisa naquele momento, nem que fosse medo. Nada sentia, porém. Apenas a fria certeza de que aquilo teria de acontecer e de que tudo fora apenas uma questão de tempo.

Estava ainda olhando para o relógio quando bateram na porta. Levantou-se e foi abri-la.

— Entre.

O gerente hesitou um instante e afinal entrou e fechou a porta.

— Então? — perguntou ele, com o rosto ansioso.

Mary notou que ele fizera a barba e vestira uma camisa limpa. Sorriu consigo mesma.

— Então — respondeu ela.

— Está pronta? — perguntou ele, encaminhando-se para ela.

— Estou sempre pronta — respondeu ela automaticamente, com os olhos fitos no homem.

O gerente estendeu as mãos e abraçou-a rudemente. Beijou-a, e ela sentiu-lhe os dentes atrás dos lábios. Não se mexeu. As mãos do homem moveram-se rapidamente, e som de suas roupas sendo rasgadas chegou-lhe aos ouvidos como se viesse de muito longe. Foi então que ela o empurrou.

Olhou com pesar para o robe rasgado no chão. Estava mesmo sem roupas de espécie alguma. Olhou para o homem. Ele estava devorando-a com os olhos injetados e uma expressão de furor intenso no rosto. Avançou para ela.

Ela o encaminhou para o quarto. Tudo lhe era naquele momento perfeitamente claro. Demorara muito, mas afinal compreendia. Era aquela a vida para a qual nascera. Algumas mulheres nascem para ser esposas, secretárias, funcionárias ou atrizes. Mas ela nascera para ser prostituta.

Era por isso que as coisas tinham sempre corrido de maneira estranha para ela. O que todos viam nela antes de mais nada era a prostituta.

— Entre — disse ela calmamente, apontando a porta.

Ele avançou de novo para ela.

— Para que essa pressa toda? — perguntou ela, sorrindo. — Não vou fugir.

Ele hesitou um pouco e entrou no quarto, tirando a camisa. Ela apanhou o robe rasgado e seguiu-o para o quarto, olhando os pelos que lhe cobriam o peito e os ombros.

Lembrou-se das coisas que Evelyn lhe ensinara para o número e que sempre excitavam a assistência. Se ela tinha de ser uma prostituta, queria ser a melhor que havia. As palavras lhe vieram aos lábios como se as tivesse dito durante toda a sua vida.

— Como é que você gosta?

9

Entrou no vestíbulo do hotel e foi sentar-se numa poltrona num canto discreto. Abriu um número da *Vogue* que levara e começou a folheá-la displicentemente. Quem a visse, julgaria tratar-se de uma jovem bonita, queimada do sol e sadia que ali estava à espera do namorado. E era isso que ela estava mesmo fazendo... até certo ponto.

Alguns minutos passaram. Um *boy* parou diante dela e disse em voz baixa:

— Quarto 311.

— Quarto 311 — repetiu ela com um sorriso nos lábios.

— Isso. Ele já está esperando.

— Muito obrigada — disse ela, estendendo a mão.

— Não há de quê — respondeu o *boy,* segurando o dinheiro que ela lhe estava dando e afastando-se imediatamente.

Fechou devagar a revista e correu os olhos pelo vestíbulo enquanto se levantava. Tudo normal. O detetive do hotel estava olhando para o outro lado, os empregados da portaria estavam recebendo hóspedes novos e as outras pessoas que estavam por ali eram todas hóspedes. Satisfeita com essa rápida verificação, encaminhou-se para os elevadores. Não tinha nada com que se preocupar. Todas as providências tinham sido tomadas. Mac, o gerente do edifício, a havia orientado.

— Procure um lugar para operar — dissera ele. — Antes de mais nada, não se esqueça de pagar bem a todos os que puderem ter interesse no caso. Eles então a deixarão em paz e poderão até ajudá-la.

— Parece razoável — dissera ela.

— Não quero é que traga ninguém para cá. Procuro fazer disto um edifício respeitável e não quero encrencas.

— Posso sair daqui, se quiser.

— Espere, tenho uma ideia. O chefe da portaria do Osíris é meu amigo. Vou falar com ele e talvez possa resolver tudo para você.

O Osíris era um dos novos hotéis da praia. O chefe da portaria mostrou-se mais do que disposto a cooperar. Havia sempre procura de mulheres novas. Em

pouco mais de um mês, ela ganhara mais dinheiro do que havia visto em toda a sua vida, mas quando acabava de pagar a todos só lhe restava uma parte bem pequena.

Fazia em média quatro visitas por dia, como ela dizia. Dividiam-se pelos vários hotéis com que o chefe da portaria tinha contato, a fim de que ela não ficasse muito conhecida. A dez dólares por visita, andava tudo em quarenta dólares. Trinta se consumiam nas gratificações.

Apertou o botão e esperou o elevador. Enquanto esperava, tirou outra nota da bolsa. O ascensorista tinha também de ser gratificado. De repente, sentiu uma mão no ombro.

Teve um sobressalto e voltou-se para ver Gordon Paynter sorrindo para ela.

— Não tive a intenção de assustá-la, Srta. Flood.

— Sr. Paynter! — exclamou ela.

— Pensei muito no que poderia ter acontecido — disse ele. — Nunca mais apareceu na praia.

— O meu contrato terminou justamente naquele dia. E tenho andado muito ocupada à procura de outra coisa.

— Venha tomar alguma coisa comigo no bar — disse ele. — Precisamos ficar em dia.

A porta do elevador se abriu e o ascensorista olhou-os, dizendo:

— Sobe.

Ela olhou para Gordon e disse:

— Não posso. Estou com hora marcada.

— Isso não pode esperar alguns minutos? Tenho vasculhado a cidade à sua procura.

Ela sorriu intimamente. Era tão fácil encontrá-la. Bastava conhecer as pessoas que sabiam, hospedar-se no hotel e pedir uma jovem loura.

— Infelizmente, tenho de ver esse homem agora. É a respeito de um contrato.

— Posso esperar — disse Gordon. — Vai demorar muito?

— Muito não. Talvez resolva tudo em meia hora ou uma hora.

— Vou então esperá-la no bar. Será fácil encontrar-me. Estarei tomando um

martíni...

— Está bem, Sr. Paynter.

— Você já havia começado a chamar-me de Gordon.

— Está bem, Gordon — disse ela, entrando no elevador. — Procurarei não demorar muito.

A porta se fechou e o ascensorista perguntou curiosamente:

— Amigo ou freguês?

— Quarto andar, abelhudo — disse ela, entregando-lhe a nota de um dólar que trazia na mão.

— Não faz desconto para ninguém, Mary? — perguntou ele, sorrindo.

— Não posso. As despesas operacionais são grandes

O elevador chegou ao quarto andar, e ele abriu a porta, perguntando:

— E na sua noite de folga?

— Guarde o seu dinheiro, rapaz. Não tenho noite de folga.

Seguiu pelo corredor e foi bater na porta do 311.

Uma voz de homem perguntou abafadamente atrás da porta:

— Quem é?

Ela respondeu com voz apenas suficiente para ser ouvida do outro lado da porta:

— Serviço da portaria.

Olhou para o relógio, entrando no bar. Três quartos de hora. Parou um instante para habituar os olhos à penumbra. Ele estava sentado a uma mesa ao fundo e fez-lhe um aceno quando a viu.

— Conseguiu emprego? — perguntou ele, fazendo-a sentar-se.

— Mais ou menos.

— Outro martíni para mim — disse Gordon ao garçom que chegou à mesa. — E você?

— *Cassis* e soda.

— Vermute, *cassis* e soda — repetiu o garçom.

— Vermute, não — disse ela. — Apenas *cassis* e soda.

Quando o garçom saiu, Gordon comentou:

— Estranha bebida a que pediu, Mary.

— É assim que eu gosto.

— Aliás, você é mesmo uma pequena estranha, sabe?

Ela olhou, pensando que algum dos *boys* poderia tê-lo esclarecido a esse respeito, mas nada disse.

— Nunca mais apareceu, não telefonou, nem nada. Se eu não a houvesse encontrado por acaso hoje, talvez nunca mais a visse.

— E talvez fosse melhor para você — disse ela, muito séria.

— Que quer dizer com isso?

— Não sirvo para você. Não sou a espécie de pessoa com quem você costuma ter relações.

Ele sorriu. Ela devia ter ouvido falar nele.

— Que espécie de pessoas? — perguntou ele.

— Sociedade e essas coisas. Sabe muito bem o que quero dizer.

— É, só porque é uma moça que trabalha, não devo interessar-me por você?

Ela não respondeu e ele disse sem sorrir:

— Você é que é a verdadeira esnobe, Mary, Não tenho culpa de não precisar trabalhar. Isso podia ter acontecido a você. Ninguém escolhe seus pais.

— Decerto — disse ela, sorrindo. — Podia haver coisas piores.

— Também acho — disse ele pegando na mão dela por cima da mesa.

O garçom trouxe as bebidas.

— Vamos fazer um brinde — disse Gordon pegando o seu martíni.

— Um brinde a quê?

— A nós. E ao nosso jantar desta noite. Tom há muito aguarda a oportunidade de fazer um pato assado para você. Não aceito qualquer recusa — disse ele antes que ela falasse. — Vou levá-la para a praia assim que acabarmos de beber isto.

Ela respirou fundo, sentindo um toque de decepção. Ele não era diferente dos outros. Queria a mesma coisa.

— OK — disse ela.

— E ao fim dos mistérios — disse ele, ainda fazendo o brinde. — De agora em diante, quero vê-la constantemente.

Ela sorriu e ele continuou.

— Tom e eu achamos que você é a moça mais bonita de Miami Beach. Acho que estamos ambos apaixonados por você.

Ela colocou o copo em cima da mesa e disse:

— Não diga isso. Não diga isso nem brincando. Não é preciso.

10

— Vamos tomar o café e o conhaque no terraço, Tom — disse Gordon, levantando-se da mesa.

Tom puxou a cadeira de Mary para que ela se levantasse.

— Uma delícia tudo, Tom — disse ela, sorrindo. — Nunca em minha vida comi tanto.

— É porque estava com apetite. E a senhora come com gosto, como uma pessoa deve comer.

— Obrigada, Tom. Mas a verdade é que ninguém pode resistir à sua comida.

— Obrigada, senhora — disse ele, com o rosto todo aberto de felicidade.

Gordon abriu a porta, e ela passou para o terraço. O céu estava límpido, a noite fresca, batida pelo vento suave que soprava do mar.

Ela respirou fundo e murmurou:

— É como se a gente estivesse no céu.

Ele sorriu, satisfeito.

— Você costuma convidar todo mundo para a sua casa assim, Gordon? — perguntou ela.

— Que quer dizer com isso?

— Costuma convidar as pessoas sem conhecê-las? Afinal de contas, eu poderia ser uma pessoa mal-intencionada e ser para você uma fonte de problemas e aborrecimentos.

— Você é o tipo de problema de que eu gosto — disse ele, rindo. — Pode aborrecer-me à vontade.

— Estou falando a sério, Gordon. Você é um homem rico e bem conhecido. Alguém poderia explorá-lo.

— Não faria mal. Isso me pouparia o trabalho de explorar os outros.

Ela foi até a balaustrada. A lua cintilava lá embaixo na água.

— Já vi que não dá para conversar.

Ele colocou os braços nos ombros de Mary e fê-la voltar-se.

— Continue a falar, menina. Para variar, é ótimo ter alguma pessoa que se preocupe comigo. Em geral, todo mundo quer alguma coisa de mim.

— Você é uma ótima pessoa. Não quero nada de você.

— Sei disso. Se você quisesse, teria voltado.

Ela não disse nada.

— Você é a primeira pessoa há muito tempo que não se importa que eu seja Gordon Paynter ou não.

— Gosto de você porque é decente — disse ela.

Ela acabou de tomar o café e disse:

— Você bebe demais. Por quê?

Ele acabou de tomar o quarto conhaque e disse:

— Bebo porque gosto. Além disso, não tenho nada mais para fazer.

— Nada?

— Nada. Não me meto em negócios porque toda vez que tento fazer alguma coisa, tenho prejuízo. Agora, desisti de vez. Tenho tudo de que preciso sem ter de trabalhar. Acha que está errado?

Ela sacudiu a cabeça.

— Mas no fundo acha mesmo, não é? — disse ele, segurando-lhe o braço. — Todo mundo acha. Dizem que é terrível que eu não faça nada enquanto metade do mundo passa fome.

— Pouco me interessa o resto do mundo — disse ela. — Só me preocupo comigo.

— Pois eu não sou assim — disse ele com uma voz incrivelmente triste. — E acho terrível tudo isso.

— Por que não faz então alguma coisa?

— Não me deixam. Meus advogados me controlam e não posso nem dar o meu dinheiro, se quiser.

— Pobre Gordon — murmurou ela, batendo-lhe na mão.

— Você disse a pura verdade. Pobre Gordon.

— Gostaria de ter pena de você.

— Como assim? — perguntou ele, levantando a cabeça.

— Ninguém ainda suportou tão bem a infelicidade.

Ele começou a rir. As gargalhadas ressoavam pelo terraço e desciam até a praia.

— De que é que está rindo, Gordon?

Ele conseguiu parar de rir e disse com voz ainda entrecortada:

— Afinal encontrei uma mulher honesta! E logo onde! Em Miami Beach!

— Que há com Miami Beach? Gosto muito daqui.

— Eu também — disse ele, ainda rindo. Foi até a balaustrada, olhou para o mar e disse: — Tenho maiôs lá dentro. Vamos entrar na água agora?

Ela assentiu com a cabeça.

Voltaram para o terraço embrulhados em grandes toalhas felpudas.

— Tom! — gritou Gordon. — Café bem quente que estamos gelados!

Ninguém respondeu.

Gordon chegou até as portas e gritou:

— Tom! Venha arrumar um pouco de café para a gente!

— Não posso, patrão — respondeu afinal a voz de Tom. — Já estou deitado.

Ele voltou sacudindo a cabeça.

— Nada posso fazer com ele. Já está há muito tempo comigo.

Ela sorriu.

— Deixe que eu faço o café.

— Isso é que não!

— Mas eu quero. Também estou sentindo frio. A água é ótima, mas é preciso a gente estar habituada.

Ele a levou até a cozinha, e ela acendeu o gás. Alguns minutos depois, estavam no terraço tomando o café nas canecas fumegantes.

— Ótimo — disse ele, acabando a sua caneca. Estendeu-se na cadeira,

olhou para cima e perguntou: — Já notou como as estrelas são grandes aqui à noite?

— Não — disse ela, tranquilamente. — Para mim, parecem as mesmas que se veem em toda parte.

Ele a olhou, surpreso.

— Será que você não tem nem um pouquinho de romantismo dentro dessa alma?

Ela sorriu e disse:

— Já é bem tarde. Tenho de me vestir para ir-me embora.

Ele pegou-a pelo braço e murmurou:

— Mary Flood.

— É o meu nome.

— Mary Flood, não desapareça agora que tornei a encontrá-la.

— Você não sabe o que está dizendo.

Ele abraçou-a. Beijou-a depois com uma boca macia e quente. Era bem diferente dos outros. Ela sentiu um calor correr-lhe pelo corpo e fechou os olhos.

Sentiu a mão dele nos seus seios. Encolheu os ombros, e as alças do maiô caíram. Ouviu a exclamação de espanto dele e abriu os olhos.

Ele a estava olhando e murmurava:

— Você é linda! Linda!

Ela passou os braços pelo pescoço dele e encostou-lhe a cabeça no seu peito. Mal podia ouvir-lhe a voz.

— Desde o primeiro dia em que a vi sair da água, sabia que você era assim.

Ela desceu as mãos para a cintura dele e ouviu-o dar um suspiro quando ela o tocou.

— Esperei tanto por você — disse ele. — Esperei tanto tempo.

— Cale a boca! — exclamou ela. — Você fala demais!

Dois dias depois, ele a pediu em casamento.

11

O café estava fervendo na chaleira quando bateram na porta.

— Quem é? — perguntou ela, sem sair de junto do fogão.

— Eu — disse uma voz abafada. — Eu, Mac.

— A porta está aberta. Pode entrar.

Mary serviu duas xícaras de café e levou-as para a mesa. Mac entrou com alguns jornais na mão.

— Já leu? — perguntou.

— Não. Estou muito ocupada e não tive tempo para isso.

— Pois devia ler. Você está em todos os jornais.

— Eu? — exclamou ela, incrédula.

— Sim. Todos os jornais dizem que você vai casar-se com Gordon Paynter.

Ela encolheu os ombros e tomou um gole de café.

— Não sei por que foram publicar isso. Que importância tem? Há casamentos todos os dias.

— Mas não com Gordon Paynter! Você sabe que ele é um dos homens mais ricos do Estado?

Ela não respondeu. Pegou os jornais e começou a passar os olhos por eles. Num deles, havia um flagrante dela ao sair do cartório de licenças em companhia de Gordon. Nem havia notado quando o fotógrafo batera o instantâneo. Lembrava-se do que Gordon dissera antes de irem ao cartório: "Vão fazer grande agitação com o caso. Mas nem ligue. Nada do que fizerem poderá alterar meus sentimentos a seu respeito".

Ela olhou para ele com os olhos sombrios e foi tomada subitamente de um grande medo.

— Talvez fosse melhor não fazermos isso, Gordon. Seria bom esperarmos um pouco. Você não sabe de nada a meu respeito.

— Sei de tudo o que quero saber. Pouco me importa a vida que você levou até agora. Só quero saber o que você representa para mim. No fundo, é só o que tem importância...

O gerente tomou o café.

— E verdade, Mary? Vai mesmo casar-se com ele? — Vou.

— Que sorte a sua! E ele...

Ela não o deixou concluir a pergunta.

— Ele diz que isso não tem importância, que nada mais tem importância — disse ela, esquivando-se à verdade.

— Ele deve ser mesmo louco por você — disse o gerente, levantando-se. — Bem, isso quer dizer que vou perder um inquilino.

Ela o olhou um tanto surpresa. Havia uma alteração na sua maneira de tratá-la. Era uma alteração sutil, mas nem por isso menos real. Ela sentia uma subserviência que até então nunca existira.

— Ainda não, Mac — disse ela. — Só sairei daqui três dias antes do casamento.

Ele foi até a porta, abriu-a e disse:

— Se precisar de alguma coisa, Mary, basta chamar-me que eu virei correndo.

— Obrigada, Mac.

— Não quero que se esqueça de que sempre fui seu amigo.

— Não me esquecerei.

Ele saiu e ela levou as xícaras para a pia. Nome e dinheiro significavam muito. Apertou os lábios numa careta amarga. Estava decidida. Mac havia-lhe mostrado o caminho. Queria as duas coisas. E ai de quem atravessasse o caminho dela.

Gordon saiu do chuveiro, pegou uma toalha e começou a enxugar-se, cantarolando, cheio de satisfação. Só faltava um dia.

Olhou para o espelho enquanto se penteava. Os cabelos estavam começando a rarear na frente, mas ainda pareciam fartos e ondulados. Não sabia até que ponto a hereditariedade influía nessas coisas. Seu pai ficara calvo antes dos trinta. Riu para o espelho, contente consigo mesmo.

Começou a vestir-se. O físico ainda estava muito bom. Não era esbelto demais, mas não estava flácido. Mary lhe recomendara que bebesse menos.

Nisso ela estava cena. Ele sempre soubera que a bebida não lhe fazia bem, mas tinha continuado a beber porque não tinha outra coisa para fazer.

Foi até o quarto e apanhou a camisa que Tom colocara em cima do travesseiro. Um leve cheiro se evolou do travesseiro — o perfume que ela usava. Sentiu uma onda de desejo acelerar-lhe o sangue. Ela era perfeita. Ninguém se ajustara tanto a ele quanto ela.

Podia ouvir-lhe a voz terna e apaixonada murmurando-lhe ao ouvido: "Mate-me, querido! Sufoque-me!" A pele lhe latejava como se ainda lhe estivesse sentindo as unhas. Nunca se sentira mais homem.

— Sr. Gordon — chamou Tom do andar de baixo.

— Que é que há, Tom?

— Há um cavalheiro aqui que deseja vê-lo.

— Quem é?

— Não quis dizer o nome. Diz que quer conversar com o senhor confidencialmente a respeito da Srta. Flood.

Gordon franziu a testa. Que poderia querer o homem? Devia ser algum repórter.

— Diga-lhe que espere. Já vou descer.

Alguns minutos depois, chegou à sala de estar. Um homem se levantou de uma cadeira e perguntou:

— Sr. Paynter?

Gordon assentiu com a cabeça, esperando que o homem se apresentasse.

— Chamo-me Joe — disse o homem. — O sobrenome não importa. Vim apenas fazer-lhe um favor. Que é que sabe sobre a moça que se chama Mary Flood?

Gordon sentiu uma cólera instintiva crescer dentro dele e exclamou rispidamente, apontando a porta:

— Saia imediatamente daqui!

O homem não se moveu.

— Creio que tem o direito de saber alguma coisa, já que vai se casar com ela.

— Sei tudo o que preciso saber! — disse ele, caminhando nervosamente

para o homem. — Saia!

O homem moveu-se nervosamente e meteu a mão no bolso, tirando algumas fotografias que passou a Gordon.

— Antes de perder a calma, acho melhor ver isso aí.

Gordon olhou. Eram fotografias de duas mulheres nuas. Sentiu um frio correr-lhe pela espinha. Uma delas era Mary. Olhou para o homem e perguntou com voz trêmula:

— Onde conseguiu isso?

— Vou lhe contar tudo. O verdadeiro nome dela é Marja, Marja Fluudjincki. Saiu de um reformatório em Nova York há menos de um ano. Posso conseguir-lhe os negativos dessas fotografias, se o senhor quiser.

Gordon rangeu os dentes. Chantagem. Atravessou a sala e pegou o telefone.

— Polícia — disse ele à telefonista.

— Não adianta nada fazer isso — disse o homem. — Estou lhe oferecendo as fotografias como um favor especial. Se chamar a polícia, os jornais saberão de tudo, darão publicidade ao caso e todo mundo irá divertir-se à sua custa.

Gordon largou o telefone e deixou-se cair numa cadeira. Ela devia ter dito a ele. Não era direito. Olhou para o homem e disse:

— Como posso saber se estas fotografias não são falsas?

— Vou dar-lhe uma prova.

Foi até a porta e chamou:

— Evelyn! Venha cá!

Um instante depois, entrou na sala uma mulher de cabelos pretos bem curtos. Gordon olhou para as fotografias. Era a outra que estava com Mary.

— Conte tudo a ele — disse o homem.

— Mas, Joe... — murmurou nervosamente a mulher.

— Conte tudo! Viajamos a noite toda de Nova Orleans até aqui e não podemos perder a viagem! Conte!

Evelyn olhou para Gordon e disse:

— Conheci Marja na Casa Correcional Geyer no Estado de Nova York. Treinamos um número e viemos para cá. Trabalhávamos em festas só para

homens e clubes particulares. Quando a polícia desconfiou e começou a rondar-nos, Joe e eu saímos da cidade. Mary ficou aqui e nós soubemos que...

Gordon levantou-se da cadeira e atravessou rapidamente a sala. Abriu o armário do bar e tirou uma garrafa de uísque. Serviu um copo, sentindo uma dor aguda dentro do peito.

— Querem beber? — perguntou ele.

— Acho que não faz mal algum — disse o homem com um sorriso forçado. — Você não quer, Evelyn?

12

Saltou do táxi em frente à casa e, chegando à porta tocou a campainha.

Foi Gordon quem abriu, e ela sentiu o cheiro de uísque no momento em que o viu.

— Você bebeu! — exclamou ela. — E me prometeu que ia deixar!

Ele riu nervosamente e disse:

— Estava apenas fazendo uma comemoração. Não é todo o dia que se recebe a visita de velhos amigos!

— Que amigos são esses?

Ele a fez entrar para a sala. Mary parou à porta, gelada. Evelyn estava estendida no sofá, vestida apenas de calças e sutiã. As roupas dela estavam espalhadas por toda a sala. Deu um adeus bêbado para Mary.

Joe foi ao encontro dela.

— A querida Mary! Tem um beijinho para seu velho amigo Joe?

De repente, começou a trautear a *Marcha nupcial*

— Que é que estão fazendo aqui? — perguntou ela iradamente.

Joe riu.

— Ora essa! Viemos festejar o casamento de uma velha amiga. Estou certo?

Ela se voltou para Gordon.

— Quando foi que eles chegaram aqui?

— Esta tarde...

Tentava concentrar o olhar nela, mas a cabeça lhe doía demais. Precisava de outro drinque. Pegou a garrafa e perguntou:

— Quer beber?

Ela sacudiu a cabeça. Gordon bebeu da garrafa. Teve prazer ao sentir o uísque queimar-lhe a garganta.

— Eu precisava disso — disse ele, olhando para Mary. — Tem certeza de que não quer também um gole?

— Não, muito obrigada — disse ela secamente, acendendo um cigarro.

— Vamos, Mary — disse Joe, — Beba um pouco. Assim ficará com boa disposição para o *show.*

— Que *show?*

— Nós estávamos contando ao seu amigo como era o nosso número — disse Evelyn, levantando-se do sofá. — Joe achou que seria muito divertido representá-lo agora para ele ver como é.

Ela se voltou para Gordon:

— Disseram-lhe, não foi?

Ele assentiu com a cabeça.

— E você ouviu sem me dar uma chance de explicação?

Ele apontou as fotografias em cima de uma mesa.

— Essas fotografias falam por si. Não há necessidade de ouvir mais nada. Você devia ter-me dito antes.

— Você não me deixou — respondeu ela. — Todas as vezes que eu começava, disposta a dizer-lhe tudo, você me dizia que pouco se importava com o que eu tivesse sido, que o que já sabia a meu respeito lhe bastava.

Ele não respondeu, e ela se voltou para Joe, com a voz cheia de desprezo.

— O mesmo Joe de sempre! Capaz de todos os papéis para pegar algum dinheiro. Espero que desta vez tenha tido bom proveito.

— Ainda não sei. Mas não há problema. A polícia já está mais calma e nós poderemos voltar ao nosso velho número.

A mão dela moveu-se com tanta rapidez que ele não teve tempo de esquivar-se. A bofetada estalou-lhe no rosto, deixando uma marca vermelha.

— Cachorra! — exclamou ele, dando um passo na direção dela. — Vou dar-lhe uma lição!

— Pode vir — disse ela, com um olhar de provocação.

Ele parou, vendo a lâmina brilhar-lhe na mão, e recuou.

Gordon olhou para eles e exclamou:

— Mary!

Ela voltou-se para ele e falou com um tom magoado e colérico:

— Você é tão ruim quanto eles. A mim não quis escutar, mas escutou a primeira pessoa que apareceu para falar de mim. Será que lhe contaram também como fugiram e me deixaram sem uma peça de roupa dentro do apartamento? Aposto que você também achou muita graça nisso!

Ele nada disse. Continuou a olhar fixamente para ela.

— Mas eles não lhe contaram tudo porque não sabiam. Depois que eles me abandonaram sujamente, comecei a fazer a vida. Era preciso pagar o aluguel e viver. Ganhei bom dinheiro. Quarenta dólares por dia. Era isso o que estava fazendo no dia em que você me encontrou.

— Não, Mary! — disse ele, com uma voz que era mais um gemido.

— Tinha me afastado de você, mas isso não lhe bastou. Teve de ir atrás de mim, tinha de mostrar-me seu amor. Se houve alguém enganado em tudo isso fui eu, Gordon, porque acreditei em você, porque pensei que havia encontrado o homem perfeito, genuíno, superior, porque pensei que a vida podia reservar-me alguma coisa de bom. Mas como estava errada!

Em seguida deu as costas e dirigiu-se para a porta.

Gordon pegou-lhe o braço e murmurou:

— Mary...

Havia nos olhos dele um brilho diferente.

Ela o olhou com uma chama de esperança a acender-se no coração.

— Você está me retendo, Gordon?

Ele não respondeu e a chama se apagou dentro dela.

Puxou o braço e saiu rapidamente, fechando a porta. Ele ficou ali parado alguns momentos, depois voltou-se para os outros.

Joe teve um riso forçado.

— Você viverá muito melhor sem ela, fique sabendo!

— Saiam! — gritou Gordon, numa voz cheia de ódio. — Saiam imediatamente daqui os dois antes que os mate!

Mary descia tropegamente o passeio. As lágrimas lhe enchiam os olhos e rolavam pelas faces.

De repente, ouviu uma voz delicada que lhe dizia:

— Quer que chame um táxi, Sra. Mary?

Ela levantou os olhos. Era o velho preto que ali estava, com um mundo de compreensão no olhar.

— Não... Muito obrigada, Tom — disse ela com voz rouca. — Prefiro andar um pouco.

— Se me der licença, vou acompanhá-la. É muito deserto por aqui.

— Não vai acontecer nada, Tom. Não tenho medo.

— Sei que não tem, Sra. Mary. A senhora é uma das mulheres mais corajosas que já conheci.

Ela o olhou e de repente compreendeu.

— Quer dizer que sabia todo o tempo, Tom?

Ele assentiu com a cabeça.

— Mas nada disse a ele. Por quê?

— Já lhe disse por quê. Vi que a senhora era corajosa, forte, uma mulher de verdade. O Sr. Gordon não passa de uma criança grande. Eu tinha a esperança de que a senhora fizesse dele um homem. Agora, esse sonho acabou. Não é mais possível!...

— Obrigada, Tom. E adeus!

— Espere um instante, Sra. Mary. Eu tenho algum dinheiro, e caso a senhora esteja desprevenida...

Pela primeira vez naquela tarde, o seu ceticismo em relação à humanidade se abrandou. Segurou a mão do velho.

— Posso arranjar-me, Tom.

Ele baixou os olhos e murmurou:

— A senhora nem sabe como sinto tudo isso!

Ela o olhou enternecídamente e disse:

— Acho que mudei de ideia, Tom. Você pode fazer-me um favor?

— Pois não, Sra. Mary!

— Vou para casa. Quer me chamar um táxi?

— Claro, Sra. Mary.

Ela o viu descer a colina para a avenida lá embaixo, onde sempre passavam táxis. Tirou outro cigarro e acendeu-o. Olhou para cima.

As estrelas pontilhavam o céu e a lua se refletia no mar. Da praia vinha o leve murmúrio das ondas e uma brisa suave soprava do lago.

De repente, jogou o cigarro fora. Havia tomado uma decisão. Estava cansada da Flórida. Voltaria para Nova York. Também lá as estrelas brilhavam.

13

Mike levantou os olhos do livro e esfregou-os cansadamente. Sentia-os arder. Olhou pela janela Ainda estava nevando. Na sala ao lado, o telefone começou a tocar. Ouviu a mãe atender.

Fechou os livros. Estava quase na hora de sair para o trabalho. Cabia-lhe naquele mês o turno da noite. Levantou-se e foi para o banheiro. Todos os seus apetrechos de barbear estavam em cima da pia.

Estava ensaboando o rosto quando a mãe chegou à porta.

— Já estou preparando seu almoço, meu filho.

— Obrigado, mamãe.

Ela ficou ali a olhá-lo. Ao fim de alguns momentos ele teve consciência do olhar dela.

— Que é, mamãe?

Ela sacudiu a cabeça e foi saindo, mas ao fim de alguns passos, voltou-se e disse:

— Você não dormiu muito. Ouvi-o levantar-se às três horas da madrugada.

— Perdi o sono, mamãe. Além disso, tinha de estudar. Os exames da polícia são daqui a dois meses. Não quer que eu seja um recruta a vida inteira, quer?

— Claro que não. Mas ficaria mais satisfeita se você fosse um pouco igual aos outros rapazes. Seria bom você sair e passear de vez em quando em lugar de viver sempre metido com esses livros. Há por exemplo aquela menina, filha de Gallagher, o farmacêutico. Encontro-me com ela na rua todos os dias e ela nunca deixa de perguntar por você...

— Já lhe disse uma porção de vezes, mamãe, que não tenho tempo para namoros. Depois, haverá tempo de sobra para isso. Agora, tenho mais o que fazer.

Ela o olhou firmemente através do espelho e disse:

— Se fosse Marja, você encontraria tempo.

— Esqueça-se dela, mamãe! — exclamou ele com o rosto vermelho. — Já não lhe disse que isso acabou?

— Eu posso me esquecer dela, meu filho. Mas será que você pode?

Ficou ouvindo os passos dela, que se afastavam pelo corredor, e levou a navalha distraidamente ao rosto. A sensação de queimadura mostrou-lhe logo que havia se cortado.

Enquanto cuidava de estancar o sangue, Marja veio-lhe à lembrança. Marja. Estaria sua mãe com a razão? Acabou de fazer a barba, enxugou o rosto e olhou pela janela. Ainda nevava.

Que estaria Marja fazendo àquela hora?

O grande relógio do vestíbulo marcava oito horas quando Mary saiu do hotel. A neve cobria as ruas com um lençol branco e amortecia todos os ruídos do tráfego. Entrou pela 49th Street em direção à Sixth Avenue. Devia haver mais movimento nas imediações do Rockefeller Center.

De qualquer maneira, seriam fregueses de mais classe. Os turistas e os funcionários de escritório daquela zona tinham mais para gastar. A Broadway, a Seventh e a Eighth Avenue no máximo rendiam dois dólares de cada vez. Na Sixth Avenue havia chance para uma mulher ganhar cinco ou dez dólares de uma vez.

Olhou para o céu. Ainda estava nevando pesadamente. Não iria fazer muito naquela noite, mas não podia dar-se ao luxo de ficar em casa. Estava quase sem dinheiro e teria de pagar o aluguel daí a alguns dias. Saiu caminhando devagar, com o rosto afastado da rua e voltado para as vitrinas, como se estivesse interessada em comprar o que elas ostentavam.

Na realidade, olhava para as vitrinas como se elas fossem espelhos. Cada homem que passava era examinado e instintivamente avaliado. Virou à esquerda na Sixth Avenue e chegou até a esquina da 50th Street. Quase não havia ninguém na rua. Entrou na cafeteria da esquina e pediu uma xícara de café.

Levou-a para uma mesa perto da janela, de onde podia observar a entrada do *music hall* do outro lado da rua. O *show* devia acabar daí a uns vinte minutos. A multidão saía para a rua e havia sempre uma oportunidade nessas ocasiões.

A xícara estava quase no fim quando as pessoas começaram a sair. Acabou prontamente o café e foi para a rua. Ficou num canto da entrada do teatro como se estivesse esperando alguém com quem houvesse marcado encontro.

Um porteiro passou, olhando-a, e ela olhou impacientemente para o relógio,

como se estivesse cansada de esperar. Muita gente passava, mas nada havia senão rostos. O fluxo de espectadores foi diminuindo. Mais alguns minutos e ela teria de sair de novo para a neve. Parecia que aquela noite seria perdida.

Já ia saindo quando o instinto a fez levantar os olhos. Um homem a estava olhando do outro lado da porta do teatro. Olhou-lhe prontamente os sapatos. Eram marrons. Isso automaticamente lhe dava segurança. A gente da polícia só usava sapatos pretos. Olhou de novo para o homem, sem qualquer expressão nos olhos. Depois, voltou-se e saiu para a rua.

Ela esperou na esquina que o sinal se abrisse. Sem virar-se para olhar, sabia que o homem a havia seguido. Quando o sinal abriu, ela atravessou a rua e entrou no edifício da RCA. Subiu alguns degraus para a galeria e parou em frente a uma vitrina.

Viu pelo reflexo o homem passar por ela e parar junto a uma vitrina pouco adiante. Ela passou lentamente por ele e parou em frente a um restaurante cujas janelas envidraçadas eram pintadas de preto na parte inferior para que não se pudesse espiar para dentro. Ali, ela tirou um cigarro da bolsa e ia acendê-lo, quando viu a chama de um isqueiro brilhar perto dela.

A mão do homem tremia um pouco quando ela o olhou. Tinha rosto redondo e olhos pretos. Parecia direito.

— Muito obrigada — disse ela, acendendo o cigarro.

— Posso oferecer-lhe um drinque? — perguntou ele, sorrindo, mas com voz gutural e pesada.

Ela levantou as sobrancelhas e falou com voz amistosa e sem qualquer intenção de insulto.

— É só isso o que deseja?

— Não — gaguejou o homem. — Mas...

— Por que é então que vai aumentar a sua despesa? Não é preciso gastar dinheiro comigo.

Ele tossiu um pouco e aprumou o corpo como se esperasse assim parecer um homem do mundo.

— E... quanto é?

— Dez dólares — disse ela prontamente, observando-o para baixar o preço se ele quisesse desistir.

— OK— disse ele.

Ela sorriu e tomou-lhe o braço. Desceram juntos a escada e foram para a rua. Ela o levou para o hotel.

— Não há nada que se compare à neve do inverno — disse ela.

— É verdade.

— Mas na cidade a neve não é tão agradável. Tudo fica molhado e não se pode fazer nada.

— Nada? Pois agora mesmo estou fazendo uma boa coisa.

Ela riu e agarrou-lhe com mais força o braço. Já estava perto do hotel e ela largou o braço do homem.

— Vou entrar ali — disse ela. — Espere cinco minutos e suba para o quarto 209, no segundo andar. Entendeu?

— OK. Quarto 209. Cinco minutos.

Ela estava usando um quimono quando bateram na porta. Atravessou prontamente o quarto e abriu-a. O homem ali estava, embora com sinais de hesitação.

— Entre.

Ele entrou com passo lento e ficou no meio do quarto enquanto ela fechava e trancava a porta.

— Não vai tirar o sobretudo? — perguntou ela. — Vou, sim.

Tirou o sobretudo, que ela pegou e foi pendurar num cabide. Quando voltou, ele já havia tirado o paletó e estava desatando a gravata.

Ela sorriu e sentou-se na cama, balançando as pernas. Ele a olhou enquanto tirava a camisa e mostrava os ombros musculosos.

— Como é seu nome, menina?

— Mary.

— Como foi que acabou nessa vida, Mary? Você parece uma garota tão boazinha...

Ela teve uma expressão de enfado. Todos eles faziam a mesma pergunta. Às vezes, pensava até que eles gostavam mais de ouvir a história de sua vida do que

qualquer outra coisa.

— Ora, a gente tem de comer...

O homem começou a afrouxar o cinto.

— Não esqueceu alguma coisa? — perguntou ela.

Ele a olhou espantado, mas logo compreendeu. Meteu a mão no bolso e tirou uma nota que entregou a ela.

Ela guardou o dinheiro na bolsa que estava em cima da cômoda. Depois, tirou o quimono e foi para a cama. Estendeu-se na cama completamente nua e olhou para ele, que ainda estava de pé no meio do quarto, sem ter tirado as calças.

— Venha — disse ela. — Que é que está esperando?

Ele correu a língua pelos lábios. Tornou a meter a mão no bolso e tirou uma carteirinha de couro preto. Abriu-a e ela viu brilhar uma insígnia da polícia.

— Sou o detetive Millersen, da Repressão ao Vício. Está presa. Trate de vestir-se.

Ela se sentou na cama, com o coração a bater forte. Aquilo tinha forçosamente de acontecer. Sempre soubera disso. Só não esperava que fosse tão depressa.

Ela forçou um sorriso.

— Errei, mas que é que vou fazer? Mas venha. Será por conta da casa.

— Vista-se.

— Sabe que nunca vi um polícia mais simpático? — disse ela, aproximando-se dele.

Ele se afastou e plantou-se diante da porta, ao mesmo tempo que vestia a camisa.

— Não adianta, menina. O melhor que tem a fazer é vestir-se logo.

Ela começou a vestir-se e perguntou:

— Qual é a pena por isso?

— É a primeira vez?

Ela assentiu com a cabeça, tentando prender um colchete nas costas. Os dedos lhe tremiam tanto que não conseguia.

— Quer ser bonzinho pra variar? Veja se esquece um instante que é polícia e me prenda isto aqui.

O detetive fez o que ela pedira e disse:

— Trinta dias.

— Trinta dias o quê? — exclamou ela, que já havia esquecido a pergunta que fizera.

— Trinta dias, se é a primeira vez — disse ele, voltando para o seu lugar junto à porta.

— E que dia é hoje?

— Vinte e sete de fevereiro.

Ela abriu o armário e tirou o casaco.

— Lá se foi o mês de março — disse ela. — Escute: posso arrumar o que é meu? Senão, quando voltar, não encontro mais nada.

— Está bem. Mas ande depressa.

Ele a viu tirar uma maleta do armário. Não havia muito o que arrumar e tudo coube dentro da maleta.

— Estou pronta agora. Muito obrigada.

Ele abriu a porta e saiu depois dela.

Ela se voltou, olhou-o e disse:

— Deve haver maneiras mais fáceis de viver.

Ele a olhou com súbito respeito. Aquela garota tinha fibra. Concordou sombriamente.

— Deve haver de fato.

Ela lhe tomou o braço como se fossem velhos amigos que saíssem para um passeio. Murmurou em voz baixa e rouca:

— Para nós dois, sabe?

A JUSTIÇA PÚBLICA CONTRA MARYANN FLOOD

Passei devagar diante dos jurados. Seus olhos me seguiam com interesse. Eu ia até a mesa do juiz para contestar o requerimento de arquivamento que Vito fizera com a preliminar das suas razões. Esperei que os jurados me ouvissem, embora eu falasse em voz bem baixa.

— Há duas coisas que é preciso sempre levar em conta em qualquer tribunal: a culpa moral e a culpa legal. Só podemos punir aqueles que forem considerados legalmente culpados. Mas é raro encontrar em algum tribunal a culpa moral e a legal tão estreitamente entrelaçadas.

"Apresentamos com o maior cuidado ao tribunal e ao júri as acusações formuladas contra a ré. Documentamos exaustivamente essas acusações com fatos, provas e testemunhas. Fizemos a nossa acusação sem dramaticidade, sem truques, profundamente cientes das nossas responsabilidades para com todas as pessoas envolvidas no caso. Cumprimos o nosso dever sem medo e sem parcialidade e, com isso, criamos uma estrutura de culpa que envolve e incrimina a ré.

"O povo do Estado de Nova York reclama-lhe justiça, Meritíssimo. E a justiça é neste caso indeferir o requerimento do patrono da ré."

Afastei-me da mesa para voltar ao meu lugar. Parei no meio do caminho ao ouvir a voz do juiz às minhas costas.

— Indeferido o requerimento!

No mesmo instante, a confusão se armou. Os repórteres saíram correndo para transmitir a notícia para seus jornais. O juiz bateu com o martelo até poder ser ouvido em meio à algazarra.

— Este tribunal entrará em recesso até as dez horas da manhã.

Eu estava banhado em suor quando cheguei ao meu gabinete, e deixei-me cair numa cadeira.

Joel e Alec entraram logo depois de mim.

— Você precisa é de um drinque — disse Joel, depois de olhar para mim.

Fiz um sinal afirmativo e fechei os olhos. Precisava de muito mais do que isso. Não sabia como iria passar as duas semanas seguintes, enquanto Vito apresentasse as suas razões de defesa. Parecia que toda a energia se havia esgotado dentro de mim.

— Tome — disse Joel.

Abri os olhos, peguei o copo e fiz a bebida descer pela garganta. Queimou-me o tempo todo até chegar ao estômago. Tossi.

— *Bourbon* cem por cento — disse Joel.

Olhei para ele e disse sinceramente:

— Felizmente, a minha parte está acabada.

— Você foi ótimo — disse Alec, sorrindo. — Ótimo mesmo.

— Obrigado. Mas não é preciso dizer isso. Sei muito bem quais foram as minhas falhas.

— Não houve falhas coisa nenhuma! — disse a voz de outra pessoa.

Voltamo-nos surpresos para a porta e eu me levantei apressadamente.

— Chefe!

Ele entrou na sala, sorrindo.

— Muito bom, na minha opinião.

Alec e Joel se entreolharam. Aquele tinha sido o maior elogio que já haviam ouvido o Velho fazer.

— Muito obrigado, Chefe!

— Não me agradeça, pois a coisa ainda não acabou. Vito ainda tem uma oportunidade. Um julgamento só acaba quando os jurados voltam da sala.

Puxei uma cadeira para o Velho e ele se sentou cautelosamente. Era a primeira vez que ia ao escritório depois da operação.

— Está com muito bom aspecto — disse Joel.

O Velho aceitou a observação.

— Sinto-me bem — disse ele, colocando um cigarro na boca. Alec quase quebrou um dedo para chegar com o isqueiro antes de Joel.

Sorri intimamente. As coisas tinham prontamente voltado ao normal. Eu estava começando a sentir-me melhor. Talvez fosse o uísque que tinha no estômago.

— Que é que você acha que Vito vai fazer? — perguntou-me o Velho.

— Na verdade, não sei.

— Não estou gostando do jeito dele, Mike. Está displicente demais.

— Vito sempre procede assim, quer tenha alguma coisa em vista, quer não — disse Joel.

O Velho fê-lo calar-se com um olhar carrancudo.

— Conheço Hank Vito há quase vinte anos. Sei quando ele está representando. Desta vez, não está. Tem uma surpresa reservada para nós. Eu daria outro apêndice para saber o que é.

Ficamos todos em silêncio, durante alguns minutos, tentando pensar em alguma possibilidade que nos houvesse passado despercebida.

Afinal o Velho levantou-se.

— Acho que não teremos muito que esperar. Com toda a certeza, será a primeira coisa com que nos vai atingir amanhã.

— Por que pensa assim, Chefe? — perguntou Joel.

O Velho foi até a porta e de lá se voltou para nós.

— Ele não intimou testemunhas para amanhã, uma só que fosse.

Entreolhamo-nos espantados. A declaração do Velho nos colhera de surpresa.

— Se qualquer de vocês fosse mais vivo, teria apurado isso com facilidade antes de sair do tribunal.

Em seguida, saiu para o corredor. Foi Joel quem deu voz à nossa envergonhada admiração.

— Temos de fazer justiça. Está velho, mas não perdeu nada da sua esperteza.

Fiquei no escritório naquela noite até depois das onze horas, estudando o caso. Fiz tudo. Examinei as informações que tínhamos sobre as testemunhas de defesa. Repassei as perguntas que Vito fizera às testemunhas de acusação. Nada me deu algum indício do que ele poderia fazer. Afinal, fechei a escrivaninha e peguei o sobretudo e o chapéu no cabide.

Estava cansado, mas sem sono. Fazia muito frio, mas resolvi caminhar um pouco, esperando que o ar fresco da noite me melhorasse o estado de espírito. Dirigi-me para a Broadway.

Naquele ponto, a Broadway era uma rua sombria e deserta. Correndo os olhos por ela vi ao longe a claridade que Times Square projetava para o alto. Mas ali onde eu estava os edifícios de escritórios se elevavam, escuros e vazios. Só se viam acesas algumas janelas onde trabalhavam as mulheres da limpeza.

Levantei a gola do sobretudo para proteger-me do vento e comecei a caminhar rapidamente. Já havia percorrido quase quatro quarteirões quando notei um automóvel que seguia em marcha lenta pela rua, quase como se me acompanhasse. Olhei cheio de curiosidade, mas não pude ver quem ia nele, pois estava muito escuro.

Continuei a caminhada, absorto em meus pensamentos. Quando cheguei à esquina seguinte, o carro encostou junto ao meio-fio, interrompendo-me a passagem. Dei um pulo para trás com uma exclamação de raiva.

Ouvi então uma risada. Aquele riso me era conhecido. Meti a mão na porta da frente do carro e abri-a.

Era ela, sentada ao volante. À fraca luz do painel, pude ver-lhe o brilho dos dentes.

— Alô, Mike — disse ela, com sua voz rouca.

— Marja! — exclamei sem dissimular minha surpresa. Fiquei imóvel ali no passeio.

— Entre, Mike. Vou levá-lo.

Hesitei um momento e entrei no carro. Ela pôs imediatamente o automóvel em movimento e eu fiquei a olhá-la.

No cruzamento seguinte, o sinal estava fechado e ela parou.

— Trabalha até muito tarde, Mike. Estou com o carro parado diante do seu

escritório desde as seis horas da tarde.

— Por que não mandou me avisar? Eu não a deixaria ficar esperando.

— Sim? — disse ela, pondo de novo o carro em marcha.

Acendi um cigarro e, à luz do fósforo, seus cabelos estavam quase brancos. Havia nos seus lábios um calmo sorriso. Ela dirigia em silêncio, com tranquila displicência.

— Você esteve muito bem hoje no tribunal — disse ela, como se não fosse o seu destino que estava em jogo.

— Obrigado.

Entrou numa transversal, encostou o carro junto à calçada e desligou o motor. Pegou um cigarro, e eu risquei um fósforo para ela.

— Há quanto tempo, Mike! — murmurou ela.

— Se não me engano, não é a primeira vez que ouço essas palavras.

O fósforo se apagou, mas não antes que eu visse um toque de sofrimento no olhar dela. Isso me alegrou. Nunca acreditei que alguém pudesse fazê-la sofrer.

Ela pousou a mão na minha e disse com voz delicada:

— Não vamos brigar, Mike.

— E que é que você pensa que estamos fazendo desde que esse julgamento começou? Não se trata de nenhum jogo.

— Eu sei, Mike. Mas acontece uma coisa. Nada disso nos diz respeito pessoalmente.

Eu sentia a atração daqueles olhos e mergulhei vertiginosamente nas suas profundezas. As coisas não haviam absolutamente mudado. Inclinei-me para ela e beijei-a.

Senti-lhe a boca suave e quente. Um desejo violento surgiu dentro de mim. Afastei-me. Aquilo era uma loucura.

Ela ainda estava com os olhos fechados. Pegou-me na mão e murmurou:

— Por que isso foi acontecer conosco, Mike?

— Não sei, Marja. Muitas vezes tenho feito essa pergunta a mim mesmo.

— Obrigada, Mike — disse ela suavemente. — Estava com receio de que você tivesse mudado.

Nada disse. Um minuto depois, ela tornou a falar.

— Como vão os seus?

— Papai morreu há dois anos de um ataque do coração.

— Sinto muito, Mike. Eu não sabia. E sua mãe?

Voltei os olhos para ela, pensando que ela talvez soubesse do juízo que minha mãe fazia dela. Mas era claro que ela não podia saber.

— Mamãe vai bem. Agora mesmo, está passando uns tempos no interior. Espero-a daqui a duas semanas.

Ficamos em silêncio. Nossos cigarros chegaram ao fim e eu joguei o meu pela janela. Parecia que havíamos esgotado os assuntos.

— Soube que tem uma filha — disse eu.

— É verdade — disse ela com um sorriso.

— Deve ser multo bonita. Uma filha sua não poderia deixar de ser.

Um brilho estranho lhe apareceu nos olhos e ela disse com voz calma:

— É bonita, sim.

O silêncio tornou a cair sobre nós. Havia um milhão de coisas que eu queria dizer-lhe, um milhão de perguntas que queria fazer-lhe, mas o tempo e as circunstâncias me tolhiam.

Um carro da polícia desceu a rua e fez convergir para nós a luz dos seus faróis. Tive o impulso de esconder o rosto, mas desisti.

Quando o carro se afastou, eu disse:

— É uma loucura o que estamos fazendo!

— Eu gosto de fazer loucuras...

— Pois eu não. Foi sempre essa uma das diferenças entre nós.

— Deixe de sermões, Mike. Já ouvi sermões de sobra nestas últimas semanas.

Encarei-a.

— Por quê, Marja? Por quê?

Ela encolheu os ombros.

— Não sei. Aconteceu.

— Mas por que não aconteceu a duas outras pessoas? Por que tinha de ser conosco?

Ela não respondeu.

Estendi a mão com raiva e girei a chave do carro.

— Vamos!

Ela deu partida no carro, obedientemente.

— Aonde quer que o leve?

— Até a esquina da Broadway com a Canal Street. Pegarei um táxi lá.

— Está certo.

Chegamos à esquina poucos minutos depois e ela encostou o carro junto ao meio-fio. Abri a porta e já estava quase saindo, quando ela falou. Olhei para ela. As luzes de uma vitrina iluminavam-lhe o rosto — as maçãs salientes, a boca rasgada e as narinas delicadas.

— Gostaria de que tivesse acontecido com outras pessoas, Mike.

— Agora é tarde — murmurei com um baque no coração.

— Mas não para uma coisa, Mike.

— Que é?

Ela se inclinou para fora do carro, puxou-me pela gola do sobretudo e roçou-me o rosto com os lábios.

— Amo-o, Mike — disse num sussurro. — Sempre foi você o único. Não importa o que tenha acontecido. Eu é que não soube ver a verdade em meu coração.

O carro partiu rapidamente e eu fiquei ali parado a olhá-lo. Desapareceu por fim noutra esquina, e eu me dirigi para o ponto de táxis.

Ainda sentia a pressão dos seus lábios e o seu perfume. Não podia compreender. Quanto mais a conhecia, menos a compreendia.

Naquela ocasião durante a guerra, por exemplo. Havíamos passado um fim de semana maravilhoso. Senti que ela era toda minha, mas, logo depois, foi-se embora com Ross. Passei a mão pelo nariz quebrado. Não precisava de nada mais para recordar-me. Fora Ross quem fizera aquilo.

Entrei num táxi e dei meu endereço ao motorista. Depois, recostei-me no banco. Tantos anos. Tanta coisa havia acontecido. Ross estava morto. Nada mais

era a mesma coisa.

Nada — exceto o meu amor por ela.

MARYANN

Livro três

1

O engraxate estava esperando quando Henry Vito chegou ao seu escritório. O advogado entrou, jogou o sobretudo em cima do sofá de couro e sentou-se à sua mesa. Colocou o pé na caixa do engraxate.

— Bom dia, Tony.

— *Buon giorno,* Sr. Vito — disse alegremente o engraxate. Vito olhou para o jornal que estava em cima da mesa As manchetes da primeira página eram as mesmas da véspera. Na África do Norte, os alemães estavam recuando — ou avançando? De qualquer maneira, já estavam nisso havia várias semanas naquele ano de 1943. Jogou o jornal na cesta e começou a examinar a correspondência da manhã. Nada de importante. Trocou de pé na caixa do engraxate e olhou pela janela.

Do outro lado da rua havia um parque e, mais adiante, o edifício cinzento do Tribunal Criminal. Sentia-se como um gladiador olhando para a sua arena. Sentia-se assim desde quando era garotinho, no bairro italiano. Gostava de desafiar o símbolo da autoridade. Derrotar a lei era muito fácil. Torná-la ridícula dentro dos seus próprios padrões era divertido. E rendoso também. Libertar a consciência culpada dos seus laços legais era uma profissão lucrativa.

Ouviu uma batida na caixa, o que queria dizer que o lustro acabara. Jogou uma moeda para o garoto e tratou de trabalhar. O telefone tocou.

— Uma pessoa de nome Maryann Flood quer falar com o senhor — disse a recepcionista.

Não conhecia o nome e perguntou:

— Que é que ela quer?

— Cliente — respondeu a moça. — Diz que o recomendaram a ela.

— Quem?

— Diz que lhe dirá quando o senhor a receber. Disse também que paga bem e adiantado.

Vito sorriu. Fosse quem fosse aquela mulher, sabia o que estava fazendo.

— Mande-a entrar.

Pouco depois, sua secretária apareceu em companhia de uma jovem mulher.

Vito levantou-se, e a mulher se encaminhou para ele com a mão estendida. Vito apertou-lhe a mão. O aperto era firme e displicente como o de um homem. Mas havia nele um calor vibrante que fazia imediatamente sentir que se tratava de uma mulher.

— Obrigada por ter-me recebido — disse ela com voz baixa e bem modulada.

— O prazer é meu — disse Vito, apontando-lhe a cadeira ao lado da sua mesa. — Faça o favor de sentar-se.

A secretária apanhou o sobretudo no sofá onde Vito o havia jogado e saiu. Vito olhou para a mulher.

Usava um costume de *tweed* com um casaco da mesma fazenda e uma blusa de seda branca. As mãos eram benfeitas. Não tinha joias nem usava maquilagem, à exceção de um toque de batom nos lábios. Os olhos eram grandes, castanho-escuros, quase negros. Os cabelos louros apareciam sob uma boina creme.

Vito orgulhava-se da sua habilidade em analisar os clientes. Aquela moça era fina. Tudo nela o indicava. Com certeza, vinha falar do caso de um irmão ou de um parente que estava em dificuldades. Era desses casos que ele gostava, pois sempre rendiam bom dinheiro.

— Estou às suas ordens, Srta. Flood.

A mulher não falou imediatamente. Tirou um cigarro da bolsa e esperou que ele o acendesse. Ele assim fez, cada vez mais seguro do acerto da sua análise. Só as mulheres dos meios mais refinados tinham aquela maneira imperiosa de esperar que lhes acendessem os cigarros.

— Soube que é um bom advogado, Sr. Vito — disse ela. — O melhor de Nova York.

— Isso é muito lisonjeiro, Srta. Flood, mas não corresponde à verdade. Esforço-me ao máximo. É só.

— Tenho certeza de que faz muito mais do que qualquer outro pode fazer.

Notou a sombra de um sorriso nos olhos dela e ficou imediatamente na defensiva. Não ia deixar uma garota da sociedade zombar dele.

— Pelo menos tento, Srta. Flood — disse ele, dando calculadamente um tom de frieza à voz.

— Foi por isso que vim procurá-lo, Sr. Vito. Preciso de um advogado e quero o melhor.

— Por quê?

— Um amigo me telefonou hoje de manhã, dizendo que foi expedido um mandado de prisão contra mim e que vai ser cumprido hoje à tarde.

A voz dela era calma e sem qualquer paixão. Ele se espantou.

— A senhora vai ser presa? Qual é a acusação?

— Roubo depois de cometer um ato de prostituição.

Por um momento, não conseguiu dizer nada. Por fim, exclamou:

— Como?

Ela sorriu, repetiu a acusação e acrescentou:

— Foi por isso que vim procurá-lo.

Ele nunca errara tanto no julgamento de um cliente. Pegou um charuto e levou muito tempo a acendê-lo. Quando acabou, readquiriu o domínio de si mesmo.

— Conte-me o que foi que aconteceu — disse ele sem qualquer emoção.

— Eu estava no bar do Sherry ontem à noite, tomando um drinque antes de ir para a cama, quando o homem apareceu. Estava bêbado e insistiu em oferecer-me alguma coisa. Disse-me que era muito rico e tirou um grosso maço de dinheiro para provar o que dizia. Tomamos alguns drinques e fomos depois para minha casa, onde continuamos a beber. — A voz dela era calma como se estivesse falando do que acontecera a outra pessoa. — Ele saiu de minha casa por volta das quatro e meia da manhã. Deu-me vinte dólares e eu lhe dei um beijo de despedida.

— Que aconteceu depois?

— Fui dormir. Hoje de manhã, o telefone tocou. Era um amigo da polícia. Avisou-me que o tal homem aparecera lá e apresentara queixa contra mim.

— Tirou o dinheiro dele?

— Não. Ele tornou a guardar o maço no bolso depois de me dar os vinte dólares.

— Quem foi que lhe falou em meu nome, recomendando-me?

— O detetive Tenente Millersen, da delegacia da 54th Street. Conheço-o há

cinco anos, e ele sabe que eu não seria capaz de fazer uma coisa dessas.

Vito conhecia Millersen. Era um bom polícia. Não lhe mandaria um mau caso, embora pudesse, também, estar enganado. Olhou firmemente para a moça.

— Tem certeza de que não pegou o dinheiro? Pode falar-me com franqueza. Pouco me interessa que tenha ficado com o dinheiro ou não. Tratarei do seu caso de qualquer maneira. Quero saber para mim mesmo.

A mulher olhou-o com os grandes olhos fixos. Levantou-se e tirou a boina. Sacudiu a cabeça e os cabelos lhe escorreram pelo rosto como ouro líquido.

— Sr. Vito — disse ela com sua voz rouca —, sou uma prostituta, mas não uma ladra.

2

— Sr. Bell, quantos drinques tomou antes de encontrar-se com a Srta. Flood naquela noite? — Perguntou Vito com voz clara e firme.

O corpulento homem que estava sentado na cadeira das testemunhas olhou desconsoladamente para o juiz.

— Não sei ao certo. Sei que bebi muito... É só isso que eu sei...

— Dez drinques? Doze? Vinte? — perguntou Vito.

— Talvez dez.

— Talvez dez. E quantos drinques tomou com ela no bar?

— Quatro? — perguntou o homem.

— Posso garantir-lhe que não sei, Sr. Bell. Quem estava lá era o senhor e não eu.

— Mas não sei...

— Não sabe — exclamou Vito. — Não sabe quantos drinques bebeu antes de encontrar-se com a minha cliente, não sabe quantos drinques tomou com ela no bar. É possível lembrar-se de quantos tomou no apartamento dela?

— Não... não sei. Não posso ter certeza. Só sei é que bebi muito naquela noite.

Vito sorriu.

— É quase disso, apenas, que temos certeza, Sr. Bell — Parece que não tem certeza de nada do que aconteceu naquela noite, não é mesmo, Sr. Bell?

— Eu tinha mil e quinhentos dólares no bolso quando saí naquela noite — disse o homem, zangado. — No dia seguinte, não tinha mais um centavo.

— Quando foi que deu por falta do dinheiro, Sr. Bell?

— Quando acordei. Olhei para cima da cômoda. Quando vi que o dinheiro não estava lá, procurei nos bolsos e não encontrei.

— Onde aconteceu isso, Sr. Bell? E a que horas?

— No meu quarto no hotel, às nove e meia da manhã.

— Telefonou imediatamente então para a polícia e deu queixa do furto?

— Não. Vesti-me, desci e fui perguntar na portaria se alguém havia achado o dinheiro.

— Telefonou então para a polícia?

— Não, telefonei para a companhia de táxi para saber se algum motorista havia encontrado o dinheiro.

— Era todo o dinheiro que trazia, Sr. Bell?

— Era. Não gosto de levar trocados no bolso. Atrapalham muito. Sempre mando ficarem com o troco.

— É só, Sr. Bell. Muito obrigado — disse Vito, afastando-se abruptamente.

O homem olhou em torno, embaraçado. Depois, levantou-se e foi sentar-se numa cadeira. Vito esperou um momento e então chamou um nome. Um homem pequeno e magro levantou-se e foi para a cadeira das testemunhas. Prestou o juramento e sentou-se.

— Qual é a sua profissão, Sr. Russo? — perguntou-lhe Vito.

— Sou chofer de táxi.

— Para que companhia trabalha?

— Para a Shaggy Dog Cab. Trabalho à noite.

— Reconhece alguém nesta sala?

— Sim, aquele homem — disse ele, apontando Bell.

— Conhecia-o pelo nome antes de chegar a este tribunal?

— Não. Só o reconheci porque fiz uma corrida com ele uma noite.

— Quando foi isso?

Russo tirou uma folha de papel do bolso. — Tenho aqui a folha de serviço daquela noite. Foi na terça-feira da semana passada.

Vito pegou a folha de papel e perguntou:

— Que é isto?

— É a minha folha de serviço. Diz onde foi que peguei cada freguês, para onde o levei e quanto marcava o relógio. É por aí que o patrão fiscaliza a quilometragem e o dinheiro recebido. Também diz a hora das corridas.

— E consta aí a corrida que fez para o Sr. Bell?

— Sim, está aqui. Quatro e quarenta da manhã.

— Quatro e quarenta da manhã — disse Vito, lendo o papel.

— Da 72nd Street para o Hotel Sherry. Foi essa a corrida?

— Foi — respondeu o motorista — Sessenta *cents.*

— Como foi que ele lhe pagou?

— Tirou uma nota de um dólar de um maço muito grande e me disse que ficasse com o troco.

Vito olhou para o juiz com uma expressão de inocência.

— Mais uma pergunta, Sr. Russo. Qual era o estado do seu freguês? Estava no seu juízo perfeito?

— Não. Estava inteiramente bêbado.

— É só, Sr. Russo. Muito obrigado.

Vito, ainda com os olhos voltados para o juiz, esperou que a testemunha se levantasse e mostrou então um leve sorriso. Viu que o juiz o olhava cheio de bom humor e sorriu mais largamente.

— Requeiro que o caso contra a minha cliente seja arquivado, por absoluta falta de provas.

— Deferido. Caso arquivado — disse o juiz.

— Obrigado, Meritíssimo — disse Vito, enquanto o juiz suspendia a sessão. Voltou-se então para Maryann.

Ela lhe estendeu a mão, sorrindo.

— Obrigada, Hank.

— Disse que eu era o melhor. E eu tinha de fazer tudo para não desmenti-la.

Ela se levantou e ele a ajudou a vestir o casaco. Viu pelo canto dos olhos um homem entregar um papel a Bell. Riu para si mesmo enquanto se encaminhavam para a saída.

Bell dirigiu-se a Vito quando eles passaram junto a ele:

— Que quer dizer isto, Sr. Vito?

— Isto o quê?

— Esta ação por falsa acusação, calúnia e... dano moral. Duzentos e cinquenta mil dólares de indenização!

— Bem, Sr. Bell, de hoje em diante, quando acusar uma pessoa inocente, espero que se lembre de que há leis também para protegê-la.

Maryann estava rindo quando saíram do tribunal.

— Preparou o papel antecipadamente — disse ela. — E se houvéssemos perdido?

— Não podíamos perder.

— Por que não?

Vito não respondeu à pergunta dela.

— Não temos um encontro para um jantar? — perguntou ele.

— Claro que temos.

— A que horas?

— Vá pegar-me no meu apartamento. Às sete e meia.

— Ótimo. Tenho de voltar ao escritório. Vou chamar um táxi para você.

Quando o táxi chegou, ela entrou e perguntou:

— Por que diz que não podíamos perder? Se não tivesse encontrado aquele chofer de táxi, tudo seria dificílimo.

— Quem foi que encontrou o chofer de táxi?

— Ah! Quer dizer... — murmurou ela compreendendo.

— Quem podia contestar? Bell estava tão bêbado que não poderia lembrar-se da cara do motorista. Foi muito simples encontrar um homem da mesma companhia que estivesse disposto a lembrar-se de mais do que Bell se lembrava. Especialmente um homem que trabalha à noite e não se aborrece de ganhar algum dinheiro extra num trabalho fácil à tarde.

— Você é mesmo o melhor — disse ela, sorrindo.

Ele fechou a porta.

— Sete e meia em ponto — disse ele e saiu assobiando.

Olhou para o relógio. Quase seis horas. Pegou o telefone e, quando a secretária atendeu, disse:

— Telefone para o barbeiro e diga-lhe que me espere. Quero fazer a barba daqui a alguns minutos.

— Está bem, Sr. Vito — disse a secretária e acrescentou: — O Sr. Drego está ao telefone.

— Não disse que queria falar com ele.

— Eu sei. Ele é que telefonou neste momento.

Vito apertou o botão de ligação.

— Alô,Ross.

— Preciso vê-lo hoje à noite — disse Ross, ansiosamente.

— Não pode ser. Consegui uma folga da patroa e vou levar para jantar a garota mais linda deste mundo. Deixe para amanhã.

— Tem de ser esta noite, Hank. Querem que eu vá para o oeste na semana que vem e nós temos de acertar umas coisas.

— Ih! Não tenho sorte mesmo.

Ross riu pelo telefone e disse:

— Não lhe tomarei muito tempo.

— Mesmo assim.

— Essa garota deve ser um estouro, Hank. Ainda não o vi interessado assim por ninguém.

— Não creio que haja outra como ela no mundo, Ross. É uma mulher cem por cento.

— Quero ver para crer. Traga-a, se ela puder ficar de bico calado.

— Está bem. Estaremos em sua casa as oito horas.

— Não — disse Ross. — É melhor nos encontrarmos no Clube Shelton as oito e meia. Levarei também uma garota. Assim, se alguém nos vir, estaremos apenas nos divertindo.

— Está certo — disse Vito, desligando.

Ross era um camarada muito vivo, às vezes vivo até demais. Pegou o telefone e discou um número.

Joker estava certo. Tinha dito muitos anos antes que o garoto tinha de ser bem controlado.

— Quero falar com Joker — disse ele.

3

O táxi deixou-o diante de um edifício da West 73rd Street. A luz da entrada era fraca e ele teve de riscar um fósforo para ver o nome. Maryann Flood. Tocou a campainha.

Quase no mesmo instante, a porta se abriu. Entrou num corredor de estilo antigo. A porta dela, marcada por um C dourado, ficava no alto de uma pequena escadaria. Já ia bater quando a porta se abriu.

— Entre — disse ela, sorrindo.

Vito entrou e ficou imediatamente surpreso. O mobiliário era elegante e simples, mas havia uma nota exótica no apartamento, Era dada pelo grosso tapete e pelos objetos que decoravam as paredes: uma espada, uma velha pistola e um chicote de muitas pontas. A luz era suave. Abaixo das janelas havia estantes cheias de livros e quinquilharias.

— Quer tirar o sobretudo? — perguntou ela, ainda sorrindo.

— Sem dúvida.

— Há gelo e uísque ali naquela mesa, Hank. Daqui a alguns minutos estarei pronta.

Ele foi até a mesa. O balde de gelo era de prata. Os copos eram de cristal Steuben. O uísque era Johnnie Walker, rótulo preto, o *rye* era Canadian, o *bourbon* era Old Grand dad e o gim, House of Lords.

— Como você se trata! — não pôde deixar de exclamar.

— É preciso — disse ela, voltando-se para ele com seu robe de veludo verde. — É a única compensação que minha profissão oferece. Depois não há a menor garantia de que isso continue, de modo que eu tenho de aproveitar o momento o mais que posso.

Vito preparou o uísque e foi até as estantes. Eram todos livros modernos de ficção, uns bons, outros ruins.

— Já leu tudo isso?

— Em geral, passo o dia todo sem ter o que fazer.

— Posso preparar-lhe um drinque?

— Não — disse ela. — Deixe que eu mesma preparo.

Colocou num copo um pouco de creme de *cassis*, alguns cubos de gelo e, depois, soda. Levantou o copo:

— Ao advogado mais competente de Nova York.

— Obrigado — disse ele, sorrindo. Ergueu também o copo num brinde: — E à mais encantadora cliente que um advogado já teve a sorte de servir.

— Muito obrigada — disse ela. — E agora? Como é que eu me visto? Aonde é que vamos?

Ele acompanhou-a até a porta do quarto e disse:

— Pode caprichar. Vamos ao Clube Shelton, onde tenho de me encontrar com um cliente.

— O Shelton? Estamos realmente nas alturas.

— Tudo do melhor — disse ele, rindo.

Ela tirou o robe e sentou-se diante da penteadeira. Ele arregalou os olhos. Ela fizera isso naturalmente. Estava apenas com um sutiã sem alças, calças e longas meias de seda presas a uma cinta-liga. Olhou para ele e disse maliciosamente:

— Desculpe por estar com as roupas de trabalho.

Ele cobriu os olhos com as mãos e disse:

— Dentro de um minuto, estarei de novo normal. Acontece que não estou habituado a mulheres.

Ela riu, começando a maquilar-se.

— Você é ótimo, sabe disso, Hank?

— Obrigado, Maryann.

— Estou falando sério. Poucos são os homens de quem eu gosto, pois na sua maioria não passam de animais.

Vito pensou que não havia ninguém melhor que ela para fazer esse julgamento e disse:

— Espero que possamos ser amigos.

— Também espero — disse ela com sinceridade —, mas duvido.

— Por quê? — perguntou ele, surpreso.

Ela se levantou e voltou-se para ele. Uma indefinível transformação se

operara nela. Vito sentiu as têmporas latejarem. À luz suave do quarto, ela parecia ter-se tornado de repente uma estátua erótica. Os seios eram cheios e firmes, a curva do ventre quente e provocante e as pernas pareciam hastes de estranhas flores. Vito sentiu a boca seca. Levou o copo à boca não para beber, mas para refrescar os lábios.

— Você é muito bela! — murmurou ele embevecido.

— Sou mesmo? — perguntou ela, com um sorriso. — Mas não muito. As pernas são compridas demais, o busto é cheio demais, os ombros são largos demais, os olhos são grandes demais, o queixo é muito quadrado, as maçãs do rosto são muito salientes e a boca é grande demais. Tudo é errado, de acordo com os padrões reconhecidos. Apesar disso, você diz que eu sou bela.

— E é!

Ela o olhou com firmeza.

— Tudo isso representa outra coisa, não beleza. O que você quer dizer é que eu sirvo para outra coisa, não é?

— Existe outra medida para a beleza?

O sorriso desapareceu dos lábios dela.

— É isso mesmo que eu quero dizer. E é por isso que duvido que possamos ser amigos. No fim, vai acabar nisso.

— Posso dizer que a conheço — murmurou ele suavemente. — Você não quer que seja de outra maneira. É sua única arma. É a sua maneira de ser igual aos outros.

Ela o olhou por um momento e voltou para a penteadeira. Pegou uma caixa de pó de arroz e estendeu-a para Vito.

— Quer empoar-me as costas? Talvez seja diferente de todos os outros. É mais inteligente.

Mas ele voltou para a sala, dizendo:

— Se temos de ser amigos, empoe você mesma suas costas. Afinal de contas, sou humano.

Quando Maryann saiu do quarto, ele se levantou e deu um assobio de admiração. Ela usava um vestido simples de lamê dourado que deixava um ombro descoberto, colava-se levemente ao seu corpo e descia até o meio das

pernas. As meias eram de seda finíssima e os sapatos, dourados. Usava nas orelhas pequenos brincos de ouro em forma de coração e no pescoço uma pedra que parecia um topázio, suspensa de uma corrente de ouro. Os cabelos claros cintilavam em contraste com o dourado mais forte do vestido.

— Gosta? — perguntou ela.

— Fabuloso!

Ela tirou o sobretudo de Vito do armário e colocou sobre os ombros uma estola de marta.

— Pronta? — perguntou ele, sorrindo, ao pensar na cara de espanto de Ross quando a visse.

— Sempre pronta — respondeu ela.

Quando iam se dirigindo para a porta, o telefone começou a tocar.

— Não vai atender? — perguntou Vito.

— Não. Deve ser algum cliente que não sabe que resolvi ficar de folga esta noite.

Entraram no táxi e ele deu o endereço ao chofer. Ela passou a mão pelo braço dele, e Vito sentiu o seu delicado perfume.

— Que é que você quer mesmo da vida, Maryann?

— Muitas pessoas me fazem a mesma pergunta. Quer a resposta convencional ou a verdade?

— A verdade, já que vamos ser amigos.

— O mesmo que todas querem. Amor. Um lar. Família, segurança. Casamento. Não sou diferente de qualquer outra mulher.

— Mas...

Ela interrompeu-o.

— Ia dizer que sou uma prostituta, não é?

Foi como se ela lhe tivesse lido os pensamentos.

— Mas isso não me torna um ser humano de segunda classe. Sinto tudo o que as outras sentem. Sangro como as outras quando me corto, choro como elas quando alguma coisa me dói. Trabalho tão arduamente na minha profissão quanto

as outras mulheres nas que exercem. É mais difícil ser uma boa prostituta do que ser uma boa secretária.

— Como foi então que nunca tentou outra coisa?

— Como pode saber o que eu tentei? Por que você é advogado e não médico? Porque é melhor como advogado. Pois bem, eu sou melhor como aquilo que sou.

— Sou advogado porque é o que eu quero ser, porque foi para isso que eu nasci.

— Então falemos como profissionais. Durante toda a minha vida, lutei contra isso. Ainda era garotinha quando os rapazes começaram a perseguir-me. Eu resistia e lutava. Alguém me disse que era para isso que eu tinha nascido. Não acreditei, mas hoje sei que a pessoa tinha razão.

Vito bateu-lhe delicadamente na mão. Cada vez gostava mais daquela garota. Tinha uma forma de honestidade bastante curiosa.

— Espero que algum dia consiga o que deseja, Maryann.

Ela esperou no restaurante enquanto Vito entregava na chapeleira o sobretudo e o chapéu. Quando se aproximaram, Ross estava de costas para eles, conversando com uma morena sentada ao seu lado.

Vito se aproximou levando Maryann pelo braço e tocou nas costas dele.

— Ross.

Ele se voltou sorridente, com os olhos brilhantes.

— Hank!

— Ross, quero apresentar-lhe Maryann Flood. Maryann, este é Ross...

Não concluiu as apresentações. Ross ficou de repente muito pálido e Vito teve a impressão de que ele fora atacado de algum mal súbito, tamanha era a agonia estampada no seu semblante. Mas os olhos estavam vibrantes, cheios de um desejo que Vito nunca vira antes. Por fim, Ross murmurou com voz trêmula de emoção:

— Mar... Marja!

Vito olhou para Maryann. Também ela estava muito pálida sob a maquilagem, mas tinha mais domínio do que Ross. Estendeu a mão para ele.

— Ross! Há quanto tempo!

— Sete anos, Marja! — disse ele. — Sente-se, Hank.

Sentaram-se todos.

— Criamo-nos juntos, Hank — explicou Ross, olhando para Maryann. — Lembra-se do que eu lhe disse pelo telefone? Pois bem, esta é a única garota no mundo de quem eu acreditaria o que você me disse!

Vito olhou-os. Havia em ambos a mesma vitalidade agressiva. Eram tão semelhantes nas suas diferenças que poderiam ter vindo do mesmo molde, com apenas um toque final para distingui-los. Ross voltou-se para ela como se ninguém mais existisse e murmurou:

— Conte-me tudo!

4

A morena que fazia companhia a Ross estava aborrecida. Pela atenção que lhe tinha sido dispensada durante o jantar, ela bem poderia estar longe dali. Pouco lhe interessava o que Ross e Maryann tinham feito quando eram garotos.

Mas Hank Vito se interessava. Aquilo explicava uma porção de coisas a respeito de Ross e a respeito de Maryann. Eram coisas que o haviam intrigado. Foi arquivando em silêncio as reminiscências de ambos. Era colecionador de informações sobre as pessoas. Na sua profissão, essas informações prestavam às vezes inestimáveis serviços.

Uma coisa ele viu sem demora: teria de esperar a sua vez com Maryann. Se tinha havido um caso inacabado entre duas pessoas era entre aqueles dois. Em dado momento, olhou para a morena, sorriu e disse:

— Quer dar o fora comigo e deixar esses dois entregues às suas recordações?

A garota lhe retribuiu prontamente o sorriso.

— Acho que é o mais acertado, Sr. Vito. As recordações dos outros são tão desinteressantes...

Vito não concordava com ela, mas levantou-se.

— Então, vamos!

Ross levantou os olhos e disse:

— Mas ainda não tratamos dos nossos negócios, Hank!

Hank sorriu.

— Se puder apareça no meu escritório amanhã bem cedo. Boa noite, amiga — disse, estendendo a mão para Maryann.

— Boa noite, advogado — disse ela, com um sorriso cordial.

Ross viu-o sair e disse a Maryann:

— Venha sentar-se junto de mim.

Ela passou em silêncio para a cadeira onde a morena havia se sentado.

— Mais um drinque? — perguntou-lhe Ross, segurando-lhe a mão.

— Não, muito obrigada.

— Pois vou tomar um — disse ele, pedindo outro uísque ao garçom. — Como foi que conheceu Hank Vito?

— Tive um caso difícil, precisei de um advogado e fui procurá-lo.

— Pois foi procurar o que havia de melhor. Ele cobra caro, mas não há ninguém que se compare com ele.

— Com o tempo, o mais caro acaba saindo o mais barato.

— Ele também é meu advogado — disse Ross, que acrescentou: — Trabalho para o sindicato. Sabe o que é isso?

Ela fez um sinal afirmativo.

— Mas eu estou limpo. Só trato de atividades legítimas. Agora mesmo, querem que eu vá a Los Angeles para instalar uma empresa de construção. Era sobre isso que eu queria conversar com Hank. Lembra-se de Joker Martin?

— Lembro-me.

— Ele é uma das figuras do sindicato. Eu antes trabalhava para ele, mas agora sou independente. Convenci-o de que trabalho melhor sozinho. Ele foi a única pessoa que me deu um emprego quando meu velho brigou comigo.

— Quer dizer que está ganhando bem?

— Sem dúvida, menina. Há um bocado de dinheiro para se ganhar e eu estou na fila.

— Se o exército não o pegar antes.

— Não me pegará.

— Tem tanta certeza?

— Quando a gente conhece bem os médicos, é fácil livrar-se da convocação.

— Não sei, Ross... Tenho sabido de casos em que nada adiantou.

— Mas, minha filha, eu tenho um seguro contra a convocação. Uma perfuração no tímpano esquerdo que vale um dinheirão.

— Você não mudou nada, Ross — disse ela rindo. — Sempre acha um jeito para tudo.

De repente, sentiu-se extremamente cansada. Ross lhe lembrava o passado e muitas coisas de que ela queria esquecer-se. Pegou a estola.

— Está ficando tarde, Ross. Acho que vou para casa.

— Vou levá-la — disse ele, prontamente. — Meu carro está aí fora.

— Com gasolina no tanque?

— Claro! — disse ele, rindo. — É com Ross que você está falando, lembra-se?

Ela nunca pudera habituar-se ao *blackout* da cidade imposto pela guerra e à maneira pela qual isso fazia tudo parecer silencioso e morto. Deu seu endereço a Ross e recostou-se no carro como se estivesse fora da realidade, sentindo-se muito longe das pessoas e dos lugares que conhecia.

Parecia-lhe que estavam rodando havia uma infinidade de horas quando o carro parou. Abriu os olhos e viu que não estava diante do seu edifício.

— Ross! — disse ela severamente.

— Ora, querida! Há tanto tempo que não nos vemos! Que mal faz matar as saudades?

Maryann olhou para fora e viu o rio, onde de quando em quando se refletiam algumas luzes esparsas. Estavam em Riverside Drive, onde tinham ido tantas vezes juntos. Sentiu o braço dele passar-lhe pelas costas e disse:

— Não, Ross! Já passou mesmo tanto tempo que não se pode mais voltar ao que se era antes. Por favor, leve-me para casa.

Ela o viu franzir a boca no ar de amuo e arrogância que havia conhecido tão bem. Mas pôs o carro em movimento e dentro em pouco estavam à porta do prédio.

— Não me convida para um drinque, Marja? Pelo menos, para lembrar os velhos tempos?

— Está bem — disse ela com relutância. — Só um drinque.

Entraram no apartamento e ela disse:

— Há bebidas aí na mesinha ao lado.

Colocou o sobretudo dele em cima de uma cadeira e entrou no quarto. Voltou alguns minutos depois com um robe de veludo verde.

Ele olhou para ela e sorriu.

— Você ainda é a maior.

— Obrigada — disse ela secamente.

— Que é que há, menina?, — perguntou ele, franzindo as sobrancelhas. — Ainda está zangada comigo pelo que aconteceu entre nós há tanto tempo?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, Ross, não estou mais. Já me aconteceu tanta coisa depois, que não posso mais zangar-me com isso.

Ele estendeu a mão para pegar-lhe o braço, mas ela se esquivou.

— Então por quê? Ainda tenho por você aquela grande paixão que sempre tive.

Ela sorriu.

— Eu sei. A mesma grande paixão que sempre teve por todas.

— Com você, era diferente, Marja. Sempre foi diferente.

— Sério, Ross? — perguntou ela, sarcasticamente.

Ele largou o copo de uísque e foi para junto dela. Segurou-a com força pelos ombros.

— Ainda a mesma, hem? Provocando e fugindo!

Ela o olhou com olhos sem medo.

— E você ainda é o mesmo Ross, impulsivo e violento, não é?

— Estou mais velho agora. Você não pode mais livrar-se de mim como fez da primeira vez.

Puxou-lhe o corpo e ela passou os braços em torno do pescoço dele.

— Assim, sim — disse ele, sorrindo, e inclinou a cabeça para beijá-la.

Sentiu uma dor súbita nas têmporas. Com uma praga deixou-se escorregar até o chão e olhou para ela. A dor havia passado logo que ele a largara, mas havia uma sensação desagradável no pescoço.

— Cachorra! — exclamou ele. — O que foi que você fez?

Ela sorriu.

— Uma coisa que um amigo meu na marinha me ensinou. É um golpe de judô num dos pontos de pressão.

Ele se levantou, pegou o copo de uísque e disse:

— Você não mudou nada mesmo.

Sem responder, ela foi até a mesa das bebidas e serviu-se de um drinque.

— Que é isso?

— *Cassis* e soda.

— Parece remédio — disse ele, fazendo uma careta.

— Eu gosto.

Ross correu os olhos pelo apartamento e disse:

— Muito bonito isto aqui.

— Obrigada.

— Deve estar também fazendo um bom dinheiro.

— Não me queixo.

— Que é mesmo que você está fazendo?

Ela o olhou por um momento, mas justamente então o telefone tocou. Ela foi atender e tirou o fone do gancho. Cobrindo o fone com a mão, olhou-o bem nos olhos e disse:

— Sou puta.

Ross sentiu a revelação como se fosse uma pancada brutal no peito. Muito ao longe, ouviu-a dizer ao telefone:

— Não, querido, hoje não. Estou ocupada. Telefone amanhã, sim?

Desligou o telefone, atravessou a sala, pegou o sobretudo de Ross e entregou-o a ele.

— Quer fazer o favor de sair agora, Ross? Estou muito cansada.

Ele não se moveu. Continuou com os olhos fitos nela. Meteu a mão no bolso e tirou um grande maço de notas. Jogou o dinheiro aos pés dela e exclamou:

— Compro o resto da sua noite.

Estavam deitados em silêncio na cama. Os remotos rumores noturnos da cidade infiltravam-se no quarto através das janelas fechadas. Ross virou-se para ela. A brasa do cigarro dela espalhava-lhe pelo rosto uma suave claridade vermelha.

Ross sentia um toque de tristeza no fundo da alma. Estendeu a mão para a dela e sentiu-a macia e fria. Lembrou-se do seu contato em outros tempos e da incontida exaltação que ela lhe causava.

— Marja — sussurrou ele e sentiu a leve pressão dos dedos dela em resposta.

— Marja, você não sentiu nada? Nada mesmo?

— Claro, querido. Você é um homem de verdade!

— Não, Marja! Não é isso que eu quero saber!

A sua voz era um grito de agonia. De repente, alguma coisa explodiu dentro dele, e Ross começou a chorar pelo que perdera, sacudido por soluços convulsivos.

Ela passou os braços por ele e pousou a cabeça dele em seu peito.

— Que é isso, menino? Não chore — disse ela com voz consoladora.

5

Sentiu o cheiro bom do *bacon* frito logo que saiu do banheiro, ainda quente do chuveiro. Acabou de enxugar-se e foi para a cozinha embrulhado na toalha.

Maryann, vestida com um robe simples, estava preparando ovos no pequeno fogão. Olhou-o rapidamente e disse:

— Vá se vestir. O desjejum ficará pronto num instante.

Ross viu que os olhos dela estavam límpidos e não mostravam o menor vestígio da longa e agitada noite. Não usava maquilagem e a sua pele resplandecia com a sua sadia qualidade animal de sempre.

— Vestir-me pra quê? Não vou a lugar algum.

— Vai, sim — disse ela, apontando para o relógio perto do fogão. — Quase meio-dia. É a hora em que as pessoas têm que deixar este hotel.

O rosto de Ross ficou vermelho. Era quase como se ele sentisse a vergonha que ela devia sentir.

— Você vai deixar o hotel comigo — disse ele.

— Não seja bobo — disse ela, calmamente. — O seu dinheiro não dá para isso.

Ele se aproximou, pegou-lhe a mão e disse com voz suplicante:

— É isso então apenas o que eu sou para você, Marja? Apenas outro cliente?

— Meu nome é Maryann — disse ela, encarando-o —, Marja desapareceu há muito tempo e todos os homens são clientes para Maryann.

— Quero que Marja volte a existir, Marja. Vamos começar uma vida nova, nós dois. Estou mais adulto e ajuizado e poderemos fazer grandes coisas juntos.

— O quê, por exemplo? — perguntou ela, sarcasticamente. — Casamento?

Ele tornou a ficar com o rosto vermelho. Ela não lhe deu tempo de responder e continuou:

— Não. Estou muito satisfeita com a vida que levo. Não quero assumir compromissos nem ligar-me a ninguém. E ande depressa, senão os ovos esfriam.

Ross sentiu uma cólera impotente explodir-lhe dentro do peito.

— Se fosse Mike, você não agiria assim! — exclamou ele e, ao ver-lhe um movimento involuntário no corpo, percebeu que havia acertado. — Que é mesmo que você vê naquele idiota? Ele nunca será mais do que um tira sem valor quando sair do exército!

— Mike está no exército? — perguntou ela, em voz baixa.

— Está. Alistou-se um dia depois de Pearl Harbor. Uma semana depois, estava incorporado às forças regulares.

— Está no estrangeiro?

— Como é que vou saber? Tenho mais o que fazer do que procurar saber do paradeiro dele! Quem sabe se você não quer que eu procure para você? Poderei dizer-lhe que você tem preços especiais para soldados!

Joker Martin entrou no restaurante e foi para a mesa de Vito.

— Parece preocupado, Joker — disse Vito logo que ele se sentou.

— E estou preocupado de fato. Não consigo fazer Ross ficar no oeste. Vem aqui de dois em dois meses. Agora mesmo, acabo de receber um telegrama dele dizendo que está em viagem.

Vito pediu dois drinques ao garçom e perguntou:

— Por que não põe outro no lugar dele?

— Pensei nisso, Hank, mas não tenho ninguém para substituí-lo. Depois, o pessoal de lá gosta de Ross. O nome da família dele representa uma grande proteção. Além disso, não há ninguém tão esperto quanto ele e, quando há, não tenho confiança na pessoa.

— Isso vem acontecendo há uns cinco ou seis meses?

— Exatamente.

— Então é aquela mulher!

— Que mulher?

— Maryann. Ela me disse que Ross vive a convidá-la para ir com ele para o oeste, mas ela não quer.

— Maryann? Quem é? Ross quer casar-se com ela?

— Não — disse Vito. — Não quer casar-se. Pelo menos, nunca me disse que queria. Mas a verdade é que está louco por ela, o que não é de admirar

porque eu também quase fiquei.

— Ross nunca me falou em mulher alguma — disse Joker. — De que espécie é ela?

— É uma coisa muito especial. É uma prostituta que tem um código de ética todo seu.

— Puta não tem ética — disse Joker. — Só quer é dinheiro.

— Diz isso porque não conhece Maryann, Joker. Você pode comprar o tempo dela, mas não pode comprá-la.

— Maryann... — murmurou Joker. — Nome estranho para uma mulher da vida.

— Maryann Flood é o nome dela.

O rosto de Joker ficou instantaneamente vermelho e interessado.

— É uma garota loura com grandes olhos castanhos, quase pretos, que parecem querer penetrar até o fundo da gente?

— É sim. Você a conhece?

Joker deu um murro na mesa e exclamou:

— Que patife! Que cachorro miserável!

— Que é que há com você? — perguntou Vito. — Por que ficou com tanta raiva?

Joker bebeu o seu copo de um só gole e exclamou:

— Marja Flood! Eu devia ter desconfiado!

— É assim mesmo que Ross a chama. Quer dizer então que a conhece?

— Conheço, sim. Trabalhou para mim no *dancing* quando era garota. Quase me cassaram a licença porque a contratei. Naquela época ela era menor.

— Ah!

— Foi presa por haver cortado o padrasto com uma faca. Soube dela quando saiu do reformatório, mas perdi-lhe a pista logo depois. Ross sempre teve paixão por ela, mas ela não queria saber dele. Havia outro, um amigo de Ross. Desse é que ela gostava.

— Que foi que aconteceu?

— Como já lhe disse, Vito, ela foi presa. Depois disso, não sei mais o que

aconteceu. A primeira notícia que tenho dela há cinco anos é a que você acabou de me dar.

O espírito de advogado de Vito não gostava de deixar nada sem investigar.

— E esse amigo de Ross de que você falou. Que foi feito dele?

— Entrou para a polícia e depois alistou-se no exército, segundo me disse Ross. Mas ela era uma mulher notável mesmo no tempo de garota. O seu poder de atração sobre os homens era.imenso. Ainda está assim?

Vito riu e Joker levantou a mão espalmada.

— Não é preciso dizer-me. Eu sei — disse Joker, acendendo um cigarro, e Vito notou que a mão lhe tremia. — Fiz grandes planos em relação àquela garota.

A campainha do telefone penetrou no sono de Maryann. Ela rolou na cama e encostou o rosto no travesseiro. O telefone continuou a tocar e ela acordou com relutância e atendeu.

— Maryann? — perguntou uma voz cautelosa. — É Frank.

Isso a fez despeitar completamente. Era Frank Millersen, o Tenente Millersen, da polícia.

— Outro problema, Frank? — perguntou ela, olhando para o relógio. Eram quase dez horas da manhã. Ele não havia telefonado desde que ela fora acusada de roubo.

— Não — disse ele com um toque de riso na voz cautelosa. — Com você, tudo em ordem.

Ela teve um suspiro de alívio. Havia já muito tempo Frank a prendera, quando ela ainda era verde e inexperiente. Passara trinta dias na prisão, mas fizera amizade com ele.

— Que é, então? Quer vir ver-me?

— Não, Maryann, muito obrigado. Você bem sabe que na polícia se ganha muito pouco.

— E você sabe que dinheiro nunca foi problema para nós dois, Frank. Eu gosto de você.

— Não me tente, Maryann — disse ele, rindo. — Nós ambos temos a

cabeça no lugar. Só lhe telefonei para dizer que descobri o ex-polícia de que você me falou há alguns meses. Mike Keyes, é o tal que entrou para o exército e é irmão de sua amiga.

Ela se sentiu dominada por imenso interesse. Assim que Ross saíra, naquela primeira vez, telefonara para Frank e lhe contara a primeira história que lhe viera à cabeça.

— Descobriu? — perguntou ela, tentando controlar a voz. — Onde está ele?

— No Hospital de Veteranos de St. Albans. Está lá há três semanas. Foi ferido na África do Norte.

Apesar de tudo, não pôde dissimular a ansiedade da sua voz.

— Ferido?

— Foi, mas, segundo soube, nada houve de grave. Vai ter uma licença para passar o fim de semana fora do hospital amanhã de manhã. Se sua amiga quer vê-lo, deve estar lá antes das oito horas. Do contrário, será tarde. Sabe como são os soldados. A última pessoa a quem vão procurar é a uma irmã.

— Vou dizer a ela. Muito, muito obrigada, Frank — disse ela, desligando o telefone.

Acendeu um cigarro e ficou vendo o rosto de Mike por entre a fumaça azul. Ainda se lembrava do sofrimento que havia nos olhos dele na última vez em que o vira.

Que iria ele fazer na sua licença do fim de semana? Os pais dele estavam na Califórnia, onde o pai conseguira um emprego com a defesa. Foi o que lhe disseram na visita que fez à casa onde Mike havia morado.

Talvez fosse ver alguma moça de quem gostasse. Esse pensamento doeu-lhe no fundo do coração. Com certeza não pensava mais nela. Apagou lentamente o cigarro no cinzeiro. Estava arrependida do impulso que a fizera pedir a Frank que descobrisse o paradeiro de Mike.

6

Estacionou o carro do outro lado da rua, defronte do portão do hospital, e ficou à espera. Na esquina, estava parado um grande ônibus, que deveria levar os soldados para a cidade. Olhou para o relógio. Eram sete e meia. Sentiu um ligeiro tremor de frio e acendeu um cigarro. Havia muito que não saía de casa tão cedo.

Ao fim de algum tempo, começou a pensar que estava fazendo uma tolice. Era uma infantilidade ter acordado ainda de madrugada e vir para tão longe só para vê-lo. Não para falar com ele ou tocá-lo. Para vê-lo apenas andar alguns metros e entrar num ônibus. Ele nunca saberia nem que ela havia estado ali.

Já estava no terceiro cigarro quando o portão se abriu e os primeiros soldados saíram. Sentiu um súbito medo. Pareciam todos iguais nos seus uniformes, e ela poderia não reconhecê-lo. Talvez ele tivesse mudado muito.

Uma pequena cantina ambulante da Cruz Vermelha fora instalada diante do portão e algumas mulheres começaram a oferecer roscas e café quente aos soldados. Mais dois ônibus se colocaram junto ao primeiro.

Maryann esquadrinhava ansiosamente os rostos dos soldados. O primeiro ônibus ficou lotado e partiu, depois do que, o segundo ônibus rodou para o seu lugar. As vozes e os risos dos homens chegavam-lhe aos ouvidos.

O segundo ônibus saiu e o último tomou posição. Olhou nervosamente o relógio. Oito e quinze já. Millersen estava errado. Mike não ia aparecer. Havia poucos soldados naquele momento. O grosso já havia ido.

Olhava rapidamente os rostos, um por um. Talvez o houvesse perdido entre os soldados que tinham partido nos dois ônibus anteriores. Só uns poucos soldados vinham ainda se encaminhando para o portão. A cantina da Cruz Vermelha já estava fechando.

Apagou o cigarro no cinzeiro do carro e girou a chave. Ou o perdera entre os outros ou ele não ia sair do hospital naquele dia. Pisou o acelerador e o motor pegou. O último ônibus saiu para a estrada à frente dela.

Engrenou o carro e foi saindo. Um impulso a fez olhar Para a estrada. Ele vinha justamente chegando ao portão. Freou automaticamente e olhou.

Estava magro, terrivelmente magro. O rosto estava ossudo e os olhos

pareciam estar no fundo de duas covas. Coxeava um pouco, como se quisesse aliviar a perna direita. Quando viu o ônibus que ia desaparecendo na estrada, parou e estalou os dedos no seu velho gesto de decepção. Ela quase pôde ouvir o "Diabo!" que seus lábios murmuraram.

Mike mudou da mão direita para a esquerda a maleta de lona que levava. Acendeu então um cigarro e começou a descer a rua.

Ela ficou ali como que paralisada, olhando-o. Parecia-lhe estranho assim fardado e, entretanto, dava a impressão de que tinha andado de farda a vida toda. Saltou do carro, como se sentisse que um ímã a atraía. Começou a correr para alcançá-lo.

Estendeu a mão e cobriu a dele na alça da maleta. Havia tamanho zumbido em seus ouvidos que mal pôde ouvir a própria voz quando disse:

— Posso levar sua mala, soldado?

Ele se voltou para ela, mas aí a visão dela se turvou e ela não pôde vê-lo bem. Teria ficado aborrecido? Repetiu, assustada:

— Posso levar sua mala, soldado?

O cigarro que pendia dos lábios dele caiu, bateu na túnica e foi parar no chão do passeio entre eles. Ela ficou trêmula, esperando que ele falasse.

Os lábios de Mike moveram-se, mas não houve som algum. Começou a empalidecer e parecia que iria desmaiar. Ela estendeu a mão para sustentá-lo. Então, como se entrassem numa fogueira, ela lhe caiu nos braços, beijando-lhe a boca e sentindo nos lábios o gosto salgado das lágrimas de alguém.

Ela girou a chave na fechadura e abriu a porta. Olhando para ele, que vinha atrás nas sombras do corredor, disse:

— Estamos em casa, Mike.

Ele entrou na sala e olhou-a. Ela já lhe tinha dado as explicações dizendo que um amigo a ajudara a descobri-lo. Depois de fechar a porta, uma súbita timidez a envolveu.

— Sente-se e descanse, Mike. Vou preparar-lhe um drinque. Que é que você quer?

— Gim puro com gelo.

Depois de entregar-lhe o copo, ela se sentou diante dele e disse:

— Você está mudado, Mike.

— Sou um homem agora, Marja. Não podia ficar para sempre um garoto. Você me disse isso uma vez, lembra-se?

Ela assentiu com a cabeça, os olhos fitos nos dele.

— Às crianças que éramos — disse ele, levantando o copo num brinde.

— Mike! — exclamou ela com uma voz em que havia um eco de sofrimento. — Não vamos recordar coisa alguma. Vamos fazer de conta que acabamos de nos conhecer, com todos os ontens esquecidos e tendo apenas à nossa frente radiosas manhãs!

— É muito difícil fazer de conta, Marja — disse ele, com os cantos da boca torcidos. — Muitas coisas estão acontecendo em torno de nós.

— Então, apenas por estes dias, Mike. Por favor!

Mike colocou o copo na mesa e, levantando-se, abriu-lhe os braços. Ela foi prontamente e encostou a cabeça ao peito dele.

— Quanto a mim, não preciso fazer de conta, Marja. Estar ao seu lado foi sempre e apenas o que eu quis.

O telefone começou a tocar, e ele afastou os braços.

— Deixe tocar, Mike. Não vou atender.

— Mas pode ser importante.

— De importante para mim neste fim de semana só haverá nós dois.

Quando o telefone parou de tocar, ela discou um número.

— Quem fala aqui é a Srta. Flood. Vou ficar fora neste fim de semana. Faça o favor de receber todos os telefonemas para mim e anotar.

Quando ela desligou, Mike disse:

— Você deve ter um emprego muito bom para poder viver num apartamento como este.

— Tenho tido sorte — disse ela, sorrindo.

— E inteligência também — disse ele com alguma satisfação. — Não se conseguem estas coisas sem ser inteligente.

Cautelosa de súbito, ela o observou para ver se havia nele alguma intenção oculta. Depois, deu um suspiro.

— Não quero falar de trabalho. Basta o que tenho durante a semana toda. Este fim de semana é todo para mim.

Era quase meia-noite quando voltaram do jantar, ainda rindo de alguma coisa que ele dissera no táxi. Mas ela percebeu de repente que o rosto dele estava abatido e cansado. Ficou imediatamente preocupada.

— Diverti-me tanto — disse ela — que me esqueci que você saiu do hospital hoje de manhã.

— Estou bem, Marja.

— Não está, não, senhor. Vou fazer a cama e preparar-lhe um banho. Depois tem de ir dormir diretamente.

— Ora, Marja, você está me tratando como se eu fosse um garoto.

— E você não vai ser outra coisa neste fim de semana. Meu garotinho.

Ela tirou rapidamente a colcha da cama e, depois, foi ao banheiro e abriu a torneira de água quente. Quando voltou ao quarto, ele estava à porta, olhando-a.

— Não é preciso você sair de sua cama por minha causa, Marja. Posso dormir no sofá.

Ela sentiu imediatamente o rosto vermelho. Atravessou o quarto, abraçou-o e beijou-o, dizendo:

— Mike, você é tão bobinho.

Ele abraçou-a então com tanta força que ela mal podia respirar. As luzes lhe dançavam diante dos olhos e o quarto todo parecia girar. Sentia deliciada a força dos músculos que a apertavam. Fechou os olhos. Nunca tinha sido assim. Nunca. Aquilo era o seu sentimento, a sua emoção, a sua força de vida. Era o seu começo e o seu fim. O mundo e as estrelas estavam explodindo dentro dela.

— Mike! — exclamou ela. — Como eu amo você, Mike!

7

Ela estava deitada calmamente na cama, vendo-o dormir. A luz cinzenta da manhã se filtrava através das cortinas fechadas. Um raio de sol desgarrado pousou na boca de Mike. Ele parecia estar dormindo. Ela pousou a cabeça no travesseiro com medo até de respirar para não o perturbar. O fim de semana passara depressa. Fechou os olhos para recordar melhor tudo o que havia acontecido.

— Podemos casar-nos antes de eu me apresentar no hospital — disse ele, de repente.

Ela abriu os olhos, assustada.

— Pensei que estivesse dormindo.

— Temos tempo de sobra. Só tenho de me apresentar ao meio-dia.

Ela não respondeu. Ele pegou-lhe a mão e perguntou:

— Alguma coisa, Marja?

— Nada — disse ela, sacudindo a cabeça.

— Há alguma coisa, sim. Senti desde que lhe falei nisso ontem. Não quer casar comigo?

— Não deve nem me perguntar uma coisa dessas!

— Que é, então? Já me matriculei na escola de oficiais. Um tenente ganha mais ou menos, e nós poderemos viver com isso. Quando nada, poderíamos ficar juntos até eu ir de novo para o exterior.

— Pare, por favor, Mike. Não fale mais nisso!

— Mas eu adoro você, querida, e quero você comigo para sempre. É por causa do seu emprego? É por causa do dinheiro que você ganha?

Ela sacudiu a cabeça.

— Quando eu sair do exército, vou estudar direito. Um advogado pode ganhar muito dinheiro.

— Não, Mike, não!

— Se há alguma coisa de que tenha medo, Marja, pode dizer. Pouco me importa o que seja. Nada do que você possa fazer ou ter feito nos separará. Amo

você demais.

— É verdade mesmo tudo isso que está dizendo? — murmurou ela, encarando-o.

— Claro que é.

— Alguém já me disse isso uma vez, mas não era de verdade.

— Era porque não amava você como eu. Ninguém nunca a amou e nunca amará como eu.

Ela deu um suspiro fundo.

— Gostaria tanto de acreditar nisso. Talvez um dia...

— Case comigo e verá — disse ele, sorrindo.

A campainha da porta tocou demoradamente. Mike olhou-a.

— Está esperando alguém?

— Não, ninguém. Deve ser o leiteiro. Deixe que ele desista e vá embora.

Mas a campainha não parava de tocar.

— É melhor ir ver quem é, Marja.

— Ah, está bem — disse ela, vestindo o robe. Saiu depois, fechando a porta do quarto.

Abriu a porta do apartamento, e viu Ross.

— Eu sabia que você estava em casa, embora houvesse passado o fim de semana todo sem atender aos meus telefonemas.

Ela colocou o pé atrás da porta.

— Não pode entrar. Não lhe disse que não viesse aqui sem antes ter combinado comigo pelo telefone?

— Como é que eu podia fazer isso se você não atende ao telefone!

— Volte à tarde — disse ela, começando a fechar a porta.

Mas ele empurrou a porta com força, e ela foi ao chão. Ross entrou no apartamento e ela pôde sentir o cheiro de uísque.

— Não vou voltar esta tarde coisa nenhuma! Vou para o oeste de vez, e você irá comigo!

— Você está louco, Ross! Não vou para lugar nenhum com você!

— Vai, sim! — gritou ele, segurando-a pelo braço.

Nesse momento, a porta do quarto se abriu e Mike apareceu. Não reconheceu Ross a princípio.

— Está precisando de ajuda, Marja? — perguntou.

Ross reconheceu-o logo.

— Mike! — exclamou e rompeu numa gargalhada.

— Que é que há com ele? — perguntou Mike, admirado.

— Está bêbado — disse ela.

Ross se dirigiu para onde Mike estava e disse:

— Meu velho camarada, quer dizer a essa sujeitinha à toa que é melhor ela ir para a Califórnia comigo do que ficar aqui se esfregando em tudo quanto é homem?

— Que quer dizer isso, Ross? — exclamou Mike. — Isso não é maneira de falar diante de Marja!

Ross olhou para um e para outro e pareceu compreender.

— Foi por isso então que você não atendeu ao telefone no fim de semana, hem, Marja?

Ela não respondeu.

— Estava na cama com ele.

Ela continuou calada.

— Mike, espero que ela lhe tenha feito um preço melhor do que fez para mim. Cem dólares por noite são um bocado de dinheiro para um soldado, mesmo com ovos e *bacon* no café da manhã.

Mike olhou-a. Ela estava muito pálida. Ross viu a pergunta nos olhos de Mike.

— Quer dizer que ela nada lhe disse? — perguntou sarcasticamente. — Isso não foi correto, menina, esperar até o último instante para exigir o dinheiro. Pode ser que . ele tenha o suficiente no bolso. Mas não faz mal — acrescentou, tirando várias notas do bolso. — Fica tudo por minha conta, em nome de uma velha amizade.

Ela não se moveu, mas ficou olhando para Ross com a fascinação que se deve sentir em face da morte.

— Aceite o dinheiro, soldado. Acabo de pagar-lhe um fim de semana com a melhor puta de Nova York. Além disso, é uma maneira de expressar a minha admiração pelas forças armadas.

Mike olhava-a, e murmurou com voz rouca:

— Não é verdade. Diga que não é verdade.

Marja não falou, mas Ross disse:

— Não seja idiota, Mike. Não preciso mentir.

— Você disse que me amava, Marja!

Ela ainda estava calada, e Ross continuou com voz pesada e sarcástica:

— E quando ela estava nos seus braços, disse que você era um amor? Que foi que ela fez com a língua quando você a beijou? E ela fez aquilo...

Um rugido de animal saiu da garganta de Mike quando ele se atirou sobre Ross. Só muito tarde foi que viu o que Ross tinha na mão. Sentiu uma dor aguda na cabeça e caiu no chão. Tentou levantar-se, mas a dor de novo o atingiu atrás da orelha e ele mergulhou numa escuridão que foi um alívio.

Ross olhou-o, arquejando pesadamente. Os olhos estavam vidrados de ódio e ele ainda brandia o pequeno cassetete. Vibrou outra pancada com toda a força no rosto de Mike.

— Há muito tempo que você me devia isso! — exclamou ele e continuou a golpeá-lo desvairadamente.

— Pare, Ross, pare! — gritou ela, agarrando-o. — Você vai matá-lo!

— E exatamente isso que eu quero fazer! E não é de hoje! — gritou ele como um alucinado, levantando o braço de novo.

— Irei com você se parar!

A mão dele parou no meio do caminho. Sacudiu a cabeça e perguntou:

— Que foi que você disse?

— Irei com você para onde você quiser se parar com isso.

Ross parou e guardou o cassetete no bolso. Ao fim de algum tempo, sua voz estava calma como se nada houvesse acontecido.

— Vá arrumar as malas, Marja.

Ela não se moveu. Olhava para Mike.

Ele olhou também e exclamou:

— Mas que serviço eu fiz! Vá. Enquanto você se arruma, vou levá-lo para a cama e fazer-lhe uns curativos.

Abaixou-se e passou os braços pelos ombros de Mike.

Estava quase escuro quando Mike abriu os olhos. Sentiu uma dor persistente e latejante no nariz. Abafou um gemido e chamou:

— Marja!

Não houve resposta.

Pouco a pouco, foi lembrando. Levantou-se da cama com dificuldade. Foi quase envolvido por uma onda de vertigem. Segurou-se a uma cadeira até melhorar e, depois, encaminhou-se para o banheiro. No escuro, abriu a torneira da água fria. Baixou a boca para a torneira e bebeu avidamente. Por fim, a secura que sentia na garganta desapareceu.

Levantou o corpo e acendeu a luz. Viu no espelho acima da pia um rosto estranho. As faces estavam feridas e contundidas, o nariz ensanguentado parecia afundado e os lábios estavam cortados e sangravam. Mas os olhos, principalmente, é que estavam diferentes. Estavam encovados e cheios de uma dor que não era física. Fechou e abriu os olhos rapidamente para ver se aquele estranho aspecto desapareceria. Mas não desapareceu.

Estaria sempre ali, sinal de uma dor que não haveria lágrimas que pudessem lavar.

8

O radioso sol da Califórnia estava começando a desaparecer por trás das montanhas azuis quando o homem alto e grisalho chegou à porta e tocou a campainha, ouvindo no interior da casa sons de carrilhão.

Olhou para o terreno em volta. A água azul da piscina cintilava aos raios do sol. Dentro da água, havia um riso de criança, e uma babá negra que estava ao lado da piscina começou a dizer-lhe alguma coisa.

A porta se abriu e um negro idoso apareceu, com um sorriso polido nos lábios.

— Entre, Sr. Martin. Vou dizer à Sra. Drego que o senhor está aqui.

Joker entrou com o criado para a grande sala e ficou olhando pela janela que se abria para a piscina. Viu a menina sair da água, com os cabelos dourados gotejantes de água. A babá embrulhou-a prontamente numa grande toalha e começou a enxugá-la.

A menina era igualzinha à mãe, pensou ele. Nada havia nela de Ross. Era estranho que um homem tão forte quanto Ross não houvesse deixado alguma marca na filha. Mas um leve sorriso lhe chegou aos lábios. Michelle seria realmente filha de Ross? Só Marja poderia responder a essa pergunta. Ross não perguntaria também. Joker tinha certeza de que, se ele perguntasse, Marja lhe diria a verdade, ainda que a verdade fosse desagradável para ele.

Joker ouviu passos às suas costas e voltou-se. Como sempre, quando a via, sentiu a emoção dominá-lo. O tempo nada havia tirado dela; ao contrário, havia-lhe dado mais. Havia nela alguma coisa tão rica e essencial que quase se podia sentir o seu contato.

— Maryann — disse ele, estendendo-lhe a mão.

A mão dela era quente e forte. Os dentes lhe brilharam num sorriso.

— Joker! Há quanto tempo não o vejo!

— Quatro anos já, Maryann. Michelle tinha apenas dois anos. Já está bem crescida.

— Seis anos — disse Maryann, sorrindo.

— É igualzinha à mãe. Vai ser uma destruidora de corações.

Uma estranha expressão se estampou no rosto de Maryann.

— Que Deus não o permita! — murmurou ela, fervorosamente.

— Ora, você não se tem saído tão mal assim.

— Depende da maneira de ver as coisas, Joker — disse ela, com uma sombra nos olhos. — Cada um de nós procura coisas diferentes.

— É verdade.

Ela puxou o cordão da campainha perto da janela.

— Quer beber alguma coisa enquanto espera, Joker? Ross deve demorar ainda uma hora para chegar.

— Aceito, sim. Muito obrigado.

Os olhos dele mostraram uma expressão que a fez perguntar.

— Alguma coisa errada,Joker?

— Depende, Maryann — disse ele, acendendo um cigarro. — Desta vez não vim falar com Ross. Vim falar com você.

— Por quê? — perguntou ela, apenas com o tom exato de curiosidade polida.

O velho criado entrou na sala, e Maryann lhe disse:

— Uísque para o Sr. Martin.

Quando o velho se retirou, Joker disse:

— Ainda está com o mesmo criado.

— É verdade. Não saberia o que iria fazer sem Tom. É um verdadeiro amigo.

— Trabalhava para aquele milionário que morreu num desastre de avião, não era? Como se chamava ele?

— Gordon Paynter. Logo que li a notícia, fui procurar Tom. Tive a sorte de que ele quisesse vir comigo. Gordon lhe deixou dinheiro suficiente para ele viver o resto da vida sem precisar trabalhar.

— Conheceu Paynter então?

— Conheci, sim. Quase nos casamos.

Tom chegou à sala com uma garrafa de uísque, copos e gelo.

— Quer que prepare os drinques, senhora?

Ela fez um sinal afirmativo. Esperaram em silêncio até que Tom entregou o drinque a Joker. Este levantou o copo.

— À sua saúde.

— Obrigada.

Sentou-se numa cadeira em frente à lareira e olhou-o, esperando. Havia nela alguma coisa felina. Talvez fossem os olhos, talvez fosse a sua atitude de expectativa, sensível e alerta.

— Vem notando ultimamente alguma mudança em Ross? — perguntou ele de repente.

A expressão dos olhos de Maryann se alterou imediatamente, mostrando uma cautela que até então não havia.

— Que quer dizer com isso, Joker?

— Você sabe perfeitamente bem o que eu quero dizer.

Ela ficou calada.

— Ross está ficando um homem muito importante. Há gente que não aguenta isso.

— Ele está muito nervoso. Trabalha demais.

— Eu também trabalho. Há muita gente que trabalha, mas ninguém age como Ross.

— Você conhece Ross, Joker. Em algumas coisas é uma criança.

— Conheço Ross, sim, e é por isso que estou aqui.

— E que é que espera que eu faça? — perguntou ela, encarando-o.

Ele se serviu de outro uísque antes de responder. Olhou pela janela. A menina e a babá vinham em direção à casa e desapareceram numa passagem lateral.

— Você gosta de Ross, Maryann?

— Não acha esta pergunta tola?

Ele voltou-se da janela e olhou-a.

— Não sei. Você é que me vai dizer. A pergunta é tola?

Ela não respondeu.

— Você já está vivendo na companhia dele há sete anos. Deve sentir alguma coisa por ele, pois do contrário não estaria mais aqui. Só quero saber se é amor ou não.

— Gosto de Ross, se é isso que quer saber.

— Não é isso que eu quero saber. Quero saber é se você o ama.

— Não. Não o amo — disse ela, ao mesmo tempo que uma sombra lhe passava pelos olhos.

Joker não pôde conter um suspiro de alívio. Estava esperando mesmo aquela resposta, que facilitava muito as coisas. Sentou-se numa cadeira em frente a ela e disse:

— Ross tem uma doença incurável, que vai acabar por matá-lo. É a ambição.

O rosto de Maryann empalideceu um pouco.

— É incurável mesmo ou algumas pessoas pensam que é?

— Já está tão enraizada que não há mais possibilidade de cura. Ninguém tem mais fé no doente.

— É por causa daquele último hotel, o Shan Du?

— Isso e outras coisas. Isso foi a gota d'água. Ele devia saber que não podia lançar mão do nosso dinheiro em seu proveito pessoal.

— Mas ele não pagou tudo?

— Não adianta mais. A decisão já foi tomada.

— Quer dizer que você já tomou a decisão?

— Não, Maryann. Só vim aqui para me certificar de que nada aconteça a você.

9

— Você está ficando muito conhecido, Ross — disse Joker, pegando outro pão. — Vai ter de recuar um pouco. Há muitos olhos em cima de você. Os colunistas dos jornais dão publicidade a tudo o que você faz.

— Que importância tem isso? Não estou realizando uma porção de coisas?

— Eu sei, mas nós não podemos arcar com a publicidade.

Ross largou com raiva o garfo.

— Mas que é que há com vocês lá em Nova York? A única maneira de realizar alguma coisa aqui é fazer um pouco de barulho. Aí é que todo mundo fica conhecendo a gente e trata de ajudar.

— Juntamente com a polícia, o Imposto de Renda e o FBI — disse Joker, sorrindo.

— E até agora alguém já conseguiu acusar-me de alguma coisa?

— Depende da coisa e da pessoa a quem você se refere, Ross.

— Fale claro de uma vez. Você não fez essa viagem toda de avião só para me pregar um sermão sobre procedimento.

Nesse momento, Maryann se levantou e disse:

— Vou ver se a menina já está dormindo.

Ross não levantou a vista. Continuava a olhar para Joker quando ela saiu da sala.

— Então?

— O Shan Du, por exemplo.

— Que é que há com ele? É meu.

— Você não compreende, Ross. É aí que você está errado. Já temos tanta concorrência e oposição que não podemos tolerar a que vem de dentro.

— Há lugar em Las Vegas para mais uns vinte hotéis.

— Sem dúvida. Foi por isso que nos metemos há tanto tempo no negócio. Queremos que tantos deles sejam nossos quanto for possível.

— Acha então que eu não posso ter nada para mim?

— Não me entenda mal, Ross. Você pode ter tudo o que quiser. Só acho é que não é acertado da sua parte.

— Fiz um bocado de dinheiro para vocês!

— E recebeu a parte que lhe era devida e mais até. O seu mal é que você sempre quer demais. É assim desde garoto. Procurou sempre agarrar mais do que devia. Desta vez passou dos limites.

Joker levantou-se, mas Ross segurou-o pelo braço.

— Que quer dizer?

— Lembra-se daquela vez em que você foi jogar dados na sala dos fundos do *dancing?* Naquela primeira vez em que você levou Marja?

— Lembro-me, sim. Que é que uma coisa tem a ver com a outra?

— Você pensou que era muito esperto trocando os dados. Mas não foi tão esperto assim. Encobri-o porque pensei que você iria aprender. Mas não posso encobri-lo mais.

Puxou o braço da mão de Ross e saiu da sala.

Maryann vinha descendo a escada e lhe perguntou:

— Já vai, tão cedo?

— Já. Não posso demorar-me mais. Tenho de ver algumas pessoas.

— Não há outro meio, Joker?

Ele sacudiu a cabeça quase imperceptivelmente. Hesitou um instante e disse em voz bem baixa:

— Se eu fosse você, pegaria a menina e iria fazer uma pequena viagem.

— Chegou a esse ponto?

— Chegou. Você vai sair?

— Não. Não posso abandoná-lo assim. Mas mandarei a menina para longe daqui, amanhã.

Um olhar de admiração apareceu no rosto de Joker.

— Está bem, mas tome cuidado. Afaste-se das janelas abertas. Depois, eu lhe telefono.

Maryann fechou a porta depois que Joker saiu e foi para a sala. Ross estava preparando um drinque.

— Que é que Joker queria? — perguntou ela.

— Nada.

— Nada? Não é possível! Joker não viria até aqui à toa.

Ele bebeu o uísque de uma vez e exclamou:

— Nada, eu disse, e pronto! Agora, saia daqui que eu quero pensar!

Ela o olhou por um momento. Depois, deu-lhe as costas e saiu da sala.

Logo que ela saiu, ele pegou o telefone e discou. Quando atenderam, disse:

— Pete? Quero que me mande dois homens imediatamente. Joker acaba de sair daqui.

O outro disse alguma coisa, e Ross continuou com um riso nervoso:

— Tinha de acontecer, mais cedo ou mais tarde... Não poderíamos ficar assim indefinidamente... Não, não estou preocupado. Não terão coragem de fazer coisa alguma. Sabem que todo mundo tem os olhos voltados para mim. Tenho apenas de tomar um pouco de cuidado.

Desligou o telefone e preparou outro uísque. Deixou-se cair numa poltrona para bebê-lo. O que será que Marja sabia? Nunca pudera compreendê-la bem. Com ela, só se podia ir até certo ponto, depois do que, se esbarrava numa muralha de pedra. Lembrou-se da ocasião em que ela lhe dissera que estava grávida. Tinha sido há muito tempo. Estavam juntos havia apenas dois meses.

Ele havia entrado no apartamento onde estavam morando enquanto ele procurava uma casa. Era um excelente apartamento, num dos melhores hotéis. Entrara no quarto, procurando-a.

Encontrara-a arrumando suas roupas numa maleta.

— Que é isso? Aonde pensa que vai?

— Vou-me embora — disse ela, olhando-o calmamente.

— Por quê? Não a estou tratando bem?

— Não tenho motivo de queixa.

— Por que é que vai então?

Ela o olhara firmemente, dizendo:

— Vou ter um filho.

— É só isso? — perguntou ele, tomado de estranho alívio. — É coisa que

se resolve com a maior facilidade. Conheço um médico...

— Não, Ross. Eu quero esse filho.

— Está bem, então — disse ele, com um sorriso orgulhoso. — Tenha seu filho. Nós nos casaremos e...

— Não quero casar com você.

— Mas não disse que queria a criança?

— E quero — disse ela, continuando a arrumar as malas.

— Por que não nos casamos então? Afinal de contas, se eu vou ser pai, temos de regularizar a situação.

— É justamente por isso. O filho não é seu.

Ele ficou um instante imóvel e muito pálido.

— De quem é? — perguntou ele com uma voz subitamente ríspida.

— Que é que lhe interessa isso, uma vez que não é seu?

Ele lhe agarrou o braço e puxou-a rudemente. Ela caiu em cima da cama e levantou para ele uns olhos em que havia dor, mas não medo.

— É de Mike?

Ela não respondeu.

Ross levantou a mão e deu-lhe um forte bofetada.

— Foi Mike, não foi?

— Que importância tem isso? Houve tanta gente.

Ele bateu nela de novo. A cabeça dela rolou para o lado e um gemido lhe escapou dos lábios. O sangue começou a correr-lhe pelo canto da boca.

— Puta!

Ela levantou lentamente os olhos para ele e disse:

— Nunca o autorizei a chamar-me pelo meu primeiro nome.

Ele deu-lhe outra bofetada. Ela escorregou da cama para o chão, onde ficou estendida. Ross deu a volta à cama e olhou-a. Ela não se moveu.

Olhava-o sem qualquer emoção nos olhos. Era o pior de tudo aquela ausência de expressão. Não havia nem ódio.

— Você não vai para lugar algum enquanto eu mesmo não resolver dar-lhe

um pontapé.

— O filho é de Mike.

— Pouco me importa! Não quero saber de quem é. Você é minha. É só o que me interessa.

10

Ela estava tomando café quando Ross desceu. O olhos estavam terrivelmente injetados e o rosto, cansado. Passara a noite sem dormir.

— Bom dia — resmungou ele, sentando-se à mesa.

— Bom dia — respondeu ela, sorrindo.

Levantou-se e foi até a cozinha, voltando pouco depois com uma bandeja de torradas e um bule de café fresco.

— Onde está Bunny? — perguntou ele, querendo saber da empregada.

— Mandei-a ir em companhia de Michelle. Achei que seria melhor irem passar algum tempo em Arrowhead. A menina não tem andado bem ultimamente.

Ross olhou-a surpreso e, embora seu rosto nada exprimisse, ele compreendeu que ela sabia de tudo.

— Boa ideia. Tom foi também com elas?

— Não. Não quis ir.

Ela lhe serviu café e ele bebeu rapidamente. Precisava de alguma coisa para reanimar-se. Estava cansado da noite em claro. Deu uma dentada na torrada e achou-a sem gosto, a ponto quase de não poder engoli-la.

— Seus guarda-costas estão esperando num carro lá fora.

Surpreendeu-se de novo. Era bem pouco o que ela deixava de notar. Procurou mostrar-se corajoso.

— Joker não vai fazer nada.

Ela ficou em silêncio.

— Não ouviu o que eu disse? Joker nada pode fazer.

— Ouvi, sim — disse ela. — Mas será que Joker ouviu?

Ele se levantou furiosamente e disse:

— Já estou numa posição em que eles não podem mais fazer comigo o que quiserem!

Olhou-a durante alguns momentos e saiu da sala. Pouco depois voltava com

uma automática na mão. Verificou o pente e guardou-a no bolso do paletó. Sentou-se de novo à mesa e pegou a xícara de café. As mãos estavam trêmulas e o café entornou na toalha.

— Dê-me essa pistola, Ross.

— Por quê?

— Você não tem prática de espécie alguma com armas e está tão nervoso que poderá atingir alguma pessoa que nada tenha com o caso.

Ross jogou a pistola em cima da mesa, e ela a guardou numa gaveta.

— Assim é melhor — disse ela.

— Talvez fosse melhor você também ter ido para Arrowhead.

— Eu não. O clima de lá não é bom para minha saúde. Já lhe disse isso uma porção de vezes.

— Pode lhe acontecer alguma coisa.

— Posso também cair da escada.

Ele não replicou. Jamais conseguiria compreendê-la.

— Bem, vou indo.

— Ficarei à sua espera, Ross.

— Obrigado, Marja — disse ele com gratidão, quase com humildade.

Entrou no carro e sentou-se entre os dois homens.

— Qual é a última notícia? — perguntou ele logo que o carro se pôs em movimento.

— Falei com Pete pelo telefone há uma meia hora — disse um dos homens. — Martin não saiu do hotel desde a uma hora da madrugada.

— Ótimo — disse ele com voz satisfeita. — Vamos pegá-lo lá.

Um homem alto e de barba encaminhou-se para o carro quando Ross saltou.

— Ainda está lá em cima — disse o homem em voz baixa. — Passei a noite toda aqui.

— Obrigado, Pete.

— Consegui a chave mestra e dei dinheiro ao homem do elevador de carga para que ele fosse tomar café e demorasse bastante.

— Você pensa em tudo, Pete.

— É para isso que sou pago, não é? — respondeu o homem, impassível.

Ross fez um sinal para os dois homens no carro. Saíram em silêncio e entraram no edifício. Ross sentia o coração bater com força. Era aquele o momento, o grande momento. Não poderia errar dessa vez. Se errasse, estaria perdido.

Seguiram por um comprido corredor cimentado no porão do hotel. Pararam diante de uma porta, e Pete apertou um botão. A porta se abriu, mostrando um elevador. Entraram rapidamente.

Subiram no elevador, olhando o indicador que iluminava os números dos andares. No quinto, o elevador parou, e a porta se abriu.

— Fique aqui e segure o elevador — disse Pete a um dos homens.

Os outros foram pelo corredor, enquanto Pete olhava as portas. Afinal, apontou com a cabeça, e Ross olhou o corredor, para um lado e para o outro. Estava deserto,

Pete tirou do bolso um revólver da polícia, a cujo cano adaptou rapidamente um silenciador. Entregou a chave a Ross. Este aspirou profundamente o ar. Sentia o suor correr-lhe pelo rosto e sabia que Pete o estava observando atentamente.

— Pronto? — perguntou. Pete meneou a cabeça.

Ross meteu a chave na fechadura e, ao girá-la, teve a impressão de que estava fazendo um barulho enorme. Empurrou a porta, e Pete pulou para o quarto. Ross foi atrás dele, meio empurrado pelo homem que vinha em seguida.

Pete murmurou uma praga e correu para o outro quarto. Ross seguiu-o correndo e foi encontrá-lo a murmurar um rosário de nomes feios.

— Que foi? — perguntou ele.

Mas sabia o que havia acontecido antes mesmo de ouvir a resposta. O suor voltou a correr-lhe pelo rosto.

— Que foi que houve? — perguntou a Pete.

— Não sei — respondeu o outro.

Ross tornou a correr os olhos pelo quarto. Não havia ninguém. O quarto estava vazio. Joker havia desaparecido.

O zumbido dos motores dava sono a Joker. Sempre lhe acontecia isso e ele nunca conseguia saber se era o barulho dos motores mesmo ou os comprimidos que sempre tomava para não enjoar no avião. A verdade é que passava dormindo quase todo o tempo nas suas viagens de avião. Fechou os olhos.

Viu imediatamente o rosto de Maryann e se agitou inquietamente. Não costumava ser assim com as mulheres. Lembrou-se do rosto dela como fora havia muito tempo, quando ainda era uma garota. Era muito menina. Ou ele tinha sido um imbecil? Talvez ela nunca tivesse sido muito menina.

Depois fora o tempo em que ela saíra do reformatório. Perdera-a então por questão de minutos. Agora, não demoraria. A sua vez estava próxima.

A criança inquietava-o, porém. Se não era filha de Ross, havia então outra pessoa. Quem poderia ser? Ela não era tola. Antes de embarcar no avião, tinha sabido que ela mandara a menina para Arrowhead às cinco horas da manhã.

Sorriu. Era uma das coisas que mais admirava nela, a inteligência. Se Ross tivesse a metade da cabeça dela, não se veria na situação em que estava naquele momento.

11

Já se passara quase um mês desde a partida de Joker, e Ross começava a sentir-se tranquilizado. No fundo, estava certo. Nada podiam fazer contra ele, que estava muito em evidência. Mais cedo ou mais tarde, teriam de chamá-lo para fazer um acordo na sua base.

Entrou em casa, assobiando. Maryann olhou-o, surpresa. Era uma transformação completa em relação ao nervosismo daquelas últimas semanas. Olhou para a porta e não o viu acompanhado de ninguém.

— Onde estão os seus guarda-costas?

— Despedi-os. Estava cansado de vê-los a todo instante atrás de mim.

— E acha que fez bem? — perguntou ela, apertando levemente os olhos.

Ele entrou na sala, preparou um copo de uísque e disse:

— Ora, Joker sabe quando perde. Não se arriscarão a coisa alguma comigo.

Ela o olhou em silêncio. Ele bebeu o uísque e sentiu-se mais aquecido. As noites estavam ficando frias.

— Iremos amanhã a Arrowhead apanhar a menina e depois passaremos uns tempos em Las Vegas.

— Não, Ross. Acho que devemos esperar mais um pouco.

— Para quê? Estou cansado de andar por aqui e não preciso mais ter medo. Iremos amanhã.

— Vou ver se Tom já aprontou o jantar — disse ela, levantando-se e saindo da sala.

Ele serviu-se de outro uísque e ficou pensando que nunca iria compreendê-la. Se tinha medo, por que permanecia ao lado dele? Nada havia que a prendesse. Não eram casados. Não a teria censurado se ela houvesse se afastado. Bebeu o uísque em pequenos goles. Talvez um dia ele viesse a saber. Talvez um dia lhe fosse possível ultrapassar a barreira de incompreensão que se erguia entre eles.

— O jantar está na mesa — disse ela, chegando à porta da sala.

Ross sentiu de repente que a compreendia finalmente. Atravessou a sala, tomou-lhe a mão e disse:

— Vamos casar amanhã, Marja. Depois, teremos uma verdadeira lua de mel.

Ela sentiu no mesmo instante, sem saber por quê, uma dor no coração.

— E realmente o que você quer, Ross?

— Agora sei que é. Preciso de você. Não é mais como era.

Ela sabia o que ele queria dizer. Ele sofrera uma transformação. Era como se o Ross a quem ela sempre conhecera houvesse ficado adulto de repente. Pela primeira vez ela lhe via nos olhos sinceridade e solidão. Sentiu um aperto no coração e disse:

— Está bem, Ross. Vamos casar amanhã.

— Você não se arrependerá — disse ele, beijando-a.

Durante o jantar, ele se mostrou muito alegre e cheio de planos e mandou Tom abrir uma garrafa de champanha. A animação e a felicidade dele a contagiaram, e ela começou a reagir no mesmo espírito.

— Temos de construir uma casa.

— Por quê? — perguntou ela, rindo. — Esta não lhe serve mais?

— Quero uma casa que seja nossa mesmo, feita como nós queremos. Além disso, esta nós não podemos comprar porque o dono não quer vender.

— Mas podemos esperar mais um pouco.

— Nada disso. Tem de ser agora. Tenho em vista uns terrenos nas montanhas. Comprarei um lote de meio hectare. Quero tudo ótimo.

— Bem, quem manda é você — disse ela, modestamente.

Ele acabou de tomar o café, levantou-se e foi para junto dela.

— Quero que você seja feliz, Marja. Para mim, é só o que tem importância agora.

— Fique descansado que eu já sou feliz, Ross.

O relógio bateu dez horas quando voltaram para a sala. Ross se estendeu no sofá e pegou um cigarro.

— Estou tão satisfeito. Tenho certeza de que tudo vai ser formidável para nós!

Ela riscou um fósforo para acender-lhe o cigarro.

— E vai ser, Ross. Basta trabalharmos para isso.

Ele a fez sentar-se no sofá ao lado dele e beijou-lhe o rosto.

— Já lhe disse algum dia que a acho magnífica?

Ela sacudiu a cabeça.

— Amo-o a muito, Marja. Sabe disso, não sabe? Acho que sempre a amei, embora não soubesse. Quando soube, pensei que ficaria diminuído se lhe revelasse meu amor.

Ela ficou calada.

— Lembra-se de como eu ficava quando olhava para você? Pensava até que ia estourar.

— Não é preciso ser tão gentil, Ross — disse ela, rindo. — Nunca lhe recusei nada.

— Estou falando sério, Marja. Há tantas coisas que eu sempre quis lhe dizer e nunca disse, que acho que o resto de minha vida não seria suficiente para dizer-lhe tudo o que sinto.

Os olhos dela se enterneceram e ela o beijou impulsivamente no rosto.

— Muito obrigada, Ross.

Ele sentiu um aperto na garganta. Não estava habituado a vê-la agradecer. Sentou no sofá.

— Vamos ver um pouco de televisão? Precisamos começar a treinar para uma vida conjugal de verdade.

— Está bem.

Ele se levantou, ligou a televisão e ajustou os botões.

— Que tal a imagem?

— Muito boa — disse ela, olhando para a tela.

Ele foi então sentar-se ao lado dela e tomou-lhe a mão. Ficaram vendo o programa de um comediante conhecido. Não era muito engraçado, mas esforçava-se ao máximo. O programa tinha sido produzido duas semanas antes ao vivo em Nova York. Estava sendo reproduzido em videoteipe na emissora local e assim perdia de certo modo a espontaneidade.

Ela examinou Ross enquanto ele olhava para a televisão. Os cabelos pretos caíam-lhe pela testa. Os olhos tinham perdido seu velho brilho metálico.

Estavam mais suaves e mais quentes. Ela sorriu, pensando que ele demorara muito a crescer.

De repente, o telefone tocou, mas Ross não deu a menor atenção ao fato. Então, a campainha parou de tocar e ela ouviu a voz de Tom, que fora atender, mas não pôde perceber o que ele dizia. Voltou a atenção para o programa.

— Sra. Drego — disse Tom, chegando à porta. — Telefone para a senhora.

Ela se levantou e Ross disse, sorrindo:

— Veja se não demora, meu bem.

— Não demoro não, querido — disse ela, beijando-lhe a testa.

Foi até a saleta que servia de biblioteca e pegou o telefone.

— Alô.

Ninguém respondeu. Havia apenas um leve rumor de estática.

— Alô, alô — exclamou ela, sentindo o frio enregelar-lhe o coração.

Um sussurro de uma voz que lhe pareceu conhecida fez-se ouvir afinal no receptor.

— Marja?

— Sim. Quem fala?

— Marja? — repetiu a voz como se ela não tivesse falado.

De repente, ela reconheceu a voz e compreendeu por que fora chamada ao telefone.

— Ross! — gritou ela de repente, desvairadamente. — Ross!

Ouviu na sala um ruído como se alguém tossisse, e depois um tilintar de vidros quebrados. O telefone lhe caiu da mão sem força, e ela voltou correndo para a sala.

Ross ainda estava sentado no sofá, recostado no braço do móvel, com o rosto muito pálido e os olhos cheios de dor e de surpresa, as mãos apertando o peito.

— Marja! — exclamou ele, com voz arquejante.

Marja viu que o sangue lhe corria entre os dedos e olhou para a grande janela que ficava em frente ao sofá. Metade da vidraça estava despedaçada, e os cacos haviam caído dentro da sala.

Correu para Ross, gritando:

— Tom! Chame um médico, depressa!

O corpo de Ross começou a escorregar do sofá. Ela o segurou e fez a cabeça dele pousar em seu peito.

— Querido, querido — murmurou com voz chorosa.

Ela podia senti-lo tremer de dor. Ele voltou devagar o rosto para ela e murmurou:

— Eu estava errado, Marja.

— Não, querido.

— Sim — disse ele, falando bem devagar, como se cada palavra tivesse de percorrer uma grande distância para chegar-lhe aos lábios. — Estava errado, Marja, mas lutei tanto.

— Eu sei, Ross — disse ela, com as lágrimas a rolarem-lhe pelo rosto.

— Marja...

— Sim, Ross.

— Foi bom o telefone ter tocado. Amo-a tanto!

— Eu também o amo, Ross.

— É mesmo, Marja? — perguntou ele, com uma leve surpresa na voz.

— Do contrário, não teria ficado aqui.

— É verdade, você ficou. — Fechou os olhos e passou um momento em silêncio. Quando abriu os olhos de novo, havia neles um estranho contentamento. — Gostei muito de você ter ficado, Marja. Teria medo se você tivesse ido.

— Sempre ficarei ao seu lado, Ross.

Ele tossiu e um pouco de sangue lhe escorreu da boca, manchando a blusa de Marja. A cabeça tombou para a frente. Ela o olhou. Os olhos estava vazios e nada mais viam.

A mancha de sangue na sua blusa branca estava ficando cada vez maior. O barulho da televisão explodiu-lhe na cabeça com as gargalhadas do auditório. Baixou lentamente a cabeça de Ross para o sofá. Levantou-se.

Tom ainda estava na porta, com o rosto preto transformado numa máscara cinzenta.

— Já chamei o médico.

— Obrigada, Tom — disse ela cansadamente, atravessando a sala para ir desligar a televisão.

12

Mike entrou no escritório e tirou o chapéu. Jogou-o numa cadeira diante de sua mesa, com a testa rebrilhante de suor. Deixou-se cair então na cadeira da mesa.

— Que calor, hem? — disse Joel, da outra mesa.

— É, está quente demais para o mês de maio. Parece que este ano o verão vai ser terrível.

— E isso me derrota — disse Joel. — O meu fim de semana foi horrível. Não suporto mais esse calor. O Velho bem que podia exigir ar-condicionado para nossos escritórios.

Mike riu.

— Ele acha que os bons promotores têm de ser destilados do próprio suor.

— O que eu acho é que ele não sabe o que é suor, pois o sangue dele não tem força suficiente para isso. Mas tome. Isso aqui está à sua espera.

Mike recebeu o papel, olhou-o e exclamou:

— Diabo!

— Que é que há, rapaz? — perguntou Joel, sorrindo.

Mike levantou-se e apanhou o chapéu em cima da cadeira.

— Não me venha com conversa, Joel! Sei que você leu.

— Li, sim. Não sei do que você está reclamando. Vai dar um belo passeio de automóvel longe do centro da cidade e passar algum tempo num bom hospital limpo e fresco. Tem sorte de não ter de ficar neste escritório abafado e velho.

— Bolas! — disse Mike, saindo da sala, ouvindo ainda o riso de Joel. Apertou o botão do elevador e olhou de novo para o papel que tinha na mão.

"Suspeita de aborto."

As portas do elevador se abriram e ele entrou, continuando a ler.

"Florence Reese. Entrada no Hospital Roosevelt às sete horas e dez minutos do dia 10 de maiô de 1954. Hemorragia interna em consequência de aborto. Estado grave."

Saiu do elevador e entrou numa sala no fim do corredor. Quando entrou, alguns homens levantaram por um momento os olhos dos jornais que liam. Atravessou a sala em direção a uma porta na qual se via no vidro fosco o nome: CAPITÃO F. MILLERSEN. Abriu a porta e entrou.

— Alô, Mike — disse o homem sentado à mesa.

— Alô, Frank. Preciso de um dos seus homens para ir ao Hospital Roosevelt comigo. Suspeita de aborto criminoso — disse ele, jogando o papel em cima da mesa.

O Capitão Millersen leu o papel e disse, levantando-se:

— Eu mesmo lhe farei companhia neste caso, Mike.

Mike arregalou os olhos. Millersen só se envolvia pessoalmente com os casos importantes. Dizia-se que ele tinha um instinto infalível para perceber os casos importantes pelo faro.

— Quer mesmo vir comigo, Frank?

— Quero, sim. Estou cansado de ficar sentado aqui neste calor, sem fazer nada.

— Escute, Frank. Você sabe de mais alguma coisa a respeito desse caso, não sabe?

— Eu? — exclamou Millersen, acendendo um charuto. — Não sei de nada. Estou apenas farto disto aqui.

Um cheiro de desinfetante impregnava tudo enquanto eles seguiam pelo longo corredor de paredes esverdeadas. Acompanharam a enfermeira até uma sala. No fundo, uma cama estava escondida atrás de cortinas.

— É ali que ela está — disse a enfermeira.

— Está em condições de falar? — perguntou Mike.

— Ela está muito fraca. Tenha cuidado.

Mike passou por entre as cortinas, seguido de Millersen, e chegou ao lado da cama. Olharam por um momento em silêncio a jovem ali deitada.

Parecia estar dormindo. Os olhos estavam fechados e o rosto se mostrava tão pálido como se não houvesse sangue sob a pele. A boca estava aberta e os lábios, arroxeados. Mike olhou para o detetive, que lhe fez um sinal afirmativo, e disse então em voz baixa:

— Srta. Reese.

A moça não se moveu. Ele tornou a pronunciar-lhe o nome. Dessa vez, ela se moveu um pouco. Abriu lentamente os olhos. Estavam tão cheios de sofrimento que Mike não pôde perceber-lhes a cor. Os lábios dela se moveram, mas sem emitir qualquer som. Mike chegou mais perto da cama.

— Está me ouvindo, Srta. Reese?

Ela fez um sinal afirmativo quase imperceptível.

— Sou Mike Keyes e o meu companheiro é o Capitão Millersen. Somos do escritório do promotor público.

Houve um sinal de medo nos olhos da moça, e Mike se apressou em tranquilizá-la.

— Não há nada com a senhorita. Tudo está em ordem. Temos apenas de fazer-lhe algumas perguntas de rotina para ver se podemos ajudá-la.

O medo foi desaparecendo. Mike esperou um momento e pensou na cruel zombaria que eram suas palavras. Tudo estava em ordem... Pois sim! A pobre moça estava morrendo.

— Tem algum parente a quem quer que avisemos para vir fazer-lhe uma visita? — perguntou ele com um sorriso.

— Não! — disse ela, numa voz que era um sussurro.

— Onde mora, Srta. Reese?

— Hotel Allingham.

Era um dos mais baratos hotéis de mulheres do centro da cidade.

— Tem algum emprego?

Ela fez um sinal afirmativo.

— Que é que faz?

— Modelo.

Trocou um olhar com Millersen. Metade das moças desempregadas em Nova York eram modelos. A outra metade eram atrizes.

— Avulsa ou de agência?

— Agência.

— Qual é a agência?

— Park Avenue Models — respondeu a moça, e pela primeira vez desde que Mike chegara mudou de expressão. — Digam a Maryann...

Mike teve a impressão de que havia uma expressão de esperança no rosto da moça.

— Maryann? De quê? Onde?

A moça pareceu concentrar todas as forças que lhe restavam para falar.

— Maryann... na agência... Ela fará o que for preciso... Ela...

A voz da moça sumiu e ela caiu com a cabeça para o lado.

A enfermeira apareceu prontamente e tomou-lhe o pulso.

— Adormeceu — disse ela. — Terão de continuar as perguntas depois.

Mike olhou para Millersen. O rosto do detetive estava quase tão pálido quanto o da moça. Mike mudou imediatamente de opinião a respeito do capitão, que tinha a fama de ser insensível e duro.

— Que é que acha, Frank? — perguntou, quando saiu com ele de perto da cama.

— Não vamos apurar nada — disse Millersen.

— Por que diz isso? — perguntou Mike, surpreso.

— Tenho visto muitos desses casos, Mike. Nunca se consegue nada.

— Mas a moça está morrendo! Temos de fazer tudo para descobrir quem foi que fez isso. Do contrário, o carniceiro poderá fazer outras vítimas...

— Calma, Mike. Vamos investigar, mas eu sei que nada encontraremos, salvo se a moça quiser falar...

— Vou telefonar para a agência de que ela falou, Frank. Talvez nos possam dar alguma informação.

— Deixe que eu ligo para lá — disse prontamente Millersen. — Fique por aqui para falar com a moça quando ela voltar a si. Já está acostumada com você.

— Boa ideia — disse Mike.

Viu Millersen sair da enfermaria e voltou para junto da cama da moça. A

enfermeira levantou as sobrancelhas quando o viu.

— Vou esperar até que ela possa falar de novo comigo — explicou Mike.

— Então é melhor ir esperar sentado à minha mesa ali no corredor. Ela vai demorar um pouco até poder falar de novo... e talvez não possa mais.

13

Tom abriu a porta devagar, equilibrando a bandeja na outra mão.

— Já se levantou, Sra. Maryann?

Não veio qualquer resposta da grande cama.

Tom entrou no quarto e colocou a bandeja em cima de uma mesinha. Sem olhar para a cama, foi até a janela e correu as cortinas. O sol se derramou em jorros por dentro do quarto, e Tom ficou ali um momento, olhando a vista.

Avistava bem abaixo o East River no seu curso sinuoso para lançar-se no Hudson. O verde brilhante da Gracie Square Park contrastava com a cor cinzenta dos edifícios que a rodeavam. Viu um grande automóvel preto entrar pela alameda que levava a Gracie Mansion. Olhou para o relógio. Oito horas. O prefeito daquela cidade começava a trabalhar cedo. Saiu da janela.

Ela já estava acordada, com os grandes olhos castanhos a olhá-lo preguiçosamente do travesseiro. Espreguiçou-se em movimentos lentos.

— Bom dia, Sra. Maryann — disse ele, dirigindo-se para a cama.

— Bom dia, Tom — disse ela, sorrindo. — Que horas são?

— Oito horas — disse ele, colocando a bandeja na cama diante dela. — Está na hora de levantar-se.

Ela sentou-se na cama. Ele apanhou um robe de seda numa cadeira e segurou-o para que ela o vestisse.

— Que foi que me trouxe, Tom?

— A dieta de hoje, Sra. Maryann. Suco de laranja e café.

— Mas eu estou com fome, Tom.

— Está muito bonita hoje, Sra. Maryann. Não quer continuar assim?

— Tom, você é um velho adulador.

Ele sorriu.

— Tome logo o seu café. O Sr. Martin disse que vai passar por aqui às dez horas para levá-la para o escritório.

Ela pegou o copo de suco de laranja e começou a bebê-lo em pequenos goles.

— Daqui a pouco, Tom, você estará governando minha vida por completo.

— Nunca — disse ele, sacudindo a cabeça branca. — E eu não sei qual é o homem no mundo que seria capaz disso.

Ela acabou o suco e perguntou:

— Há alguma carta?

— Vou ver, Sra. Maryann — disse ele, saindo em seguida do quarto.

Ela pegou displicentemente o jornal na bandeja e deu uma olhada. O noticiário era o de sempre: assalto, incêndio, homicídio, guerra. Passou para as histórias em quadrinhos enquanto tomava o café. Levantou a cabeça quando viu Tom voltar ao quarto, trazendo uma carta.

Pegou a carta e abriu-a prontamente.

— E de Michelle — murmurou com ar de felicidade.

Tom olhou-a, embevecido. Gostava de vê-la feliz. Pensava que ela era a mulher mais bela e mais triste do mundo.

— Ela foi a segunda da turma nas provas do meio do ano, Tom! E está ansiosa pelas férias de junho para poder voltar para casa! Quer passá-las fora de Nova York!

— Será que poderemos sair? — perguntou Tom, apreensivo.

— Gostaria de ver quem nos poderá impedir!

— Mas o Sr. Martin disse que a senhora vai ter muito o que fazer neste verão.

— O Sr. Martin pode é ir para o inferno! — exclamou ela. — Não me deixou ir no verão passado, mas este ano não vai conseguir nada!

Ele estava esperando na sala quando ela desceu as escadas do apartamento dúplex.

— Bom dia, Maryann.

— Bom dia, Joker. Esperou muito?

— Já espero há muito tempo, Maryann. Alguns minutos agora não têm nenhuma importância.

— Fizemos um trato — disse ela.

— É verdade.

— Um trato é um trato.

— Às vezes, penso que você é fria como gelo.

— Fria, não, Joker. Cansada de tudo, cansada a ponto de não me interessar mais por coisa alguma.

— Nem por mim?

— Nem por você. Lembra-se do que combinamos?

Ele assentiu com a cabeça. Lembrava-se muito bem.

Ele chegara a casa e Tom fizera-o entrar para a sala. A grande janela tinha vidros novos e através deles podia ver-se uma ponta da piscina. Só que dessa vez não havia nenhuma criança a brincar dentro dela.

Ouviu-lhe os passos e voltou-se para vê-la à porta usando um vestido preto muito simples. Os cabelos louros brilhavam à luz da tarde quando ela se encaminhou para ele com o rosto impassível.

— Alô, Joker — disse ela, sem estender a mão.

— Maryann!

— Obrigada pelo telefonema — disse ela, encarando-o firmemente.

— Que telefonema?

— Não finja, Joker. Reconheço a sua voz por mais que você procure disfarçá-la.

— Que pretende fazer agora? — perguntou ele, mudando de assunto.

— Não sei ainda. Vou trabalhar, se encontrar um emprego.

— Isso me surpreende. Pensei que Ross a havia deixado em muito boa situação.

— Ele não me deixou nada.

— Mas você é a viúva dele. Está até de luto.

— Posso ser viúva, mas nunca fui mulher dele. E isto é o que dá direito à gente. Por outro lado, não estou de luto por ele. Uso preto porque é uma cor que geralmente me assenta bem.

— Sem dúvida alguma — disse ele, sorrindo.

Como sempre, mas ainda colhendo-o de surpresa, ela foi diretamente ao assunto.

— Não creio que tenha vindo aqui apenas para elogiar o meu aspecto. Que foi que veio fazer?

— O pessoal está preocupado com você.

— Preocupado por quê? Durante todo o inquérito, eu nada disse.

— Apesar disso, estão preocupados. Têm receio de que você um dia se veja em dificuldades e resolva falar.

— Eu sei que não vou fazer isso.

— Eu também sei, mas eles não se convencem.

— Que é que eu posso fazer para convencê-los?

— Volte para o leste comigo. Há um serviço para você.

— Que espécie de serviço?

— Dirigir uma agência de modelos. Ficarão mais satisfeitos se você estiver num lugar onde possam vigiá-la.

— Uma agência de modelos? Que é que eu entendo disso?

— Não seja ingênua, Marja — disse ele, com um sorriso.

— E se eu não quiser voltar?

Ele tirou um maço de cigarros do bolso e ofereceu-lhe. Ela não aceitou e Joker acendeu um cigarro. Quando guardou o maço, tirou do mesmo bolso uma fotografia que mostrou a ela.

Ela olhou. Era a fotografia de uma menina loura que brincava num jardim com a babá.

— É Michelle! — disse ela, com uma nota de medo na voz.

— Não se preocupe. Ela está bem. Apenas pensamos que você gostaria de ter esta fotografia dela, que foi tirada na semana passada em Arrowhead.

Ela ficou em silêncio por um momento. Depois, levantou-se e foi até a janela. Quando se voltou para ele, falou com uma voz vazia e resignada:

— Só assim ficariam satisfeitos?

— Só assim.

— Se eu concordar, não haverá outros laços?

— Que quer dizer com isso?

— Ora, Joker, agora quem está sendo ingênuo é você.

Ele ficou muito vermelho e disse:

— Não haverá outros laços. Mas você não pode impedir uma pessoa de ter esperança.

Ela respirou fundo e disse:

— OK.

— É um trato então?

— É um trato.

— Fico muito satisfeito com isso, Maryann. Gostaria apenas de que não fosse tão teimosa.

— Não me chame Maryann. Meu nome agora é Madame.

14

— Deixe-me na esquina da Park com 38th Street — disse ela. — De lá irei a pé.

— Está bem — disse ele, manobrando o carro para encostá-lo junto ao meio-fio. Curvou-se sobre o banco e abriu a porta para ela. — Quer jantar comigo esta noite?

— Quero.

— Irei buscá-la às oito horas em sua casa.

— OK.

Viu-a juntar-se à multidão na esquina e atravessar a rua à frente dele. Gostava do andar dela. Era o mesmo do tempo da sua mocidade. Sorriu percebendo os olhares que os homens lhe lançavam. Não era de admirar. Um carro buzinou atrás dele. Olhou para o sinal para ver se já estava aberto. E saiu com o carro.

A agência ficava numa fila de casas antigas cujo uso residencial em Nova York se tornara antieconômico e tinham passado a ser utilizadas para escritórios. Pululavam nelas pequenas agências de publicidade, empresas mais ou menos suspeitas e outros negócios que queriam um endereço na Park Avenue sem ter de pagar uma exorbitância.

Havia uma placa metálica ao lado da porta: "79 Park Avenue". Abaixo, em placas menores, figuravam os nomes dos inquilinos. Pagava-se pela placa mais cinco dólares por mês. Maryann entrou pela porta principal e caminhou por um comprido corredor. Uma porta à direita trazia o letreiro "PARK AVENUE MODELS, INC.". Adiante, via-se a escada que levava aos outros escritórios.

Passou diante da escada e entrou por uma porta na qual não havia letreiro algum. Abriu-a e entrou diretamente para um confortável escritório. Tirou o casaco leve e sentou-se à mesa. As cortinas estavam descidas. Ligou um interruptor e a sala imediatamente ganhou vida. Nas paredes, havia dois bons quadros e várias fotografias coloridas de moças. Numa cesta em cima da mesa havia outras fotografias e ao lado uma cópia da lista dos modelos.

Apertou o botão de uma campainha. Um momento depois, apareceu uma mulher de meia-idade, que estava visivelmente nervosa.

— Foi muito bom ter chegado, Srta. Flood! Acabam de telefonar da polícia.

— O quê?

— Da polícia.

— Sobre o quê, Sra. Morris?

— Florence Reese está no hospital entre a vida e a morte em consequência de um aborto. Querem saber se ela trabalha para nós.

— Que foi que disse?

— É claro que eu disse que não trabalhava. Uma publicidade desse tipo nos arruinaria.

— Não devia ter mentido, Sra. Morris. Talvez a pobre moça esteja mesmo em dificuldades e precise da nossa ajuda.

A Sra. Morris olhou-a, indignada.

— Sabe muito bem a minha opinião a respeito de moças como ela. Não devia gastar um minuto de seu tempo com essa gente. Não apreciam o que a gente faz e só tratam é de desgraçar-se e a todo mundo que entra em contato com elas.

Maryann baixou os olhos para a mesa. Era justamente isso que dava valor à Sra. Morris como testa de ferro, a sua sincera indignação com as pessoas que abusavam da profissão para encobrir patifarias. Talvez morresse do coração se soubesse do que se falava pelos dois telefones reservados que havia em cima da mesa de Maryann. Mas não podia perder tempo com a indignação da Sra. Morris. Tinha de telefonar para Hank Vito e pedir-lhe uma orientação.

— Está bem, Sra. Morris. Muito obrigada. Houve outros telefonemas?

— Dois. Um de um tal Sr. Gellard. Precisa de três modelos especiais para esta tarde. Alguns fregueses chegaram à cidade, e ele quer fazer uma exibição para eles. Sugeri-lhe algumas moças, mas ele insistiu em falar primeiro com a senhora. O outro foi da Loja de Peles da 14th Street. Queriam um modelo para trabalhar na vitrina, e eu lhes mandei Raye Marnay.

— Muito bem — disse ela, estendendo a mão para o telefone. — Vou saber o que o Sr. Gellard deseja comigo.

Esperou que a mulher saísse e fechasse a porta para começar a discar. Ficou olhando pensativamente para a porta fechada enquanto o telefone tocava do outro lado do fio.

Pobre Flo. Ela bem a aconselhara havia uma semana a não tentar o aborto. Havia esperado demais e já estava grávida de três meses. Teria sido muito mais inteligente deixar a criança nascer e depois entregá-la para ser adotada por alguém. Tudo seria mais seguro e, ainda por cima, Hank conseguiria arrancar algum dinheiro para ela. Mas ela ficara em pânico e devia ter ido cair nas mãos de algum incompetente. Maryann sentiu uma raiva imensa. Que espécie de médico era um homem que punha assim em risco a vida de uma garota, que podia ser uma prostituta, mas era também um ser humano?

Uma voz de homem atendeu ao telefone.

— Maryann — disse ela.

— Ah, felizmente. Estava com receio de não poder falar-lhe antes do almoço. Estou com três texanos soltos nas mãos e estão ansiosos por alguma coisa excepcional. Estão no hotel e eu lhes prometi que tudo estaria resolvido na hora do almoço.

— É muito pouco tempo para tomar as providências, John.

— Que é que eu posso fazer, querida? Só soube quando cheguei ao escritório hoje de manhã.

— Serviço completo? Almoço e visita?

— Claro.

— Vai custar um bocado de dinheiro, John.

— Quanto?

— Mil dólares.

Ele deu um assobio e disse:

— Vamos com mais calma. Não posso lançar tanto assim na conta de despesas.

— Não posso fazer de outro jeito. O julgamento do caso Jelke tornou muito difícil encontrar bons elementos.

— Está bem — disse o homem, depois de um momento de hesitação. — Vou lhe dizer para onde deve mandá-las.

Ela tomou nota dos endereços e desligou o telefone. Esperou um momento e discou de novo. Dessa vez, atendeu uma voz de mulher.

— Encontro para almoço, Cissie. Leve Esther e Milie. Serviço completo.

Por conta da casa.

— Mas já tenho outro encontro — disse a mulher.

— Vou botar outra no seu lugar. O endereço é o seguinte.

Quando acabou, acendeu um cigarro e tornou a pegar no telefone. No mesmo instante, o telefone tocou e ela atendeu.

— Pronto.

— Maryann? É Frank.

— Houve alguma coisa?

— Uma moça internada no Hospital Roosevelt. Florence Reese. Daí da sua agência disseram que ela não trabalha para vocês. Ela diz que trabalha. Essas contradições são muito perigosas. A mulher da sua agência agiu erradamente. Se ela não tivesse negado, eu poderia ter abafado tudo. Mas agora vai ser difícil, porque há muita gente curiosa sobre o caso.

— Que é que eu devo fazer?

— Não sei.

— Como está Florence?

— À morte.

— Pobre menina. Eu disse a ela que não fizesse isso.

— Não se preocupe mais com ela, que não adianta. Trate de tomar alguma providência.

— Está bem, Frank. Vou telefonar para Vito. Ele me dirá o que devo fazer.

— Diga-lhe que ele tem de usar bem a cabeça. Tomei conhecimento do caso em companhia de um dos rapazes do gabinete do promotor. Ele está fervendo de indignação.

— Quem é ele? — perguntou ela distraidamente.

— Keyes. Mike Keyes.

— Mike Keyes? — repetiu ela, sentindo um aperto na garganta.

— Sim. Eu sabia que havia alguma coisa sobre ele de que estava procurando lembrar-me. Ele foi da polícia. Escute, não foi ele que uma vez você me pediu que descobrisse para uma amiga sua?

— Não... não me lembro. Deve ter sido há tanto tempo que já me esqueci.

Desligou o telefone e ficou pensando. Sim, tinha sido há tanto tempo que até parecia que havia acontecido em outro mundo.

15

Eram quase quatro horas da tarde quando a enfermeira saiu da enfermaria e chegou à sua mesa no corredor. Mike, que ali a esperava, levantou os olhos.

— Acho que pode voltar para o seu escritório, Sr. Keyes. A moça morreu — disse ela sem qualquer emoção.

Mike levantou-se e disse cansadamente:

— Que horror!

— Não podia escapar, coitadinha! Estava toda dilacerada por dentro. O miserável deve ter usado agulhas de crochê!

Ele apanhou o chapéu e disse:

— Naturalmente, vão fazer a autópsia. Telefonarei depois para cá a fim de saber do resultado.

Saiu pelo corredor como se tivesse chumbo nos pés. Florence Reese. Como teria sido a vida para ela? Não devia ter sido muito boa. E parecia apenas uma criança. Chegou à porta no momento em que o Capitão Millersen vinha entrando.

— Soube mais alguma coisa, Mike?

— Nada. Ela não pôde mais falar. E você?

O rosto de Millersen se fechou numa máscara impenetrável.

— Falei com o chefe da contabilidade da agência de modelos. Nada sabia a respeito de Florence Reese. Fui verificar no hotel. A moça chegou a Nova York há cerca de um ano, vinda de uma cidade qualquer da Pensilvânia. Viveu em grandes dificuldades até há coisa de seis meses. Depois disso, pareceu ter-se arrumado na vida e estar ganhando bem.

— E a família dela? — perguntou Mike, indo com Millersen para o carro.

— Falei com os pais dela pelo telefone há uma hora. Já devem estar em viagem para cá. Pensavam que a filha tinha vencido em Nova York.

— Pobres coitados.

Quando chegou ao escritório Joel Rader lhe disse:

— Telefonaram para você há uma hora mais ou menos.

— Quem foi?

— Uma mulher daquela agência, Park Avenue Models, a mesma que você mandou Frank verificar. Parece que a moça fez alguns trabalhos para a agência e a mulher queria saber se havia alguma coisa que ela pudesse fazer.

— Nada! Ninguém pode fazer mais nada. A moça morreu.

— Que pena! Era bonita?

Mike encolheu os ombros.

— Era difícil dizer no estado em que ela se achava. Devia ter sido. Era tão menina ainda.

Redigiu um breve relatório sobre o fato, assinou-o e levantou-se.

— Vou-me embora. Estou arrasado.

— Então evite ver o Velho. Ele está em pé de guerra. Fez um barulhão com Alec por uma coisinha à toa.

— Pobre Alec. A coisa sempre estoura nas costas dele. Quer entregar este relatório para mim, Joel?

— Certo.

Joel levantou os olhos da sua mesa e perguntou a Mike:

— Em que deu o caso daquela moça que você investigou na semana passada, a tal que morreu de um aborto?

— Não deu em nada. A moça morreu. Por que você pergunta?

— Veja isto aqui — disse Joel, entregando-lhe uma folha de papel.

Era um relatório da polícia sobre uma diligência. Algumas mulheres tinham sido presas numa festa pela Divisão de Repressão ao Vício. Uma delas dissera que trabalhava para a Park Avenue Models. Mais tarde se desdissera. Todas elas tinham sido soltas na manhã seguinte mediante fiança. Tinham sido representadas em juízo por um advogado do escritório de Henry Vito. A festa se realizava no apartamento de John Gellard, um industrial. A batida da polícia se efetuara em consequência de queixas de pessoas não especificadas contra Gellard. Este fora também solto mediante fiança, tendo como advogado o próprio Henry Vito.

Quando Mike acabou de ler, Joel perguntou:

— Não foi a Park Avenue Models a agência mencionada pela moça que morreu?

Mike assentiu com a cabeça e tornou a ler o relatório.

— Que é que acha, Mike?

— Acho que é coincidência demais. Vou conversar com Frank Millersen sobre isso. Talvez ele possa esclarecer alguma coisa.

— Conte-me tudo depois.

Frank Millersen levantou os olhos quando viu Mike entrar.

— Alô, Mike! Que é que há?

— Já viu isto, Frank? — perguntou ele, entregando-lhe o relatório.

Frank leu tudo rapidamente e perguntou com o rosto impassível:

— E daí?

— Sabe a esse respeito alguma coisa que eu não sei?

— Não sei muita coisa — disse Frank, pondo o cachimbo na boca. — Uma diligência comum da Repressão ao Vício. Um dos detetives falou comigo. Deve ter sido uma farra e tanto. Ele me disse que quando chegaram lá as garotas estavam todas...

— Não é disso que eu quero falar. Uma das garotas mencionou a Park Avenue Models. É a mesma agência para a qual Florence Reese disse que trabalhava.

— Não creio que isso tenha muita importância. Muitas dessas garotas conhecem a agência de nome e se servem dela como proteção.

— Talvez. Mas por que depois negou o fato? Outra coisa que me espanta é o fato de poderem pagar um advogado caro como Vito. Ele não trabalha por pouco dinheiro, e é evidente que essas pequenas não podem ter dinheiro para contratar seus serviços.

— De acordo com o relatório ele também foi advogado de Gellard. Este deve ter pago por todas elas, por questão de legítima defesa.

— Não sei, Frank. Tudo isso está me parecendo muito esquisito.

Frank sorriu.

— Não pense mais nisso, Mike. Quando você tiver experiência bastante no escritório, terá encontrado tantas dessas coincidências que deixará de preocupar-se com elas.

— Não posso me esquecer daquela pobre moça do hospital. Não foi aquele triste fim que ela veio procurar nesta cidade.

— Claro que não foi. Mas uma moça direita nunca se mete em dificuldades dessa natureza. Falei com o pai dela quando veio buscar o corpo. Disse-me que ela sempre foi rebelde.

— Uma pessoa rebelde nem sempre é uma mulher má. Gostaria de poder esquecer esse caso.

— Que é que pretende fazer?

— Não sei ainda. Vou pensar no caso e, se chegar a alguma conclusão, darei um telefonema para você amanhã de manhã.

— Faz muito bem — disse Frank, sorrindo. — Uma boa noite de sono faz a gente ver melhor as coisas. De qualquer maneira, seja qual for a sua decisão, estarei aqui amanhã.

— Obrigado, Frank.

Mike saiu da sala do capitão, mas quando chegou ao corredor, percebeu que apanhara outro papel em cima da mesa além do relatório. Voltou.

Abriu a porta do detetive e viu que o mesmo estava falando ao telefone.

— Espere um minuto, Mary — disse o detetive, cobrindo o fone prontamente com a mão.

Mike olhou-o com estranheza. O rosto do detetive, habitualmente tão corado, havia ficado terrivelmente pálido.

— Desculpe, Frank. Não sabia que você estava falando ao telefone. Peguei este papel por engano em cima da sua mesa. E vim devolver — disse ele, colocando o papel em cima da mesa.

— Não tem importância, Mike — disse o outro, com um sorriso contrafeito. — Estou falando com a patroa. Obrigado.

Mike saiu da sala e fechou a porta. Só depois de ter-se afastado um pouco foi que ouviu de novo o murmúrio da voz de Frank ao telefone. Voltou ao escritório e sentou-se.

— Então? — perguntou Joel.

— Millersen acha que o fato não tem importância.

— Frank deve saber. Ele é técnico no assunto.

Mike continuou pensativo e, ao fim de um instante, perguntou a Joel:

— Sabe por acaso o nome da mulher de Frank?

— Claro — disse Joel, rindo. — Sra. Millersen.

— Não estou brincando, Joel. Sabe?

— Por quê?

— Simples curiosidade. Ele estava falando pelo telefone com ela quando eu entrei.

— Elizabeth — disse Joel. — Uma noite, tomei alguns drinques com eles. Ele a trata de Betty.

Mike acendeu um cigarro e virou a cadeira para a janela. Na rua, já havia homens andando em mangas de camisa. O verão chegava a Nova York prometendo um calor de fornalha. Betty. Por que Millersen teria mentido?

Que espécie de empresa era a tal Park Avenue Models? Nunca ouvira falar nela e agora duas vezes em pouco tempo o nome lhe aparecera. Pegou o telefone e pediu à telefonista que fizesse uma ligação para Alec Temple, que acabara de ser transferido para a Seção de Atividades Ilegais.

— Alô, Mike — disse Alec pelo telefone.

— Preciso de um favor seu, Alec. Quero que me investigue uma companhia chamada Park Avenue Models Inc., na Park Avenue, 79.

— Quer saber o quê?

— Tudo o que você puder apurar. É muito importante que ninguém mais saiba disso, especialmente o escritório de Millersen. Creio que desta vez vamos dar-lhes uma lição.

— Está certo, Mike — disse Alec, rindo. Havia sempre rivalidade entre os adjuntos da promotoria e o pessoal da polícia designado para trabalhar com eles. — Compreendo.

— Com a maior urgência possível, Alec.

— Amanhã de manhã está bem para você?

— Está ótimo. Muito obrigado.

Mike desligou e quase no mesmo instante o telefone tocou. Atendeu.

— Mike? Quem fala é Frank Millersen.

— Pode dizer, Frank.

— Estive pensando e acho que podemos fazer uma investigação naquela agência de modelos, se você quiser.

— Ora, nem pense nisso, Frank. Já estou achando que você tem razão. Pura coincidência. Desculpe-me por tê-lo incomodado.

— Está bem, Mike — disse Millersen, com voz hesitante. — Se acha assim...

— Acho, Frank. De qualquer maneira, muito obrigado.

— De nada.

Desligou, deixando Mike com a impressão de ter percebido um tom de alívio na voz do outro.

16

O promotor público olhou atentamente para Mike através dos grossos óculos, batendo com uma lapiseira de ouro nos papéis que estavam em cima da mesa.

— Quer então pedir demissão?

— Quero,sim.

— Por quê?

— Motivos de ordem pessoal.

O Velho desviou os olhos para a janela.

— Não se sente bem no seu trabalho aqui, Mike?

— Não se trata disso, senhor.

O Velho ficou em silêncio e durante algum tempo só se ouviu na sala a sua respiração difícil.

— Nunca pensei que fosse covarde, Mike — disse ele, afinal.

Mike não respondeu.

— O trabalho que realizou no caso da Park Avenue Models é notável, um dos maiores que já se efetuaram neste escritório. Mas, como ele envolve pessoas de influência, você quer recuar.

Mike continuou calado.

— E eu? Como você acha que eu me sinto quando vejo o chefe dos meus detetives envolvido? Não acha também que devo retirar-me? Acontece que eu não posso. Prestei um juramento. Você também o prestou quando veio trabalhar comigo. Não podemos sair.

— Isso não vem absolutamente ao caso, Chefe.

— Bolas! Só porque alguns políticos desonestos e uns ricaços estão implicados? Tem medo de prejudicar sua carreira?

Mike não respondeu.

— Você não terá carreira para ser prejudicada se desertar agora! Todos ficarão sabendo que você é um covarde.

Mike respirou fundo e disse:

— Desculpe, senhor. Era só isso que queria me dizer?

— Será que não compreende, Mike? Esta talvez seja a maior oportunidade de toda a sua vida. Tom Dewey subiu justamente com um caso assim. Quando isso acabar, você poderá aspirar ao que bem quiser, Mike. Não estrague sua vida.

— Já posso retirar-me, senhor?

O Velho falou então com a voz cheia de desprezo:

— É muito raro eu me enganar no juízo que faço das pessoas, mas com você errei redondamente. Isso prova que ser corajoso não é apenas poder enfrentar as balas do inimigo. Isso você fez, mas ainda assim é um covarde.

Mike ficou vermelho e mordeu os lábios para não responder.

— Foi muito duro para mim engolir o caso de Millersen, mas mais duro é ficar sabendo que você é um covarde. Já estou velho, Mike. Passei quase toda a minha vida dentro deste escritório. Jamais quis senão fazer um bom trabalho, um trabalho honesto para proteger as pessoas que confiaram em mim. É esta a primeira vez que sinto que lhes falhei.

— Não falhou, Chefe — disse Mike. — Todas as informações estão aí em sua mesa.

— Certo, mas eu sou responsável por todos os homens que trabalham comigo. Sou responsável por Millersen e pagarei por ele, como sou responsável e pagarei por você. Ser promotor público não é apenas comparecer diante dos jurados ou de um juiz e conseguir condenações. É também uma questão de orgulho, o orgulho de fazer um trabalho benfeito, sem medo e sem favores. Se vier a desertar, será como se eu mesmo desertasse. O mundo inteiro saberá disso.

Mike nada disse.

— Ao menos, diga-me por que vai sair! — exclamou o Velho. — Eu sei que você não é covarde!

Mike respirou fundo e de repente percebeu que estava com as mãos tremendo.

— Conte-me tudo, Mike — disse o Velho gentilmente. — Você foi um bom polícia e um bom adjunto. Por que vai sair?

— Ela foi minha garota — disse Mike, encarando o Velho.

— Ela quem?

— Marja, isto é, Maryann Flood.

— Essa mesma Maryann Flood?

Mike assentiu com a cabeça.

— Mas como, Mike? Como?

— Eu não sabia que ela estava envolvida nisso quando pedi a Alec há três semanas que fizesse uma investigação sobre a Park Avenue Models. Se soubesse, talvez não tivesse começado.

O promotor olhou-o com uma compreensão nova e murmurou:

— Eu estava certo. Eu estava certo a seu respeito.

Mike continuou:

— Depois, quando recebi o relatório de Alec, tive de prosseguir, depois de conseguir a sua autorização. Interceptamos os telefones e começamos a vigiar. Todas as peças foram pouco a pouco se ajustando — coisas de que nem desconfiávamos. Como é que as batidas falhavam, uma porção de coisas. Até que um dia apuramos que, por ocasião da sua primeira prisão, o policial que a prendeu foi Frank Millersen. Foi ainda mais convincente descobrir que ele havia depositado no banco cerca de vinte mil dólares por ano. Não há nenhum polícia no mundo que possa fazer isso com o dinheiro que ganha. Daí chegamos aos homens de dinheiro que sustentavam o negócio, aos políticos a quem ela pagava, aos guardas e detetives subornados e às garotas. Por fim, tudo estava esclarecido, e nada mais havia a investigar. Foi então que compreendi que tinha de afastar-me e pedi a Joel Rader que se encarregasse do caso por mim.

— Você alegou doença — disse o Velho.

— E estava doente, sim. Doente da alma. Ao mesmo tempo, quero sair daqui antes de saber ao certo todo o mal que fiz a ela.

— Não poderá fugir disso, Mike — disse o Velho.

— Mas posso tentar, John.

— Você ainda gosta dela, Mike.

Mike baixou os olhos e nada disse.

Nesse momento, a porta se abriu e Joel Rader entrou todo animado.

— Conseguimos, Mike! — exclamou ele. — Foi recebida a denúncia contra todos eles, Maryann Flood, Millersen, todos! Vai ser o maior caso destes

últimos anos! Tenho aqui os mandados de prisão contra eles todos, Chefe! Vamos descer agora mesmo para prender Millersen.

— Irei com vocês — disse o promotor, levantando-se. Olhou para Mike e acrescentou: — Não vem também, guarda?

Frank Millersen acendeu o cachimbo. Quando este pegou bem, começou a examinar os papéis em cima da mesa. Nada de especial. Poderia ter um fim de semana bem descansado com Betty e as crianças. Seria o primeiro desde muito tempo.

Nesse momento, bateram na porta.

— Entre — disse ele.

Ouviu os passos de várias pessoas e levantou a cabeça. O promotor estava diante da sua mesa e, atrás dele, viam-se Keyes e Rader. Mais atrás, estava o uniforme azul de um guarda. Sentiu um aperto no coração, mas conseguiu dar um sorriso forçado e levantou-se, estendendo a mão.

— Há muito que não me dá a honra de aparecer aqui, Chefe.

A mão dele ficou no ar, sem que o promotor fizesse qualquer menção de apertá-la. Millersen levantou a mão para tirar o cachimbo da boca, querendo dar a entender que fora esse o sentido do seu gesto.

— Temos um mandado de prisão contra você, Frank — disse o promotor.

— Sob que acusação? — perguntou ele, sentindo-se empalidecer e lendo a resposta no rosto de Mike.

— Quer mesmo que lhe diga, Frank? Há necessidade? — perguntou o Velho.

Millersen baixou a cabeça e deixou-se cair numa cadeira. Envelheceu de repente. Mexeu mecanicamente em alguns papéis da mesa e disse:

— Não.

Sem levantar a cabeça, percebeu que o promotor público saía da sala. Ouviu a voz de Rader:

— É melhor vir logo conosco, Frank.

Ele levantou os olhos cheios de agonia.

— Deem-me um minuto para eu me arrumar. Logo depois, irei com vocês.

Joel olhou para Mike, que assentiu com a cabeça.

— Está bem — disse Joel. — Ficaremos à sua espera.

Encaminharam-se para a porta, mas a voz de Millersen os fez parar.

— Mike!

Mike voltou-se para olhá-lo.

— Eu devia ter me lembrado de que você foi um elemento ótimo da polícia antes de entrar para o gabinete do promotor. Eu não faria um serviço melhor do que o que você fez.

— Sinto muito, Frank.

— Você cumpriu o seu dever, Mike.

Mike e Joel saíram e Millersen viu-os fecharem a porta. Tirou uma baforada forte do cachimbo e sentiu o fumo chegar-lhe aos pulmões.

Não havia pesar por si mesmo quando abriu a gaveta e tirou o grande revólver. Havia apenas uma grande tristeza por Betty e pelas crianças quando substituiu na boca o cachimbo pelo cano frio do revólver.

17

Quando Mike abriu a porta, ouviu a mãe falando com alguém na cozinha. Dirigiu-se para seu quarto. Não se lembrava de algum dia ter-se sentido tão cansado, tão completamente exausto.

Ouviu a voz da mãe, da cozinha.

— É você, Mike?

Teve de fazer um esforço para altear a voz e responder:

— Sim, mamãe.

Entrou no carro e fechou a porta. Tirou o paletó e jogou-se na poltrona perto da janela. Acendeu um cigarro e ali ficou com o olhar absorto.

A porta se abriu, mas ele não se voltou para olhar.

— Está bem, meu filho? ;

— Estou, sim, mamãe.

— Veio para casa cedo — disse ela, aproximando-se da poltrona. — Houve alguma coisa?

— Não, mamãe. Não houve nada.

— Mas sua cara não está nada boa. Vou lhe fazer um chá.

— Por favor, mamãe, deixe-me descansar — disse ele com uma nota de aborrecimento na voz. — Não tenho nada.

Viu que ela ficara magoada e pegou-lhe na mão.

— Desculpe, mamãe. Não tive a intenção de ser rude.

— Não tem importância, Mike. Eu compreendo.

— Não, mamãe — murmurou ele. Ninguém podia compreender. Só ele sabia como se sentia.

A mãe continuou no quarto e disse:

— Conheço muito bem esse seu aspecto.

— Que aspecto, mamãe?

— É aquela moça — disse ela. — Ela voltou. Posso ver pelos seus olhos. Você estava desse mesmo jeito quando foi ao Bronx buscá-la e ela não quis vir

com você. Não pode tirá-la da cabeça, não é, meu filho?

— Fiz o possível, mamãe. Mas não consigo. Parece que ela faz parte de mim.

— Você a viu?

— Não, mamãe.

— E então?

— A polícia está indo prendê-la agora. Preparei um processo contra ela que vai mandá-la para a cadeia.

— Fez o seu dever, meu filho.

— Não me diga isso, mamãe! — exclamou ele num assomo de raiva. Millersen também dissera isso e estava morto.

— Há muito tempo lhe disse que ela não servia para você. Talvez acredite em mim agora.

— Mas que é que eu posso fazer se sei que não há outra mulher para mim no mundo? — perguntou ele, com verdadeira agonia na voz.

Maryann levantou a vista da mesa e viu Tom, que sorria.

— Mandei o táxi esperar, Sra. Maryann. Temos apenas uma hora para chegar ao aeroporto.

— Só alguns minutos mais, Tom.

— Vou esperar lá fora. Estou ansioso para ver a queridinha.

— Eu também — disse ela.

Tom saiu do escritório e fechou a porta. Maryann olhou um retrato de Michelle em cima da mesa; depois, pegou alguns papéis e olhou-os rapidamente. Eram contas que podiam esperar até que ela voltasse, daí a duas semanas. Guardou-as num envelope, que deixou em cima da mesa. Trancou a gaveta e levantou-se.

Apanhando o casaco em cima da mesa, lançou um último olhar para a sala. O telefone começou a tocar. Hesitou. Depois, fez uma careta e dirigiu-se para a porta, sem atender. Se fosse Joker, iria descobrir no dia seguinte que ela havia partido. Daquela vez, iria cumprir a promessa que fizera a Michelle.

Quando estendeu a mão para a maçaneta, a porta se abriu e um homem alto

apareceu. Maryann olhou-lhe automaticamente os pés. Sentiu os cabelos da nuca se levantarem. Um policial!

— Já ouviu dizer que se bate numa porta antes de abri-la?

Ele entrou, e ela viu que vários homens o acompanhavam. O primeiro homem sorriu e perguntou:

— Pode-se saber se vai a algum lugar?

— Não é da sua conta! — replicou ela.

Um homem baixo e moreno abriu caminho por entre os outros homens.

— Pare com a comédia, George — disse ele. Voltou-se depois para Maryann e perguntou: — É Maryann Flood?

— Sou.

— Sou Joel Rader, do gabinete do promotor público. Esses homens são da polícia. Gostaria que viesse conosco.

— Trata-se então de uma prisão?

— Claro que sim — disse rudemente o homem alto.

— De que sou acusada, Sr. Rader?

— Este mandado explica tudo, Srta. Flood — disse ele entregando-lhe uma folha de papel dobrado.

Ela recebeu o papel e passou os olhos por ele. Quando levantou os olhos, o rosto estava impassível.

— Posso telefonar para meu advogado? — perguntou calmamente.

Joel fez um sinal afirmativo e olhou-a com admiração, enquanto ela dava volta à mesa e pegava o telefone. Discou rapidamente. Não era de admirar que ela pudesse fazer o que fazia. Tinha nervos de aço.

— Hank — disse ela pouco depois ao telefone. — Acabo de ser presa... Não, ainda estou no escritório... Sim... Então, até logo.

Desligou, olhou para Joel e disse:

— Estou pronta.

Ele se afastou para deixá-la passar. Ela foi até a outra sala. Ali a esperava o velho negro, e ela parou para dizer-lhe:

— Não se preocupe, Tom. Vá para casa e prepare o jantar. Telefone para a

menina e diga-lhe que os negócios não nos permitiram ir.

Tom olhou para Joker no escritório de Vito e perguntou:

— A Sra. Maryann está em dificuldades?

Joker olhou para Hank Vito e depois para Tom, a quem disse:

— Sim, está em grandes dificuldades.

— Tudo por causa daquele promotor, não é? O tal que, os jornais dizem que preparou o processo? O que se chama Keyes e entrou em férias enquanto a Sra. Maryann está sofrendo todas essas coisas?

A voz de Tom estava indignada.

— É esse mesmo, Tom.

— Pois ele é um homem mau, Sr. Joker. Só está fazendo isso porque a Sra. Maryann não quis casar com ele.

— O quê? — perguntou Joker, surpreso.

Ocorreram-lhe então vagas e torturantes lembranças. O amigo de Ross, o rapaz que costumava ir buscá-la quando ela saía do trabalho no *dancing*. Chamava-se Mike, também.

— Isso é verdade, Tom?

— É, sim. Ele é o pai de Michelle.

— Como é que sabe? — perguntou Vito. — Foi ela que disse?

— Não, ela nunca fez isso.

— Como é então que você sabe? — perguntou Vito. — Se pudéssemos provar isso, seria fácil livrá-la. Nenhum júri no mundo deixaria de acreditar que ele forjou tudo de puro despeito.

— Ela guarda a certidão de nascimento de Michelle, numa gaveta da cômoda. Nessa certidão, o nome do pai é o dele. Vi muitas vezes quando fazia a limpeza.

Vito levantou-se nervosamente.

— Vá correndo a casa e me apanhe essa certidão. Traga-a para cá e não a entregue senão a mim, compreende?

Tom já estava a caminho da porta. Olhou para trás, rindo, e disse:

— Compreendo, sim, Sr. Hank. Compreendo muito bem!

Logo que ele saiu, Vito perguntou a Joker:

— Que é que acha disso?

— É incrível! — exclamou Joker. — E ela nunca nos disse nada!

— Acha que ela ainda gosta dele?

— Há muito tempo já que desisti de tentar compreendê-la.

— Não direi nada até o julgamento. Não quero que a promotoria toque no assunto antes de nós. Acha que Keyes sabe disso, Joker?

— Acho que não. Não creio que ela tenha dito isso a pessoa alguma, salvo a Ross. E este não pode mais falar.

— Não entendo aquela mulher — murmurou Vito. — Falei com ela na prisão hoje de manhã. Já está lá há três dias e não me disse uma palavra sobre isso. Talvez não saiba que isso pode ser a sua salvação.

— Ainda que saiba, duvido que diga alguma coisa. Lembra-se do que me disse há muito tempo, Hank, quando me falou sobre ela pela primeira vez?

— Não.

— Você disse que ela era uma coisa especial, uma puta com um código de ética.

A JUSTIÇA PÚBLICA CONTRA MARYANN FLOOD

Joel levantou os olhos quando entrei na sala. O rosto dele estava preocupado.

— O Velho tem andado como um louco à sua procura, Mike. É melhor ir falar com ele correndo.

— Que será que ele quer?

— Não sei. Soube que Vito veio falar com ele e isso não me agrada nada.

— Vito?!

— Sim, vá logo!

A secretária do Velho me fez entrar logo para a sala dele. O Velho estava sentado à sua mesa e Vito numa cadeira em frente.

— Mandou-me chamar, Chefe?

— Mandei. Você não me disse tudo a seu respeito e da Srta. Flood.

Senti a raiva crescer dentro de mim. Aquilo era uma coisa com que eu não contava. Dissera ao Velho tudo o que era necessário. Ele é que me pedira que ficasse quando pretendi afastar-me. Respondi-lhe com voz tão fria quanto a dele:

— Creio que não estou compreendendo.

— Um Frank Millersen basta para qualquer homem! — gritou o Velho, dando um soco na mesa.

Conservei a voz calma, embora meu humor estivesse descontrolado. Eu já havia passado por muita coisa e não precisava de que ainda por cima ele viesse gritar comigo.

— Ainda não sei de que está falando.

— Vai dizer que também não sabe disto aqui? — perguntou ele sarcasticamente, entregando-me uma folha de papel.

Peguei o papel e vi que era uma certidão de nascimento. De Michelle Keyes. Continuei a ler, sentindo o sangue fugir-me do rosto. "Mãe: Maryann Flood. Pai: Michael Keyes." Olhei para a data e senti o coração bater com força. Ajustava-se perfeitamente aos dias que havíamos passado juntos naquele fim de semana.

Compreendi então uma porção de coisas, como o olhar estranho que tivera na noite anterior quando eu lhe perguntara pela filha. Eu não havia desconfiado de que fosse o pai.

— Por que não me contou? — perguntou a voz ríspida do Velho.

— Por uma razão muito simples. Não sabia.

— E espera que eu vá acreditar nisso?

Perdi finalmente a calma e gritei:

— Pouco me interessa aquilo em que acredite ou deixe de acreditar!

— Sabe o que isso vai fazer com nosso caso? Vai arrasá-lo!

Olhei-o. Ali estava o homem que dizia que a única maneira de vencer era não se afastar da verdade.

— Arrasar por quê? — repliquei friamente. — Vito não conseguiu destruir qualquer das nossas acusações.

O advogado abriu então a boca e disse:

— Para que ia dar-se a esse trabalho? Qual é o júri que vai acreditar nas acusações quando vir isto? Tudo parecerá forjado para servir a uma vingança pessoal.

— Sempre ouvi dizer que era um bom advogado, Vito, um dos melhores. Nunca soube, porém, que a chantagem fazia parte do seu arsenal de recursos.

Vito levantou-se da sua cadeira na minha direção. Empurrei-o com uma mão e ele tornou a sentar-se com os olhos fuzilando. Nisso, o interfone tocou na mesa do Velho. Ele apertou o botão.

— Que é?

— A Srta. Flood está aqui — disse a voz da secretária.

— Faça-a entrar.

A porta se abriu e Marja apareceu. Entrou no escritório com aquele mesmo andar majestoso que sempre a distinguira das outras mulheres.

Não olhou para mim e perguntou a Vito:

— Que é que há?

Ele sorriu.

— Acho que o promotor vai entrar num acordo conosco.

Ela olhou para mim com um brilho nos olhos.

— Mike, você vai...?

— Eu disse o "promotor", e não o seu namorado.

O brilho morreu prontamente nos olhos dela. Perguntou a Vito:

— Por que diz isso?

Entreguei-lhe a certidão. Ela viu de que se tratava e me olhou com uma dor intensa no olhar.

— Onde encontrou isto? — perguntou com a voz trêmula.

Apontei para Vito.

— Como conseguiu isto, Vito?

— Foi Tom que me trouxe.

— Por que não me falou sobre isso?

— Para você não prejudicar o seu caso tentando proteger o seu namorado. Sou seu advogado e tenho de defendê-la, ainda que seja de você mesma.

— Está pensando que é por ele? Se eu quisesse que ele soubesse, já lhe teria dito há muito tempo. É por Michelle. Ela vive feliz. Pensa que o pai morreu na guerra. Acha que ela se sentiria bem se soubesse como foi que nasceu?

— Acha que ela iria gostar mais de saber que a mãe está na penitenciária?

— E muito melhor do que saber que é ilegítima! — replicou Marja.

— Você tem de fazer o que eu disse — disse Vito, levantando-se. — Há muita coisa em jogo, e você não pode recuar agora. — Virou-se para o promotor e perguntou: — Que é que me diz, John?

O Velho olhou-o em silêncio.

— Entramos num acordo? — insistiu Vito.

O promotor olhou para mim e disse:

— O caso será entregue a Keyes. Faço questão de nunca interferir no assunto dos meus assistentes. Pergunte a ele.

Vito olhou para mim.

— Não haverá acordo — disse eu.

— Você não vai gostar, Mike. Vou colocá-lo na cadeira das testemunhas e, quando eu acabar de interrogá-lo, você vai querer que a terra se abra para você desaparecer.

— Estou disposto a correr esse risco.

Vito olhou para o Velho e disse:

— Isso liquida com suas aspirações ao governo do Estado.

— Ficarei ao lado de Mike — disse o Velho.

Vito voltou-se para a porta, com o rosto vermelho e zangado.

— Vamos, Maryann.

Ela começou a acompanhá-lo, mas eu a chamei:

— Marja.

Ela parou e olhou para mim. Aproximei-me e peguei-lhe na mão.

— Por que não me disse?

Ela não respondeu, mas havia nos olhos dela um brilho estranho, que talvez escondesse as lágrimas.

— Mike, perdi um bebê porque pensaram que eu não seria capaz de cuidar dele. Não quis perder minha filha também.

— Você vem, Maryann? — perguntou Vito da porta.

— Desculpe, Mike — disse ela, puxando a mão e saindo.

Voltei-me então para o Velho e disse:

— Bem, creio que fiz uma confusão tremenda de tudo.

Ele sorriu.

— Mike, peço-lhe desculpas por não haver confiado em você.

— Não pense nisso, John. Não tem mais importância.

Ele se levantou, dizendo:

— O julgamento vai recomeçar daqui a alguns minutos. É melhor irmos descendo.

Pensei nos gladiadores romanos, quando marchavam para a arena, e disse:

— *"Morituri te salutamus!"*

— Que foi que disse? — perguntou o Velho, que estava absorto nos seus pensamentos.

Olhei-o, rindo. Ele tinha orgulho de saber muito latim. Não era sempre que eu tinha ocasião de superá-lo nesse particular, ainda que fosse apenas em virtude de desatenção da parte dele.

— "Nós que vamos morrer te saudamos" — disse eu, traduzindo a frase.

Havia no tribunal um ambiente de contida ansiedade. Era como se algum misterioso instinto houvesse revelado a todos que ia acontecer uma coisa muito importante. Era visível o nervosismo até do escrivão e dos oficiais de justiça, que já deviam ser insensíveis a tudo aquilo que acontece em juízo.

O juiz chegou com vinte minutos de atraso. Todos se levantaram, e um minuto depois a sessão estava aberta.

Vito levantou-se e disse com uma voz forte, que ressoou pela sala:

— A defesa deseja chamar como sua primeira testemunha o Sr. Michael Keyes, do gabinete do promotor público!

O próprio juiz ficou visivelmente surpreso. Olhou para nós enquanto um murmúrio se elevava da assistência. Ouvi o tropel dos passos dos repórteres que corriam para a porta a fim de transmitir a notícia para seus jornais. O juiz bateu com o martelo na mesa para restabelecer a ordem. Um minuto depois, fez-se silêncio.

— É muito fora do comum o que a defesa requer — disse o juiz a Vito. — Presumo que tenha razões suficientes para tanto.

— E tenho, Meritíssimo — respondeu Vito. — Creio que é da maior importância, para que se faça justiça a minha cliente, que o Sr. Keyes seja chamado a depor.

O juiz me olhou e eu me levantei, dirigindo-me para a cadeira das testemunhas. Vito me olhava, impassivelmente.

Ela também me olhou quando eu passei pela mesa. Tinha o rosto pálido e abatido. Subi ao estrado das testemunhas e voltei-me para prestar o juramento de praxe com o escrivão. Vários *flashes* dos fotógrafos da imprensa espocaram, ofuscando-me momentaneamente.

Ouvi a voz dela, forte e clara, enquanto ainda estava piscando os olhos.

— Posso conversar um momento com meu advogado, Excelência? Desejo confessar-me culpada!

Houve de novo na sala confusão, ainda maior do que a da outra vez. *Mais flashes* espocaram e, quando pude ver direito, Vito havia voltado para sua mesa.

Discutiram durante algum tempo e, por fim, Vito se levantou.

— Posso pedir-lhe um recesso de dez minutos, Meritíssimo? Preciso de um momento em particular com minha cliente.

O juiz bateu com o martelo na mesa.

— O tribunal ficará em recesso durante dez minutos.

Depois levantou-se e saiu da sala. Deixei a cadeira das testemunhas e voltei para minha mesa.

Marja e Vito já haviam desaparecido pela porta da sala de conferências. Corri os olhos pela sala. O recinto destinado à assistência estava cheio de pessoas, apertadas como sardinhas. Senti alguém puxar-me pela manga do paletó. Era o Chefe.

— Tinha razão — disse ele, com uma voz cheia de admiração. — Ela tem fibra. E da cabeça aos pés!

A porta da sala de conferências se abriu, e Vito saiu sozinho. Olhou para a assistência, como se estivesse à procura de alguém. Tentei seguir-lhe o olhar, mas ele foi rápido demais. Fez um gesto com a cabeça que parecia quase um sinal de assentimento. Voltou depois para a sala de conferências.

Eu ainda estava olhando a assistência. Um momento depois, um homem se levantou. Tinha os cabelos brancos e dirigiu-se para a porta. Reconheci-o imediatamente. Era Joker Martin. Fiquei imaginando o que estaria ele fazendo ali, mas nesse momento a porta da sala de conferências se abriu e eu não pensei mais nisso.

Marja vinha à frente, com o rosto sereno e calmo, seguida de Vito. Foram para a sua mesa e sentaram-se.

Um momento depois, o tribunal estava de novo em sessão. Vito levantou-se. O rosto estava pálido, mas a voz firme.

— Minha cliente deseja reconhecer-se culpada de todas as acusações.

O juiz voltou-se para ela.

— E esse o seu desejo, Srta. Flood?

Ela se levantou e respondeu:

— Sim, Meritíssimo.

Tivemos de abrir caminho por entre a multidão até os elevadores. As costas me doíam de tantos abraços de parabéns. Afinal, vi-me sozinho no elevador com o Chefe.

— Terá meu pedido de demissão na sua mesa amanhã cedo — disse eu.

Ele não me olhou.

— Peço-lhe desculpas por toda essa confusão.

Ele nada disse.

O elevador parou no meu andar e eu saltei, deixando-o sozinho. Entrei no meu escritório. Joel e Alec ainda estavam lá embaixo. Sentei-me à mesa e peguei uma folha de papel. Redigi rapidamente o pedido de demissão, coloquei-o num envelope e mandei-o para o Chefe.

O telefone tocou. Atendi, pensando que dentro em pouco aquele telefone deixaria de ser meu.

— Keyes — disse eu.

— Mike, quem fala é Marja.

— Alô, Marja.

— Estou no Bar Boyd, na Broadway. Quer vir falar comigo?

Tinham andado depressa, sem dúvida. A fiança dela fora arbitrada em cinquenta mil dólares e ela já estava num bar antes quase de eu ter tempo de subir para meu escritório. Hesitei.

— Por favor, Mike, venha que é muito importante.

— Está bem. Já vou.

Levantei-me para sair. Voltaria no dia seguinte para esvaziar as gavetas.

Havia começado a nevar quando entrei no bar fracamente iluminado. Ela estava sentada a uma mesa num canto. Sentei-me ao lado dela, e um garçom apareceu:

— Que é que vai tomar, Marja?

— *Cassis* e soda.

— Gim com gelo para mim — disse eu para o garçom. Depois, voltei-me para ela: — Ainda está bebendo isso?

— Eu gosto.

O garçom voltou com as bebidas. Levantei o copo e disse:

— Ao crime.

— Não deve fazer esse brinde, Mike.

— Por quê?

— Ross sempre dizia isso, e acho que fiquei supersticiosa.

— Tem algum brinde melhor?

— Tenho.

— Qual é?

— A nós — disse ela, olhando-me bem nos olhos. Senti o calor de sua voz e de seu olhar atingir-me.

— Serve — disse eu, tomando um gole. Depois coloquei o copo em cima da mesa e perguntei: — Sobre o que queria falar comigo?

Um homem entrou no restaurante. Ela o olhou por um instante e voltou o olhar para mim.

— Sobre nós, Mike — disse ela, pousando a mão na minha. — Já é bem tempo.

Senti a eletricidade que seu contato me comunicava. Procurei conservar a voz calma.

— É mesmo?

— Sim, Mike. Não existe mais ninguém para mim.

— Você levou muito tempo para chegar a essa conclusão.

— Desculpe, Mike. Mas não pôde ser de outra maneira. Lembra-se do que eu lhe disse ontem à noite no carro?

Eu precisava de tempo para pensar. O coração me batia com força. Mudei de assunto.

— Quem pagou sua fiança?

A porta se abriu e outro homem entrou. Ela o olhou automaticamente e respondeu:

— Joker Martin.

Era isso então que ele estava fazendo no tribunal. Vito provavelmente fora pedir a aprovação dele para a confissão de culpa de Marja. Soubera que Joker controlava quase todas as atividades ilegais da cidade. Não falei.

Ela se aproximou mais de mim, e eu lhe senti o quente perfume.

— Não demorará muito, Mike — disse ela. — Sairei da prisão dentro de dois ou três anos com bom procedimento. Poderemos ir então para algum lugar onde ninguém nos conheça e começar vida nova.

Outro homem entrou e ela o olhou também. Depois, perguntou:

— Como é, Mike? Vamos fazer isso juntos?

Respirei fundo e comecei lentamente a tirar as mãos. Seus olhos se velaram.

— O que é, Mike? É porque vou cumprir a sentença?

Sacudi a cabeça. Ainda não me sentia com confiança para falar.

— Que é, então? Tenho direito de saber, Mike!

— Como é minha filha, Marja? — perguntei com uma voz que não parecia ser minha, mas de outra pessoa.

— É isso então? — perguntou ela.

— É isso, sim. Eu nunca afastaria uma filha sua de você como você afastou a minha de mim.

— Mas o que eu podia fazer, Mike? Estávamos separados por um abismo.

— E por que acha que estamos mais próximos agora? Passei a vida esperando por você. Pensei que nada havia que você fizesse que eu não pudesse perdoar e justificar. Mas estava errado. A única coisa que você nunca devia ter feito era separar-me de minha filha.

— Não se esqueça de que ela também é minha filha, Mike — disse ela, prontamente. — É a única coisa neste mundo que é minha, realmente minha. É mais minha do que sua.

— É justamente isso que eu quero dizer, Marja. Ela poderia ter sido nossa filha. Mas você só pensou em você. Não nela, nem em mim. Só pensou é que a queria.

— Não é tarde demais, Mike. Podemos ainda fazer isso.

— Não, Marja. Não se pode voltar atrás no tempo. Você mesma me disse isso um dia, lembra-se?

Os olhos dela estavam profundos e sombrios. Eram-me tão conhecidos, mas naquele momento pareciam-me quase os olhos de uma estranha. Um momento depois, o rosto de Marja se transformou numa impenetrável máscara. Ela se levantou e, sem dizer uma palavra, saiu do bar.

Vi-a na rua pela porta de vidro, com a neve a cair em torno dela. Uma limusine preta parou diante dela. Um homem saltou e abriu a porta para ela, tirando o chapéu. Pude divisar-lhe os cabelos brancos. Era Joker Martin. Depois, ele entrou também no carro, e este se afastou.

Acabei de tomar o meu gim e levantei-me. Joguei o dinheiro da despesa em cima da mesa e saí.

Entrei no tribunal para meu último ato oficial: ouvir a leitura da sentença de Marja.

Sentada no banco dos réus, estava pálida mas com os olhos calmos e sem medo quando o juiz começou a falar.

— Quanto à primeira acusação — aliciamento para fins de prostituição —, esta corte condena a ré a um período indeterminado de três a cinco anos e à multa de cinco mil dólares.

"Quanto à segunda acusação — suborno de certos funcionários públicos —, esta corte condena a ré a um ano de prisão e à multa de cinco mil dólares.

"Quanto à terceira acusação — extorsão por meio de ameaças verbais —, esta corte condena a ré a um ano de prisão e à multa de quinhentos dólares."

Houve um murmúrio de conversas na assistência quando o juiz concluiu a sentença. Ele bateu com o martelo na mesa, e fez-se silêncio.

— Foi chamada a atenção desta corte pelo promotor público para o fato de que a ré, com a sua decisão de reconhecer-se culpada, demonstrou o desejo de reabilitar-se aos olhos da sociedade. Diante disso, esta corte decide permitir que a ré cumpra simultaneamente seus vários períodos de prisão.

Houve de novo um murmúrio na sala. Era uma concessão extraordinária. Significava que ela não teria de ficar na prisão mais de dois anos, podendo ainda haver diminuição desse tempo por bom procedimento.

— Você sabia que o Velho ia fazer isso? — perguntei a Alec.

Ele sacudiu a cabeça. Joel, também. Marja estava a olhar-me de uma maneira em que julguei ver gratidão. Tive vontade de dizer-lhe que tinha sido o Chefe e não eu quem conseguira isso, mas não havia meio de falar-lhe.

Joel saiu comigo do tribunal e disse:

— O Velho está abrandando o coração. Vamos beber alguma coisa.

Agradeci e deixei-o no elevador. Quando cheguei à porta do meu escritório, esta se abriu de repente e o Velho apareceu. Tinha na mão um envelope e sacudiu-o indignadamente, dizendo:

— Acha que vou aceitar isto, acha?

Era o meu pedido de demissão.

— Acho que deve. É o que pode haver de mais justo.

— Então você é mais idiota do que eu pensava, Keyes! — exclamou ele, rasgando a carta em mil pedaços, que jogou no chão e começou a pisar raivosamente.

— Obrigado, Chefe — disse eu, finalmente.

— Está tudo certo, Mike. Achou mesmo que eu iria abrir mão de um bom assistente com tanta facilidade?

— Não é por mim que lhe estou agradecendo, Chefe. É pelo que fez por Marja.

— Nunca se esqueça, Mike, de que a balança da justiça deve ser sempre compensada com a clemência.

Clemência. Era um grande sentimento. O que eu não sabia era se estava ao alcance de qualquer pessoa.

Antes que eu dissesse alguma coisa, ele me bateu no ombro.

— Volte para seu escritório, rapaz. Há alguém à sua espera.

Saí pelo corredor e abri a porta do escritório lentamente. Não havia ninguém lá dentro. Devia ter sido uma pilhéria do Velho. Entrei e sentei-me à minha mesa. Ouvi um rumor no pequeno sofá que ficava encostado à parede atrás da porta. Levantei os olhos.

Uma menina se levantava do sofá e vinha para onde eu estava. Os cabelos eram do louro mais claro que eu já vira. Os olhos eram grandes, redondos e azuis, e, quando olhei para eles, tive a impressão de me estar vendo num espelho. Tinha os meus olhos. Senti um aperto na garganta e fiquei quase sem poder respirar.

Ela parou diante de minha mesa e me olhou solenemente.

— Sou Michelle — disse ela.

Assenti com a cabeça, sem poder falar.

— Mamãe disse que eu vou ficar durante algum tempo com o senhor e que o senhor tomaria conta de mim.

Havia uma sugestão de lágrimas naqueles belos olhos azuis. Senti também os olhos enevoados. Levantei-me e ajoelhei-me ao lado dela. Abracei-a e disse:

— Sim, Michelle, tomarei conta de você.

FIM

O AUTOR E SUA OBRA

Uma espantosa estatística lhe serve como cartão de visita: todos os dias, pelo menos vinte e cinco mil pessoas compram um título de sua autoria. Traduzido em mais de sessenta países, para cerca de quarenta idiomas, já ultrapassou em muito a barreira dos duzentos milhões de livros vendidos. É Harold Robbins, em trinta e quatro anos de carreira.

Nada mau para quem passou, na infância, todas as espécies de privações. Nasceu em maio de 1916, num dos mais miseráveis bairros de Nova York, o Hell's Kitchen (Cozinha do Inferno), e foi criado num orfanato até os onze anos, quando uma família judia o adotou, emprestando-lhe o sobrenome, Rubin. Pouco tempo depois, fugiu de casa, alistou-se na Marinha com idade falsa, até ser descoberto e mandado embora.

Já fazia da própria vida um best seller. *Foi entregador de mercadorias, ajudante de* bookmaker, *vendeu refrigerantes e, como guarda-livros de um armazém, aprendeu o suficiente para ficar rico negociando com cereais e ações. Os bons tempos duraram pouco: aos vinte e um anos estava falido, mas pronto a recomeçar.*

Dez anos depois, os rumos de sua vida eram completamente outros. Como bem-posto diretor de orçamentos da Universal Pictures, resolveu escrever um livro, para substituir um fraco roteiro que seria filmado em breve. Era 1948, e "Nunca ame um estranho" tinha muito da autobiografia de um novo fenômeno literário que surgia, com uma pequena mudança no sobrenome a conselho de seu editor: Robbins.

Consagrou-se com os dois livros seguintes, "Uma prece para Danny Fisher" e, principalmente, "79 Park Avenue", Os sucessos iam batendo os recordes de vendagem anteriores: "Mercadores de sonhos", "Escândalo na sociedade", "Ninguém é de ninguém", "O machão", "Os libertinos", com uma média de um livro a cada dois anos até os recentes "Os ambiciosos" e "A mulher só" (também publicados pelo Círculo).

Se não publicasse mais um livro sequer, ainda assim Harold Robbins prosseguiria na sua vida milionária, feita de barcos, carros maravilhosos e mansões faraônicas, graças aos direitos autorais e às adaptações cinematográficas de suas obras. Alguma fórmula mágica? Nada disso. Afinal, sexo, luxo e violência são a matéria-prima de pelo menos oitenta por cento dos best sellers *americanos.*

A diferença é que Robbins, mesmo considerado por boa parte da crítica como um subliterato, não admite comparações: "Sou o melhor". Aí, provam os números, disso ninguém duvida.